

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM N.º 227

ANTROPOLOGIA N.º 5

LEÓN CADOGAN

AYVU ROPYTA

Textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá



SÃO PAULO, BRASIL
1959

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: — Prof. Dr. Gabriel Teixeira de Carvalho
Vice-Reitor: — Prof. Dr. João Humberto Maffei

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Diretor: — Prof. Dr. Paulo Sawaya
Vice-Diretor: — Prof. Dr. Antonio Soares Amora
Secretário substituto: — Jack Fredrick Gebara

CADEIRA DE ANTROPOLOGIA

Professor: — Dr. Egon Schaden
Assistente: — Dra. Gioconda Mussolini
Assistente Extranumerária: — Lic. Ruth Corrêa Leite Cardoso
Auxiliar de Ensino: — Lic. Eunice Todescan Ribeiro Durham
Secretária: — Dirce Rodrigues Coelho

Os Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, são editados pelos Departamentos das suas diversas seções.

Tôda correspondência deverá ser dirigida para o Departamento respectivo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — Caixa Postal 8.105 — São Paulo, Brasil.

The "Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo" are edited by the different Department of the Faculty.

All correspondence should be addressed to the Department concerned. Caixa Postal 8.105, São Paulo, Brasil.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

BOLETIM N.º 227

ANTROPOLOGIA N.º 5

LEÓN CADOGAN

AYVU ROPYTA

Textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá

DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE

Ayvu rapyta.



21300017116

498.14
C129a



SÃO PAULO, BRASIL
1959

SBD-FFLCH-USP



212720

498.14
C129a

COMPOSTO E IMPRESSO NA SECÇÃO GRÁFICA DA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
1959

NOTA PRELIMINAR

Em 1953, a "Revista de Antropologia" iniciou a publicação da obra "Ayyu Rapyta" (O fundamento da língua humana), da autoria do incansável pesquisador paraguaio León Cadogan, indiscutivelmente o melhor conhecedor da cultura guaraní. Nas páginas da revista, no entanto, puderam aparecer apenas os três primeiros capítulos do trabalho, razão pela qual ficou resolvido seria editado o texto completo em forma de volume na série dos Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Embora com grande atraso, apresentamo-lo agora aos estudiosos da cultura guaraní, que nêle encontrarão material copioso e sobremodo elucidativo.

O trabalho encerra textos míticos e ensinamentos religiosos dos Mbüá-Guaraní, que os sacerdotes da tribo guardam em segredo diante de quaisquer estranhos, mas que o autor obteve no idioma original, graças à confiança que mereceu da parte dos índios e em retribuição de benefícios a eles prestados.

Em oposição ao que se verifica na religião e mitologia de outras populações guaraní do Paraguai e de territórios vizinhos, os índios Mbüá-Guaraní do Guairá (autodenominação: Jeguaká-va Tenondé porã gue í), que ditaram os textos aqui reproduzidos, parecem conservar as suas tradições na original pureza, i. é, sem modificação por influência cristã, quer do tempo das missões jesuíticas, quer da época mais recente. Mesmo outras populações do grupo mbüá, como as da região paraguaia de Encarnación, do território argentino de Misiones e do Brasil meridional, revelam, ao mais ligeiro exame, terem assimilado uma série de elementos cristãos através do convívio com representantes do mundo ocidental. O próprio sr. Cadogan ouviu de um índio mbüá de Yvy Pytã versões ganizadas de capítulos do Novo Testamento, embora despídos de seu significado cristão e adaptados ao pensamento místico da religião tribal. Tanto mais valiosa para estudos comparativos revela-se uma coleção de textos como a reunida por Cadogan durante muitos anos de paciente trabalho. De nenhuma população guaraní se publicou até hoje acervo mítico comparável em riqueza ao que ora possuímos dos Mbüá do Guairá.

No prefácio, o autor narra como, após vários anos de relações amistosas com a tribo, durante os quais não suspeitara sequer da existência dos ensinamentos secretos ("ñe é porã tenondé", as primeiras palavras formosas), foi afinal iniciado nessas tradições como que a título de recompensa por ter obtido libertação de um membro [da tribo que estava prêso

na cadeia de Villarrica. E conseguiu que os índios lhe ditassem grande parte dos mitos "esotéricos". Depois de transcrevê-los no próprio dialeto mbüá, Cadogan lhes acrescentou a tradução espanhola, acompanhada de notas lexicológicas, indispensáveis à compreensão dos textos, tanto mais que estes estão vazados em linguagem por assim dizer sagrada, com vocabulário em grande parte diverso do que vigora no trato profano.

Cadogan insiste no fato de não ter feito estudos teóricos de Antropologia Cultural que o habilitem a empreender a análise científica do material recolhido. De qualquer modo, porém, ninguém deixará de reconhecer-lhe qualidades excepcionais de pesquisador. Entre elas, notável capacidade de discernimento para ajuizar com segurança de resultados cientificamente válidos em oposição a interpretações duvidosas ou simples analogias que tenderiam a impor-se a qualquer espírito menos prevenido. Daí o valor de sua contribuição, que se evidencia desde logo a quem quer que se ocupe com o estudo comparativo da mitologia sul-americana.

São Paulo, junho de 1958.

E. Schaden

Al Lector

Espero que la presente recopilación de mitos, leyendas y tradiciones — que no pretendo sea más que un bosquejo — hecho con el solo objeto de subrayar ciertos aspectos de la cultura guaraní que no han recibido la atención que merecen, brinde algunos elementos de juicio de utilidad para el lingüista, y faciliten la tarea del investigador que pretende descorrer el velo que cubre el pensamiento místico de la raza aborígen.

Y aunque Nimuendajú, etnólogo de fama mundial, afirma que el Guaraní ha sido objeto de demasiados estudios, tanto del punto de vista de la raza cuanto de la lengua, los problemas de carácter lingüístico que le tuvieron perplejo a este eminente investigador — y que un conocimiento superficial del vocabulario religioso y las tradiciones de nuestro Mbyá le hubieran permitido dilucidar —, constituyen prueba fehaciente de que nuestros Indios mucho aún nos pueden enseñar... Pero, como dice el mburuvicha en el mito de Pa'i Rete Kuaray al referirse al paraje encantado en donde se yergue la palmera eterna entre cuyas ramas revolotea el avecilla legendaria Piri'yriki, y donde brotan de la tierra las aguas que bebieron Ñande Ru y Ñande Jarýi, progenitores de la raza mbyá-guaraní, lugar en que se conservan intactas las huellas de nuestra Abuela a pesar de los milenios transcurridos "...estas cosas las volveremos a ver únicamente si nuestro amor es sincero. El que permite que su amor se bifurque, no llegará a ver estas cosas".

Del valor que para el lingüista representa el vocabulario mbyá-guaraní, permitiéndole estudiar la manera en que el hombre "primitivo" venciera las dificultades con las que tropezara para la expresión de las ideas abstractas que iban surgiendo en su mente, darán una idea las palabras utilizadas por el mburuvicha: poeta, teólogo, legislador de la tribu, para traducir nuestros conceptos de omnipotente, eterno, encarnar, resucitar y otras muchas que aparecen en estos textos. Sobre los demás puntos que me han llamado la atención no entro aquí en detalles, por haber dedicado a cada uno de ellos unas líneas en las notas lexicológicas que acompañan a cada capítulo.

Los Mbyá con quienes mantengo relaciones viven diseminados en pequeños grupos a través del actual departamento del Guairá, dentro de la región comprendida entre Yuty al Sur y San Joaquin al Norte; pero, a juzgar por el último mapa etnográfico de la Smithsonian Institution (Handbook of S.A. Indians, 1946) existirían grupos de la misma parcialidad — llamada Caiguá en el citado mapa — dentro de la vasta región comprendi-

da entre el Río Vaccaria, Brasil, y el Río Uruguay. Esto concuerda con lo que de ellos dice Bertoni en su "Civilización Guaraní", 1922. Generalmente se les aplica el nombre de Mbyá; pero el nombre por el que ellos mismos se designan en sus tradiciones es Jeguakáva, o Jeguakáva Tenonde Porangue i. Jeguaka, en el lenguaje común, significa adorno (de plumas para la cabeza); jeguakáva, en el vocabulario religioso, es el nombre utilizado para designar al hombre, a la humanidad masculina; y Jeguakáva Tenonde Porangue i sería: los primeros hombres escogidos que llevaron el adorno de plumas. A sus vecinos, los Ava Chiripa (auto denominación: Ava Guaraní), cuyo habitat está situado más al Norte, les dan el nombre de Jeguakáva Miri: los que llevan el pequeño adorno, u: hombres chicos. Los Chiripá figuran en el mapa de la Smithsonian, ya mencionado, con el nombre de Guaraní, nombre que, según he podido constatar últimamente, se dan ellos mismos. No son, sin embargo, los Avá Guaraní cuya mitología fué objeto de un estudio de parte del Mayor Marcial Samaniego, publicado en la Revista de Turismo, Asunción, Nos. 26 y 44, al que tendré ocasión de referirme en estas páginas, siendo éstos, como me lo demostró el Profesor Dr. Egon Schaden, de la Facultad de Filosofía de São Paulo, los Pái o Cayová. Los Chiripá son gentes más aguerridas que los Mbyá; hablan distintos dialectos y existen grandes diferencias entre sus mitos y los de los Mbyá. El único Chiripá (mestizo) que conocía cuando consigné al papel lo contenido de estas páginas me aseguró que las tradiciones secretas o "esotéricas" de los Mbyá constituyen también el fundamento o base de la religión de los Chiripá; y varios dirigentes mbyá con quienes he conversado me informaron que las diferencias se limitan a las oraciones y cantos, teniendo por objeto los ejercicios espirituales de los Chiripá la obtención de coraje y destreza en la lucha, y el de los Mbyá, la obtención de amor y sabiduría. Creía ser fidedignos estos datos, pero conversaciones mantenidas con dos dirigentes Chiripá — un "capitán" y un dirigente espiritual — posteriormente, me han convencido de que las diferencias existentes entre las tradiciones, mitología y lengua de ambas parcialidades son muy grandes; a pesar de ser el Chiripá mestizo mencionado el que me inició en las tradiciones secretas o esotéricas de los Mbyá.

Los anales religiosos de los Mbyá — y en esto se asemejan a los de los Apapokúva, según Nimuendajú — pueden dividirse en dos categorías: las comunes, asequibles a todo el que quiera dedicarse a recopilarlos, y los sagrados, llamados Ne'ë o Ayvu Porã Tenonde, las primeras palabras hermosas, divulgadas éstas únicamente entre miembros de las tribus y a los que gozan de la plena confianza de los Indígenas. Debo agregar que son comprensibles únicamente a quienes se hayan impuesto la tarea de aprender la lengua mbyá-guaraní; y las dificultades que deben vencerse para obtener datos fidedignos referentes a éstos últimos son grandes, como trataré de demostrar refiriendo brevemente mis propias experiencias.

Habiendo descubierto el origen de la sentencia "Jasy ra'y ojovahéi hina = la Luna nueva se lava la cara", empleada por los campesinos del Guairá al referirse a las lluvias torrenciales que a veces coinciden con la luna nueva en una leyenda mbyá-guaraní narrádame por Higinio, Indio peón del obraje Santa Matilde, Alto Monday, de don Ernesto Schaefer, adopté como pasatiempo el estudio de las leyendas y tradiciones de esta parcialidad. Siéndome imposible visitar con la frecuencia que hubiera deseado a los Indios en sus propias tolderías en busca de los datos que me eran indispensables, me constituí en tutor "ad-honorem" de ellos. Pude, mediante la buena acogida de que invariablemente era objeto de parte de las autoridades, obtener que se les hiciera justicia en todos sus reclamos; en recompensa, obtuve material para una serie de artículos que publiqué en la revista "Cultura", Asunción. Después de haber estado en íntimo contacto con los Mbyá durante varios años, visitándoles a menudo en sus tolderías y recibiendo periódicamente sus visitas, llegué a la conclusión de haber recopilado todos los datos de interés que ellos me pudieran proporcionar; y el mare magnum de obras existentes sobre mitos, leyendas y lengua guaraníes me convenció de la inutilidad de proseguir mis investigaciones. Afortunadamente, un acontecimiento enteramente imprevisto me desengañó a tiempo y, demostrándome que mis conocimientos eran en extremo rudimentarios, me impulsó a proseguir mis estudios.

Habiéndome informado el Cacique Pablo Vera, de Yro'ysã, Potrero Blanco (Colonia Independencia, cerca de Paso Yováí) que un Indio de nombre Mario Higinio se hallaba recluido en la Cárcel Regional de Villarrica desde hacía casi tres años, me pidió obtuviera su libertad. Tras laboriosas gestiones, fué sobreseída la causa y, obedeciendo a un llamado mío, vino a Villarrica el Cacique a fin de hacerse cargo de su protegido. Conversando con mis huéspedes, abordé el tema de las tradiciones religiosas. Mario, quien ya conocía mi afición a estas cosas, habiéndome narrado una leyenda que explica la etimología de *Mbarakaju* (publicada en la revista "Cultura", XI/1946), se dirigió al Cacique preguntándole si ya había discursado conmigo: guero-ayvu, sobre el origen del lenguaje humano: Ayvu Rapyta. Contestándole el Cacique que no, le volvió a preguntar si me había divulgado los himnos sagrados relacionados con "los huesos de quien porta la vara-insignia: *yvyra'ikâgã*". Volviendo a contestar negativamente el Cacique, Mario le dijo que yo ya era merecedor de que se me divulgara las *Ne'ë Porã Tenonde*, las primeras palabras hermosas; por cuanto, dijo, los favores que los Mbyá me debían me hacían acreedor a que se me considerase como miembro de las tribus: ñane retarã aé, ñande rataypygua aé i: nuestro verdadero compatriota, miembro genuino del asiento de nuestros fogones (1).

(1). — Mario Higinio es oriundo de Cedro-ty, paraje situado dentro de un obraje maderero del departamento de Yhu. Dijo que su padre, Mbyá, se radicó entre los Chiripá, casándose con una mujer de esta parcialidad de la que él, Mario, se consideraba miembro.

Esta fué la manera en que me inicié en las tradiciones secretas de los Mbyá, despues de muchos años de relaciones amistosas con ellos en todo cuyo lapso no había escuchado una sola palabra que hiciera sospechar si quiera la existencia de tales tradiciones. Es en estos capitulos "esotéricos", fundamento de la religión — y posiblemente fundamento de la religión de la raza — algunos de cuyos capitulos he recogido y transcribo textualmente en estas páginas, juntamente con otras comunes, que puede apreciarse la poesía y la filosofía autóctonas en toda su belleza, toda su profundidad. Sin que me anime la pretensión de sentar cátedra, soy de opinión que los mitos "esotéricos" contenidos en estas páginas son de origen genuinamente autóctono; pero lastimosamente el haberme visto obligado a suspender mis investigaciones durante mucho tiempo por falta de medios me ha impedido aportar un argumento convincente, creo, en favor de esta genuinidad. Este argumento lo constituyen un número de leyendas cristianas "indigenizadas" que escuché de boca de Cantalicio, de Yvy Pytã (Colonia Mauricio José Troche). Son versiones sui géneris de capítulos o episodios del Nuevo Testamento, sumamente pintorescas y de utilidad científica por cuanto demuestran que ni el largo contacto con cristianos ni la catequización a que han sido sometidos algunos Mbyá por misioneros católicos ha influido en el verdadero pensamiento místico del aborígen. Cuando obtuve medios para proseguir mis investigaciones, Cantalicio había desaparecido, sin que hasta la fecha haya podido dar nuevamente con su paradero; y si cito estas leyendas que me narró, es por considerar que el recopilarlas constituiría una tarea digna de emprenderse.

La presente recopilación es una transcripción literal de dictados hechos por los mismos Indios, habiendo sido elegido para el efecto aquellos dirigentes que mi experiencia indicaba como los más idóneos y dignos de confianza. El consignarlos al papel ha sido posible mediante la colaboración de Mayor Francisco, de Tava'i, y de Cirilo de Yvytuko, quienes han repetido las palabras de los dirigentes, aportado explicaciones sobre el significado de palabras y frases que me eran desconocidas, etc. Los verdaderos autores del trabajo son: el Cacique Pablo Vera, de Yro'ysã, Potrero Blanco, Colonia Independencia (cerca de Paso Jovái; Kachirito, de Paso Jovái, Obrajes Naville; Cacique Che'iro, del Alto Monday (Obrajes Fassardi); Mayor Francisco (Chiko i), de Tava'i, y un soldado suyo cuyo nombre no recuerdo; Tomás y Cirilo de Yvytuko, Potrero Garcete, Colonia

bro. Fué remitido a la Cárcel de Villarrica acusado por homicidio en la persona de un paraguayo que ultrajara a su esposa; y el Contisario que lo remitió, Don Alejo Benitez, actualmente en Mbocayaty (departamento de Villarrica) me dijo que según informes que había recibido — pero que afortunadamente para Mario no figuran en el proceso — consumió algún trozo de su víctima en cumplimiento del rito de la antropofagia. El sumario se halla archivado en el Juzgado de Ia. Instancia de Villarrica, 2.º Turno, a cargo entonces del Dr. Eladio Loizaga Caballero, actuando como defensor a petición mía el Dr. Evaristo Zacarías Arza. Está caratulado: "N.º 224, Mario Higinio, Indio, Supuesto Homicidio, Yhu".

Mauricio José Troche; Higinio y Mario Higinio, ya citados; y otros cuyos nombres figuran en el texto. Higinio, según supe, fué ajusticiado no hace mucho por homicidio; el Cacique Che'iro murió de leishmaniosis; todos los demás viven al escribir estas líneas.

Mi aporte ha sido el consignar los dictados al papel, y las notas lexicológicas. Y en estas notas reconozco haber abusado de mi condición de profano en ciencias antropológicas al permitirme subrayar algunas, para mi sorprendentes, analogías que he creído hallar entre el contenido de ciertos versos de estos mitos y tradiciones y las grandes religiones de la humanidad. Sabrá tolerármelo el lector, equiparando mis observaciones al alegre grito de sorpresa de quien inesperadamente halla al borde del camino una hermosa flor, o tropieza con una refulgente joya. Y, para atemperar la crítica a que forzosamente han de dar lugar las lagunas y deficiencias de esta recopilación, narraré un episodio que me ocurrió recientemente.

En los primeros meses de 1954 acompañé al Profesor Dr. Egon Schaden al tapýi del Cacique Pablo Vera; y en una conversación referente a la couvade el Cacique, espontáneamente, le reveló al amigo datos referentes al alma recién encarnada que yo, con muchos años dedicados al estudio del tema, ignoraba totalmente!

CAPITULO I

Maino i reko ypy kue

Las primitivas costumbres del Colibrí

I

Ñande Ru Pa-pa Tenonde

Nuestro Padre último-último primero para su propio cuerpo creó de las tinieblas primigenias.

guete rá ombo-jera
pytú yma gui.

II

Yvára pypyte,
apyka apu'a i,
pytú yma mbyte re
ogüero-jera.

Las divinas plantas de los pies, el pequeño asiento redondo, en medio de las tinieblas primigenias los creó, en el curso de su evolución.

III

Yvára jeckaka mba'ekuaá,
yvára rendupa,
yvára popyte, yvyra'i,
Yvára popyte rakā poty,
ogüero-jera Ñamanduï
pytú yma mbyte re.

El reflejo de la divina sabiduría (órgano de la vista), el divino oye-lo-todo (órgano del oído), las divinas palmas de la mano con la vara insignia, las divinas palmas de las manos con las ramas floridas (dedos y uñas), las creó Ñamanduï, en el curso de su evolución, en medio de las tinieblas primigenias.

IV

Yvára apyre katu
jeguaka poty
ychapy recha.
Yvára jeguaka poty mbyte rupi
guyra yma, Maino i,
oveve oikovy.

De la divina coronilla excelsa las flores del adorno de plumas eran (son) gotas de rocío. Por entre medio de las flores del divino adorno de plumas el pájaro primigenio, el Colibrí, volaba, revoloteando.

Ñande Ru tenonde gua
o yvára rete oguero-jera i
jave oikovy,
yvytu yma i re oiko oikovy:

o yvy rupa rá i oikuaá eỹ
mboyve ojeupe,
o yva rá, o yvy rá
oiko ypy i va'ekue
oikuaá eỹ mboyve i ojeupe,
Maino i ombo-jejuruei;
Ñamanduí yvaraka a Maino i.

V

Mientras nuestro Primer Padre creaba, en curso de su evolución, su divino cuerpo, existía en medio de los vientos primigenios: antes de haber concebido su futura morada terrenal, antes de haber concebido su futuro firmamento, su futura tierra que originariamente surgieron, el Colibrí le refrescaba la boca; el que sustentaba a Ñamanduí con productos del paraíso fué el Colibrí.

VI

Ñande Ru Ñamandu tenonde gua
o yva rá oguero-jera eỹ
mboyve i,

pytú A'e ndoecháí:
Kuaray oiko eỹ ramo jepe,
o py'a jechaka re A'e oiko
oikovy;
o yvára py mba'ekuaá py
oñembo-kuaray i oiny.

Nuestro Padre Ñamandu, el Primero, antes de haber creado, en el curso de su evolución, su futuro paraíso, El no vió tinieblas: aunque el Sol aún no existiera, El existía iluminado por el reflejo de su propio corazón; hacía que le sirviese de sol la sabiduría contenida dentro de su propia divinidad.

VII

Ñamandu Ru Ete tenonde gua
yvytu yma i re oiko oikovy;

opytu'ui oiny ápy
Urukure'a i omo-pytú i oiny:
omoñendu ma pytú rupa.

El verdaero Padre Ñamandú, el Primero, existía en medio de los vientos originarios; en donde paraba a descansar la Lechuza producía tinieblas; ya hacía que se tuviese presciencia del lecho de las tinieblas (noche).

VIII

Ñamandu Ru Ete tenonde gua
o yva rá oguero-jera eỹ
mboyve i;

Yvy Tenonde oguero-jera eỹ
mboyve i;

Antes de haber el verdadero Padre Ñamandu, el Primero, creado, en el curso de su evolución, su futuro paraíso; antes de haber creado la primera tierra,

yvytu yma i re A'e oiko
oikovy:

Ñande Ru oiko i ague yvytu yma,
ojeupity jevy ma ára yma ojeupity
ñavõ

ára yma ñemo-kandire
ojeupity ñavõ.

Ara yma opa ramove, tajy poty
py, yvytu ova ára pyaú py: oiko
ma yvytu pyaú, ára pyaú, ára
pyaú ñemokandire.

El existía en medio de los vientos originarios: el viento originario en que existió nuestro Padre se vuelve a alcanzar cada vez que se alcanza el tiempo-espacio originario (invierno), cada vez que se llega al resurgimiento del tiempo-espacio primitivo (invierno, en el vocabulario religioso). En cuanto termina la época primitiva, durante el florecimiento del Lapacho, los vientos se mudan al tiempo-espacio nuevo: ya surgen los vientos nuevos (N. y N.E.), el espacio nuevo; se produce la resurrección del tiempo-espacio (primavera).

NOTAS

Otra versión de los primeros versos de este capítulo del Génesis Mbyá-guarani es como sigue:

Ñande Ru Pa-pa Tenonde ojera
pytú yma mbyte re.

Nuestro Primer Padre, el Absoluto, se creó a sí mismo (surgió) en medio de las tinieblas primigenias.

Maino i: mainomby, mainumby en guarani clásico. Ocupa lugar destacado en estos textos. A un Indio le he oído decir: Maino i ñande rova-cha ava ruvicha rá ñande chy ryépy voi: Ya en el vientre de nuestra madre el Colibrí nos señala, bendiciéndonos, para futuros dirigentes de los hombres. En esta sentencia, pronunciada espontáneamente, aparece el colibrí como personificación de un dios; y merece subrayarse el hecho de que en una versión del mito de Pa'i Rete Kuaray que he escuchado (Cap. VIII) el creador de esta tierra asume la forma de colibrí, y no de Urukure'a, para descender a la morada terrenal y engendrar al padre de la raza. V. también la palabra Kuarachy'a en las notas que siguen al Cap. XV.

Teko: (eko, gueko, reko) Costumbre, vida, etc.

Ypy: principio, primitivo. En mbyá-guarani se dice: ambo-ypy = doy comienzo a, equivalente de: amõñepyrũ.

Yma: en nuestro guarani significa antiguamente, significado que le da también Montoya; pero en estos textos encierra el concepto de primitivo, primigenio; v.g.: pytú yma = el Caos; guyra yma = ave originaria; ára yma = el tiempo, el espacio originario. Y con la misma acepción en Ñamandy Yma = el primer Ñamandu; Tupã Yma = el Tupã originario, dios de las lluvias, las aguas, etc.

Nande Ru Pa-pa Tenonde, Ñamanduĩ, Ñamandu Ru Ete, Nande Ru Tenonde, Ñamandu Ru Ete Tenonde; Ñamandu Yma: Nombres del Creador, del Absoluto, figura central de la teogonía de los Jeguakáva. A fin de cerciorarme del verdadero concepto que para el Mbyá encierra el sobrenombre pa-pa (último-último), le hice a Tomás, de Yvytuko, la siguiente pregunta:

Nande Ru tenonde gua, yvára guete rá oguero-jera i ma vy ¿mba'ére nda'u "Pa-pa" ja'e?: porqué es que, habiendo nuestro primer padre creado su divino cuerpo, le llamamos (decimos) "pa-pa"?

Tomás me contestó:

Nande Ru tenonde gua oñemo-mburu i ma vy, i mbaraete i ma oiny ma vy, ára pa-pa re oĩ. Gueko rá i oikuaá i ma vy ojeupe, o yvy rupa rá oikuaá i ma vy ojeupe, ára papa py oĩ ague ma vy: "Ñande Ru Pa-pa Tenonde", ja'e: En virtud de haberse inspirado de fervor nuestro Primer Padre, en virtud de haber adquirido fortaleza, El existía en los confines del espacio. Habiendo concebido las normas que regirían sus futuras actividades, habiendo concebido su futura morada terrenal, en virtud de haber existido en los últimos confines del espacio es que le llamamos "nuestro Padre último-último primero".

A pesar de largas y minuciosas investigaciones, sin embargo, no quisiera afirmar categóricamente que este sobrenombre, que tan admirablemente traduce el concepto de *absoluto*, sea de origen genuinamente mbyá-guaraní. El Cacique Che'iro, dirigente de una tribu del Alto Monday, cuya opinión solicité, me dijo: Pa-pa es bueno para los juruá — cristianos — pero no para nosotros para quienes Ñamandu es el Primero, ni para ti quien buscas la buena sabiduría entre nosotros. — Poco después de esta conversación, obtuve que Cristino, de Yvytuko, Potrero Garcete, me narra unas leyendas, y al referirse al Ser Supremo, dijo: Ñamandu Ru Ete Tenonde gua, a quienes vosotros llamáis Pa-pa Tenonde. Estas observaciones me obligaron a dedicar varios meses de trabajo más a la recopilación de himnos y plegarias, única fuente fidedigna para la reconstrucción de la religión aborigen. Para el efecto, me puse en contacto con dirigentes de Tapytá, San Juan Nepomuceno; Jaguakua i, Yuty; y Bordas, Charará. En ninguno de los himnos y plegarias que he oído entonces en las poblaciones: tatapy rupa = asiento de fogones, he escuchado el sobrenombre de Pa-pa, invocándose indistintamente a Ñamandu Ru Ete y Ñande Ru Tenonde gua. En las versiones de estos mismos himnos y plegarias que los Indios me dictaban después para ser transcritos invocaban, de vez en cuando, a Nande Ru Pa-pa Tenonde. Y el sobrenombre aparece en el mito de Yvy Pyaú (Cap. VII), en los patronímicos sagrados (Cap. V) y en el mito de Pa'i Rete Kuaray (Cap. VIII). En un principio, ante lo que consideraba como un caso de sincretismo, atribuí el origen de este sobrenombre a posibles contactos con catequizadores católicos (Papa — cabeza de la iglesia); pero como otra tribu guaraniparlante emplea también el nombre para designar al que evidentemente es la figura central de su teogonía (Samaniño: "Mitología de los Avá Guaraní del Yvy Pyte", Revista de Turismo, Asunción, Feb. 1944 y Agosto 1945), no puede afirmarse que sea de origen exótico. Sea cual fuere el origen de la palabra, ha sido adoptada definitivamente por los Mbyá; y en las versiones del Génesis Mbyá-guaraní que publiqué en la revista "Cultura" y la Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, aparece Ñande Ru Pa-pa Tenonde como creador de Ñamandu Ru Ete; y la verdad, según se desprende de los mitos, himnos y plegarias transcritos en estas páginas, es que Ñamandu Ru Ete es el Ser Su-

premo de su teogonía, y que ambos títulos se emplean indistintamente para designar al Creador.

Jera, *mbo-jera*, *guero-jera*: la radical *ra* encierra el concepto de abrir, desatar, desarrollar, conservándose en el guaraní contemporáneo en: Ojera yvoty = se abren las flores; Kuarahy ombojera yvoty = el Sol hace que se abran las flores. (V. la voz *ra* en el TESORO de Montoya, quien le da también el significado de *absolver*). Estas tres voces, en los textos de los Jeguakáva, traducen el concepto de *crear*; y significan, no producir de la nada, sino: hacer que se desarrolle, que se abra, que surja. Y comparando el verbo *guero-jera* con las formas "reflejas" de *jupi* = subir, y *guejy* = bajar, v.g.: oguero-jupi = él hace subir mientras él asciende; oguero-guejy = hace bajar mientras él descende, se admitirá que no es forzada la traducción que doy de: crear en el curso de la propia evolución.

Yvára: divino, de yva = paraíso (Guaraní: yvága). Empléase también al referirse al alma, la parte divina del hombre.

Apyka apu'a i: el pequeño asiento redondo en que aparece Nande Ru en medio de las tinieblas. Al referirse al hecho de ser engendrado, concebido, un ser humano, dicen los Mbyá: oñembo-apyka = se le da asiento, se provee de asiento (Cap. IV); locución que da a entender que el ser humano, al ser engendrado, asume la forma que asumió Nande Ru. También las aves agoreras — o espíritus que asumen la forma de aves — se trasladan por el espacio en *apyka* (Cap. IX: duendes y figuras de la mitología).

Yvyra'i: vara insignia, emblema del poder de Ñande Ru, y también emblema de poder de los dirigentes (yvyra'ija = alguacil, hombre que goza de ciertos privilegios, Montoya). En la extremidad de la yvyra'i de Nande Ru aparecerán las llamas y la neblina de las que será engendrado el Universo (Cap. III). Ha dado origen, en el vocabulario religioso, a la palabra: *yvyra'i-kágã* = huesos del que porta la vara-insignia, v.g., el esqueleto humano, el cuerpo humano (Cap. V).

Jeguaka: adorno (de la cabeza), emblema de la masculinidad. Antiguamente era de plumas o un gorro de algodón adornado con plumas; actualmente es de algodón, pero se usa poco. Ha dado origen a: *jeguakáva* = hombres, masculinidad; *jeguaka vyapu* = canto sagrado del hombre (Caps. III y VII).

Apyte: coronilla. Es por la coronilla que la sabiduría divina penetra en el alma humana (Cap. III).

Yvaraka: equivalente, en el vocabulario religioso, a *poraka* = sustentar (con productos de la caza). V. esta voz en el Cap. VIII y compárese con la palabra *poracá* que da Montoya; siendo la única traducción posible la que doy de: sustentar con productos del paraíso.

Yvy Tenonde: la primera tierra, creada por Ñande Ru (Cap. III) y destruida por el Diluvio (Cap. VI).

Yvy rupa: lecho o morada terrenal.

Yvytu yma: el viento primigenio o primitivo aquel en que apareció Nande Ru; v.g., el viento sur.

Yvytu pyaú: los vientos nuevos, v.g., los del N. y N.E., que anuncian el cambio de estaciones y la llegada de la Primavera.

Yvára popyte rakã poty: las ramas floridas de las divinas palmas de las manos, nombre de los dedos y uñas en el vocabulario religioso. Este vocabulario no debe confundirse con el llamado "idioma secreto" de los Mbyá y otras parcialidades guaraníicas (Cap. XVII).

Jechaka mba'ekuaá: el reflejo de su conocimiento de las cosas, de su sabiduría, nombre del órgano de la vista de los dioses y también, del Sol (Cap. II).

O py'a jechaka re oiko oikovy: existía iluminado por el reflejo de su propio corazón, etc. Compárese con el mito de los Apapokúva recogido por Nimuendajú, en que también Nanderuvusu aparece iluminado por una fuente de luz que no es el Sol. La creación del Sol que, según Nimuendajú, no se menciona en los textos de los Apapokúva, figura entre las primeras obras de Namandu Ru Ete (Cap. II).

Omoñendu ma pytū rupa: ya hizo que se tuviese presciencia de la noche. Pytū rupa = lecho de las tinieblas, nombre religioso de la noche, *pyávy* en el lenguaje común. El día y la noche no se conocían aún, porque el Sol aún no había sido creado, siendo la única fuente de luz la que reflejaba el corazón de Nande Ru. Urukure'a, con la sombra que echaba, "hizo que se tuviera presciencia de la noche". Posteriormente Urukure'a — surgida misteriosamente de las tinieblas con Nande Ru — descenderá a la tierra para engendrar al padre de la raza (Cap. VIII).

Ara yma: creyendo con ello dar una idea del verdadero concepto que encierran estas palabras, la traducción que doy es: tiempo-espacio primigenio (Comp. *ára vera* = relámpago; *arái* = nube; *mbohapy ára* = tres días, etc.). *Ara yma* es el tiempo-espacio originario, el Caos. Es también el nombre que se aplica al invierno, designándose además con el nombre de *ara yma ñemo-kandire* = el resurgimiento o resurrección del tiempo-espacio en que apareció Nande Ru, el retorno del tiempo-espacio primitivo. El nombre de la primavera es *ára pyaú* = época nueva; en el vocabulario religioso: *ára pyaú ñemo-kandire* = resurgimiento del tiempo nuevo. Estos nombres dan a entender que la primavera (como el verano: *Kuaray puku a jevy* = el retorno de los soles largos) fueron creados por Nande Ru después de surgir a la actividad.

Kandire: resurrección, Cap. VI, Notas.

Oikuaá eñ mbovyve i ojeupe: antes de saber para sí mismo, antes de haber concebido.

Ñemo-mburu: inspirarse de fervor religioso, Cap. VI.

Mbaraete: fortaleza espiritual, Cap. IV.

Tajy poty py: durante el florecimiento del Lapacho, que anuncia la terminación de los fríos.

Ramove: en cuanto; guaraní: vove.

CAPITULO II

Ayvu Rapyta

I

Namandu Ru Ete tenonde gua

o yvára petei gui,

o yvára py mba'ekuaá gui,

o kuaa-ra-ra vy ma

tataendy, tatachina oguero-moñemoña.

II

Oámy vy ma,

o yvára py mba'ekuaá gui,

o kuaa-ra-ra vy ma

ayvu rapyta rá i oikuaá ojeupe.

O yvára py mba'ekuaá gui,

o kuaa-ra-ra vy ma,

ayvu rapyta oguero-jera, oguero-yvára Nande Ru.

Yvy oiko eñ re,
pytū yma mbyte re,

mba'e jekuaá eñ re,

El Fundamento del Lenguaje Humano

El verdadero Padre Namandu, el Primero,

de una pequeña porción de su propia divinidad,

de la sabiduría contenida en su propia divinidad,

y en virtud de su sabiduría creadora

hizo que se engendrasen llamas y tenue neblina.

Habiéndose erguido (asumido la forma humana),

de la sabiduría contenida en su propia divinidad,

y en virtud de su sabiduría creadora,

concibió el origen del lenguaje humano.

De la sabiduría contenida en su propia divinidad,

y en virtud de su sabiduría creadora

creó nuestro Padre el fundamento del lenguaje humano e hizo que formara parte de su propia divinidad.

Antes de existir la tierra, en medio de las tinieblas primigenias,

antes de tenerse conocimiento de las cosas,

ayvu rapyta rā i oguero-jera,
ogüero-yvára Ñamandu Ru Ete te-
nonde gua.

III

Ayvu rapyta rā i oikuaá ma vy
ojeupe,
o yvára py mba'ekuaá gui,

o *kuaa-ra-ra* vy ma
mborayú rapyta rā oikuaá ojeupe.

Yvy oiko eỹ re,
pytú yma mbyte re,

mba'e jekuaá eỹ re,

o *kuaa-ra-ra* vy ma
mborayú rapyta rā i oikuaá
ojeupe.

IV

Ayvu rapyta rā i oguero-jera i ma
vy,
mborayú petei i oguero-jera i ma
vy,
o yvára py mba'ekuaá gui,

o *kuaa-ra-ra* vy ma

mba'e-a'ã rapyta petei i oguero-
jera.

Yvy oiko eỹ re,
pytú yma mbyte re,

mba'e jekuaá eỹ re mba'e-a'ã petei
i oguero-jera ojeupe.

creó aquello que sería el funda-
mento del lenguaje humano (o: el
fundamento del futuro lenguaje
humano) e hizo el verdadero Pri-
mer Padre Ñamandu que formara
parte de su propia divinidad.

Habiendo concebido el origen del
futuro lenguaje humano,
de la sabiduría contenida en su
propia divinidad,

y en virtud de su sabiduría crea-
dora concibió el fundamento del
amor (al prójimo).

Antes de existir la tierra,
en medio de las tinieblas primige-
nias,

antes de tenerse conocimiento de
las cosas,

y en virtud de su sabiduría crea-
dora el origen del amor (al próji-
mo) lo concibió.

Habiendo creado el fundamento del
lenguaje humano,
habiendo creado una pequeña por-
ción de amor,
de la sabiduría contenida en su
propia divinidad,

y en virtud de su sabiduría crea-
dora

el origen de un sólo himno sagra-
do lo creó en su soledad.

Antes de existir la tierra
en medio de las tinieblas origina-
rias,

antes de conocerse las cosas el ori-
gen de un himno sagrado lo creó
en su soledad (para sí mismo).

V

Ayvu rapyta rā i oguero-jera i ma
vy ojeupe;
mborayú petei i oguero-jera i ma
vy ojeupe;
mba'e a'ã petei oguero-jera i ma
vy ojeupe,
ochareko iño ma
mavae pe pa ayvu rapyta
omboja'o i āguā;
mborayú petei i
omboja'o i āguā;
mba'e-a'ã ñeỹchyrō gui
omboja'o i āguā.

Ochareko iño ma vy,
o yvára py mba'ekuaá gui,

o *kuaa-ra-ra* vy ma

o yvára irū rā i oguero-jera.

VI

Ochareko iño ma vy,

o yvára py mba'ekuaá gui,

o *kuaa-ra-ra* vy ma

Ñamandu Py'aguachu oguero-jera.

Jechaka mba'ekuaá reve oguero-
jera.

Yvy oiko eỹ re,
pytú yma mbyte re,
Ñamandu Py'aguachu oguero-jera.

Gua'y reta ru ete rā,

gua'y reta ñe'eng ru ete rā,

Ñamandu Py'aguachu oguero-jera.

Habiendo creado, en su soledad, el
fundamento del lenguaje humano;
habiendo creado, en su soledad,
una pequeña porción de amor;
habiendo creado, en su soledad,
un corto himno sagrado,
reflexionó profundamente sobre
quién hacer partícipe del funda-
mento del lenguaje humano;
sobre quién hacer partícipe del
pequeño amor (al prójimo);
sobre quién hacer partícipe de las
series de palabras que componían
el himno sagrado.

Habiendo reflexionado profunda-
mente, de la sabiduría contenida
en su propia divinidad,
y en virtud de su sabiduría crea-
dora
creó a quienes serían compañeros
de su divinidad.

Habiendo reflexionado profunda-
mente,
de la sabiduría contenida en su
propia divinidad,
y en virtud de su sabiduría crea-
dora
creó al (a los) Ñamandu de cora-
zón grande (valeroso).

Lo creó simultáneamente con el
reflejo de su sabiduría (el Sol).
Antes de existir la tierra, en medio
de las tinieblas originarias,
creó al Ñamandu de corazón gran-
de.

Para padre de sus futuros numero-
sos hijos,
para verdadero padre de las almas
de sus futuros numerosos hijos creó
al Ñamandu de corazón grande.

VII

A'e va'e rakygue gui,
o yvára y mba'ekuaá gui,
o kuaa-ra-ra vy ma

Karai Ru Ete rã,

Jakaira Ru Ete rã,

Tupã Ru Ete rã,

ombo-yvára jekuaá.

Gua'y reta ru ete rã,

gua'y reta ñe'eng ru ete rã,

ombo-yvára jekuaá.

A continuación, de la sabiduría contenida en su propia divinidad, y en virtud de su sabiduría creadora al verdadero padre de los futuros Karai, al verdadero padre de los futuros Jakaira, al verdadero padre de los futuros Tupã les impartió consciencia de la divinidad. Para verdaderos padres de sus futuros numerosos hijos, para verdaderos padres de las palabras-almas de sus futuros numerosos hijos, les impartió consciencia de la divinidad.

VIII

A'e va'e rakykue gui,
Ñamandu Ru Ete
o py'a rechéi guārã
ombo-yvára jekuaá
Ñamandu Chy Ete rã i;

Karai Ru Ete,
ombo-yvára jekuaa
o py'a rechéi guārã

Karai Chy Ete rã i.

Jakaira Ru Ete, a'e rami aveí,

o py'a rechéi guārã
ombo-yvára jekuaá
Jakaira Chy Ete rã i.
Tupã Ru Ete, a'e rami aveí,
o py'a rechéi guārã
ombo-yvára jekuaá
Tupã Chy Ete rã i.

A continuación, el verdadero Padre Ñamandu para situarse frente a su corazón hizo conocedora de la divinidad a la futura verdadera madre de los Ñamandu; Karai Ru Ete hizo conocedora de la divinidad a quien se situaría frente a su corazón a la futura verdadera madre de los Karai. Jakaira Ru Ete, en la misma manera, para situarse frente a su corazón hizo conocedora de la divinidad a la verdadera madre Jakaira. Tupã Ru Ete, en la misma manera, a la que se situaría frente a su corazón, hizo conocedora de la divinidad a la verdadera futura madre de los Tupã.

IX

Guú tenonde gua yvára py
mba'ekuaá omboja'o rire ma;

ayvu rapyta rã i ombo-ja'o
rire ma;
mborayú rapyta omboja'o
rire ma;
mba'e-a'ã ñeÿchyrõ omboja'o
rire ma;
kuaa-ra-ra rapyta ogueno'ã rire,

a'e kue i py:
Ñe'eng Ru Ete pavengatu,
Ñe'eng Chy Ete pavengatu, ja'e.

Por haber ellos asimilado la sabiduría divina de su propio Primer Padre; despues de haber asimilado el lenguaje humano; despues de haberse inspirado en el amor al prójimo; despues de haber asimilado las series de palabras del himno sagrado; despues de haberse inspirado en los fundamentos de la sabiduría creadora, a ellos (los citados) tambien llamamos: excelsos verdaderos padres de las palabras-almas; excelsas verdaderas madres de las palabras-almas.

Para interpretar correctamente el contenido de estos versos que constituyen, a mi parecer, el capítulo más importante de la religión mbyá-guaraní, es indispensable tener presente que *ayvu* = lenguaje humano; *ñe'eng* = palabra; y *e* = decir encierran el, para nosotros, doble concepto de: expresar ideas — porción divina del alma. Fue esta sinonimia la que me impulsó a estudiar a fondo la religión de los Jeguakáva, y a ello se debe esta obra, fruto de más de seis años recopilando sus himnos, plegarias, mitos y tradiciones. Antes de haberme convencido de esta sinonimia, hice la siguiente pregunta a dos mburuvicha versadísimos: Kachirító, de Paso Jovái, y el Cacique Pablo Vera, de Yro'ysã (Potrero Blanco):

Si tu estuvieras discurriendo sobre las Ñe'ẽ Porã Tenonde (capítulos sagrados) y tus nietos te preguntaran el significado de Ayvu Rapyta ¿qué responderías?

Kachirító respondió:

Ayvu Rapyta oguero-jera, oguero-yvára Ñande Ru tenonde ñe'eng mbyte rã = el fundamento del lenguaje humano lo creó nuestro Primer Padre e hizo que formara parte de su divinidad, para médula de la palabra-alma.

Y el Cacique Pablo Vera:

Ayvu Rapyta, ñe'eng ppy, Ñande Ru tenonde kuéry vyvy rupa re opu'ã va'erã gua'y reta omboú ma vy omboja'o i ãguã = el fundamento del lenguaje humano es la palabra-alma originaria, la que nuestros primeros Padres, al enviar a sus numerosos hijos a la morada terrenal para eruirse, les repartirían.

En una versión muy abreviada de este capítulo publicada en la Revista de la Sociedad Científica del Paraguay, Ñamandu Ru Ete fué creado por Ñande Ru Pa-pa Tenonde. La versión transcripta en estas páginas fué dictada por el Cacique Pablo Vera y el Mayor Francisco (de Tava'i, San Juan Nepomuceno), quienes también emplearon el nombre de Pa-pa Tenonde al referirse al Ser Supremo, pero no dijeron que él había creado a Ñamandu Ru Ete, sino a Ñamandu Py'aguachu, como figura en el contexto. Al llamarles la atención sobre la discrepancia entre ambas versiones manifestaron ellos — como ya se me había informado — que Pa-pa Tenonde es el nombre cristiano del Creador. Puedo agregar que la presente versión ha merecido la aprobación de Patricio Escobar, dirigente de Bordas, Charará, y de Laureano Escobar, de Tapytã, San Juan Nepomuceno.

Por demostrar que el párrafo VI de este capítulo se refiere a la creación del Sol, transcribo a continuación la plegaria matutina de todo Mbyá "ortodoxo":

¡Ñamandu Ru Ete tenonde gua!

Nde yvy py Ñamandy Py'aguachu
o yvára jechaka mba'ekuaá
ogueropu'ã.

Reropu'ã uka ramo ma ne remi
mbo-guyrapa,

ore ropu'ã jevy ma.

A'e ramo ma, ayvu marã eỹ
kurié ramo jepe oguero-kangy
katuí vare'ỹ jevy ma ore, yvára
tyre'ỹ mbovy i, ro-gueropu'ã ma.

A'e va re, toropu'ã jevy
jevvy, Ñamandu Ru Ete tenonde
gua.

¡Oh, verdadero Padre Ñamandu, el
Primero!

En tu tierra el Ñamandu de cora-
zón grande se yergue simultánea-
mente con el reflejo de su divina
sabiduría (se refiere al Sol, que
está saliendo). En virtud de haber
tu dispuesto que aquellos a quie-
nes tu proveiste de arcos nos ir-
guiésemos,

es que nosotros volvemos a erguir-
nos.

En virtud de ello, palabras indes-
tructibles (o: carentes de mal)
que en ningún tiempo, sin exce-
pción, se debilitarán, nosotros
unos pocos huérfanos del paraíso,
volvemos a pronunciarlas al levanta-
rnos.

En virtud de ellas, séanos permi-
tido levantarnos repetidas veces
¡oh! verdadero Padre Ñamandu, el
Primero.

NOTAS

Ayvu: lenguaje humano, en mbyá-guarani y en apapokúva-guarani, según Nimuendajú. En guarani "clásico" esta palabra significa "ruido", idea que se expresa en mbyá con la voz *evovo* (hevovo) que figura en el "Tesoro" de Montoya.

Ñe'eng, ñe'ẽ: en guarani común *ñ'e* significa lenguaje humano, aplicándose también al cantar de las aves, chirriar de algunos insectos, etc. En mbyá, aplicase al ruido de insectos, aves y animales; en *Ñe'ẽ Porã Tenonde* significa: las primeras palabras hermosas, v.g. las tradiciones y mitos "esotéricos", aunque para designar éstos más a menudo se emplea la frase *Ayvu Porã*. *Ñe'enguchu* = voz fuerte, potente: el cambio de voz en la pubertad; con la palabra *ñemoñe'ẽ* designan algunos mensajes recibidos de los dioses, especialmente los recibidos de Karai Ru Ete. En estos casos, la pronunciación de *ñe'ẽ* es idéntica a la que tiene en nuestro guaraní. Tiene otro significado, sin embargo, v.g., la de "porción divina del alma" o "palabra-alma", y en este caso es pronunciada *ñe'eng*, con el sonido de la *ng* final inglesa y alemana, seguida de una brevísima *y* nasal. *Ñe'eng* es el espíritu que envían los dioses para que se encarne en la criatura próxima a nacer (Caps. IV y V). Tanto los animales como los árboles tienen alma: *ñe'eng*, según puede colegirse del contexto de los Caps. XVI y IX. En aquel se refiere al alma de un jaguar que se encarnó en un ser humano; y en éste al alma del Lapacho — Tecoma ype. *Ñe'eng*, la palabra-alma de origen divino, no debe confundirse con *angué*, palabra empleada en la vernácula para designar el alma de un difunto. V. Cap. XIX.

Apyta: base, cimiento, origen. Equivale a nuestro *hopyta* = extremidad en que comienza la cosa; se descompone en: *apy* = extremidad; *yta* = sostén. Empl. en: *ayvu rapyta* = fundamento del lenguaje humano; *mbo-rayú rapyta* = origen del amor al prójimo; *ára rapyta* = origen del Universo, etc. etc.

Kuaa-ra-ra: palabra sagrada, compuesta de *kuaá* = saber; *ra* = radical de jera, mbojera, guerojera: crear. Su significado literal es: sabiduría-poder creador. La definición que transcribo, dictada por el Mayor Francisco de Tava'i y aprobada por otros dirigentes, corresponde al texto de *Ayvu Rapyta*, y da una idea del valor que para el Mbyá encierra esta palabra sagrada, que nunca es pronunciada en presencia de extraños. Debe tenerse presente que *tataendy* = llamas, es la manifestación visible de la divinidad; y *tatachina* = tenue neblina, es la neblina vivificante que infunde vitalidad en todos los seres:

Mba'e porã vy ma:
"Kuaa-ra-ra tataendy, tatachina",
e'i.

Ñamandu tenonde gua rãgẽ
a'e va'erã oguero-moñemoña.

Yvy rupa re, jeguakáva porã gue i
jepe, jachukáva porangue i jepe
oikuaá va'erã eỹ: a'e va'e iupitypy
eỹ.

Va'e jepe, oñembo'e porã
añetẽ gua va'ẽpe, mara rami
pa "Kuaa-ra-ra tataendy tatachi-
na" e'i, oikuaá uka va'erã.

En virtud de su condición divina:
"Las llamas y la neblina del poder
creador", dicen (los dioses).

Fué el primer Ñamandu quien hi-
zo que se engendrara aquello que
se convertiría en esta cosa (*kuaa-
ra-ra*) como parte de su ser.

En la morada terrenal, ni los me-
jores entre los que llevan la insi-
gnia de la masculinidad, ni las me-
jores que llevan el emblema de la
feminidad la llegarán a conocer;
ello es cosa inasequible.

De esta cosa, sin embargo, a
los que se dedican a orar con ver-
dadero fervor, les divulgarán (los
dioses) porque es que dicen "las
llamas y la neblina del poder crea-
dor".

A'e vy ma Ñande Ru, o py'a mbyte mbyte py ñe'engatu rapyta rã i omboupa tenonde va'ekue.

Va'e pe ma: "Kuaa-ra-ra tataendy tatachina", e'i. A'e vy ma, o py'a jechaka Kuaray reve omoñembo'y vy ma, yvy jave re, yva jave re omokañy a jipói ãguã ete, o'e vy ma oguerojera va'ekue pe ma: "Kuaa-ra-ra tataendy tatachina, yvãra Kuaray i", e'i Ñamandu Ru Ete Tenonde gua.

Esta palabra sagrada y la definición transcrita explican la etimología, objeto de tantas especulaciones, de Kuarahy o Kuaray = sol; v.g.: kuaá = saber; ra = crear; 'y = columna, mástil, manifestación: la manifestación de la sabiduría y poder creador (del Ser Supremo). Colígese también del contexto que *kuaa-ra-ra* es la fuente de luz que iluminaba al Creador en medio del Caos antes de haber sido creado el Sol, y que es la misma fuente de luz de que hablan los Apapokúva en sus anales.

Tataendy: llamas, la manifestación visible de la Divinidad. A las personas a quienes los dioses dispensan la gracia divina, les aparecen llamas: *tataendy* en las palmas de las manos y las plantas de los pies. V. Caps. VI y XVI. Karai Ru Ete es el dueño de las llamas divinas, V. Cap. III, 2a. parte.

Tatachina: *tatachi* = humo; *rã*, *na* = semejante a, aquello que se convertirá en; tenue capa de neblina que aparece a principios de la Primavera, considerada en consecuencia por los Mbyá que infunde vitalidad en todos los seres. Empleo la frase "neblina vivificante" al traducirla, por expresar el concepto que para el Mbyá encierra. A este fenómeno meteorológico, que aparece regularmente a fines de invierno, le llaman nuestros campesinos *tatachina*. Jakaira Ru Ete es dueño de esta neblina, v. Cap. III.

O ãmy vy ma: en virtud de haberse erguido, de haber asumido la forma humana. *Ã* = estar erguido (v. la misma voz en el *Tesoro* de Montoya); *py*, *mby* = partícula verbal. En las Notas que siguen al Cap. IV hallará el lector las palabras derivadas de esta radical *ã*, de indiscutible valor para el filólogo.

Oguero-yvãra: lo incorporó a la propia divinidad, hizo que formase parte de la propia divinidad, (comp. con: *oqueroke* = hizo que durmiese con él mientras él dormía, etc.).

Mborayú petei i: un pequeño amor, un solo amor. Figura también en el contexto: *mborayú rapyta* = génesis o fundamento del amor (al prójimo).

Ochareko iño: escudrinó, observó detenidamente. En guaraní diríamos: ojesareko mante, ojesareko iterei. *Iño* equivale a nuestro: *iterai* = muy, superlativamente. V. también la voz *tesarecô* que da Montoya.

Fué en virtud de ello que nuestro Padre asentó en el mismísimo centro de su corazón el origen de la excelsa palabra que originariamente engendró (a la que originariamente puso fundamento).

A esta cosa llaman "las llamas y la neblina del poder creador".

En virtud de ella, en virtud de haberla puesto en pie simultáneamente con la fuente de luz de su corazón y el Sol, para que en toda la extensión de la tierra y del firmamento no hubiera absolutamente nada que escapase a su vista, a aquello que creó como parte de sí mismo y en virtud de su decir (Verbo) "las llamas y la neblina del poder creador, el Sol de la Divinidad", la llamó el verdadero Padre Ñamandu, el Primero.

Mboja'o: partir, distribuir. Dicese también: *amboja'o arandu* = así-milo sabiduría (parte de la sabiduría de los dioses).

Mba'e-a'ã: canto o himno sagrado. *A'ã* (ha'ã) = esforzarse (por obtener algo). Los cantos que entonan y las plegarias que pronuncian los Mbyá constituyen un esfuerzo que realizan por obtener valor y fortaleza, siendo el concepto que encierra *mba'e-a'ã*: "esfuerzo que se realiza (en pos de la fortaleza espiritual)". V. Cap. IV, Notas.

Ñeñchyrô: repetirse, ponerse en filas o hileras; guaraní contemporáneo: *ñembohysyi*. *Amoñeñchyrô arandu porã* = repito o explico la sabiduría buena (de los dioses). *Amoñeñchyrô ayvu porã* = repito palabras hermosas (que me inspiraron los dioses).

Mavaã: el que, quien; guaraní: *máva*.

Ñamandu Ru Ete: el verdadero padre Ñamandu; o, posiblemente: el verdadero padre del o de los Ñamandu; dios del sol. A mi parecer, se descompone en: *ñe'ã* = esforzarse, erguirse, dedicarse a las plegarias; *andu*, *endu*, percibir, percatarse de. Un análisis del concepto que encierran la voz *ã* y sus derivados induce a creer que el verdadero significado de Ñamandu Ru Ete es: el verdadero padre de los que se yerguen conscientemente; o posiblemente: el verdadero padre de los que escuchan las plegarias. En el primer caso, Ñamandu sería el verdadero padre de la humanidad; en el segundo, el verdadero padre de los dioses. Como Ñamandu creó a los demás dioses, la segunda hipótesis me parece la más razonable. V. también las voces *ñe'ã* y *mba'e-a'ã* en el Cap. IX.

Karai Ru Ete: dios del fuego, "el verdadero padre de los Karai"; *Jakaira Ru Ete*, dios de la primavera y dueño de la neblina vivificante; *Tupã Ru Ete*, dios de las aguas, etc. Las facultades de estos dioses van enumeradas en el Cap. III.

O py'a rechêi: frente a su propio corazón. Comp. con las voces *rehe*, *rehêi*, *rechêi* que da Montoya, y que son empleadas aún en el Guairá (Villarica) por personas ancianas.

No remi-mboguyrapã: aquellos a quienes tu proveiste de arcos, la humanidad masculina, sinónimo de: *ne remi-mbojeguakáva* = aquellos a quienes tu adornaste con la insignia de la masculinidad o adorno de plumas.

Ayva marã eñ: palabras carentes de mal, palabras indestructibles. Son las palabras de que se componen los himnos y oraciones. V. *marã eñ*, Cap. VI, Notas.

Kurié: en un futuro próximo. V. esta voz en las notas que siguen al Cap. IV; también la partícula *e*, Cap. VI.

Katu: sobremanera, en cantidad, V. Cap. IX, Notas.

Ore, yvãra tyre'ỹ mbovy i: nosotros, algunos pocos huérfanos del paraiso. Posiblemente una mejor traducción sería: nosotros, algunos pocos seres que vivimos alejados de la Divinidad. V. *ty*, Cap. IX.

Ombogvãra-jekuã: les hizo tener consciencia de la Divinidad.

Kuaa-ra-ra rapyta ogueno'ã rire: después de haberse inspirado en los orígenes de la sabiduría creadora. Montoya da la voz *no'ã* con el significado de: junta de cosas, juntar; creo que el significado que doy es, sin embargo, el correcto, pudiendo formar-se juicio propio el lector recurriendo a las notas referentes a la voz *ã* y sus derivados, que siguen al Cap. IV.

Guero-moñemoña: hacer que se engendre como parte del propio ser, o: hacer que se engendre mientras uno mismo se esta engendrando.

Guú, tuú: su propio padre, su padre. La duplicación de la vocal ocurre a menudo en mbyá-guaraní, especialmente en las tradiciones religiosas y plegarias; v.g.: *ñuú* = pradera; *cheé* = yo, etc.

Mboupa: asentar, colocar sobre una base o pedestal.
Ñe'ngatu: palabra excelente, palabra inspirada. En guarani significa: charlatán.

O'e vy ma oguerojera: creó en virtud de su decir (Verbo). El empleo que de estas voces *avyu* = lenguaje humano; *ñe'ẽ* = palabra; *e* = decir, demuestran que encierran el doble concepto de expresar ideas-alma. V. Cap. XIX.

Jequakáva: los que llevan el emblema de la masculinidad; v. Cap. III.
Jachukáva: las que llevan el emblema de la feminidad. Jasuka, según Nimuendajú, es una voz utilizada por los Apapokúva para designar un adorno que llevan las mujeres en la danza ritual. Únicamente en el vocabulario religioso he oído emplearla entre los Mbyá, en: *jachukáva* = nombre sagrado de la mujer; *Jachuka Chy Ete* = diosa del sol; *jachuka vyapu* = himno o canto sagrado de la mujer. El equivalente de *Jachuka* en el lenguaje ordinario es: *akãoja poty* = las flores que adornan la cofia de la mujer. Samaniego, en un bosquejo de la mitología de los Ava Guarani (1. c.) cita la misma palabra, pero con un significado difícil de aceptar sin investigaciones más prolijas que las practicadas por él.

Va'e jepe: aún esto, aún estos.

Marã rami pa: cómo, en qué forma; guaraní: *mba'éicha pa*.

A'e kue i py: a los ya mencionados o citados.

Jipói: no hay. Guarani: *ndaipóri*.

CAPITULO III

Yvy Tenonde

La Primera Tierra

I

Ñamandu Ru Ete tenonde gua

o vyvy rupa rã i oikuaá ma
vy o jeupe,

o yvára py mba'ekuaá gui,

o *kuaa-ra-ra* vy ma

o popygua rapyta i re yvy
oguero-moñemoña i oiny.

Pindovy ombojera yvy mbyte
rã re;

amboaé ombojera Karai amba
re;

Pindovy ombojera Tupã amba
re;

yvytu porã rapyta re ombojera
Pindovy;

ára yma rapyta re ombojera
Pindovy;

El verdadero Padre Ñamandu, el primero, habiendo concebido su futura morada terrenal, de la sabiduría contenida en su propia divinidad, y en virtud de su sabiduría creadora, hizo que en la extremidad (base) de su vara fuera engendrándose la tierra.

Creó una palmera eterna en el futuro centro de la tierra; creó otra en la morada de Karai (Oriente); creó una palmera eterna en la morada de Tupã (Poniente); en el origen de los vientos buenos (N. y N.E.) creó una palmera eterna;

en los orígenes del tiempo-espacio primigenio (S.) creó una palmera eterna;

Pindovy petei ñirúi ombojera;

Pindovy re ojejokua yvy rupa.

cinco palmeras eternas creó:
a las palmeras eternas está asegurada (atada) la morada terrenal.

II

Mboapy meme oĩ yva;

yva iyyta irundy:

yvyra'i py iyyta.

Yva ituí va'e yvytu py oayña
imondovy Ñande Ru.

Yvyra'i mboapy py rãgẽ

omboupa ramo, oku'e poteri
yva; a'e rami ramo, omboyta
irundy yvyra'i py; a'e ramo
aé oĩ endaguamy, ndoku'e
véima.

Existen siete paraísos;
el firmamento descansa sobre cuatro columnas:

sus columnas son varas-insignias.
El firmamento que se extiende con vientos lo empujó nuestro Padre, enviándolo a su lugar.

Habiéndole colocado primeramente tres columnas al paraíso, éste se movía aún; por este motivo, le colocó cuatro columnas de varas-insignias; solo despues de esto estuvo en su debido lugar, y ya no se movía más.

III

Yvy rupa mongy'a ypy i are mbói
yma i; a'anga i te ma ñande yvy
py ãgỹ oiko va' e; a'ete i va'e
oime Ñande Ru yva rokáre.

Ñande Ru Tenonde yvy rupa
ogueroñe'ẽ ypy i va'ekue
oguerojae'o ypy i va'ekue,
yrypa i, ñakyrã pytã i.

Yrypa yma oime ñande Ru yva
rokáre: a'anga i te ma ãgỹ opyta
va'e yvy rupáre.

Y-amai ko yja, y-apo are.

Ñande yvy py oĩ va'e a'ete

ve eỹ ma: a'ete va'e oime

Ñande Ru yva rokáre; a'anga

i te ma ãgỹ ñande yvy py

oiko va'e.

El primer ser que ensució la morada terrenal fué la víbora originaria; no es más que su imagen la que existe ahora en nuestra tierra: la serpiente originaria genuina está en las afueras del paraíso de nuestro Padre.

El primer ser que cantó en la morada terrenal de nuestro Primer Padre, el que por primera vez entonó su lamentación en ella, fué la "yrypa", la pequeña cigarra colorada.

La cigarra colorada originaria está en las afueras del paraíso de nuestro Padre: es solamente una imagen de ella la que queda en la morada terrenal.

Pues bien, el "y-amai" es el dueño de las aguas, el hacedor de las aguas. El que existe en nuestra tierra ya no es el verdadero: el verdadero está en las afueras del paraíso de nuestro Padre: ya no es

Ñande Ru, yvy ojapóvy, ka'aguy meme araka'e: ñuú jipói araka'e. A'e rami ramo, ñuú rupa rá re omba'apo va'erā tuku parārā i omboú. Tuku parārā i guevi oikutu i ague, kapi'i rembypy i oñemoña: a'e gui maē oiku ñuú.

Ñuú ogueroparārā, oguerochirī tuku parārā i. A'ete va'e Ñande Ru yva rokáre ma oime: āgỹ opyta va'e a'anga i te ma.

Nuú ojekuaá i ma vy, oguerone'endu ypy i va'ekue, oguevy'a ypy i va'ekue, inambu pytā. Inambu pytā ñuú oguerone'endu ypy i va'ekue, oime āgỹ Ñande Ru yva rokáre: yvy rupápy oiko i va'e, a'anga i te ma.

Ñande Ru yvy rupa omboái ypy i va'ekue, tatu i. A'ete va'eỹ ma tatu i āgỹ reve oiko i va'e ñande yvy py: a'e va'e a'anga i rei te ma.

Pytū ja, Urukure'a i.

Ñande Ru Kuaray, ko'č ja.

II Parte

Ñande Ru Tenonde oñemboyvaropy pota; a'e rami ramo, kórami ijayvu:

más que su imagen el que actualmente existe en nuestra tierra.

Cuando nuestro Padre hizo la tierra, he aquí que era todo bosques, campos no había, dicen. Por este motivo, y para que trabajase en la formación de praderas, envió al saltamontes verde. En donde el saltamontes clavó originariamente su extremidad inferior se engendraron matas de pasto: solamente entonces aparecieron las praderas. El saltamontes celebró con sus chirridos la aparición de los campos. El saltamontes originario está en las afueras del paraíso de nuestro Padre: el que queda ahora no es más que una imagen suya.

En cuanto aparecieron los campos, el primero en entonar en ellos su canto, el primero en celebrar su aparición, fué la perdiz colorada. La perdiz colorada que por primera vez entonó sus cantos en las praderas está ahora en las afueras del Paraíso de nuestro Padre: la que existe en la morada terrenal no es más que su imagen.

El primero en remover la tierra en la morada terrenal de nuestro Padre fué el armadillo. Ya no es el verdadero armadillo el que existe hasta el presente en nuestra tierra: éste ya no es más que su simple imagen.

La dueña de las tinieblas es la Lechuza.

Nuestro Padre el Sol es dueño del amanecer.

Nuestro Primer Padre está por internarse en las profundidades del Paraíso; en vista de ello, así habló:

-Ndeé aé, Karai Ru ete, tataendy ñeỹchyrō re, mba'eve oupity eỹ va'erā ano'ā va'e re, remoñeangarekóta nde ra'y, Karai Py'aguachu. A'e vy ma, emoñeenói "Karai Tataendy ja", ere.

Oñeangareko va'erā tataendy ryapu rá re; ára pyaú ñavō emboguy uka i tataendy ñeỹchyrō, tataendy ryapu oendy āguā jeguakáva jeayú porangue i, jachukáva jeayú porangue i.

A'e va'e rakykuégui, Jakaira Ru Ete py:

-Néi, ndé reñeangarekóta tatachina ñe'engatu rapyta rá i re. Cheé jeupe aikuaá va'ekue re emoñeangareko nde ra'y, Jakaira Py'aguachu. A'e vy ma, emoñeenói: tatachina ñe'engatu ja rá i, ere nde jeupe.

A'e va'e rakykuégui, Tupā Ru Ete py aipo e'i:

-Ndeé reñeangarekóta Para Guachúre, Para Guachu rakā a'e javi re. Yvára ñemboroy rá ano'ā uka ta ndevy. Va'e re ke, nde ra'y Tupā reta py'aguachu rupi mba'e ñemboroy eraauka jevy yvy rupa re, ñande ra'y jeayú porangue i pe, ñande rajy jeayú porangue i pe.

Ñamandu Ru Ete tenonde gua yvy rupáre jeguakáva apyre i pe, jachu-

-Solamente tu, Karai Ru Ete, las hileras de llamas inasequibles en que yo me inspiro las harás vigilar por intermedio de tus hijos, los Karai valerosos. Por consiguiente, haz que ellos se llamen "los Señores dueños de las llamas", (dí). Ellos vigilarán aquello que ha de producir el ruido de crepitar de llamas; cada primavera haz que se solivien las hileras de llamas para que escuchen el ruido de crepitar de llamas los bien amados que llevan la insignia de la masculinidad, las bien amadas que llevan el emblema de la feminidad.

Después de estas cosas, a Jakaira Ru ete (dijo):

-Bien, tu vigilarás la fuente de la neblina que engendra las palabras inspiradas. Aquello que yo concebí en mi soledad, haz que lo vigilen tus hijos los Jakaira de corazón grande. En virtud de ello haz que se llamen: dueños de la neblina de las palabras inspiradas, dí a ti mismo.

Después de estas cosas, a Tupā Ru Ete le habló en esta forma:

-Tu tendrás a tu cargo el extenso mar y las ramificaciones del extenso mar en su totalidad. Yo haré que tu te inspires en las leyes mediante las que se refrescará la divinidad. Por consiguiente, tu enviarás repetidamente a la morada terrenal por intermedio de tus hijos los Tupā de corazón grande, aquello que refresca, para nuestros bien amados hijos, nuestras bien amadas hijas.

El verdadero Padre Ñamandu, el Primero, estando por hacer des-

káva apyre i pe arandu porā ogue-
royvŷy uka ta ma vy,
Jakaira Ru Ete py aipo e'i:

-Néi, tatachina rāgē i emboupa
ñande ra'y apytére, ñande rajy
apytére. Ara pyaú ñavō eroatachi-
na uka i nde ra'y Jakaira Py'agua-
chu pe yvy rupa.

A'e va re aé, ñande ra'y kue i ry,
ñande rajy kue i ry oiko porā i
va'erā.

A'e va'e rakykuégui:
-Karái Ru Ete, ndeé ave tataendy
mba'e porā i emboupa i ñande
ra'y jeayk pe, ñande rajy jeayú pe.
-Va'e re, che ra'y Tupā Ru Ete,
mba'e ñemboro'y rā ano'ā va'e gui
ñande ra'y py'a mbyte py embou-
pa i.

A'e ramo aé, yvy rupáre opu'ā
va'erā reta, jeayú porā i omombía
che ramo jepe oguerokatupyry i
va'erā.

Mba'e ñemboro'y gui vy aé, mbo-
rayú reko rā i a'e ague nomboaku
aéi va'erā ñande ra'y jeayú rā i
ñande rajy jeayú rā i.

Ñamandu Ru Ete Tenonde gua,
omoñeenói mba i ma vy gua'y ru
ete rā, gua'y ñe'eng ru ete rā, i
amba rā re aé aé i:

cender a la morada terrenal la
ciencia buena para las generacio-
nes de las que llevan la insignia
de la masculinidad, el emblema de
la feminidad, a Jakaira Ru Ete
dijo:

-Bien, en primer lugar, alojarás en
primer lugar en la coronilla de
nuestros hijos y nuestras hijas la
neblina (vivificante). Cada vez que
retorna la Primavera harás cir-
cular, por intermedio de tus hijos,
los Jakaira de corazón grande, la
neblina por la morada terrenal.

Únicamente en virtud de ella po-
drán nuestros hijos, nuestras hijas
prosperar.

-Karái Ru Ete, tu también harás
que las llamas sagradas se alojen
en nuestros amados hijos, en nues-
tras amadas hijas.

-Por ésto, mi hijo Tupā Ru Ete,
aquello que yo concebí para re-
frescamiento (moderación) haz
que se aloje en el centro del co-
razón de nuestros hijos.

Únicamente así los numerosos se-
res que se erguirán en la morada
terrenal, aunque quieran desviarse
del verdadero amor, vivirán en
armonía.

Únicamente mediante aquello que
refresca (moderación), las leyes
que pronuncié para regir el amor
no producirán excesivo calor en
nuestros futuros amados hijos, en
nuestras futuras amadas hijas.

Habiendo Ñamandu Ru Ete, el Pri-
mero designado por sus respecti-
vos nombres a los verdaderos pa-
dres de sus futuros hijos, a los ver-
daderos padres de las palabras
(almas) de sus futuros hijos, cada

-Kova'e rakykuégui, apomoñeenói
rire ma, pene amba rā aé aé i re,
yvy re jeguakáva reko rā i, jachu-
káva reko rā i peé aé peikuaáne.

Va'e rakykuégui, ombojeguaka-vy-
apu gua'y ru ete tenonde guápe,
ombo-jachukavyapu guajy chy ete
tenonde guápe, va'e rakykuégui aé
yvy re opu'ā reí reta va'erā oiko
porā i águā.

*
* *

NOTAS

Pyndovy: pindo ovy = palmera azul; las palmeras eternas, milagro-
sas, indestructibles. Según me ha informado el Dr. Gustavo Gonzalez, la
voz ovy, hoy es empleada por los Indios Tapieté del Parapití, en Jagua
Ovy = el perro azul, monstruo que devora a la Luna durante los eclipses;
y según Nimuendajú, Jagua Ovy es el nombre que dan los Apapokúva al
guardián del paraíso de Ñande Ruvusu. La voz JU, en los textos mbyá,
tiene más o menos el mismo significado que ovy; y Nimuendajú, aunque
no ha podido descifrar el significado de aquella voz, aseverando que "es
un verbo defectivo que designa la existencia", (1. c., p. 2), dice que su
empleo con la acepción indicada es general entre las parcialidades gua-
raníes. Recalde, en sus notas a la traducción de la obra de Nimuendajú,
agrega: "Aceptamos plenamente la traducción del autor. En relación a
JU, sabe que se refiere a un ser, pero no consigue identificarlo. La voz
JU pertenece a la mitología, y ha desaparecido del léxico. Es posible que
los mismo paje no sepan lo que esta palabra significa". Entre los Mbyá,
conocen el significado de ambas palabras, no solo los dirigentes, sino to-
dos los miembros de las tribus, por superficiales que sean sus conocimientos
de las tradiciones religiosas. Y el origen del empleo de estas palabras para
traducir el concepto de eterno, indestructible, milagroso, es el siguiente:
los mburuvicha más avezados en las antiguas tradiciones enseñan que las
vestimentas de los dioses son de color amarillo claro: ju = color del Sol;
y azul claro, color de cielo despejado: ovy. Estos colores son considerados,
por consiguiente, sagrados y emblemáticos de la Divinidad; siendo indes-
tructibles, eternos, como lo son el Sol y el Cielo, son empleadas para tra-

ducir estos conceptos. De paso diré que el rojo es emblemático de la cólera, seguramente por ser el color de la sangre.

Mopyrō: V. Cap. IV.

Amba: morada, mansión, empleada generalmente para designar la morada de los dioses. V. moambague, Caps. III y IX; y la voz *ambáva* que da Montoya.

Karai amba; *Tupā amba*: la morada de Karai, id. de Tupā: oriente y poniente, respectivamente.

Yvytu porā rapyta: el origen de los buenos vientos, N. y N.E., que anuncian la llegada de la primavera.

Ara yma rapyta; *yvytu yma rapyta*: el origen o cimiento del espacio primigenio; id. de los vientos originarios. El Sud, y el viento del Sud que soplaban mientras Nande Ru se dedicaba a las tareas de la Creación. A un Indio le he oído decir que, para que se produzca el cambio de estaciones, trocándose el invierno en primavera, mudan los dioses los cimientos el espacio originario: oguerova Nande Ru ára yma rapyta.

Petei ñirui: ñ, lit.: una serie de compañeros, o los dedos de una mano.

Mboapy meme rire: 7 = después de dos veces tres.

Yva itui va'e: la traducción que da Montoya de *itui* es: rebosar; pero en mbyá-guaraní parece más bien significar "extenderse", "hallarse en cantidad considerable". En el Cap. XIII (Agricultura) hallamos la oración: *Evoko itui che ma'ety a i = he aquí se extienden mis cultivos*.

Oayña imondovy (y acentuada): lo empujó enviándolo. En guaraní diríamos: omoaña imondóvo.

Poteri: todavía, aún. Guaraní: gueteri.

Rami: como. Guaraní: icha.

Omboyta ramo: por haberle puesto cimientos. Guaraní: omboyta ha-gue rehe.

Py, my: corresponden a nuestras partículas *pe* y *me*; aunque a menudo, por eufonía, se emplean éstas.

Mbói yma i: la serpiente primigenia, *ñandurié* en guaraní; *Leimadophis almadensis*.

āgỹ: (ỹ acent.) ahora. *Āgỹ reve* = hasta el presente.

A'anga i te ma: (a'anga i aé ma) = ya no es más que su imagen. *Yvy Tenonde*, la primera tierra, de cuya creación trata este capítulo, fué destruida por el Diluvio (Cap. VI) después de haber ascendido a los Paraísos todos los seres que la poblaban, los virtuosos en forma humana, y los pecadores metamorfoseados en seres irracionales. Creada *Yvy Pyaú*, la nueva tierra, la que habitamos, en reemplazo del mundo destruido (Cap. VII), fué poblada de imágenes de los habitantes de *Yvy Tenonde*. Como puede colegirse del contexto la víbora *ñandurié*, el insecto acuático *y-amai*, el saltamontes, la perdiz grande y el armadillo no son seres humanos que sufrieron la metempsicosis, sino aparecieron ya en su forma actual en la primera tierra. Es posible, por no decir seguro, que también el Tapir o Anta (*tapi'i* en mbyá-g.) y el jabalí (*kochi*) pertenezcan a esta categoría de seres originarios; pues el primero tiene su camino en el paraíso, que es la Vía Láctea: *Tapi'i rape*; y el segundo es considerado como animal privilegiado: *mymba porā*. Tampoco figuran estos dos animales en las numerosas leyendas de metempsicosis que he escuchado.

Tuku parārā i: esp. de saltamontes verde que se eleva muy alto en el aire y emite un chirrido agudo y penetrante, y otro chirrido menos agudo

(*parārā*). El chirrido agudo lo designan los Mbyá con la palabra *chiriri*, siendo una corrupción de esta onomatopeya la empleada por los paraguayos para designar al saltamontes de referencia, v.g., *tuku chilín*.

Y-amai: coleóptero girínido sumamente veloz.

Inambu pytā: perdiz grande colorada, o "martineta" de las praderas, llamada *ynambu guasu* en guaraní.

Oñembo-gvaropy: se retira al interior o profundidades del Paraíso. Con el mismo significado empléase: *oñemboachojáva ropy*, siendo *achojáva* (*aho'i háva*) otra voz empleada para designar los paraísos, v.g., los lugares donde se cubren, se sustraen a la vista los dioses. *Opy* es la casa de los cantos, plegarias y danzas rituales; de los que se introducen en esta casa para dedicarse a los ejercicios espirituales dicese: *oike opy* = se introduce en el interior de la casa, sobreentendiéndose que es para dedicarse a la oración, etc. V. Cap. XVI. Del contexto de estos versos podría deducirse que *Ñamandu Ru Ete* se habría retirado de toda ingerencia en el gobierno del Universo; así me informaron varios Mbyá, y así figura en la versión de este mismo mito que publiqué en la Revista de la Sociedad Científica del Paraguay. Pero los himnos y plegarias de los Mbyá demuestran que éste no es el caso, pues *Ñamandu Ru Ete* envía espíritus a la tierra para encarnarse (Cap. IV), y se le invoca diariamente (Cap. II). Es él quien, por intermedio de sus hijos *Ñamandu Py'aguachu*, hace que el Sol haga su recorrido diurno; y como el Sol es la fuente de toda vida y *Ñamandu* lo tiene a su cargo, no figuran sus atribuciones en este capítulo. Cierta similitud entre este mito y la egipcia en que el dios Ra entrega el universo a sus lugartenientes llamará la atención de quienes creen hallar analogías entre el egipcio y el guaraní (me refiero a un ensayo publicado por el Prof. Alborno en "Revista de Turismo", Asunción, que lastimosamente se me ha traspapelado); como entre las mitologías del Viejo Mundo y nuestro continente.

Kórami, guírami: en esta manera.

Popygua, yvyrá'i: la vara-insignia.

Karai Py'aguachu (*Jakaira, Tupā, Ñamandu Py'aguachu*): Los Karai, etc., de corazón grande, o valerosos, hijos de los dioses que ejecutan los designios de sus padres. Al invocar a los dioses se les suplica enviar a sus hijos de corazón grande para infundir valor a los nombres, moderar sus pasiones, resucitar a los muertos, etc. (Cap. IX). — Al referirse a los cuatro Primeros Padres de la Palabra, emplean los Mbyá a veces el nombre *ipuru'ā eỹ va'e* = los que carecen de ombligo, porque no fueron engendrados. Los Karai Py'aguachu ya fueron engendrados y se diferencian de sus padres en el hecho de tener ombligos. Además de estos "hijos de corazón grande" tienen los dioses otros ejecutores de su voluntad, los *Ñamandu Avaete, Ñ. Kuchuvi, Ñ. Rekoé*. Ellos son agentes de destrucción, siendo el significado de *avaete*, feroz; *kuchuvi* = sacudir, menear; *rekoé* = de naturaleza distinta o maligna. (V. notas correspondientes a *avaete*, Cap. VI). Además de los citados, tiene *Tupā Ru Ete* (y casi con seguridad los demás dioses) a los *Tupā Aguyjei* y *Tupā Ñe'engija*, mensajeros mansos, benévolos. Los hijos de los dioses que tienen por sobrenombre *tekoé, avaete* y *kuchuvi* tienen por tarea, entre otras cosas, el de perseguir a los duendes malévolos:

Jaccha eỹ va'e motare' y a
Tupā Avaete kuéry, etc.

Los que persiguen a los seres invisibles (duendes) son los *Tupā Avaete*, etc.

Tupã Ru Ete: llamado también Tupã Yma. El hecho de ocupar Tupã Ru Ete el quinto lugar en la teogonía mbyá-guaraní y lugares más secundarios aún en la de otras parcialidades guaraníes, da la razón a Nimuendaju cuando habla del "abuso que hicieron de su nombre los misioneros que lo han introducido para la designación del Dios cristiano en todo el Brasil, el Paraguay, gran parte de Argentina y Bolivia". Y destruye, creo, más de una enojadísima hipótesis sobre la presunta etimología de esta palabra ("... bellas construcciones teóricas, insuficientes para la justa comprensión de la verdad", como dijera mi amigo Egon Schaden, de la Facultad de Filosofía de São Paulo); hipótesis, en su mayoría lanzadas por eruditos de gabinete — "armchair ethnologists" — que creen poder prescindir de la colaboración de los únicos autorizados a enseñarnos algo al respecto: los Indios mismos!

Tataendy ryapu: ruido de crepitar de llamas. Todo trueno que se escucha en Oriente — especialmente en Primavera — es producida por las hileras de llamas a cargo de Karai Ru Ete quien las destapa para que escuchen el ruido los hombres. A Karai Ru Ete también se le llama *tataendy ryapu ja* = el dueño del ruido de crepitar de llamas.

Tatachina ñe'engatu rapyta: el origen de la neblina de las, o que engendra las, excelentes palabras. Es mediante las palabras engendradas por la neblina de Jakaira, es decir, los mensajes divinos recibidos de este dios, que los médicos agoreros adquieren la buena ciencia — *arandu porã* — que los convierte en lugartenientes de Jakaira; Jakaira kuéry pyronga (V. Cap. IX).

Tatachina rãgẽ emboupa ñande ra'y apytẽre: primeramente haz que se aloje la neblina (vivificante) en las coronillas de nuestros hijos. Las llamas sagradas de Karai Ru Ete que inspiran fervor, y la neblina vivificante que confiere sabiduría y el poder de conjurar maleficios, penetran en el alma humana a través de la coronilla: *apyte*. La templanza, la moderación en cambio: *yvára ñemboro'y* enviada por Tupã Ru Ete, se aloja en el pecho o corazón: ñande ra'y py'a mbyte mbyte py = en el mismísimo centro del corazón de nuestros hijos. Comp. el texto con las plegarias que figuran en el Cap. IX.

Yvára ñemboro'y reko rã: las leyes que producirán el refrescamiento de la divinidad, v. g., la templanza y moderación, siendo sus manifestaciones visibles las lluvias y el granizo. V. Cap. XVI, en que Tupã envía un granizo para ahuyentar el alma de un tigre que se había encarnado en el hijo de Kapitã Chiku.

Mboaku aëi: calentar excesivamente, excitar hasta un punto peligroso (guaraní: ahéi, jahéi). El fervor producido por las llamas de Karai es moderado por la templanza: *yvára ñemboro'y*, te Tupã.

Jeguaka vyapu, jechuka vyapu: el ruido del adorno del hombre, el ruido del adorno de la mujer (en la danza ritual), nombres religiosos de los cantos sagrados del hombre y la mujer, respectivamente.

Para guachu rakã a'e javi: las ramas del gran mar, en su totalidad. A'e javi ha desaparecido de nuestro léxico, pero lo da Montoya en su TESORO.

Tataendy mba'e porã: llamas sagradas. *Mba'e porã kuéry*: los seres buenos, los dioses.

Aé: solo. Iño, como ya se ha dicho, significa muy, superlativamente; solo, lo traducen por la voz *aé* (guaraní: ño); v. g.: ch'aé i aiko = vivo solo.

Ja: dueño. Guaraní: jára.

Según un dirigente muy avezado, a quien sometí estos versos para su corrección, Ñande Ru, antes de hacer que se engendrara la tierra en la extremidad de su vara-insignia, hizo aparecer en una extremidad las llamas sagradas y en la otra la neblina vivificante. Agregó que Ñande Ru hizo que se encarnase el origen de la tierra en las Palmeras eternas: *Pindovjre omopyrõ yvy rapyta*.

Las versiones de la creación de la Primera Tierra que se me narraba antes de divulgármelas tradiciones secretas omitían mención de *Ayvu Rapyta* y de *Kuaa-ra-ra*, englobando en un solo capítulo la creación de la tierra y de los cuatro Ñe'eng Ru. Según Cantalicio, de Yvy Pytã, Ñande Ru, al asumir la forma humana, creó la bóveda y los cuatro padres de la palabra; luego hizo surgir de las tinieblas una columna de madera indestructible: *yvyra ju'y*, para apoyar contra ella la tierra que iba creando:

Yvy oñono ma vy, omboyta águã
ma, yvyru ju'y ombojera;
kova'e ra'anga i ñande yvy
py oiko i va'e,aju'y miri:
a'e va'e yvyra ppy, yvyra yma.

Al crear la tierra, a fin de sostenerla, creó una columna de madera indestructible; la imagen de esta columna que existe en la tierra es el Aju'y miri (Ocotea). Este es árbol primitivo, árbol primigenio.

Fué mediante esta versión que pude descifrar el verdadero significado de la voz *ju*, siendo la definición que de ella me dió Cantalicio: *o marã eñ rã oupity va'e* = el que ha alcanzado su estado de indestructibilidad; *i marã eñ va'erã* = el que no puede sufrir daño o ser destruido. Según esta versión de Cantalicio (publicada en la revista Cultura, Asunción, X/1946) el Aju'y es imagen de la columna indestructible creada por Ñande Ru para sostén de la tierra; según la mayoría, sin embargo, es un árbol privilegiado creado simultáneamente con el Cedro para ser empleado por los Mbyá en la construcción de sus viviendas, etc. Esta creencia en que es árbol privilegiado débese, seguramente, al hecho de ser empleado para producir fuego (Cap. VII).

CAPITULO IV

*Oñemboapyka pota jeayú porāngue
i rembi rerovy'a rā i.*

*Se está por asiento a un ser para
alegría de los bien amados.*

Estos versos, que contienen las instrucciones impartidas por Ñamandu Ru Ete, padre de los dioses, a los Ñe'eng Ru Ete, referentes al envío a la tierra de almas para encarnarse, corresponden al capítulo que trata, entre otras cosas, de la creación de la humanidad. Pero debido tanto a las copiosas notas lexicológicas necesarias para una cabal comprensión de su contenido, cuanto a su belleza poética y profundidad filosófica, he creído indispensable dedicarles un capítulo especial.

I

-Jeguakáva porangue i,
jachukáva porangue i
ñembo-rerovy'a arā i
ijapyka pota ma vy,
ñande yvy py emondo
ñe'eng porā imopyrō vy,
e'i Ñande Ru Tenonde
gua'y Ñe'eng Ru Ete py.

-A'e ramo katu,
ñande yvy py remondo va'e
ñe'eng porā imopyrō vy,
gui rami rooayvu porā i
jevy jevy ta:

"Néi, ereóta, ndeé, Ñamandu ra'y i,

erombaraete yvy rupa;

opa mba'e jórami gua eỹ
eỹ opu'ã avaete ramo jepe,
erero-py'aguachu va'erã".

-Cuando está por tomar asiento
(nacer) un ser que alegrará a los
que llevan la insignia de la mas-
culinidad, el emblema de la femi-
nidad, envía a la tierra una pala-
bra-alma buena para que se encar-
ne, dijo nuestro Primer Padre a
los verdaderos padres de las pa-
labras-almas de sus hijos.

-Por consiguiente, la que a nues-
tra tierra enviases palabra-alma
buena para que se encarne, en es-
ta forma le aconsejarás discreta-
mente reptidas veces:

"Bien, irás tú, hijito de Ñamandu
(de Karai, Jakaira o Tupā),
considera con fortaleza la morada
terrenal;

y aunque todas las cosas, en su
gran diversidad, horrorosas se ir-
guieren, tu debes afrontarlas con
valor (grandeza de corazón)".

Comentando esta alocución, dirigida por Nande Ru Tenonde por turno a sus padres de la palabra-alma, dicen los mburuvicha:

Mitã ñanemboú ma vy:
"Néi, tereó yvy py", e'i
ñande arygua kuéry.

"Ne ma'endu'a ke che reé ne ãmy.

Aipo che reé aroñemongeta va'erã
che reé ne ma'endu'a ramo.

A'e vare cheé aroñemongeta
va'erã che ra'y mbovy katu
e'y cheé ano'ã va'e gui.

Mby'aguachu apo a, mba'e
mbojaity a cheé ano'ã va gui jipói
va'erã yvy ruparé rei, che ra'y
mbovy e'y reko acha arã.

A'e va re ndeé, yvy py ma
reikóvy, che amba porã re
ne ma'endu'a va'erã.
Cheé aroñemongeta ramo
nd'apytére, nde reko mboovái
arã jipói va'erã yvy rupa
reko achy re".

Vuelve a comentar el mburuvicha:

Arakuaá jareko i voí, ajeve
ramo ñande chy kã jepeve
jaropochy.

Mbochy ñane moarandu, arandu
porã ñano'ã e'y mbovy i; a'e
va re, kórami che roayvu
ñande arygua kuéry. ¡Pe jopyy
porã i ke ko ch'ayvu, che reindy
i kuéry, che ryvy i kuéry, kurié
opa e'y va'erã ma vy!

Cuando a nosotros criaturas nos
envían: "Bien, irás a la tierra",
dicen los situados encima de noso-
tros.

"Acuérdate de mi en tu corazón
(en tu vida, tu ser).

Así, yo haré que circule mi pala-
bra (inspirándote) por haberte a-
cordado de mi.

Así, yo haré que pronuncien pa-
labras (para tu inspiración) los
excelsos innumerables hijos que yo
albergo.

En valor, en la facultad de conju-
rar maleficios, no habrá, en toda la
extensión de la tierra, quien so-
brepase a los innumerables hijos a
quienes yo albergo.

Por consiguiente tu, cuando mores
en la tierra, de mi hermosa mora-
da has de acordarte.

Inspirándote yo hermosas pala-
bras en tu corazón (coronilla), no
habrá quién te pueda igualar en
la morada terrenal de las imper-
fecciones".

Entendimiento lo tenemos desde un
principio, debido a cuyo hecho
hasta con los pechos de nuestra
madre nos encolerizamos (se re-
fiere al llanto del párvulo que sien-
te hambre).

Nos inspiramos en la ciencia no-
civa antes de inspirarnos en la
buena ciencia; por consiguiente,
así me han hablado los situados
encima de nosotros. ¡Escuchad a-
tentamente estas mis palabras, mis
hermanitas, mis hermanitos, por

"Mitã o chy kã ogueropochy vai
ma va'erã", e'i ñande arygua kuéry.

"Ikatúpy oĩ ramove, mbochy
ogueno'ã. Amondo yvy py ramo
opu'ã va'erã mbovy katu e'y yvy
ruparé, yvy reegua ayvu rupi ko-
va'e oupity.

"A'e va re ma, ñande ñaenói ague
rupi oñeenói ma vy aé yvy rupa
oguerovy'a va'erã mitã, ndo guero-
pochy véi ma va'erã".

Mbochy o pochy, voz que en nuestro guaraní se emplea con el significado de enojo, cólera es, como puede colegirse del contexto de los mensajes transcritos, la raíz, el origen de todo mal; al Demonio lo designan los Mbyá con el nombre de Mba'e Pochy: el ser colérico. (Montoya traduce *pochy* por colérico, recio, enojadizo, ruín, malo).

Desde edad temprana se le inculca al joven Mbyá la necesidad de dominar a *mbochy*, comenzándose a impartírsele estas enseñanzas después de la ceremonia de darle nombre. Es en estos usos en que se basan los últimos versos del mensaje de los Ñe'eng Ru Ete: "Solamente cuando se llamen por los nombres que nosotros (los dioses) les damos dejarán de encolerizarse", v.g., dejarán de dejarse dominar por *mbochy* y lo vencerán. En otras palabras, estarán en condiciones de ir venciendo al espíritu del mal mediante las doctrinas que se les imparte.

Una de las obligaciones de los dirigentes espirituales (pudiendo ser hombre o mujer, v. Cap. IX) es el determinar de qué región del Paraíso provienen las palabras-almas que se encarnan en los de su tribu. Las madres les llevan sus hijos, diciéndoles:

Ikatúpy ma oiko che memby:
ery aendu chévy ma aru.

Mi hijo ya está entre la gente:
lo traigo porque quiero escuchar
su nombre.

El *Mitã renói a* = el que llama o da nombre a las criaturas responde:

Ery ñaendu va'erã

Hemos de escuchar su nombre.

y, poniéndose en comunicación con los dioses, averigua la procedencia de la palabra-alma que se ha encarnado en el niño. Enciende la pipa, sopla echando humo sobre la coronilla del niño y comunica a la madre el patronímico sagrado que le corresponde. Este nombre, parte integrante del ser que con él se designa, y que lo acompañará hasta la tumba, se llama 'ery mo'ã a = aquello que mantiene erguido el fluir de su decir. Algunos de estos patronímicos sagrados que he logrado recopilar figuran en la lista que acompaña las notas correspondientes a este capítulo.

El siguiente mensaje fué recibido por Tomás, de Yvytuko, al llevarse-le una criatura para que averiguase la procedencia de su alma:

Mitã oiko água ma, Ñamandu Ru Ete, Jakaira Ru Ete, Karai Ru ete ogueroñemongeta ma yvy rupare guemimoñe'eng.

Oguero-chareko ma ñe'eng o chy rã i re, guú rã i re.

A rire ma, Ñamandu Ru Ete, Karai Ru Ete, Jakaira Ru Ete: -Cheé, che ra'y namondo-uka véiri ma va'erã; namboapyka véiri ma va'erã .

-Va'ere, Tupã Ru Ete py amboacha, a'e, guemimongeta gui, a'e guemimbo-apyka gui oguero-ñemongeta água yvy rupá-re.

A'e vy ma, Tupã Ru Ete, o yvaropy re guemimongeta ne'chyrõ gui, Tupã Aguyjei kuéry, Tupã Rekoé kuéry, a'eva py e'y va'e apyte pyte re jepe oguero-ñemboarai va'erã; a'e kuéry rei vy aé oguero-py'aguachu va'erã.

Opa mba'e i petei va'e'y oovacha vai apyte pytere jepe, o chy guú

Para nacer esta criatura, Ñamandu Ru Ete, Jakaira Ru Ete, Karai Ru Ete discurrieron sobre la morada terrenal con aquellos a quienes había provisto de palabra.

Hicieron que escudriñasen las almas, buscando a quienes les servirían de madres, de padres.

Entonces Ñamandu Ru Ete, Karai Ru Ete y Jakaira Ru Ete (dijeron): -Yo a mis hijos no he de volver a hacer que sean enviados; no he de volver a proveerles de asiento (hacer que se encarnen).

-Por consiguiente, a Tupã Ru Ete lo trasfiero, para que él de entre aquellos con quienes conversa (a quienes inspira), de entre aquellos a quienes da asiento (hace que se encarnen), discorra referente a la morada terrenal.

En virtud de esto, Tupã Ru Ete, de entre la multitud de aquellos con quienes él conversa en el interior de su paraíso, a los Tupã Aguyjei y los Tupã Rekoé les permitirá que se diviertan en medio de las innumerables cosas nefastas; hará que mediante ellos, en verdad, exista grandeza de corazón.

Aún entre los innumerables seres que el condenó, maldiciéndolos, se

py okakuaá va'erã oãmy, mitã kova'e a'e omopyrõ ague guemi-moñe'eng.

erguirá, creciendo erguido para su madre, su padre, esta criatura en quien él hizo que se encarnara un alma creada por él.

El espíritu que ha encarnado en la criatura objeto de esta ceremonia, como puede colegirse del contexto del mensaje recibido por Tomás, es oriundo del Paraíso de Tupã Ru Ete, dios de las lluvias, etc. En caso de que proviniese de otro paraíso, la conversación transcrita la hubieran mantenido los tres Ñe'eng Ru que se habrían abstenido de "hacer que se envíen" almas a la tierra. También puede deducirse del texto: "Cheé che ra'y namondo uka véiri ma va'erã = yo a mis hijos no he de volver a mandar que sean enviados", que no son Ñamandu y los demás dioses que personalmente envían espíritus a la tierra, sino sus agentes o hijos, los Ñamandu Py'aguachu, etc.

Colítese también del contexto de este mensaje, cuya exactitud he verificado cotejándolo con otros de la misma índole, que la palabra-alma próxima a encarnarse elige ella misma a quienes han de servile en calidad de padres en la tierra. En cuanto a la reencarnación, elemento básico según Nimuendajú de las creencias religiosas de los Apapokúva, solo puede deducirse del contexto que sería posible; pero debo admitir que la creencia en la reencarnación — si por ella se entiende la encarnación repetida de una misma alma en distintos cuerpos — no la he hallado confirmada en ningún himno, plegaria o mensaje divino. (V. el Cap. V, que trata de la reencarnación del alma en el cuerpo abandonado). Un dirigente muy avezado, el Cacique Pablo Vera, me dijo que en alma que ha cumplido la peregrinación terrena ya se negaría a volver, en vista de las tribulaciones que hubiera tenido que afrontar. En cuanto a la encarnación de un alma de animal en un ser humano, creencia que también, según Nimuendajú, constituye un dogma entre los Apapokúva, esto puede ocurrir según creen los Mbyá, pero tratase de una gran desgracia, y si no se logra que el alma del animal desaloje el cuerpo del que se ha apoderado, el infeliz debe ser sacrificado. Personalmente, aunque no he visto casos concretos, creo que los casos de demencia o locura violenta son atribuidos al hecho de haberse apoderado el alma de un animal de la víctima, no habiendo más recurso que eliminarla. En el mito de Kapitã Chiku (Cap. XVI) citase el caso de un hijo de éste del que se había apoderado el alma de un tigre, abandonándole su propia alma. El padre estuvo a punto de eliminar al hijo, cuando Tupã mandó un granizo con el que la madre ahuyentó al alma del tigre y pudo volver a encarnarse el alma del chico. El caso presenta todos los aspectos de un caso de demencia.

Intimamente relacionado con este capítulo sobre la encarnación del alma, está la ley divina prohibiendo el adulterio a ambos cónyuges durante la gravidez de la mujer; pecado que, según las creencias de los

Mbyá, produce el aborto o la muerte prematura del niño. Esta ley está contenida en el siguiente mensaje divino:

Mitã ijapyka pota ma vy, pende rekora'ã va'erã: a'e va'e ke perombaerete; pendevy oiko reí va'e pejapo eme.

Ojavyuka che vy ma ko, pene moma'e va'erã kuñangue amboaé i re, ava kue amboaé i re.
Néi, kova'e mitã peecha vaí ma vy pe jae'o va'erã ramo, a'e.

A'e va'ekue jepe ndapejapói remimbotái ma vy, peroguerojae'o jevy va'erã pene rembirerovy'a arã ija-pyka pota ra'u va'ekue.

Cuando una criatura es adulterina, o los padres han sido culpables de adulterio hallándose grávida la madre, los dioses se niegan a darle nombre, es decir, de proveerle de "aquello que sostendrá erguido el fluir de su decir", condenándolo con esta negativa a morir prematuramente. Sé del caso de un niño llevado a Tomás para que lo "bautizara" en que se empeñó infructuosamente durante tres días enteros en comunicarse con el dios tutelar de la criatura, en busca de su nombre; y me comunicó que la negativa de los dioses era debida al adulterio de los padres.

El adulterio, hallándose la mujer en estado de gravidez, es designado con la locución: *mitã oñembojo'a*; *mitã* = criatura; *ñembojo'a* = superponerse, colocarse encima; y refiriéndose a los niños muertos prematuramente y otros cuya muerte es atribuida al adulterio, se dice: *Mitã ijo'akue ndoguerovy'ai* = el niño no aprueba, detesta el haber sido víctima de adulterio. Esta creencia, y el mensaje de los dioses prohibiendo el adulterio, lo considero de sumo interés desde el punto de vista etnológico; porque según Nimuendajú y Samaniego, la figura central de la mitología Apapokúva y la de los Ava Guaraní engendraron hijos gemelos en una misma mujer (V. Cap. VIII).

La criatura a quien se está por dar asiento os pondrá a prueba: esta tentación debéis afrontarla con fortaleza; no cedáis a los deseos ociosos que os acosen.

Pues a fin de os desviéis, hará que dirijáis miradas vedadas a otras mujeres, a otros varones. Pues bien, ésto lo digo sabiendo que lloraréis viendo al niño enfermo de gravedad.

Por obstinares en violar este mi mandamiento clamaréis el uno al otro, lamentando la pérdida de aquel a quien se tuvo la intención (frustrada) de dar asiento para alegría vuestra.

* * *

NOTAS

Nemboapyka: se da asiento, es concebido o engendrado; v.g., se le provee de un asiento similar a aquel en que apareció Nande Ru en medio de las tinieblas.

Tembi-rerovy'a arã. Avy'a = me alegre; arovy'a = me alegre por, celebro mi regocijo por; che rembi-rerovy'a arã = aquello que motivará la expresión de mi regocijo.

Mopyrõ: hacer que ponga el pié, v.g., hacer que se encarne. También empl. con el significado de: estar situado. V. *pyronga* = lugartiente, Cap. IX.

Mbovy katu eỹ: innumerables excelsos. Mbovy = pocos; eỹ = lo contrario de; katu = bueno, excelente, etc.

Guero-mbaraete: afrontar con fortaleza. Mbaraete (guaraní: mbarete) no es empleado para designar la fuerza física, sino la fortaleza espiritual, utilizándose la palabra poaka para traducir aquella idea.

Gueropy'aguachu: considerar o afrontar con grandeza de corazón, con valor. Empl. indistintamente mby'aguachu, py'aguachu.

Avaete: horroroso, nefando. V. esta voz en el "Tesoro" de Montoya. La etimología aparentemente confusa de la palabra se halla analizada en las Notas correspondientes al Cap. VI.

Joramigua eỹ eỹ: numerosas cosas disímiles. Jo rami gua = cosas que se asemejan; joramigua eỹ = cosas disímiles; joramigua eỹ eỹ = numerosas id.

Ne ma'endu'a ke che reé ne ãmy: (y acentuada) = acuérdate de mi en tu corazón, en tu conciencia de ser que se yergue. ã, como verbo, significa: estar erguido, en pié (Comp. con las acepciones que da Montoya). A'ã, re'ã, o'ã = me yergo, te yergues, se yergue, etc. Che ãmy, ne ãmy, etc. = mi calidad de ser erguido, vertical, que me diferencia de los animales. Por considerar de gran valor lingüístico esta radical (V. Cap. XIX) enumero a continuación algunos ejemplos de su empleo, figurando en estas páginas todos sus derivados:

Ne ma'endu'a ke che reé ne ãmy

Acuérdate de mi en tu conciencia, tu corazón, Cap. IV.

Oãmy vy ma

En virtud de haberse erguido, Cap. II.

Ogueno'ã rire

Después de inspirarse en, Cap. II

Reayú reãmy a

Que amas en tu corazón, Cap. XII

Eno'ãmy

Inspirándose en, Cap. XIII

Ndeé re'ã va'e

Tu quien te yergues, Cap. V.

Jaipycho imo'ãmy.

Lo clavamos en posición perpendicular, Cap. XII.

Al referirse a la ciencia, al amor, suele decirse: Che amboja'o eno'ãmy = yo me apodero de, inspirándome en. La traducción que de la voz *no'ã* da Montoya es juntar. Otra voz derivada de ã empleada en la conversación cotidiana es *ãme* = vivir, empleada exclusivamente con referencia al hombre, v.g.: *aãmé* = vivo, etc. ãmy empl. como verbo activo en oraciones como la siguiente: *Mba'e katu reecha reãmy* = que es lo que miras tan absorto?

Cheé aroñemongeta ramo nd'apylére: inspirando yo palabras (divinas) en tu coronilla (corazón). Guero-ñemongeta es *ayyu porã*, v. g., pertenece al vocabulario religioso — aunque a veces se emplea en la conversación diaria también — empleándose comúnmente al referirse a las conversaciones mantenidas entre los dioses y a las palabras por ellos comunicadas a quienes se dedican a los ejercicios espirituales. Como puede colegirse, las palabras enviadas por los dioses penetran en el alma através de la coronilla.

Mbojaity: en el vocabulario común = sacudir; v. g., ambojaity che ovã, che voko: sacudo mi abrigo, mi petaca. En los textos míticos significa conjurar maleficios; v. Cap. IX.

Arakuaá: entendimiento. Ara = universo; kuaá = saber. Arandu (endu, andu = oír, percibir) traduce nuestro concepto de ciencia, pudiendo ésta ser mala; vai, o Luena: porã.

Ikalúpy oi: está entre la gente, está en el lugar que le corresponde. V. voz *icalú que da Montoya*.

Pejopyy: asid, agarrad (Guarani: pejopyhy).

Kurié opa eñ va'erã ma vy: perdurarán eternamente (porque son de origen divino). La traducción literal es, mas o menos: porque no se acabarán en un futuro no remoto. Kuri = en un futuro remoto; kurié: id. no remoto. V. voz *avaete* en el Cap. VI, en el que se explica el empleo de la partícula *e*.

Guero-pochy: entregarse al mal, al dejarse dominar por la cólera.

Guero-ñemboarái: se divierte a expensas de alguien. Ñemboarái, en mbyá-guarani = divertirse de, ensañarse en. En la oración: Tupã Rekoé kuéry a'eve i eñ va'e apyte pytére ogueroñemboarái va'erã, se dice que los hijos de Tupã Ru Ete se divertirán persiguiendo a los seres malignos enemigos de las almas que él enviará a la tierra para encarnarse, obteniendo con ello que exista grandeza de corazón: mby'aguachu, en la tierra.

A'eve i eñ va'e: cosas o seres no buenas, malignas. A'eve i = bueno, excelente.

Petei va eñ: no uno, v. g., numerosos.

Ojavuyka: hace desviar. La palabra *angaipa* — pecado en guarani — no existe en mbyá, empleándose la palabra *jeavy* = desviarse, equivocarse.

Ijapyka pota ra'u: se tuvo la intención de dar asiento, intención que fué frustrada. La voz *ra'u* encierra el concepto de ensueño, intención frustrada; los siguientes ejemplos de su empleo darán una idea de su significado:

Ajapo pota ra'u rei, ndapói ño eteve.	Solamente tenía la intención de hacerlo, pero nunca llegué a hacerlo.
Oó pota ra'u rei, ndóo ragái.	Parecía querer ir, pero nunca fué.
Roecha ra'u porã.	Soñé contigo en forma amena.
Ajeecha ra'u vai kuéri.	Tuvo una pesadilla (en el que me vi en apuros).

Mitã imbojo'akue: además de designarse con esta locución el adulterio, significa también: hijo adulterino.

Los patronímicos sagrados — tery mo'ã a, 'ery mo'ã a: no deben confundirse con los nombres comunes: tery, ery, che rery. Estos los emplean los hombres, aquellos los dioses para llamar a sus hijos. Es tarea

difícil recopilarlos porque ningún Indio puede divulgar el propio; la lista que sigue continúe los que he logrado recoger:

Almas provenientes del Paraíso de:

<i>Ñamandu Ru Ete</i> (masculinos).	<i>Ñamandu Chy Ete</i> (femeninos).
Kuaray Mimby	Jachuka
“ Miri	“ Rataá
“ Endyju	Ara i
“ Jeju	“ Miri
“ Rataá	“ Jera, Ara Poty.
<i>Karai Ru Ete.</i>	<i>Karai Chy Ete.</i>
Karai Rataá, K. Ñe'ery,	Kerechu; K. Rataá, K. Poty,
K. Ñe'engija, K. Tataendy,	K. Yva.
K. Atachí.	
<i>Jakaira Ru Ete.</i>	<i>Jakaira Chy Ete.</i>
Atachí	Tatachí, Yva.
<i>Tupã Ru Ete.</i>	<i>Tupã Chy Ete.</i>
Vera; V. Miri; V. Chunuá;	Para; P. Rete; P. Miri; P. Poty;
Tupã Kuchuvi veve; T. Guyra;	P. Jachuka.

Además de los cuatro Ñe'eng Ru Ete propiamente dichos, envían espíritus a la tierra: Pa-pa Miri, creador de esta tierra (Caps. VII y VIII), con los nombres de Pa-pa i y Pa-pa Ychapy; Pa'i Rete Kuaray, el hombre-dios (Cap. VIII), con el nombre de Pa'i seguido de un calificativo; Karai Ru Ete Miri, héroe divinizado, con el nombre de Karai Miri los hombres y Kerechu Miri las mujeres (Cap. XVI). De los demás héroes divinizados citados en lo Cap. XVI, dicen los mburuvicha que podrían enviar almas a la tierra para encarnarse, pero que no lo hacen pensando en las penurias que ellos tuvieron que afrontar para llegar a la perfección. Creo, sin embargo, que investigaciones más minuciosas demostrarían que al menos Takua Vera Chy Ete, médica agorera citada en el capítulo mencionado (XVI) es considerada como madre de algunas almas.

Pueden encarnarse en una misma familia espíritus provenientes de diferentes paraísos; y en una familia excepcionalmente numerosa puede haber almas provenientes de todos los cuatro paraísos. Los comunes y sagrados de los hijos de Laureano, dirigente de Tapytã, San Juan Nepomuceno, servirán para demostrar este hecho:

Juan Cancio	Pa-pa Ychapy
Cantalicio	Kuaray Jera
Celso	Vera
Olegario	Karai
Lucio	Karai Ychapy
Celestina	Yva Poty
Ignacia	Jachuka Yva.

El nombre sagrado de Laureano no lo sé, y sería una imprudencia imperdonable preguntárselo.

Referente a los nombres comunes, v.g., los no sagrados o secretos, casi todos los Jeguakáva en la actualidad llevan nombres cristianos, algunos acompañados de apellidos, escogidos ambos al azar. Los únicos nombres autóctonos que he oído personalmente son: Unkéra u Oýkéra, Che'iro, Kachirito y Cheritu. Otros nombres comunes de que se tiene memoria son: Arapotyju, Manduchiju, Veni, Mache, Takara'a, Kuarachyju, Kuarachy Ete, Pichi, Mbe'i, Chiku, Tumbyaová, Chirave. También se habla de dos poderosos caciques, Guaira y Paragua, quienes habrían dado sus nombres al departamento (antigua provincia) del Guairá y a Asunción (Paraguay) respectivamente. En Itape, Yuty, Caazapa y San Joaquín consérvanse en los registros parroquiales numerosos apellidos guaraníes empleados en aquellas reducciones. Un examen de casi trescientos de estos apellidos extraídos de dichos registros, sin embargo, demuestra que en su gran mayoría provienen de una rama del guaraní que no es el mbyá; y, si no constituyen prueba de que estas reducciones no fueron pobladas por Mbyá, al menos demuestran que a los neófitos se les impuso apellidos que en su mayoría no pertenecen a este dialecto.

CAPITULO V

El capítulo anterior trata de la encarnación; en éste se transcriben los himnos sagrados referentes a la concepción y muerte — dos joyas de la poesía autóctona — acompañados de las notas lexicológicas, y otros himnos y mensajes, indispensables para la cabal comprensión de su contenido. El himno de la concepción me fué dictado por el Mayor Francisco, de Tava'i; la endecha delos muertos la escuché en Potrero Garcete con motivo de la muerte de un miembro de la tribu allá radicada. Me ayudó a consignarlo al papel el Cacique Pablo Vera, de Yro'ysá, Potrero Blanco.

Yvyra'ikāgā ñemboapyka i va'e:
Ndeé, chy ramo re'i va'e, ndeé, tuú
ramo re'ā va'e:
kova'e py'aguachu porā
pereco i āguā.
A'e ramo aé aguyjevéte va'erā.

Huesos de quien portará la vara-insignia a los que se da asiento (ser humano que es engendrado): Tú que le sirves en calidad de madre; tú quien te yergues en calidad de padre; ésto acontece para que obtengáis hermosa grandeza de corazón. Únicamente así se llega a la perfección.

Este himno sagrado, recibido de los dioses — Ñe'eng Ru Ete — para celebrarse el haber sido engendrado un ser humano, es entonado por el dirigente espiritual de la tribu, hombre o mujer; oñembo'e porā i va'e, al constatarse la gravidez de una mujer casada.

Cuando muere una persona se entona la siguiente endecha (entre numerosas otras) en el que se refiere un dirigente al mensaje del Padre de los Dioses (Ñamandu) a los Ñe'eng Ru referentes a los deberes de éstos para con los esqueletos de los muertos:

Guírami ijayvu Ñande Ru Tenonde gua'y ñe'eng ru ete kuéry pe:

-Ñe'eng mbyte ojeayupi ma vy,
oó jevy ma vy imboú are ambare,
yvyra'ikāgā jeayukue ame rami jepe,
ñembopyta rei kue ame rami jepe,
rerojepovera mbegue katu va'erā,

En esta manera habló nuestro Primer Padre a los verdaderos padres de las almas de sus hijos:

-En virtud de haberse elevado el germen de la palabra (al cielo), y haber retornado a la morada de quien la enviara, los huesos de quien portara la vara-insignia, aparentemente despreciados, y no

mba'e rei eý ma vy ndeé, ára kañy
meve.

obstante hallarse aparentemente abandonados, los iluminarás mansamente con la luz benéfica de tus relámpagos sin trueno — en virtud de tu divinidad lo harás — hasta que se hunda el espacio.

Comentando estos versos con Tomás de Yvytuko, me narró el mito de Takua Vera Chy Ete (Transcripto en el Cap. XVI) y recitó las siguientes estrofas:

Ara kañy rire, ára pyaú
ramove
cheé, yvyra'ikāgā amoñe'ery
jevy va'erā,

Después de hundirse el espacio y amanezca (surja) una nueva era yo he de hacer que circule la palabra nuevamente por los huesos de quienes portaran la vara-insignia,

amoprō jevy va'erā ñe'eng,

y haré que vuelvan a encarnarse las almas,

e'i Nande Ru Tenonde.

dijo nuestro primer Padre.

A'e ramo katu, yvyo amboae
kuéry tupā ramo oó va'erā;
ekovia, jeguakáva tenonde yvy
rupa jave i re opu'ā va'erā.

Cuando ésto acontezca, los extranjeros se convertirán en Tupá; y en su lugar los Jeguakáva se eruirán en la morada terrenal en toda su extensión.

NOTAS

Yvyra'ikāgā: palabra sagrada empleada por los dioses para designar el cuerpo humano, el esqueleto masculino. *Yvyra'i* es la vara-insignia, emblema del poder; *kāgā* = huesos (*kā*, *kang*), siendo el concepto que encierra: huesos de quien porta la vara-insignia. El diminutivo masculino es: *yvyra'ikāgā mitā i*. Femenino:

Takuaryva'ikāgā: cuerpo o huesos de mujer. *Takua*, *takuapu* = trozo de bambú utilizado por la mujer para acompañar la danza ritual; *yva* (y *yva* = dirigente (esta voz se conserva en la vernácula en: *ñembo'e'yva* = él o la que dirige las plegarias); v. g.: huesos de la que dirige las danzas y el canto con el *takua*. El diminutivo femenino es: *takuaryva'ikāgā mitā i*.

Jeayukue: despreciado, aquel que fué amado (je ayú, je hayhu) y ya no lo es más.

Jeayupi: elevarse (al cielo). Posiblemente corresponda a: *ye aupi*, que da Montoya con el significado de: levantar la cabeza.

Ame rami: el concepto que encierra esta frase adverbial es: aparentemente. La única voz que da Montoya que posiblemente le equivalga, es: *ami* = tener la costumbre de, soler, suelo, solía, voz ésta que se conserva en el guaraní contemporáneo, especialmente en el Guairá; v. g.: *aha ami*, *aha vami* (va *ami*) = suelo ir, solía ir. La sílaba *a* de *ami* es brevísima y,

en los casos en que sigue a una palabra que termina en esta vocal, es apenas perceptible, tanto en mbyá-guaraní como en la vernácula. Los siguientes ejemplos darán una idea del valor de esta frase:

Oký oiny poteri; nda jaguatái ete
i pota (a)me rami.
Che ke jopy aguara (a)me rami.

Esta lloviendo aún; parece imposible que vayamos.
Me pareció, en mi sueño, que un jaguar me atacaba.

Agujje: perfección, madurez, plenitud del desarrollo. (V. Montoya).

Ñembopyta: equivale al guaraní *ñemombyta* = hacer que se quede, abandonar, voz en la que, sin motivo aparente, la *p* se ha trocado en *mb*.

Guerojepovera: iluminar. Comp. de los prefijos verbales *guero*, *je*; *po* = lo contenido en; *vera* = relámpago sin trueno (y patronímico sagrado); es considerado como una manifestación visible o símbolo de la bondad y mansedumbre de los dioses, siendo por consiguiente el verdadero concepto que encierra el de: iluminar mansamente con la luz benéfica de los relámpagos sin trueno.

Ara kañy: el hundimiento o desaparición del espacio o universo; fin del mundo.

Los últimos versos recitados por Tomás, referentes a la resurrección de los huesos de los que portaran la vara-insignia, los consideré en un tiempo apócrifos, es decir, que no fueran de origen genuinamente autóctono, por la similitud de su contenido con la doctrina cristiana de la resurrección del cuerpo en el día de juicio. (También, constituirían un argumento en favor de la tesis de la reencarnación, dogma entre los Apokúva, pero de cuya existencia no he hallado pruebas en los textos "esotéricos" mbyá-guaraníes). Un día, sin embargo, al permitírsem entrar en el OPY la casa destinada a las ceremonias religiosas, de Tomás, me encontré ante un recipiente de madera de cedro labrada que contenía el esqueleto de un niño. Eran, me informó Tomás, los huesos de una nietecita suya fallecida hacia años:

Takuaryva'ikāgā mitā i.

Che remiārirō, che rajy poriaú
i, che mbaraete reko rā re
añea'ā āguā añeongatu va'e.

Son huesos de una niña que portaba el bambú en la danza ritual. Mi nieta, mi humilde hijita, que conservo con objeto de hacer esfuerzos en pos de mi fortaleza.

Y me informó que esta costumbre de conservar los esqueletos de los muertos forma parte del culto de la raza, pero que paulatinamente va cayendo en desuso, habiendo ya pocos que la observan. También en aquella ocasión llegué a informarme que a los esqueletos de sus muertos los designan con los nombres de: *yvyra'ikāgā* y *takuaryva'ikāgā*, utilizando estos nombres los dioses al referir-se al cuerpo humano en los mensajes divinos que inspiran a los dirigentes.

El cadáver, según pude constatar, es enterrado generalmente en un cesto de *takupi* (cañas), llamado *kuarapemby*, hasta la total putrefacción de las carnes; luego es exhumado, lavados cuidadosamente los huesos, y guardados en un recipiente de cedro labrado, especialmente fabricado para el efecto. Este "ataud", en caso de cambio de residencia, es llevado a la nueva población y guardado en el OPY, que constituye la parte más importante de una población mbyá "ortodoxa".

Tomás me informó además que los dioses le habían ordenado, durante una ceremonia fúnebre realizada con motivo de la muerte de su nietecita, que "no tirara los huesos", y que cumplía esta orden en la esperanza de que algún día resucitara o reencarnara su nietecita. En prueba de que los huesos así tratados vuelven a la vida, citó el caso de Takua Vera Chy Ete, dirigente divinizada (v. Cap. XVI), quien había alcanzado el estado de *aguyje* entonando himnos sagrados en honor de un hijo muerto y cuyos huesos conservaba en la manera indicada, ascendiendo ambos al Paraíso. Me dijo también que él, Tomás, cumpliendo los ritos en homenaje de su nietecita, había recibido un mensaje de los dioses prometiéndole la gracia divina si se mudaba al departamento de Yhú llevando, como es de suponer, los huesos de su nieta. La mudanza, sin embargo, no la pudo realizar debido a la incredulidad de su mujer, quien se negaba a acompañarlo.

He podido corroborar los informes de Tomás, y hasta se me ha asegurado que en la antigüedad ningún muerto era tirado: *oñemombo rive* = tirado sin motivo, es decir, sepultado definitivamente por segunda vez antes de haber sido conservados sus huesos, objeto de los cantos y plegarias de sus deudos y haber recibido un mensaje de los dioses comunicando que no resucitarían o volverían a encarnarse en ellos el alma antes de hundirse el mundo. Si cito esta costumbre es, no solo porque confirma el origen genuinamente autóctono de los versos sagrados de *Yvyra'ikägä* — genuinidad que, desde luego, sería difícil objetar en vista del lenguaje en que son concebidos, a pesar de la similitud de su contenido con la doctrina cristiana de la resurrección del cuerpo, sino por su valor para el etnólogo. Según los cronistas de la Conquista, los Guaraní creían en la resurrección de los esqueletos y les rendían culto; y el historiador guaireño Ramón I. Cardozo trae a colación lo dicho por Montoya y Lozano como prueba de la creencia en la reencarnación e inmortalidad del alma (en: "La Provincia del Guairá y la Villa Rica del Espíritu Santo").

Como típica de las endechas fúnebres de los *Jeguakáva*, transcribo in extenso la de Patricio Benitez, dirigente de Bordas, Chararã o Kilómetro 37,5, ramal Villarrica-Ava'í. La primera parte es dedicada al muerto; en la segunda Patricio invoca a su dios tutelar, expresando la esperanza de que sus huesos no se conviertan en tierra:

Néi, aiópke, Che Ru Tenonde,
ereñemongeta ke, kurié, mby'a-gua-
chu ijapy katu eý va'e.

Va Va'e ñemboja'o gui, che
py'aguachu che vy ma, aipo
aronemombe'u ndevy, Ñamandu
Ru Ete ¡miña! ne remimomba'agua-
chu rupa.

Aipo va re ndeé, tuú tenonde gua
ma vy, eremoñemongeta nde ra'y
ru ete pavengatu; ndeé, tuú tenon-
de gua re amy ma vy, ñe'ã py'a-
guachu rã ereuka ño ne; ndeé, tuú
tenonde gua vy aé ma, roayvu
va'erã nde ra'y py'aguachu; ro-
ayvu va'erã mby'aguachu reko rã.

Eschúchame, oh mi Primer Padre!
Haz que nos hable, en plazo no le-
jano, excelsa grandeza de corazón
sin límites.

Deseando participar de ella y ob-
tener grandeza de corazón, héme
aquí confesándome a ti, ¡oh Ña-
mandu Ru Ete! referente a aquello
que contiene a aquel a quien tu
enalteces (el lecho del muerto).
Por esto tú, quien eres su primer
padre (del muerto) habla referen-
te a ello con los excelsos verdade-
ros padres de la totalidad de tus
hijos; habiéndote tu erguido en ca-
lidad de su primer padre, inspira-
rás en abundancia oraciones para
la obtención de la divina grande-

Ombopopygua ne ko yvy rovakére,
ombotarováne gua'y Jakaira Rekoé,
Jakaira Py'aguachu meme meme.

Kova'e ete gui ta che py'aguachu
che retará ñembopyta mbovy mbo-
vy i pe. A'e va gui, tatapy mbovy
i re, che retará mem mbovy i re,
a'e va re ko yvy re Kará mbaraete
yma yma i tombopoaka ke o popy-
gyua tataendy tatachina.

Mba'ekuaá re meme ke, tatapy
mbovy i ko yvy rupa jave re, che
retará ñembopyta mbovy mbovy
i re; che rembiecha eý jave jave
rupi; jeguakáva ñembopyta mbovy
i re; a'e javi katúre embopoaka
tataendy tatachina; eromba'eapo
jejekuaá jerovia porangue i a'e ja-
vipe, a'e javi katu.

Néi, Kará Ru Ete Mirí, nde yva
pyte jepoveráre, mamongatu re'ã
ramo jepe, aipo jevy ma ajae'o i;
a'e ramo ma, ñemingatu i eý jevy
ma a jae'o.

Teko achy remi-moma'endu'a rã
raga eý va'ete gui jepe, aipo
añe'ã reí katu eý ndaje.

Kova'e re ke, emomle'u ño ete ke
mba'e mba'e gui pa, mba'e-jekuaá

za de corazón; en virtud de ser
tu, en verdad su primer padre, dis-
currirás con tu hijos de corazón
grande; discurrirás con ellos acer-
ca de las normas a seguirse para
la grandeza de corazón.

Ellos (los Ñe'eng Ru) le proveerán
(al muerto) de vara-insignia allen-
de esta tierra; y harán cantar en
voz alta a sus hijos los Jakaira Re-
koé y los Jakaira Py'aguachu (pa-
ra celebrar el retorno del alma).
En virtud de esto (estas plegarias)
adquiera yo grandeza de corazón
eficaz para servir a mis contados
compueblanos obligados a perman-
ecer (en la tierra). En virtud de
ello, alrededor de los pocos fogones,
en medio de mis pocos compueblanos;
en virtud de ello, en esta tierra
demuestren los numerosos Kará
poderosos originarios el poder de
las llamas y la neblina de sus varas
insignias.

Mediante la sabiduría, en los pocos
fogones situados en toda la exten-
sión de esta morada terrenal, a
mis pocos compueblanos obligados
a permanecer en ella; aún a la
totalidad de aquellos a quienes no
veo; a aquellos que llevan la in-
signia de la masculinidad y están
obligados a permanecer en la tie-
rra; a ellos, en su totalidad, de-
muestra el poder de las llamas y
la neblina; a todos los que tienen
fé demuestra su poder para obrar
benéficamente, a todos, sin exce-
pción.

II

Bien, Kará Ru Ete Mirí, aunque
tu, excelso, en tu pequeño paraíso
iluminado inasequible te yergues,
héme aquí nuevamente clamando;
héme aquí, pues, clamando públi-
camente (en forma no disimula-
da).

Aunque lo que añoro son cosas que
no debieran añorar los seres im-
perfectos, héme aquí esforzándome
en pos de ellas.

En respuesta a mis plegarias, dí-
me, suplico, en qué forma, en vir-

gui ete gua araka'e nde py'aguachu kurié reikuaá ete ave araka'e.

Kova'e aikuaá che vy ma, je, aipo añemokane'õ aamy jevy jevy.

A'e va re ma, nde rakykue porã aikuaá che vy ma, aipo aporandu py'aguachüre, aamy, che Ru Karaí Ru Ete Mirí.

Yvára ñembopyta rei rã ete, vyvra'ikãgã jeyú kue'y rami ri, che vyvra'ikãgã ndarojekuaá chéi.

Yvy ramo ño ri che vyvra'ikãgã jeyú ndaipotáí opyta; vyvra'ikãgã jeyukue rami ño ri, ndaipotáí.

Ñamandu Ru Ete Tenonde gua! Kova'e gui ndeé, tuú tenonde gua jevy ma vy aé ereroñemongeta jevy va'erã.

Guírami (kórami): en esta manera.

Ñe'eng mbyte ojeayupi: la médula de la palabra se eleva (al cielo). Como ya se ha dicho, posiblemente esta palabra sea la equivalente de la locución que da Montoya: o ye a upi = levanta la cabeza. Pero personalmente creo que se trata del nexo entre *ayvukue* = porción divina del alma en apapokúva-guarani, y *ñe'eng* = la palabra-alma de los Mbyá. La hallamos también en estos versos en: *jeayukue* = despreciado; y posiblemente sea la radical de: *hayhu, ayú* = amar. Compárese l.c. de Nimuendajú, traducción de Recalde, p. 16, y la palabra *ñemboayvu* en las notas que siguen al Cap. siguiente.

Yvyppo amboae: habitantes distintos de la tierra, los no Mbyá.

Miña: interjección que incita a la ternura.

Mba'eguachu: la cosa grande, nombre religioso, del cadáver humano. *Mba'eguachu rupa*: lecho en que yace el muerto.

A'e javi, a'e jave kue i: en su totalidad, sin excepción.

Re'ã: te yergues, consciente. V. Cap. IV, Notas.

tud de qué conocimientos obtuvis- te en aquella época remota gran- deza de corazón en tan breve pla- zo.

Pues es mi deseo de saber estas cosas el que me impulsa a cansar- me irguiéndome repetidas veces (en la danza ritual).

Es por el deseo de encontrar tus hermosas huellas (que conducen a la perfección) que en esta forma me hallo averiguando absorto acer- ca de la grandeza de corazón, mi Padre Karaí Ru Ete Mirí.

No quiero que a semejanza del alma que será abandonada, a seme- janza de los huesos que serán des- preciados, sean considerados mis huesos.

Deseo vehementemente que mis huesos amados (por los dioses) no se conviertan en tierra; a semejan- za de huesos de quien portara la vara que nunca fueran amados, en ninguna manera quiero que se con- viertan (en tierra).

¡Ñamandu Ru Ete, el Primero!
Eres tu quien hablarás referente a estas cosas (con Karaí Ru Ete Mi- rí) por ser tu indiscutiblemente su primer padre.

Jae'o: clamar, entonar los himnos en voz alta. *Chapukai*: id., más alto.

Raga: fonema adverbial inexistente en nuestro guarani y que tampoco da Montoya; equivale más o menos a nuestro nipo.

Aipo a ñea'ã rei katu eỹ, ndaje: pues héme, en verdad, aquí esforzán- dome (rezando y danzando) no ociosamente. *Ndaje* en mbyá-guarani equi- vale al *emoña* de Montoya, siendo sinónimos ambas voces.

Che Ru, Karaí Ru Ete Mirí: coligese del contexto que Patricio, de quien esta endecha es el himno "particular", es encarnación de un espíritu en- viado por este héroe divinizado (V. Cap. IV y XVI).

CAPITULO VI

Yvy Ru'ũ

Yvy Tenonde gua kuéry
oupity pe ma o marā e'ỹ rā.

Oñembo'e porā i va'ekue, i
jarakuaá va'ekue ijaguyje porā,
oó ma o amba rā re.

A'e kuéry voi ombojera o yvy ju
rupa rā Tupā Miri ambápy.

Ijarakuaá e'ỹ va'ekue, arandu vai
ogueno'ā va'ekue, ñande arygua
kuérype ojeavy va'ekue oó vai,
ijaguyje amboaé.

Oime oó va'e guyra ramo, ju'i ramo,
ene ramo; guachu ramo omondo
Ñande Ru kuña omonda va'e: Ñan-
de Ru porā kuéry ñande reko rā
oeja va'ekue rupi vy aé ma jaiko
porā i va'erā.

Karai Jeupié ojeavy Ñande Ru Te-
nonde kuérype: omenda o jaiche
i re.

Oú pota ma'yy; Karai Jeupié
oñemboayvu, oporaéi, ojeroky;
oú ma'yy, aguyje oupity e'ỹ re
Karai Jeupié.

Oyta Karai Jeupié, kuña reve oyta;
'yy py ojeroky, oñemboayvu, opo-
raéi. Oñemomburu: mokõi jachy
aguépy imbaraete.

El Diluvio.

Los habitantes de la Primera Tie-
rra ya han alcanzado todos el es-
tado de indestructibilidad.

Los que rezaron en buena forma,
los que poseyeron entendimiento,
han alcanzado la perfección, se di-
rigen hacia su futura morada.

Ellos mismos crean sus moradas
de tierra eterna en la morada de
los dioses menores.

Los que carecieron de entendimien-
to, los que se inspiraron en la ma-
la ciencia, los que trasgredieron
contra los situados encima de no-
sotros, se fueron en mala forma,
sufrieron la metempsicosis.

Hay quiénes se convirtieron en
pájaros, en ranas, en escarabajos;
en venado convirtió Nuestro Pa-
dre a la mujer que había hurtado:
únicamente viviendo de acuerdo a
los preceptos dejados por nuestros
buenos padres hemos de prospe-
rar.

El Señor Incestuoso trasgredió
contra nuestros Primeros Padres:
se casó con su tía paterna.

Estaban por venir las aguas; el
Señor Incestuoso oró, cantó, danzó;
ya vinieron las aguas, sin que el
Señor Incestuoso hubiera alcanza-
do la perfección.

Nadó el Señor Incestuoso, con la
mujer nadó; en el agua danzaron,
oraron y cantaron. Se inspiraron
de fervor religioso; al cabo de dos
meses adquirieron fortaleza.

Ijaguyje; ombojera pindoju ogue mokōi i va'e; akāmy opytu'u oó āguā o ambāre, ikandire āguā.

Karai Jeupié, Karai Joajué, a'e voi ombojera o yvy ju rupa rā i Tupā Miri ambāre. Oó Karai Jeupié ñande Ru Karai Tapari ramo; Tupā Miri Ru ete ramo oó.

Obtuvieron la perfección; crearon una palmera milagrosa con dos hojas; en sus ramas descansaron para luego dirigirse a su futura morada, para convertirse en inmortales. El Señor Incestuoso, el señor de la unión nefanda, él mismo creó para su futura morada de tierra indestructible en el paraíso de los dioses menores. Se convirtió el Señor Incestuoso en nuestro Padre Tapari; se convirtió en el verdadero padre de los dioses menores.

NOTAS

Oupity pa ma o marā eñ rā: alcanzaron el estado en que ya no pueden sufrir daño. Aplicase tanto a quienes alcanzaron la perfección: aguyje, como aquellos que fueron metamorfoseados en seres inferiores o sufrieron la metempsicosis: aguyje amboáe, en castigo de sus trasgresiones. Los habitantes de Yvy Tenonde no morían: aquellos que vivían de acuerdo a las leyes, venciendo las tentaciones a que eran expuestos se purificaban, sus cuerpos perdían su peso y ascendían a los paraísos sin sufrir la prueba de la muerte, acompañados de mujeres, hijos, animales domésticos y sementeras, todo purificado y en estado de *aguyje*. Aquellos que sucumbían a las tentaciones sufrían la metempsicosis: *aguyje amboáe* (V. Cap. XVI). Todos estos seres pueblan los Paraísos; y al ser creada la tierra que habitamos, Yvy Pyaú, imágenes de todos ellos fueron enviadas para poblarla; v.g., los habitantes de esta tierra son imágenes: *ta'anga* de pobladores de los paraísos que sufrieron la metempsicosis o metamorfosis en seres inferiores por sus pecados.

Ijarakuá: posee entendimiento; es obediente.

Ju: milagroso, indestructible; v. Cap. III.

Ñande áry gua kuérype ojeavy: trasgredieron contra los situados encima de nosotros. Como se ha dicho, la voz *angaipa* = pecado, no se emplea en mbyá-guarani.

Aguyje amboáe: madurez o plenitud del desarrollo distinta a la normal, v.g., metempsicosis.

Karai Jeupié, K. Joajué: el señor incestuoso, el señor de la unión nefanda. Je upi = subir, tiene el mismo significado que en nuestro guarani, pero se emplea también con el significado de: subir para la realización del acto carnal (lícito). Jeupié, sin pauso o hiato entre las últimas vocales, significa: subir para la realización del acto carnal ilícito o vedado, v.g., incesto. Joaju, como en nuestro guarani, significa: unirse; también, como en nuestro guarani: unirse para el acto carnal. *Joajué* significa unirse ilícitamente, en forma prohibida. El sufijo *e*, como se ve, equivale a nuestro prefijo *in*, en inhumano; *des*, en-desnaturalizar, etc. Ocurre también en *kurié* = en breve (*kuri* = dentro de mucho tiempo. *Mburué*, voz recogida por el Dr. Gustavo Gonzalez entre los Tapiete del Parapiti (en un trabajo aún inédito), nombre que estos indios aplican al paludismo, es otro excelente ejemplo del empleo de este sufijo: *mburu* es el fervor religioso

adquirido mediante los ejercicios espirituales; *mburué* sería la perversión o desnaturalización de este fervor, v.g., el delirio producido por las fiebres palúdicas. Glosando la clásica obra de Nimuendajú, obra de la que es traductor, se refiere el Dr. J. F. Recalde a un tupinólogo de fama, según el cual el gran Montoya habría recogido una versión confusa al dar a la voz *avaete* el significado de horroroso, nefando, en su "Tesoro de la Lengua Guarani". *Avaete*, con la acepción que le da Montoya, es de empleo cotidiano entre los Mbyá, y ni pertenece al vocabulario religioso, sino al común. (También tiene el mismo significado entre los Ava Chiripa, según he podido constatar últimamente). Y el sufijo *e* que ocurre en las voces *jupié*, *joajué* (y, entre los Tapiete, en *mburué*) explica su etimología aparentemente confusa: v.g., la desnaturalización *e*; total *ete*; del hombre o masculinidad *ava*; o, como bien dice Montoya, horroroso, nefando.

Oñemomburu: dedicarse a la obtención de fervor religioso mediante la oración, la danza, el canto. Dicese también: *imburu*. Varios ejemplos de su empleo los hallará el lector en el Cap. XVI. Es casi seguro que en esta voz *mburu* haya que buscarse la etimología de *mburuvicha* = jefe, dirigente, que vendría a significar: el que adquirió fervor religioso en abundancia.

Poraéi, mboraei: himno, entonar los himnos sagrados.

Oñemboayvu: entona plegarias, reza. El significado de esta palabra, como de otras derivadas de *ayvu* = lenguaje humano, como la voz *jeayupi* = elevarse al cielo (Cap. V) presta visos de probabilidad a la hipótesis de que sea corrupción o se derive de *ang vu* (*ã* = estar erguido; *vu* = surgir, brotar); en cuyo caso rezar: *o-ñe-mbo-ayvu*; habla = *ch'ayvu*; discurrir: *guero-ayvu*, encerrarían el concepto de: el brotar, el surgir del ser, el surgir de la conciencia del ser-erguido (humano). Comp. con las observaciones de Nimuendajú, I. c., p. 16.

Oñemokandire: con esta locución describen el tránsito de la inmortalidad sin sufrir la prueba de la muerte, es decir, la ascensión al cielo después de purificar el cuerpo mediante los ejercicios espirituales. Es empl. también en: *araguyje ñemokandire* = el resurgimiento o resurrección del tiempo-espacio, Primavera. Es apócope de: *kã* = huesos; *ndikuéri* = se mantienen frescos (V. esta voz en el *Tesoro* de Montoya). El nombre implica que los que alcanzan este estado ascienden a los cielos sin que la armazón ósea del cuerpo se descomponga. El empleo de la palabra se halla ilustrada en el Cap. XVI. Es empleada con el mismo significado entre los Ava Guarani del Yvy Pyte (Samaniego, 1. c.). Es sugestivo que a una nación no-guarani se haya designado en la época de la Conquista con este nombre *Kandire*. ¿Se los habrá considerado como inmortales por poseer una cultura superior? El trabajo de Carlos Abregú Virreira: "Tres Mitos Indígenas", B.A. 1950, y el mío: "El Urutá en la Prehistoria Guarani", Villarrica, 1950, parecieran demostrar que tal podría ser el caso.

Tapari: título que algunos (los más avezados) dan al señor incestuoso después de su ascensión al Paraíso. Como apellido de origen guarani existía hasta hace poco en Yuty, Caazapa y San Joaquín. En el Guairá empl. aún en "so'o tapari", término despectivo aplicado a la carne de animales muy flacos, frase cuyo origen no he logrado descifrar.

Tupā Miri: los dioses menores, los habitantes de Yvy Tenonde que ascendieron a los paraísos en forma humana; como también los héroes divinizados. V. Cap. XVI.

CAPITULO VII

Yvy Pyaú

La Nueva Tierra

La conversación trascripta a continuación tuvo lugar entre Ñamandu Ru Ete y los Ñe'eng Ru Ete referente a la creación de una nueva tierra para reemplazar a Yvy Tenonde — la Primera Tierra — que acaba de ser destruída por el Diluvio.

Ñamandu Ru Ete:

Néi, ereóta, che ra'y i,
Karai Ru Ete py ere, a'e pa je
oñoño ete va'erã o yvy rupa rã i.

Karai Ru Ete (al mensajero):
Cheé nañonói ete va'erã iare i va'e-
rã eỹ. Cheé, yvy aropochy ne. A'e
va re: "a'e noñoño reeguái o yvy
rupa rã i", ere chupe.

Bien, irás, mi hijo, y a Karai Ru Ete dile (pregúntale) si él es dispuesto a crear para su pequeña morada terrenal.

Yo en ninguna manera estoy dispuesto a crear algo predestinado a no perdurar; yo descargaría mi cólera sobre la tierra. Por consiguiente: "El no tiene intención de crear para su morada terrenal", dile.

Karai Ru Ete, dicen los mburuvicha, sabe que los hombres que poblarán la tierra, imágenes de los habitantes de Yvy Tenonde que ahora pueblan los paraísos, volverán como ellos a caer en el pecado, obligándole a él a "descargar su ira" sobre ella y destruirla como fué destruída Yvy Tenonde; por éso la considera predestinada a una existencia efímera.

Ñamandu Ru Ete:

Néi, a'e ramo, tereó Jakaira Ru Ete py ere: a'e pa je o yvy rupa rã noñonói ete va'erã.

Jakaira Ru Ete:

Cheé a ñono pota ma che yvy rupa rã i. Che yvy o'äyvō ma ñande ra'y apyre pyre ve i kue; a'e ramo jepe, aroatchina va'erã; tata-

Bien, siendo así, ve ante Jakaira Ru Ete y dile: si él está dispuesto a crear para su morada terrenal.

Yo ya estoy dispuesto a crear para mi futura morada terrenal. Mi tierra contiene ya presagios de infortunios para nuestros hijos hasta la

endy tatachina ambojaity i pota mba'ete i oiny va'erã tape rupa reko achy re.

Cheé, petý, tatachinakãgã arojera i va'erã, ñande ra'y ry pe jekupe rã. Cheé, ka'aguy pa'ũ arojepovera mbegue katu va'erã a'e javi kue i.

Esta tierra, dicen los mburuvicha, es lugar de pruebas para la humanidad: tape rupa reko achy = sendas de la imperfección terrenal, caminos de las imperfecciones; es por éso que dice Jakaira que "contiene presagios de infortunios para nuestros hijos hasta la postrer generación". No obstante, él creará la pipa y el tabaco para que con el humo puedan defenderse contra las enfermedades, los duendes malévolos, etc. Los últimos versos, relacionados con la iluminación de los valles, tienen su origen en el hecho de elegir los Mbyá lugares abrigados situados entre los llamados montes altos para la ubicación de sus viviendas, las que no construyen en las alturas.

La versión trascrita me fué dictada por Cantalicio, de Yvy Pytã, siendo aprobada tanto por Tomás, en cuyo *tapyi* la consigné al papel, como por su yerno Cirilo. De acuerdo a la mayoría de los relatos que he escuchado acerca de la creación de Yvy Pyaú, sin embargo, no fué Jakaira Ru Ete personalmente quien creó la tierra en que vivimos. Hay quienes afirman que fué un hijo de él, Ychapy i; otros, que fué Ñande Ru Pa-pa Miri, acerca de cuya paternidad existe discrepancia, afirmando unos que es hijo de Ñamandu, otros que es hijo de Jakaira. La mayoría, sin embargo, afirman que Ychapy i es sinónimo de Pa-pa Miri, siendo éste el nombre que empleo al referirme a él. A fin de que Yvy Pyaú no fuera destruida por las aguas como lo fué Yvy Tenonde, Pa-pa Miri le colocó cimientos de piedra: ita py omboupa, habiendo sido de papel los cimientos de la primera tierra, los que se desintegraron por efectos del Diluvio. Agregan que, si los dioses llegan a decretar la destrucción de esta tierra, será consumida por el fuego de Karaí Ru Ete, dueño del ruido de crepitar de llamas. Pa-pa Miri pobló la tierra con imágenes — ta'anga — de los seres que habían poblado Yvy Tenonde y cuyas almas poblaban los paraísos. También creó otros, entre los que figuran el *tatu ai* = armadillo colorado, y el *yvyja* = anfishena:

postrer generación: ello no obstante, esparciré sobre ella mi neblina vivificante; las llamas sagradas, la neblina he de esparcir sobre todos los seres verdaderos que circularán por los caminos de la imperfección.

Yo crearé el tabaco y la pipa para que nuestros hijos puedan defenderse. Yo, la totalidad de los valles situados entre las selvas las iluminaré mansamente con mis relámpagos sin trueno.

Yvy Pyaú jarýi rã tatu ai ombojera. Yvy pyaú ja oēja va'ekue, evo'i guachu.

Pa-pa Miri también pobló la tierra de hombres: Ñande Ru Pa-pa Miri yvy kova'e oñono. O yvy rupa oguero-jeguaka vyapu. O yvy jeguaka vyapu mbovyvy are i, jachuka vyapu.

Yvy kova'e oguero-jeguaka vyapu pa eý re, omboachy i chy, o ambáre ma oenói jevy. O yvy rupa oguero-jeguaka vyapu pa eý re, o yvy rupa oipopichy pa eý re oé jevy Ñande Ru o ambáre.

Estos dos párrafos me fueron dictados por el Cacique Pablo Vera como complementos de los primeros versos; y como prueba de la veracidad del relato, señaló los cerros y cordilleras, carentes de toda utilidad, dijo, en que se convirtieron los montones de tierra y piedras que yacían por doquier por el mundo en creación, y abandonado prematuramente por su Hacedor. Y agregó que la madre del dios imitó la futura conducta de nuestras madres, sentando precedentes para la futura conducta de los hombres; pues las mujeres, dijo, a menudo malogran las obras de sus hijos por exceso de amor materno y el afán egoísta de tenerlos constantemente a su lado.

Consignado este relato al papel, lo leí a un grupo compuesto del Cacique Pablo Vera, de Yro'ysã, Potrero Blanco; Patricio Benitez, de Bordas, Chararã; Laureano Escobar, de Tava'i; e Inocencio Martinez, de Jaguakua i, Juty, preguntándoles si no había nada que agregarle. Este propuso al grupo narrar "la manera en que originariamente hubo fuego = tata oiko ypy i ague"; y se me dictó el siguiente relato — la versión mbyá-guarani del mito del robo del fuego — que, efectivamente, corresponde al mito de Yvy Pyaú o la Nueva Tierra:

Ñande Ru Tenonde yvy oñemboái ma; oiko ma yvy pyaú. "Ñei, che

Para abuela de la nueva tierra creó el tatu ai. La que dejó para dueña de la nueva tierra es la anfishena.

Para abuela de la nueva tierra creó

el tatu ai. La que dejó para dueña de la nueva tierra es la anfishena. Nuestro padre Pa-pa Miri creó esta tierra. Hizo que se entonase en su tierra el canto sagrado del hombre. El acompañamiento del canto sagrado del hombre en la morada terrenal fué el canto sagrado de la mujer.

Antes de haber hecho escuchar el canto sagrado del hombre en toda la extensión de esta tierra, le echó de menos su madre y le volvió a llamar a su morada. Antes de haber llenado el ámbito de su morada terrenal con el canto sagrado del hombre, antes de haber alisado su morada terrenal en toda su extensión, volvió nuestro Padre a su morada.

La tierra de nuestro primer Padre ya se ha deshecho; ha surgido ya

ra'y, tereó vvy py, ndeé che ra'y Pa-pa Mirí. Ndeé ne arandúgui reikuaá ne jeguakáva porā rā i. Jeguakáva reikuaá ma vvy, reraáta che ñe'ē erojapo vvy py. A'e va'e gui aé reikuaá va'erā vvy py reja-po va'erā", e'i Nānde Ru Tenonde.

O vvy ituí i ma ramo, a'e va'e oñono i ma inōgỹ ma vvy, oikuaá i araka'e guembiapo rā, marā rami pa jeguakáva porā, yvypo amboaé i py oikuaá-uka va'erā imbojekuaá.

Oguejy ma vvy vvy py, oikuaá ppy i ri va'e, tata rā i.

-Tata rā i gui rāgē che rembiapo rā i aikuaá pota", e'i. A'e va re, che rembijokuaí, che ra'ykururu i, añemomano pota, che reé opu'ā va'e-kue ojapo āguā embikuaá.

A'e kuéry aé oguereko tata vvy py; teko achy py guārā i opyta va'erā a'e va'e gui, ñānde ra'y i vvy py opyta va'erā pe oikuaá āguā.

Cheé añemomano i pota, che reé opu'ā va'e kuéry rata gui vvy aé oiko āguā ñānde ra'y py. Néi, che ra'y kururu i, e arō i ke; añembojaity ma vvy amboaviju va'erā; a'e va'e ke, che ra'y i, emokō iño.

la nueva tierra. "Bien, mi hijo, ve a la tierra, tu mi hijo Pa-pa Mirí. Tu de tu propia sabiduría sabrás (conocerás, concebirás) a los que llevarán la hermosa insignia de la masculinidad. En cuanto conozcas el adorno de plumas llevarás mi palabra y la harás obrar en la tierra. Solamente en virtud de ella sabrás qué hacer en la tierra", dijo nuestro Primer Padre.

Extendiéndose ya (ante la vista) su tierra, habiéndola él creado y puesto en su debido lugar, concibió él la labor a que debiera dedicarse; qué es lo que debía enseñar a quienes llevan el adorno de plumas y demás habitantes distintos de la tierra, divulgándoselos para que lo supiesen.

Habiendo descendido a la tierra, lo primero que supo (en que pensó) fue la provisión de fuego.

-El primer trabajo que sabré es la provisión de fuego, dijo. Por consiguiente, mi mensajero, mi hijo sapo, yo fingiré estar muerto, a fin de que los que se levantan contra mi practiquen en mi sus malas artes (prácticas vedadas).

Solamente ellos tienen fuego en la tierra; ésto deben tenerlo los mortales, para que nuestros hijos que permanecerán en la tierra tengan conocimiento de él.

Yo fingiré estar muerto, a fin de que el fuego de los que se levantan contra mi sea para nuestros hijos. Bien, mi hijo sapo, ponte al acecho; cuando yo me sacuda, lo esparciré (esparciré el fuego o brasas); ésto lo tragarás en cantidad.

Oñeno i ma vvy oupy, oikuaá ma Nānde Ru gua'y omano a. A'e va re, Uruvu rā pe:

-Néi, tereó, che ra'y; che ra'y aecha vai aé; a'e va re tereó che ra'y eepy jevy.

Oúma uruvu rā oeche tetekue, ojoú ikyra vai reí. Ojatapy a'épy, oechy āguā guapicha kuéry reve. Ojape'ava, ojatapy i'ary, oechy āguā guapicha kuéry reve. Ojape'ava ojatapy i'ary, a riréma oñembojaity Pa-pa Mirí. A'e vvy ma, gua'y kururúpy oporandu. "Namokōi", e'i.

Petei gue i jevy oñeno oupy oñemano; eche opu'ā va'e kuéry ñomboaty jevy ma, ojape'ava, ojatapy jevy, oñembojaity jevy Nānde Ru. Oporandu jevy gua'y pe, kururu i pe.

"Āgỹ ty amokō iño rako..... kirami i.

Néi, a'e ramo, che ra'y, ñāambojaity ke chevy che ra'y pe; a'e vvy, che ra'y, embojevvy i. Ombojevvy i ma vvy: "Tereó eru vvyra jaeja āguā tata", e'i.

Oguerúma Aju'y Joá rakā i.

"Néi, āgỹ, apy embojevvy i; rembojevvy āguā, eru che ru'y u'ycha reve", e'i.

Ombojevvy i ma vvy, oñeongatu Aju'y Joá re oeja. Ijoyvy i rā, ogueru ychypo vvyguy, a'e va'e re ombojevvy aveí. A'e va re, mokōi gue i re, oñeongatu ma tata vvy py Jeguakáva porā pe, yvypo kue i py opyta āguā.

Habiéndose acostado, extendiéndose, supo nuestro Primer Padre que su hijo había muerto. Por consiguiente, al futuro buitre (dijo):

-Bien, ve mi hijo; veo que mi hijo está muy grave; por consiguiente, ve y resucita a mi hijo.

Vino el futuro buitre y vió el cadáver; vió que era bien gordo. Encendió fuego (en dicho lugar) para asarlo juntamente con sus compañeros. Trajeron leña, encendieron fuego sobre él; entonces se sacudió Pa-pa Mirí. Entonces interrogó a su hijo el sapo. "No he tragado", dijo.

Volvió a acostarse, extendiéndose y fingiendo estar muerto; los que se alzaban contra él volvieron a juntarse, recogieron leña, volvieron a encender fuego; se sacudió nuevamente nuestro Padre. Volvió a interrogar a su hijo el sapo.

"Esta vez, efectivamente, he tragado en cantidad... un pedacito así". Bien, en ese caso, sacúdalo mi hijo para uso de mis hijos. Para el efecto, arrójalo aquí. Habiéndolo arrojado: "Ve a traer madera para dejar en ella el fuego", dijo.

Trajo un gajo de Aju'y Joá (Laurel). "Bien, ahora arrójalo aquí; para arrojarlo, trae mi flecha con su punta", dijo.

Habiéndolo arrojado, lo depositó en el Aju'y Joá, dejándolo allí. Para compañero del Aju'y Joá, trajo el bejuco subterráneo; en él también lo depositó. En ellos, en ambos, depositó fuego para los buenos portadores del adorno de plu-

A'égui, oó jevy uruvu rā i Ñande Ru tenonde ápy. Oikuaá ma vy Ñande Ru tetekue oechy ague: Tapeó peé, mba'eguachu mboavai eý a ramo peiko, e'i. Ojae'ó uruvu; ndoéchái va'erā aé re ma teko aguyje, ojae'ó.

mas, para que quedase fuego para los habitantes de la tierra.

Después de estas cosas, volvieron los futuros buitres ante nuestro Padre. Sabiendo nuestro Padre que habían asado el cuerpo; Id vosotros y convertíos en seres que no respetaréis la cosa grande (cadáver), dijo. Lloraron los buitres; porque en ninguna manera alcanzarían la vida perfecta, lloraron.

NOTAS

Oñono etc.: colocar o poner en su verdadero lugar.

I are i va'erā eý: aquello que no ha de perdurar. Guaraní: hi'are'ý va'erā.

Ñañonó reeguái: no de poner o colocar (crear). Reeguái reemplaza a nuestro negativo mo'ái, palabra ésta que nunca se empl. con este significado en mbyá-guaraní.

Oá'yvō ñande ra'y...: anuncia infortunios para nuestros hijos. Á'yvō significa: anunciar o pronosticar desgracias. La versión que da Montoya es: haübo, por cuyo motivo he prestado especial atención a su pronunciación, pudiendo afirmar que en mbyá-guaraní es pronunciada de acuerdo a la grafía que doy. Subsiste aún esta voz en la vernácula, y la mayoría de los campesinos del Guairá la pronuncian háyvo, hanyvo. Se descompone en: ā = ser o estar erguido; yvō, añyō = yo hincó, hiero con flecha, etc. Su sentido literal es: herir profundamente el alma (o conciencia).

Apyre pyre ve i kue: la última generación (o extremidad). Se conserva en la vernácula con el mismo significado.

Jekupe rā: para defensa, protección; literalmente: para colocarse detrás de. El humo de tabaco, ahuyenta tanto los seres malignos como los pesares y las enfermedades, empleándose en la medicina y los ritos.

A'e javi kue i: todos, sin excepción.

Evo'i guachu: anfisbena; en nuestro guaraní: yvyja. Es un hecho digno de subrayarse el haberse conservado en el guaraní contemporáneo el nombre religioso mbyá-guaraní: yvyja para designar la anfisbena.

Jeguaka-vyapu, oguero-jeguaka vyapu: con la primera palabra, como ya señalé, se designa en el vocabulario religioso el canto sagrado del hombre; con la segunda expresan la idea de: poblar de seres humanos masculinos. Mbojachuka vyapu = poblar de mujeres.

Mbojoyvy: acompañamiento, id. musical en otra escala; consérvese en la vernácula con el mismo significado.

Mba'ete i oiny va'e: seres genuínos que están. Oiny (hina) como se ve, se emplea como verbo, y no sufijo verbal.

Tatachinakāgā: nombre religioso de la pipa de fumar.

Tereó che ra'y eepy: ve a redimir (epy) el decir ('e) de mi hijo; v.g., ve a resucitarlo.

Ñomboaty: se juntaron. En mbyá-guaraní se omite la partícula pronominal ante la forma recíproca; v.g.: jojóu = se encontraron; opu'ā joé = se atacaron, etc.

Ágý ty amokō iño... kirami i: esta vez he tragado en cantidad... un pedacito así. Primeramente cree el sapo haber tragado gran cantidad, luego se da cuenta de que ha sido poco y agrega: *kirami i* = un poquito. Esta locución generalmente se acompaña de un gesto señalando la pequenez del objeto de que se habla. — En otra versión de este mito, Kururu trató de engañar a su amo, queriendo guardar un pedacito de braza para su propio uso, por cuyo motivo fué convertido en batracio.

Oó Ñande Ru ápy: fué al lugar en donde estaba Nuestro Padre. Guaraní: Ñande Ru rendápe.

Aju'y joá: especie fofa de laurel — Ocotea — empl. por los Mbyá para producir fuego por estregadura.

Ychypó yvyguy: el bejuco subterráneo, llamado también: kururu rata'y = el tizón del sapo. Creo que en la vernácula se llama *amandayvo*.

U'ycha: la caña en que se introduce la punta de flecha; Montoya: ubysá. Fué con la punta de la flecha que Pa-pa Mirí agujereó el trozo de Aju'y y el bejuco para depositar en ellos las brazas. Se produce fuego hasta hoy día en la misma manera; revolviendo la punta dura de una flecha en un trozo seco de Aju'y o Ychypo yvyguy, hasta aparecer en ellos el fuego depositado por Pa-pa Mirí.

Traducción literal: huesos de (que produce) la neblina vivificante. El nombre religioso del humo de tabaco es: *tatachina reko achy*, la neblina mortal, imperfecta.

Tape rupa reko achy: al referirse a la humanidad en las plegarias, etc., empléase entre otras locuciones *teko achy* = vida, naturaleza imperfecta. *Tape rupa reko achy* es, literalmente: el lecho de las sendas de la imperfección, v.g., los caminos de la peregrinación terrena que debe seguir la humanidad.

Popichy: alisar. Empl. con el mismo significado en la vernácula, v.g., planchar, quitar arrugas.

Che ñe'e erojapo: haz que trabaje (obre) mi palabra. Esta voz ya no existe en nuestro léxico.

Inōgý: parece tratarse de la forma "supina", según Montoya, de *no*, nong = poner; pero se emplea como adverbio.

Marā rami pa jeguakáva porā, yvyvo amboáé, etc.: en qué forma lo haría saber a los Mbyá, etc. *Marā rami* = en qué forma; guaraní: mba'éicha pa; *yvyvo* = habitante de la tierra; *yvyvo amboáé i* = no-mbyá; raza distinta. La voz *po*, tanto en mbyá como en el guaraní de Montoya: habitante, lo contenido en. En la vernácula, ha llegado a emplearse casi exclusivamente para designar a los fantasmas (póra), aunque a menudo se oye la expresión *yvyvóra* para designar a la humanidad. Ni en mbyá-guaraní ni en el TESORO es empl. para designar a seres incorpóreos.

Guembikuaá: aquello que ellos saben, refiriéndose a las prácticas vedadas, magia, etc. Empl. con el mismo significado en la vernácula al referirse al *paie* o brujería.

Ikyra vaí reí: esta muy gordo. *Oí vaí reí*: hay gran abundancia (de miel en la colmena).

Mba'eguacho mboavai eý a: seres que no respetarán la cosa grande, v.g., seres que desecarán los cadáveres. *Mba'eguachu*, nombre religioso del cadáver humano; *mboavai* = respetar, sentir repugnancia de. Comp. con las acepciones que da Montoya.

Ojape'ava: acarrear leña. Guaraní: ojepe'ava. Con esta sentencia a menudo designan el vuelo de los buitres, y a menudo se oye decir:

Oiméne ne ñuāmy ine guachu;
a'e vy ma ojape'ava uruvu.

Seguramente hay un venado he-
diendo en tu trampa, por eso es que
acarrean leña los buitres.

Oupy: "supino" de u = estar; empl. como adverbio.

Mbo-aviju: hacer volar las chispas. No se empl. en guarani.

CAPITULO VIII

Pa'i Rete Kuaray

El Señor del cuerpo como el Sol

Con la creación de Yvy Pyaú y el retorno de su creador al Paraiso, puede decirse que termina la primera parte de los anales religiosos de los Mbyá, anales que comprenden los capítulos más sagrados de la religión guarani conservados por esta parcialidad. Entre las versiones que de estos mitos y tradiciones he escuchado de boca de los mburuvicha de numerosos grupos de Mbyá con quienes he tratado no existen discrepancias dignas de mención, salvo aquellas que he subrayado en las notas lexicológicas que acompañan a los capítulos antecedentes de este trabajo. Dan ellos la idea de haber sido transmitidos através de los siglos sin modificación; y en cuanto a su genuinidad y fidelidad con que las versiones transcritas en estas páginas han sido consignadas al papel, puede constatarlas quien quiera tomarse el trabajo de verificarlas, no requiriendo para el efecto sino poseer el guarani y ponerse en contacto con algún Indio medianamente versado en la mitología y religión de su raza.

Hago la salvedad, sin embargo, de advertir que únicamente lo comunicado espontáneamente por el Indio tiene valor científico, debiendo los relatos ser escuchados en el lenguaje auténtico de las Ayyu Porã Tenonde — tradiciones sagradas o esotéricas — o sea, en el lenguaje religioso, hallándose el Indio bajo la influencia del fervor religioso a veces rayano en éxtasis que siempre les domina cuando tratan de cosas sagradas.

El que mayores servicios me ha prestado para consignar estos capítulos al papel ha sido el Mayor Francisco, de Tava'i quien, con paciencia extraordinaria, ha ido repitiendo lo dictado por el Cacique Pablo Vera. Otro Indio muy inteligente y paciente que me ha prestado servicios invalorables en este sentido fué Cirilo, yerno de Tomás de Yvytuko, quien me repetía y explicaba lo dictado por su suegro, por Cantalicio y otros dirigentes.

La segunda parte de los anales religiosos de los Mbyá comienza con la aparición de Pa'i Rete Kuaray, el Señor del cuerpo resplandeciente como el sol, hombre-dios de la raza. Sobre el origen de este personaje pareciera existir discrepancia, pues aunque la gran mayoría afirman que es hijo de Namandu Ru Ete, también afirman que esta tierra fué creada por Ñande Ru Ychapy o Pa-pa Miri, y que Pa'i es hijo de él. La versión que transcribo es la que atribuye su paternidad a Ychapy o Pa-pa Miri. Y en las leyendas que tienen por tema las hazañas de Pa'i Rete Kuaray, descritas minuciosa-

mente por Nimuendajú y otros muchos autores — bajo distintos nombres, como es de suponer — ya no existe la uniformidad que se observa en las Ayvu Porã Tenonde; el Indio que narra los relatos se considera con derecho a alterar los detalles a su antojo, haciendo gala de su ingenio; desaparece también aquel recelo impenetrable que observan respecto a los himnos, plegarias y tradiciones sagradas, y discurren libremente sobre el tema.

Otro hecho que no puede menos que llamar la atención es el contraste que ofrece el contenido de ambas series de tradiciones: los profundos conceptos filosófico-religiosos, el elevado lenguaje exento del menor asomo de procacidad de los capítulos que constituyen la parte primera de estos textos, bien pudieran haber sido extractadas de los anales de una raza mucho más culta que la mbyá. La segunda parte, en cambio aunque matizados sus capítulos con el ingenio, la poesía, la filosofía inseparables de todas las leyendas guaraníes, no podría en manera alguna confundirse con una religión o mitología que no fuera la de una raza bárbara, inculta. — Hago excepción de los versos referentes a las huellas de Nande Jarýi, transcritos más abajo, en los que el investigador acostumbrado a leer entre líneas hallará tanto poesía como filosofía. —

El contraste entre las Ayvu Porã Tenonde y las comunes ¿debe atribuirse a injerto o sincretismo? Si el origen de algunos de los versos de Maino i Reko Ypy Kue; Ayvu Rapyta en su totalidad; los himnos de la encarnación y la concepción, y la endecha de los muertos, pudiera buscarse en las doctrinas cristianas, fácil sería contestar a esta pregunta. Pero como estos capítulos, la mayoría de ellos esotéricos, que se divulgan únicamente a los miembros de las tribus, ninguna huella evidencian de influencias cristianas, creo que nos hallamos ante un problema que bien merece la atención del estudioso.

El origen de Pa'i Rete Kuaray y algunas de sus innumerables hazañas los he esbozado en una serie de trabajos periodísticos publicados en la revista "Cultura", Asunción. Y si los transcribo en estas páginas, es porque dichos trabajos contenían algunos errores que mis investigaciones posteriores, hechas con criterio científico y dominando ya la lengua, me han permitido rectificar. Existen, además, entre el mito de los orígenes de Pa'i y los mitos correspondientes de otras parcialidades guaraníticas diferencias que no pueden menos que interesar al etnólogo.

Tanto Nimuendajú como Samaniego, en sus trabajos citados, se refieren al Mito de los Gemelos, elemento básico de la religión guaraní y la de otras naciones. Pa'i Rete Kuaray, como se verá, creó él mismo a su hermano menor Jachyrã, futura Luna; no se les puede, por consiguiente, calificar de gemelos; y las creencias religiosas de los Mbyá hacen inadmisibles la divinización y adoración de gemelos, si damos a esta voz el significado de hermanos nacidos simultáneamente de un mismo parto. Dicen los Mbyá que cuando un matrimonio ha ofendido a los dioses, éstos permiten a Mba'e Pochy les provea de prole. Mba'e Pochy, para demostrar que sobrepasa

a los mismos dioses en poder y sabiduría, hace que se engendren gemelos, enviando espíritus malignos: *omopyrõ ñe'engai* para encarnar en los cuerpos de las criaturas por nacer. Debido a esta creencia, y a fin de evitar la presencia entre la tribu de encarnaciones del espíritu del mal, los mellizos son eliminados al nacer, tratándose de evitar que ninguna doncella en estado de concebir los toque, los vea o siquiera los oiga llorar (Cap. XII). Esta práctica de eliminar los mellizos entre los Mbyá, fué mencionada por el P. Franz Müller en su trabajo sobre las tres parcialidades guaraníes Mbyá, Pãi y Chiripa publicado en "Anthropos", Band XXX, 1935. Y el Indio joven que me reveló la creencia — hubiera tardado años antes de llegar a saber algo al respecto de boca de un dirigente avezado — me dijo que sería una inconsistencia muy grande el que los Mbyá adorasen a dioses mellizos o gemelos, si ellos mismos consideran a los mellizos como encarnaciones del Demonio, y los eliminan al nacer.

* *
*

Nande Ru Pa'i chy rã i iengue

ojapo ñuã inambu chõrõrõ i py
gua;
a'e va'e py ombo'a urukure'a i.
Omochã iengue guymba i rã.
A rire, ojopói che kyjúpe;
a'e va'e ndo'úi; popo i ndo'úi;
mbeju pire i nandi aé o'u.

Pyávy ñavõ guymba omonge oãkã-
my. A'égui o ja ãkã oipete i jepi
opepópy; a'égui i ja ipuru'a i a'e
va'égui.

A'e vy ma, Urukure'a i oñemboete;
Nande Ru Pa-pa Miri ty ra'e.

Nande Ru ñande reko rã ra'anga.

A'e vy ma, opoi che ma o yvy gui.
-Jaá che ambápy, e'i guembirekópý.

La futura madre de nuestro padre
Pa'i era niña púber;
armaba lazos para cazar perdices
"tataupa":
en uno de ellos cogió una lechuza.
La ató para su animal doméstico.
Luego, quiso darle de comer gri-
llos, pero no los comía; tampoco
comía mariposas; solo comía cos-
tras secas de mbeju (tortas de
maíz).

Todas las noches hacía dormir su
ave a la cabecera de su lecho.
Ella golpeaba suavemente a su
dueña con las alas en la cabeza, y
la niña con ésto quedó embaraza-
da.

Al acontecer ésto, tomó cuerpo la
lechuza; resultó ser nuestro padre,
Pa-pa Miri (Ñamandu, según otros).
Nuestro Padre sentó precedentes
para nuestra futura conducta.

Producidas estas cosas, quiso aban-
donar su tierra. -Vamos a mi
morada, dijo a su esposa.

-Ndaá chéi; ivai va'erā ne rembi-
reko, nde ra'ychy aé yvápy oí va'e.
A'e vy ma, opyta.

-Kurive i jepe, eraá che ra'y i, e'i.
Oómoa Nānde Ru, opyta Pa-pa
rembireko, Pa'i chy, yvy py.

A rire, oóma o me rakykue; ogue-
raá o memby i yépy; oporandu
mavaē tape rupi pa tuú oó ra'e.

-No quiero ir; será mala tu espo-
sa, la verdadera madre de tus hi-
jos que está en los paraísos. Y
diciendo ésto, se quedó.

-Aunque sea más tarde, llévame mi
hijo, dijo. Se marchó nuestro pa-
dre; se quedó la esposa de Pa-pa,
la madre de Pa'i, en la tierra.

Después de estas cosas, siguió las
huellas de su esposo, llevando su
hijo en el vientre; a él le preguntó
sobre los caminos que había toma-
do su padre.

*
* *

Nānde Jarýi oiko ypy i ague ygua
yvu erá. A'e va'e yvy mbyte, yvy
mbyte te i, nānde Ru Pa-pa yvy
mbyte te i.

Pindovy aipópy i'āi. Pindovy ipoty
ramove, Guyra Piri'yriki ojavyky
ypy i va'ekue.

Āgỹ reve Nānde Jarýi pypo pypo
i imarā eỹ va'erā meme; āgỹ reve
nokañyi va'erā meme. A'e va re
ma, añetē gua, jajeayú riú ete vy,
ñañembo'e porā riú ete ramo, a'e
va'e jaecha jevy va'erā.

El lugar donde vivió originaria-
mente nuestra abuela se llama el
lugar de las aguas surgentes. Dicho
lugar es el centro de la tierra, el
verdadero centro de la tierra, el
verdadero centro de la tierra de
nuestro padre Pa-pa Miri.

Yérguese en dicho lugar una pal-
mera milagrosa. Cuando la palme-
ra milagrosa floreció por primera
vez, fué el ave Piri'yriki la que
originariamente libó sus flores.

Hasta el presente las numerosas
huellas de nuestra abuela han de
conservarse intactas en su totali-
dad; ninguna de ellas ha de desa-
parecer, hasta el presente. Y esto
mediante, en verdad, si nos ama-
mos con verdadero amor y si pron-
unciamos sinceras plegarias, he-
mos de volver a ver estas cosas.

*
* *

Oecha Pa'i mba'vyky potýra, a'e
vy ma: -Eipo'o péva'e, che ru ro-
kápy ñavaē ramo añevanga āguā.

Vió Pa'i una flor de lirio; al ver-
la dijo: -Coge aquella flor para
jugar yo con ella cuando llegue-

A rire ma, oecha jevy. -Péva'e
eipo'o jevy, Pa-pa yva rokápy ña-
vaē ramo añevanga i āguā.

A'e va'e oipo'o jevy ramo, opi i
chy máganga; i chy ipochy; a'épy
ichy: -Ikatúpy ñai va aéri ñande
mba'evykyrā re jajerure, ñañevan-
ga che, e'i.

Oporandu kuña tuú rakykuére, no-
mombe'u véi. A'e vy ma, oó tape
porā ve a rupi, ovaē Mba'e Ypy
rópy maē.

A'épy, aipo e'i Mba'a Ypy jarýi:
-Tereó jevy, che memby; pi'a kué-
ry ky ivaikue ikue.

A'évy, aipo e'i ramo jepe, ndoúí.
A'épy i jarýi japepo guachu guy
py oja'o'i. A rire, emiarirō ovaē
ka'aguy gui; a'e vy ma je:- ¡U!
Che jarýi embia!

A'e ramo, i jarýi e'i: -Cheé aé ta-
mo che rembia, peē ka'aguy rupi
peiko va'e, miña, na pene rembiai!

A'égui ma, oú jevy tyvy iñapyngua
ve va'e; omboguy japepo; a'épy ri
ty iny ñande ru Pa'i chy.

A'épy ojuka; oye'o ramo, ipuru'a i
ty, ra'e. A'e ramo e'i o jarýipy;
-Che jarýi, ipuru'a i ty ra'e. -Ee-
chy, a'e ramo, ta'u, e'i.

mos a las afueras de la casa de
mi padre.

Luego volvió a ver otra. -Vuelve a
coger aquella para jugar yo con
ella cuando lleguemos a las afue-
ras del paraíso de Pa-pa.

Volviendo a coger aquella, picó a
su madre un abejorro, enojándose
su madre por ello, y dijo: -Sola-
mente después de estar entre la
gente debemos pedir juguetes, que-
remos jugar.

Preguntó la mujer acerca del ca-
mino que había seguido su padre,
pero no le contestó. Por ello, si-
guió el mejor de los caminos lle-
gando, por consiguiente, a la casa
de los Seres Primitivos.

En dicho lugar, así habló la abuela
de los seres primitivos: -Vuelve
sobre tus pasos, mi hija, que los
chicos son seres perversos.

Pero, a pesar de haber dicho ésto,
no volvió. Entonces la abuela la
cubrió con una olla grande. Ense-
guida sus nietos llegaron de la sel-
va y exclamaron, dicen: -¡U, mi
abuela ha cazado!

En vista de ésto dijo la abuela:
-Cómo queréis que yo haya caza-
do ¡ay de mí! si vosotros que an-
duvisteis recorriendo la selva no
cazásteis?

Entonces vino llegando un herma-
no menor que tenía mejor olfato;
alzó el borde de la olla y halló que
debajo, efectivamente, estaba la
madre de nuestro padre Pa'i.

La mató en el acto y, al destripar-
la halló que estaba embarazada.
Por ésto dijo a su abuela: -Mi a-
buela, he aquí que está embara-
zada. -Asalo en ese caso, y lo come-
ré, dijo.

Oechy pota ramo, ychíi nda'evéi oñyvō āguā. A'e ramo: -Tatapýi áry ta'u, e'i. Ndo echíi jevy, ndaipokái jevy oechy āguā; a'e ramo ma: -Eraá angu'ápy ejoka joka, e'i. Ndaí katúí jevy ojoka joka. -Eraá eñono kuarápy taipiru che rymba rā i, e'i.

Queriendo asarlo, el asador no pudo penetrar en él; por consiguiente: -Lo comeré asado sobre las brazas, dijo. Nuevamente no pudieron asarlo; no tuvieron poder para asarlo; por consiguiente: -Llévalo al mortero y rómpele los huesos. Nuevamente les fué imposible romperle dos huesos. -Llévalo al sol para que se seque y me sirva de animalito doméstico, dijo.

* *
*

Ipiru i vyve, oeka guapa rā. -Che rapa rā emochā chevy, e'i Mba'e Ypy jarýi py. Omochā oñyvō popo i, ogueru mire'y re'y o jarýipy. A'égui, tuja i ijarakuaá i ma vy, oeka o jarýipy guyra kyrí i, ojuka mire'y re'y i.

En cuanto se hubo secado, buscó un arco. -Pónle cuerda a mi arco, dijo a la abuela de los Mba'e Ypy. Le puso cuerda. Flechó (con él) mariposas, trayéndolas en grandes cantidades a su abuela. Más tarde, habiendo crecido y adquirido entendimiento, buscó pájaros para su abuela, matándolos en grandes cantidades.

A'égui maē oirū rā i, guyvy rā i ojapo; a'e aē o marā e'y gui ombojera kurupika'y rogue gui Jachyrā.

Después de esto hizo a quien le serviría de compañero, de hermano menor; él mismo, de su propia divinidad, creó de una hoja de kurupika'y a Futura Luna.

Oikokuaá ma vy ka'aguy re, i jarýi e'i: -Kúva'e ka'aguy ovy re tapeó eme.

Habiendo (ellos) adquirido destreza en la selva, su abuela les dijo: -A aquel monte azul no debéis ir.

Oikokuaá ma vy tyvy i: -Mba'ére nda'u ku ka'aguy ovy re na ñande mondouka chéi che jarýi?

Pero siendo ya más activo su hermano:

-Porqué será que nuestra abuela no nos quiere mandar a aquel monte azul?

A'e ramo: -Ereoché ramo, jaá, e'i.

En respuesta: -Si quieres, vamos, dijo.

-Jaá riu ete, e'i Pa'i.

-Vamos, a pesar de todo, dijo Pa'i. Dicho esto, se fueron al monte, el uno al lado del otro. Mataron mu-

ka; a'e vy ma, tyvy ojoú parakáo, omombo parakáore u'y guyke'y pe omobe'u e'y re; ojavy, parakáo ijayvu.

-Parakáo ajavy rā, ijayvu ri ndaje, e'i guyke'y pe. A'e ramo guyke'y ou. -Emombo jevy, e'i. Ojavy ramo, ijayvu jevy parakáo; -Pende chy'uaire peiporaka, e'i.

A'épy ma je ñande ru Pa'i ojepy-tacho guépáre ojae'o. Guyra kyrí i eta ojuka va'ekue omondouka jevy. Guyra changue i guembepi oipyteuka guyvy pe ombojera jayru ramo. Oó rive te jevy, ndogueráí mba'eve o jarýi pe.

chos pajaritos; entonces el hermano menor encontró un loro. Disparó una flecha sin decir nada a su hermano mayor; erró y el loro habló.

-Al errar el loro, hé aquí que ha hablado, dijo a su hermano mayor. En vista de ello, se acercó su hermano. -Vuelve a tirar, dijo. Haciendo vuelto a errar, dijo el loro: -A quienes devoraron a vuestra madre sustentáis, dijo.

Al escucharle, nuestro pae Pa'i se apoyó en su arco y lloró. Los numerosos pájaros que habían cazado los libertó y el lazo de guembepi con el que habían estado atados lo hizo chupar por su hermano, creando de él un jayru ("guyra toro"). Volvieron con las manos vacías, sin llevar nada a su abuela.

* *
*

A'épy oikuaá ñande ru Pa'i o chy'uaire a Mba'e Ypy; ojapo monde; ou tyke'y:

A raíz de estas cosas supo nuestro padre Pa'i que eran los Mba'e Ypy los que habían devorado a su madre; hizo una trampa; vino un hermano mayor (Mba'e Ypy): ¿Qué haces? dijo.

-Mba'épa ere japo? e'i.
-Ajapo monde guachu, e'i.

-Hago una trampa grande (para tigres) dijo.

-Kova'épy, añeté, namanói averi, e'i Mba'e Ypy.

-Pues en éste, verdaderamente, yo no moriría, dijo el Mba'e Ypy.

-Eike ave a'épy, e'i.

-Entra pues en él, a ver, dijo.

Oike omano. A'épy maē o chy'uaire omomba, ava kue omoba.

Entró y murió. Fué en esta manera que exterminó a los que habían devorado a su madre, que aniquiló a los machos.

A'égui maē Mba'e Ypy yva'y ojapo ñande ru Pa'i; a'évy ma Mba'e Ypy kuéry, kuña kuérype o'uka āguā ramí araka'e vy, ombotavy āguā o

Fué después de esto que ñande ru Pa'i hizo el árbol frutal de los Mba'e Ypy para, fingiendo querer convidar con la fruta a las Mba'e

chy'uare. Ogueru o jarýipe ikúi-gue-kué i kue. I jarýi o'uche vai pa ma vy: -Jaá ja'u porá águã yvy'y guy py voi, e'i.

A'e vy ma, ñande Ru Pa'i ojapo yākã, oñono yryvōvō; y py opoi yvyra pire; a'e va'e gui ombojera ypo: embo, guairaka, jaguachí, kuriju jagua, Mba'e Ypy kuéry'uarã, kuña kuéry'uarã.

Omboacha Jachy yakã, ojopyy uka yryvovō apyre.

-Mbyte rupi meme ma ramo, embojere; a'e vy, añemochicha'i va'erã; a'e ramo, embojere, e'i guyvy pe.

A'e ramo, mbyte rupi pa e'y mbovyve i, gory vy rei ñande Ru Pa'i oñemochí ch'i ame rami; tyvy ombojere ma rei yryvovō; ipuru'a va'e opo jepe, yvy'ã re poteri ño iái. A'e ramo, ñande Ru Pa'i e'i:

-Ijavaetéva ¡java mokera! Yete, yete-yvy mboavaete a ¡java mokera! A rire jepe, i memby ava araka'e; a'e vy ma, o chy re ma ojeupi, a'e ramo vy ma oñemoña ño, yvy jave re oiko.

Ñande Ru Pa'i ipochy vai pa ma vy, oecha ramo ochy'uare yākã

Ypy, engañar a las que habían devorado a su madre. Trajo a su abuela algunas frutas caídas del árbol. Queriendo vehementemente su abuela comer más: -Vamos junto al árbol frutal para comer a gusto, dijo.

Por consiguiente, nuestro padre Pa'i hizo un río y colocó (sobre él) un puente; echó al agua corteza de árboles, creando de ella moradores del agua: serpientes, lobos chicos, lobos grandes, boas constrictoras, los que devorarían a las Mba'e Ypy, a las mujeres.

Hizo que Luna cruzase el río para sujetar la extremidad del puente.

-Cuando todas estén sobre el medio del río, dále vueltas (al tronco); en cuando estén (en el medio), yo arrugaré la nariz; entonces, tú le darás vueltas, dijo a su hermano.

Luego, y antes de hallarse todas sobre el centro de la corriente, de puro gozo hizo ñande ru Pa'i un gesto semejante el que hace quien frunce la nariz; su hermano dió vueltas al puente antes de tiempo, pudiendo dar un salto una Mba'e Ypy preñada, irguiéndose ya a salvo sobre la barranca del río. En vista de ello, dijo nuestro padre Pa'i:

-Ser horroroso ¡súmete en sueño y despierta! Ser que tornas horrorosos los ríos y las costas de los ríos ¡súmete en sueño y despierta! Y he aquí que su hijo fué macho, dicen; por consiguiente fornicó con su madre y procreó, extendiéndose (su prole) por toda la tierra.

Por haberse enfurecido grandemente nuestro padre Pa'i al ver a

yvy'ãre iái oó jepe ño jevy, a'e ramo ma yakã yvy mboavaete a ramo omondouka; árami e'y rire, ndoi-kói varangue aguara.

A rire ma, Mba'e Ypy mbotavy vy ri araka'e yva re'e omobe'u rire, jeguakáva porangue i o'u águã ndoejái ndoejái ño araka'e; a'anga i oeja yvy re, teju rembi'u ramo, opyta.

A'e vy ma, o chy kangue omono'o; guyvy pe e'i: -Tereó inambu emondýi. Oó omondýi inambu; a'évy e'i Pa'i chy: -¡Po, pi'a omondýi inambu!

A'e ma je: -Eh, ha'i! Eh ha'i! e'i, okambu pota ra'u; o'a pa jevy o chy kangue.

A'e ramo ma: -Tereó ág'y mombyry ve i, emondýi inambu, e'i. A'évy: -¡Po, pi'a omondýi inambu! e'i jevy i chy.

-Eh, ha'i; eh, ha'i! e'i jevy tyvy; okambu pota ra'u jevy; ha'y pa jevy.

A'e vy, o chy kangue nomoatyrō reeguái ma vy, omombo pa ka'aguyre. -Jaicha ¡java mokera! e'i, omondouka jaicha ramo, mbyku

la que había devorado a su madre erguirse en la barranca precipitosa del río y ponerse a salvo, fué por eso que la convirtió en el ser que torna inhóspitas las costas de los ríos; de no haber procedido así, no habría jaguares.

Después de lo acontecido, y habiendo divulgado lo de la fruta dulce a fin de engañar a las Mba'e Ypy, no la dejó para que la comiesen los Jeguakáva: dejó en la tierra su simple imagen, convertida en la "comida de las iguanas" (yvahái = Eugenia myrcianthes).

* *

*

Acontecidas estas cosas, recogió los huesos de su madre y dijo a su hermano: -Ve y espanta una perdiz. Fue y espantó una perdiz y al hacer ésto, dijo la madre de Pa'i: -Escucha, el chico espanta perdices!

Y él (Jachy) dijo: ¡Ay, mamita! ¡Ay mamita! e intentando mamar, volvieron a caerse los huesos de su madre.

En vista de ello: -Ve ahora más lejos y espanta una perdiz, dijo.

Entonces: -¡Escucha, el chico espanta perdices! dijo nuevamente su madre.

¡Ay mamita, ay mamita! dijo nuevamente su hermano; intentó nuevamente mamar; nuevamente se descompuso (el cuerpo reconstruido).

Entonces, en vista de la imposibilidad de reconstruir los huesos de su madre, los arrojó por la selva. -Semejante a madre ¡súmete en sue-

para ramo. A'e va re, āgỹ reve, ñuāmy o'a ramo jaicha, Kuaray noē pojavái, o chy mboachy gui.

* *
*

Pa'i Rete Kuaray Jachyrā reve jogueraá okuapy yete yvy ry jovái i. Ojóu Jachyrā guavira. -Kova'e mba'e yva voi? e'i.

-Mārārami voi i'a?, e'i Kuaray. -I'a pytā, evi kora. -A'e ramo guavira, e'u eme ke; nemboacho va'erā; guavira aguyje ñamoatachī va'erā ja'u āguā.

A rire ojoú guapyta. -Mba'e yva voi?, e'i. I'a pytā, i'a ratā ave, e'i. -Guapytā ma iku; ejachu'u.

O'u oóvy; ovaē a'égui guavijúpe. -Ke'y ¿kova'e mba'e yva voi? e'i. -Guaviju ma iku, e'u eme; a'e va'e ñamoatachī rāgē va'erā ja'u āguā. A'égui jogueraá yete yvỹry; ovaē Jachy aguaí ápy; ovaē vy: -Kóva'e mba'e yvá-ra? e'i guyke'y pe'. -¿Mārā rami katu i'a?, e'i. -I'a puku i, i ju, e'i. -Aguái ma iku, e'i. Ejatapy eechy, e'u eme ipỹry. Re'úvy ke a'ỹingue emono'o. Re'u ve'ỹ ma vy, eñono tatápy ejopy nde rapápy. A'égui oñono aguaí ra'yingue tatápy ojopy guapáre. Opu'ā tatápy gui o'āmy. Tatápy oñono va'ekue aguaí ra'ỹi opororo; oñemondýi vaí pa Jachy; opo oóvy guyke'y ápy, o'a oóvy.

ño y vuelve a la vida! dijo, convirtiéndola en jaicha, en mbyku moteado (Paca). Es por éso que, hasta el presente, cuando una Paca cae en una trampa, el Sol no sale pronto, por remordimiento.

Pa'i Rete Kuaray y Jachyrā partieron siguiendo las costas del río, uno en cada orilla. Luna encontró un guavira. -¿Qué fruta es ésta? dijo.

-¿Qué forma tiene la fruta? dijo Sol. -Tiene fruta colorada con un corral en la extremidad. -En ese caso son guavira; no los comas; te darán lombrices. Los guavira maduros deben fumigarse para comerse.

Luego encontró frutas de pindo. -¿Que frutas son? dijo. Tiene frutos colorados y ademas, duros. -Pues son frutas de pindo, muérdelas.

Iba comiendo y llegó donde había guaviju. -Hermano ¿qué fruta es ésta? -Son guaviju, pues; no los comas; hay que fumigarlas antes de comer. De allí siguieron por las costas del río; llegó Luna adonde había Aguaí. Al llegar: -¿Qué fruta es ésta? dijo a su hermano mayor. -¿Qué forma tiene la fruta? dijo. -Tiene fruta larga y es amarilla. -Pues, es Aguaí, dijo; enciende fuego y ásalas, no los comas crudos. De los que comas recoge las pepitas y ponlas en el fuego y aprétalos con tu arco. Entonces puso las pepitas de aguaí en el fuego y las apretó con su arco. Se levantó, irguiéndose del lado del fuego.

Ovaē Charía pira ojopói ápy. Kuaray oike oóvy yguýry pinda re omoatā. Charía ojavy pira. Mboapy kue Kuaray a'e rami ojapo; mboapy kue jyy o'a ovayvávvy Charía oóvy.

-Cheé, jyy, e'i Jachy.

A'égui, Jachy jyy ma oike yguýry oñapymi oóvy. Omoatā pindáre, oguenoē charía oñapyrupā yvyrápy. Ogueraá pira gua'y chy py. Ojy jave ovaē Kuaray oóvy a'épy.

-¿Re'u reeguápa pira? e'i Charía.

-Nda'u reeguái, e'i Kuaray. Mbaipy kue i aé peeja; kangue kue pemombo eme, tamboaty pa i. Omboaty pa ma vy kangue ogueraá, omoatyrō jyy guvy; omopyrō jyy ñe'eng; mbaipy kue i py omoapytu'ú.

Charía o'u ague ramy vy aéri, Jachy opa jepi; tyke'y omoingove ague rami vy aé ri āgỹ reve opa águi oikove jyy Jachy ra'y.

A'e rami avei, Jachy oñeama ramo, Charía o'u pota ma, gyyguy py oñeama Jachy.

Opovyvy Jachy o jaiche re. Oikuaá che vy ma mavaē pa opovyvy va'e, ychy omoi o kuäre.

Las pepitas de aguaí que había puesto en el fuego estallaron; él se asustó grandemente y dando un salto cayó donde estaba su hermano mayor (en la otra orilla).

Llegaron adonde Charía pescaba. Kuaray penetró debajo del agua y tiró del anzuelo. Charía erró el pez. Tres veces Kuaray hizo así y tres veces también Charía cayó, yendo de espaldas.

-Ahora yo, dijo Luna.

Luego Luna penetró debajo del agua; zambulléndose se fué. Tiró del anzuelo, y lo sacó Saria y lo golpeó por la cabeza con un palo. Llevó el pescado a su mujer. Al cocinarse, fué llegando Sol al lugar.

-¿Vas a comer pescado? dijo Charía.

-No voy a comer, dijo Sol. Dejádme solamente un poco de polenta. No arrojéis los huesos, para que los pueda recoger. Habiendo recogido los huesos, se los llevó y rehizo a su hermano menor e hizo que volviese a encarnar el alma; con el mbaipy le proveyó de sesos.

Es solamente debido al hecho de haberle Charía devorado que hasta el presente la luna desaparece; solo por haberle su hermano mayor resucitado es que hasta ahora vuelve a nacer la luna nueva.

En la misma forma, cuando la Luna se eclipsa, Charía está por devorarla: la luna se eclipsa (se cubre) en su propia sangre.

Luna se introducía subrepticamente en la habitación de su tía paterna (con intención de fornicar).

Pyávy, opovyvy jave jyy Jachy, omona ychy ováre. Ko'érā oó Jachy ojovaéi omboi āguā ychy. Ndoiri, ndoi pa voi, iparapa reiri.

Āgỹ reve ova para āguā rami vy aéri a'e va'e oiko, ñande reko rā ra'anga vy aéri a'e rami.

E'i Kuaray guyvy pe: -Eñyvō yva mbytépy u'y py. Opoi u'y oñyvō. -Eñyvō jyy u'y iñañáimyy. Oñyvō jyy. Oñyvō jyy añetē iñañáimyy. A'e rami vy u'y yvyre ovaē oúvy. -Āgỹ katu nde ru'y rupi ejeupi, e'i. Ojeuyi añetē Jachy. Oekýi Kuaray iju'y, ikuarépy oike, ndouvéi; opyta ma yváre.

Apa katu opyta āgỹ reve, guyrapaju, Jachyrapa ja'e a ri, ñande rapa rā i voi oeja.

A rire, Jachy omongy; āgỹ reve o jaiche ombo-ovapara ague Jachy omongy omboi āguā ychy; a'e ramo Jachy ra'y ojovaéi āgỹ reve.

Ojóu Charía koachi ojuka. A'égui ojeupi Ñande Ru guavirare, a'épy Charía ojapi guyrapápy: ñande Ru oñemomano, oka'apa. Epochikue oñovā tajaópy omoi tetekue ajaká-

Queriendo saber quién era el que se introduciá junto a ella, embadurnó sus dedos con resina y de noche, mientras a tientas la buscaba, le embadurnó a Luna el rostro. Al día siguiente Luna fué a lavarse la cara a fin de quitarse la resina. No salió, no salió todo; solo se le ensució más la cara.

Para que hasta el presente lleve la cara manchada acontecieron estas cosas, sentando en esta forma, efectivamente, precedentes para nuestra conducta.

Dijo Sol a su hermano menor: -Hiere el centro del cielo con tu flecha. Disparó una flecha y lo hirió. -Clava una flecha en la muesca de la primera. Efectivamente, clavó flecha en la muesca. En esta manera iban llegando las flechas hasta la tierra. -Pues ahora, sube por las flechas, dijo. Subió Luna, efectivamente, y Kuaray extrajo su flecha; entró en el agujero y entró (Luna) en el cielo.

En cuanto a su arco, permanece hasta el presente, el arco milagroso que llamamos Arco de Luna, para que lo usemos para nuestros arcos.

Entonces, Luna hizo que lloviera; hasta el presente, para quitarse las manchas que le puso su tía, Luna hace llover, así es que la luna nueva se lava la cara hasta el presente.

Encontró Charía coaties y mató (uno). Despues subió Kuaray a un guavira; estando allí le tiró Charía con arco; Sol fingió estar muerto y cagó. El excremento lo envolvió

py epochikue reve koachi guýpy. Oó Charía pira jopóivy, ajaka omboguejy mombyry i. Oó jyy Kuaray, omoi ita koachi guýpy imoiny. Oó Charía ovaē goópy. Oma'ē guajy kuéry. -Eguí rako Ñakārāchichā iny, epochikue i ave, e'i.

Omoē guajy kuéry koachi. -Kova'e koachi tyre'y, e'i, ty ra'e e'i vy ri.

-Kova'e... ¡ita! e'i; ojoú ita iguýpy.

Yváre ojeupi Charía. -Kóva'e mba'e yva? e'i. -Añangapiry ri, e'i Kuaray. -A'y, che mbopiry ma ñande Ru, e'i Charía, o'a a'é guive oúvy.

Ojóu ma ñande Ru Ygary i'a va'e. -Koachi ¡java mokera!e'i. Oiko ma koachi oñamba oóvy. A rami rire āgỹ reve ojeupi pa koachi, a'égui rive ojepoi pa yvy py.

Ñande Ru Pa'i ta'y oikovy. Gua'y ombojepyéi pira o'uche rā, a'e ramo piky omano mba, omono'o a'e o'u. A rire oú Charía.

Charía con hojas de lirio; puso el cadáver en canastro junto con el excremento, debajo de los coaties. Fué Charía a pescar y bajó el canastro lejos (del agua). Se escapó Sol, poniendo una piedra en su lugar. Se fué Charía y llegó a su casa; miraban sus hijas. Pues aquí está el Ñakārāchichā, os digo; también su excremento, dijo.

Sacaron sus hijas los coaties. -Este es un coatí huérfano, dijeron, cuando lo que quisieron decir, efectivamente, fué; es verdaderamente un coatí.

-Y esto es... ¡una piedra! dijeron; encontraron la piedra debajo de los coaties.

Subió Charía por un árbol frutal. ¿Qué fruta es ésta? dijo. Es el Añangapiry, dijo Kuaray. -¡Ay! nuestro Padre me hace fluir agua (mbo pí ry) de la piel, dijo Charía, y vino cayendo al suelo.

Encontró ñande Ru un cedro cargado de cápsulas. -Coatí ¡java mokera! dijo. Ya existieron coatí, que se alejaron corriendo. Por haber sido así es que hasta ahora suben los coaties y poco despues se arrojan todos al suelo.

Nuestro padre Pa'i ya tenía hijos. Hizo que su hijito se lavase los piés cuando quería pescado; haciendo ésto morían todos los peces y él los recogía y comía. Luego vino Charía.

-Eiporuka chevy nde ra'y i, e'i; piky a'uche aveí. Ogueraá ka'aguy re oñapyrupā ombotyryry eraavy ogueraá yakāmy. Chimbo rami oinupā chimbo rā oa'anga vy ri a'e rami ojapo, ojuka ñande Ru ra'y i, Ipochy ñande ru Pa'i, opu'ā joé charia reve. Joguero'a. Ndaipoakái Charia, opu'ā jevy Kuaray. A'e kuéra ágý reve Kuaray oñeama.

-Préstame tu hijo, dijo; yo también quiero comer pescado. Lo llevó por el bosque y lo golpeó por la cabeza y arrastrándolo lo llevó al río. Como se golpea el timbo lo golpeó; imitando lo que haría posteriormente con el timbo, así hizo; y mató al hijito de nuestro padre. Se encolerizó nuestro padre Pa'i; lucharon; se derribaron el uno al otro. No pudo vencerlo Charia y Sol volvió a levantarse. Resultado de esto son hasta ahora los eclipses del sol.

* *
*

A'égui katu ñande ru Pa'i ojapo guajy rā ajaka gui. Ome'e Charia pe, ogueraá tape rupi opa'ā, akuái oikychimba. Oinupā rive Charia kuña pe, ajaka rive jyy ituí.

Después de esto hizo nuestro padre Pa'i para su hija de un canasto. La dió a Charia y él la llevó y fornicó con ella por el camino, destrozándose el pene. Castigó por eso Charia a la mujer, y sin más volvió a convertirse en canasto.

* *
*

Aguara ojoú ñande ru Pa'i rapa tape rupi ituí. Ojavyky ramo, oinupā aguara rova rupi. A'ekue gui ñandyta oiko. Ágý reve jake rei ápy, ñandypápy jajopía, a'e va'e gui ojevy aguara, okyyje. Mondepi jajapóvy, iyyke rā ñandyta ave ñamopu'ā ramo, aguara ndouí.

El jaguar encontró el arco de nuestro padre Pa'i por el camino. Lo manoseó, y el arco le pegó por la cara. De él (el arco) surgió el Ñandyta (Genipa americana). Hasta el presente cuando dormimos en despoblado nos desviamos del camino hasta (encontrar) un Ñandyta; de él retrocede el jaguar. Si a una trampa le colocamos los costados de madera de ñandyta, el jaguar no se le acerca.

* *
*

A'égui ñande ru Pa'i ojapo jeguaka; tata reve ojapo; a'e va'e ome'e Charia pe. Nuú rupi oóvy oetú tata piche: iñakāre okái jeguaka. Oike yapo guy py, oē: okái poteri. A'égui oña oike yete py, ndoguéi voi; a'égui oē, nuúmy okáipá. Ogue ma vy, oipeju ñande ru Pa'i ugue omondo mbarigui ramo, mbiguy ramo, mberu agua ramo. Charia rye-kue opu: "chōrōrō rō rō", e'i. Oveve yekue peengue oó jai guy py ituí, oó inambu tōrōrō ramo, tataja ramo.

Después de estas cosas hizo nuestro padre Pa'i un adorno de plumas para la cabeza. Con fuego lo hizo; lo dió a Charia. Yendo él por la pradera, olió quemazón: ardía el adorno que llevaba en la cabeza. Penetró en un pantano y salió: todavía ardía. De allí corrió y entró en un río; no se apagó; de allí salió y corrió por el campo, incinerándose. Cuando se hubo apagado, ñande Ru Pa'i sopló sobre las cenizas convirtiéndolas en "mbarigui", jejenes, moscas chupadoras y tábanos. Reventó el intestino de Charia. "Chōrōrō rō rō", dijo. Voló un pedazo de su intestino y cayó en la maleza, convirtiéndose en la perdiz "tataupa", dueña del fuego.

Charia ñe'eng omondo ñande Ru Tupā Rekoé ru ete ramo.

El alma de Charia lo convirtió nuestro padre en el verdadero padre de los Tupā Rekoé (agentes de destrucción).

Ñande ru pa'i rajy oma'e che. -Ema'e me ke, e'i Ñande Ru. Oma'e ño ri, a'e rami vy omano. A'e va'e mbogua oguero'a ypy i va'ekue. Ojaty. Ñande rekorā oa'anga vy ri a'e ndoeepýi.

Una hija de nuestro padre Pa'i quiso mirar. -No mires, dijo Ñande Ru. Miró, sin embargo, y en consecuencia murió. Ella fué la primera a quien derribó el Mbogua (alma de origen telúrico). La enterró; sentando precedentes para nuestra futura conducta no la resucitó.

* *
*

Las hazañas de Pa'i Rete Kuaray y Jachy constituyen sagas interminables, como es de suponer, que varían en sus detalles según el narrador, pudiendo apreciarse en ellas todos el ingenio del Indio. A los episodios transcritos, recopilados en los tapýi en el lenguaje en que fueron narrados, agregaré los siguientes dos, por haberme convencido mis lecturas de su importancia para el investigador. El primero me fué narrado por el Cacique Pablo Vera y otros Indios; el segundo por Tomás, de Yvytuko, y

tambien por otros indios. Aquel se refiere al origen del oso hormiguero grande, y es como sigue:

Pa'i y Jachy enseñaron a los hombres la danza, las oraciones y los himnos sagrados. Un día que Pa'i había ordenado fuera dedicado a la danza y la oración, un indio desobediente se internó en la selva en busca de hojas de pindo (palmera) para techar un rancho. Al volver, fué convertido en oso hormiguero grande con las palabras:

Ka'aguare (kaguare)
¡java mokera!

El que estuvo en la selva ¡duérmete enseguida y vuelve a la actividad!

Este nombre de kaguare lo emplean los Mbyá para designar tanto al oso hormiguero grande como el chico; y tanto el nombre mbyá, *kaguare* — ser que estuvo en la selva (en vez de asistir a la danza); como Tamanduá (Ñamandu'a = fruto de Ñamandu), nombre que se le aplica en el Brasil, encierran reminiscencias de los mitos autóctonos, pues ambos explican el origen del mamífero de acuerdo a las leyendas nativas. — En el momento de producirse la metamorfosis del indio desobediente, hallábase sometida a régimen una niña con motivo de su primer periodo catamenial: *gueko oecháre ojekoaku*. Dispuso Pa'i que la única carne licita durante tales periodos fuera la del animal recién creado, siendo vedada toda otra clase de carne.

El otro episodio tiene por tema el origen de los Guajaki. En un principio los Mbyá y los Guajaki vivían juntos bajo el gobierno de Pa'i Rete Kuaray. Un día los Guajaki aparecieron en la danza ritual completamente desnudos y Pa'i, enfurecido, los apostrofó con la sentencia ¡Guajaki, java mokera! dispersándolos por la selva. Es por este motivo que viven errantes y salvajes hasta el presente. Para determinar el valor de este mito sería indispensable poder desentrañar la etimología de *guajaki*, para cuya tarea carezco de la documentación necesaria, pero el mito en sí, más la etimología de la palabra *kandire* y su empleo (Cap. VI) demuestran que la tesis de Abregú Virreira (sustentado por mi hace ocho años) sobre contactos guarani-inkáicos no puede descartarse sin minuciosas investigaciones.

* *
*

NOTAS

Iengue: niña púber; lit.: una a quien salió o fluyó (el menstruo).
Inambu chōrōrō: pequeña perdiz de color violáceo, llamada *tataupa* en guarani. Tambien la llaman: *tōrōrō* i.

Mbo'a: cazar, coger presa.

Jopói: dar de comer, convidar.

Popo: mariposa. Panambi = mariposa en guarani, no es empleado por los Mbyá; pero la palabra *tanambi* se usa para designar las mariposas nocturnas. V. "guachuakãũ" y "popo" en el vocabulario.

Pyávy: noche. De *pyá* = noche (Montoya) y *vy* = siendo, cuando. Guarani: *pyhare*.

Nande Ru ñande reko rã ra'anga: nuestro padre imita nuestra futura conducta, sienta precedentes para nuestra futura conducta. La estratagemas de Pa-pa Miri justifica todos los ardides que llegará a emplear el hombre en la conquista de la mujer.

Nde rá'y chy aé: la verdadera madre de tus hijos, la legítima o primera esposa. Las demás se designan con el nombre de *ta'ychy jevy*, las posteriores madres de sus hijos.

Ygua yvu: fuente. Guarani: *ykuá yvu*. Este lugar encantado, el Jardín de Edén guarani, está situado dentro del actual departamento de Caaguazú. Creo que ha sido esta leyenda la que ha dado origen a tantas historias fantásticas acerca de la supuesta capital secreta del Imperio Guarani; Mba'e Vera Guasu. Dirigentes mbyá de confianza dicen que es a este lugar encantado, cuna de la raza según el mito, a que se refiere las leyendas tejidas alrededor del fabuloso Mba'e Vera; y uno de ellos me dijo que este nombre lo aplican ellos al mar que, según sus creencias, separa a tierra del Paraíso. Constituye una coincidencia notable el llamarse Mba'e Vera Isla un montículo situado cerca de Pastoreo Ñuái, a cinco leguas de Caaguazú. Don Pedro Guggiari, propietario de la estancia dentro de cuya jurisdicción está situada la "isla", me informó que al practicar excavaciones para la construcción de una casa en dicho lugar, halló restos de alfarería a más de un metro, en tierra aparentemente virgen. Existe tambien, en la misma isla, una fuente perenne.

Iã: se yergue, inmóvil.

Guyra-piri'yriki: avecilla legendaria, cuyo sobre nombre *piri'yriki* posiblemente pertenezca al vocabulario secreto (v. Cap. XVII). *Piri'y* es el nombre de la palmera pindo, empl. a veces en las tradiciones religiosas.

Riú ete: a pesar de todo obstáculo, sinceramente, decididamente. Comparando los verbos *ayube*, *ayu* que da Montoya en su "Arte" con *oupy* y *okuapy* de este vocabulario, se verá que la radical *u* tiene el significado de *ser*, *estar*, siendo casi seguro que *ayú*, (hayhu) = amar, sea derivado de la misma.

Poriaú: humilde, palabra que en la vernácula solamente se empl. con el significado de: pobre.

Pa'i mba'evyky potýra: la flor juguete de Pa'i, nombre de un lirio silvestre llamado tambien *peguao*.

Ñevanga: jugar. En apapokúva, según Nimuendajú; *nimanga*.

Che mba'evyky rã: algo para tocar yo ociosamente, con qué jugar: juguete.

Mba'e Ypy: los seres primitivos, nombre que hace pensar en la posibilidad de que tanto ellos como Charia hayan sido los primitivos habitantes de las tierras que venían ocupando las hordas guaraníes invasoras; aunque en un principio era de opinión de que "toda la existencia de Pa'i Rete Kuaray en la tierra es una pugna contra lo nocivo, cuyas manifestaciones en Yvy Pyaú anteceden a las encarnaciones del Bien". (Revista "Cultura", VI/1947).

Pi'a: hijito.

Tembia: (che rembia, embia) su presa, lo que mató o cogió en sus trampas, etc.

Miãa: interjección equivalente a nuestro ¡anga! = ay de mí, pobrecito.

A'épy ri ty iny: el hecho es que se hallaba (él) en dicho lugar. En la vernácula diríamos: Upépe nipo oí hína ra'e.

Ychji: asador.

Nda'evéi oichyvo águã: no era capaz, apto, para ensartarlo.

Apa, rapa, guapa: arco.

Tuja i: niño que salió de la primera infancia.

Mire'ỹ re'ỹ i: muchísimos, numerosísimos. El diminutivo *mi* no se empl. en mbyá-guarani sino en la forma *miri*. En esta frase aparece unido con el negativo.

Kurupika'y: *Sapium longifolium*. Según otra versión de este mito, narrado por Mario Higinio, de Cedroty, Yhũ, fué de un grano de maíz que creó a su hermano.

Tapeo eme: no vayáis.

Ereó che rã, jaá: nosotros diríamos: rehozo ramo, jaha = si quieres ir, vamos.

Ka'aguy ovv: monte azul; y, posiblemente: monte eterno. V. Cap. II.

Joyvy yvy i: el uno al lado del otro, cerca del otro. Guarani: ojoyke rehe.

Poraka: sustentar (Montoya).

Ribe: parece ser combinación de los fonemas *ri*, *ve*. Significa, más o menos: ociosamente, con las manos vacías, inútilmente.

Parakáo: loro, de la esp. llamada "lorito say'ju".

Cuando Pa'i ascendió al paraíso, desterró a Parakáo Ñe'engatu:

Oó ma vy Ñande Ru Pa'i agueraá Parakáo Ñe'engatu oēja araka'e tukombo porã rapytãre oñeangareko águã, Para Guachu rapytãpy, Kurutué Retã rovái. A'e va'e ñande, ñande poriaú porã i va'e jajoú va'erã, omombe'u águã mamópa Ñande Ru oacha Para Guachu. Ogueraá eỹ rire Parakáo omoarandu pa varangue Jeguakáva, ñande Ru Pa'ipe omoarandu a ramive.

Al irse nuestro Padre Pa'i, llevó consigo al Loro del Discreto Hablar, dejándole encargada la extremidad de la maroma en los orígenes del Gran Mar, allende el País de los Kurutué. A él le hemos de hallar todos los que somos verdaderamente humildes, y nos divulgará por dónde nuestro Padre cruzó el gran mar. Si no lo hubiera llevado consigo, habría divulgado la sabiduría a los Jeguakáva, así como a nuestro Padre la divulgó.

Kurutué Retã = el país de los Kurutué, según algunos Mbyá, seres con cuerpos humanos pero inmortales, última etapa de la peregrinación de quienes obtienen Aguyje. Es Parakáo quien en última instancia resuelve si el postulante es merecedor de ingresar en el País de los Bienaventurados, Yvy Marã Eỹ. Kurutué no es palabra mbyá, sino corrupción de Purutué, versión guaranizada de portugués.

Po: escucha, atención, ¿qué es?

Eh: llanto de párvulo que quiere mamar.

Ha'y: se deshace, se descompone. Una de las contadísimas palabras en que se escucha la ha aspirada.

Ha'i: mamita. También tiene la h.

Okambu pota ra'u: tuvo la intención (que se frustró) de mamar. (V. voz *ra'u*, Cap. IV).

Jaicha jjava mokera!: semejante a mamita, súmete en sueño y despiersta. Java = pronto; mbo, mo = factitivo, hacer que; ke = dormir; ra = crear; fórmula empleada para producir la metempsychosis. Jaicha (a'icha,

ha'icha) = semejante a mamita. Es de notar que la voz *icha*, que no se emplea en mbyá, aparece en esta palabra.

Ágỹ reve, Kuaray noẽ pojavái: hasta el presente el Sol no sale pronto (cuando una Paca cae en una trampa). Sucede a veces, hallándose cargada la atmósfera, que el disco del sol asoma con aparente lentitud sobre el horizonte; en tales casos dicen los Mbyá que una Paca ha caído en una trampa y que el Sol, hijo de la que fué metamorfoseado por él en animal, se entristece por ello. La lentitud con que se eleva el astro es una demostración de su remordimiento por haber, en un arrebato de impaciencia, convertido a su madre en animal en vez de haber perseverado en su intento de volverla a la vida en su forma de ser humano. Comentando la discrepancia de este relato con Ayvu Rapyta, el dirigente que me servía de maestro me dijo que Pa'i no es el verdadero Sol, sino su dueño.

Tereó inambu emondji: ve y espanta una perdiz. Un episodio similar fué hallado por Samaniego entre los Ava del Norte.

Okuapy: estando. V. "ocuapa" en el "Tesoro", y ejemplos en el Vocabulario al final de la obra.

Guavira ñamoatãchi va'erã: debemos fumigar los guavira maduros. La mayoría de los frutos deben ser fumigados con humo de tabaco para evitar que produzcan malestares.

Iku: pues, efectivamente.

Ke'y: apócope de *tyke'y* = su hermano mayor.

Ipýry: crudo. Guarani: *ipýra*.

Jyy, apócope de *jevvy*: nuevamente.

Opovyvy ojaichère: buscó, a tientas, a su tía, con intención de fornicar.

Eñyvõ yva mbytëpy: clava en el centro (o profundidades) del Paraíso. Según una versión de este episodio, Pa'i esparció las flechas por el cielo, convertidas en estrellas: *jachytata*.

Guyrapaju, Jachy rapa: arco milagroso, arco de Luna, árbol de la familia de las Apocináceas, conocido con el nombre de Kirandy, pero a veces llamado también *yvyraju*. Emp. para la fabricación de arcos, como el Guajayvi.

Ñakarãchichã: nombre que Charia y su familia aplicaban a Pa'i Rete Kuaray, cuya etimología me es dudosa.

Egui ra ko: pues aquí está. V. Montoya.

Koachi tyre'ỹ, koachi ty ra'e: juego de palabras que hace burla de la mala pronunciación de Charia y sus hijos.

Añangapiry: fruta llamada también ñangapiry en guarani. En el mito apapokúva, Añay exclama también: *piry, piry*, en uno de los episodios.

Chimbo: timbo, bejuco ictiotóxico. Jagua chimbo: planta id.

Ñandyta: nombre mbyá del ñandypa = Genipa americana.

Ojapo jeguaka, tata reve: hizo un adorno, con fuego. Nimuendajú demuestra que este episodio aparece en la mitología americana a través de todo el continente, hasta Siberia.

Charia ryekue opu...: este episodio de la conversión de un pedazo de la tripa de Charia en perdiz portadora de lumbre me fué narrado por Juanchito, hermano menor del Cacique Pablo Vera. Lo considero importante desde el punto de vista etnológico.

Mberu aqua: mosca que pica, de cabeza chata: agua.

Charia ñe'eng...: el alma de Charia se convierte en el padre de los Tupã Rekoé. Este episodio es una intercalación de Cirilo, yerno de Tomás, de Yvytuko. Mereció la aprobación tanto de Tomás como de Cantalicio.

Mbogua oguero'a: el Mbogua lo derribó. Mbogua, angue o Takykuéry gua, el alma de origen telúrico que se incorpora a *Ñe'eng*, el alma divina, poco despues de nacer el ser humano. Mbogua merodea por el lugar en donde ha fallecido una persona; puede matar a quien lo ve u oye. V. Cap. XVI. Pa'i no resucitó a su hija para que los hombres supieran que Mbogua es peligroso.

Omarã eñ gui: de su propia divinidad, en virtud de su indestructibilidad.

Jayru: pájaro que anida en túneles, llamado "guyra toro" en guarani, tambien *marakana yvyguy*. En el vocabulario religioso mbyá: jaku changué = cuerda que fué del faisán, porque fué del lazo de guembepi con que iban atados los pájaros, entre ellos un jaku, cazados por Pa'i y su hermano. Tiene el pecho rojo, color del guembepi fresco con que iba asegurado.

Monde, mondepi: trampa consistente en un tronco grueso que aplasta al animal que penetra en ella.

Teju rembi'u: Eugenia Myrcianthes. Guarani: Yvahái.

Guapytã: fruta madura del pindo. El pindo tambien se llama: guapytangy.

Pindãre omoatã: tiró el anzuelo. Kuaray tiró el anzuelo con la mano, Jachy con la boca, a pesar de haber sido advertido del peligro.

Oí, ndoiri: salió, no salió. Guarani: ojei, ndojeiri.

Yryvovõ: puente. V. Montoya. La etimología de esta palabra tuvo perplejos a Nimeundajú y su traductor Recalde. V. p. 32 y 37 de su LEYENDA tantas veces citada.

CAPITULO IX

Arandu porã ogueno'ã va'e, mba'e mbojaity a, Jakaira kuéry pyronga.

Los que se inspiran en la buena ciencia, conjurando los maleficios; los lugartenientes de los Jakaira.

En un estudio hecho a pedido del Dr. Manuel Gamio, Director del Instituto Indigenista Interamericano, y publicado en "América Indígena", dividí la ciencia médica de los Mbyá en Medicina Mística y Medicina Racional. De la medicina racional me ocuparé en el capítulo siguiente; la medicina mística protege a la tribu contra las acechanzas de Mba'e Pochy cuyos agentes, ya en forma de duendes malévolos, ya en forma de hechiceros rivales, persiguen a los hombres, introduciendo en sus visceras gujarros, insectos, hojas venenosas. Es misión de los *iñarandu porã i va'e* = los que poseen la buena ciencia, sanar a los embrujados y castigar a los culpables; recibir mensajes de los dioses referentes a la vida tribal, dirigir los cantos y las danzas. En la primera parte de este capítulo, el Mayor Francisco, de Tava'i describe las facultades del médico agorero (pudiendo ser hombre o mujer); en la segunda se trascriben las plegarias que se pronuncian con el objeto de obtener la grandeza de corazón: mby'aguachu reko rã, y la fortaleza: mbaraete reko rã necesarias para practicar la medicina mística. En la tercera se trascriben algunos mensajes recibidos por dirigentes; en las Notas, los procedimientos empleados por los médicos agoreros, y una lista de las figuras de la mitología.

PARTE I

Ijarakuaá va'e mborayú ijapy e'ỹ va'e ogueno'ã yvate gua gui.

Mbaraete, mby'aguachu ijapy e'ỹ va'e ogueno'ã aveí. A'e javi kue i gui ijarakuaá ve aé ma va, ipy'aguachu iporã ápy, ñande áry gua kuéry gui. A'e rami ramo, ombojerovia Mba'e Porã kuéry. Mbaraete rekó rã mba'e i kuri katué ramo jepe e'iuca ño.

Quienes poseen entendimiento, ilimitado amor al prójimo reciben de los de arriba.

Ilimitada fortaleza y grandeza de corazón reciben tambien. Aquel que entre todos los demás en mayor grado entedimiento verdadero posee, obtiene valor para las obras buenas, inspirádole por los situados encima de nosotros. En esta forma le honran los Seres

A'e rami ramo, oñembo'e porā i va'e oecha ramo jepe, oendu ramo jepe ogueropochy va'erā, ndogue-rochýi.

Arandu porā ogueno'ā va'e mbaracte reko rā, mby'aguachu reko rā oupity yvategua gui, Jakairy kuéry pyronga. Jakaira kuéry mbojaity a gui mba'e vaí ombojaity. Kuña karai kuéry, karai kuéry iñarandu porā i va'e, mberu ra'y ombojaity.

Tatapy rupa jave i re, petei te-tei a'e rami gua oiko. Itara'yi my ñandapi ramo yvy re itáva rei va'e, y'akā yvy'ajá, a'e-va'e jepe omba'epo porā i va'e ombojaity, oguerochyry.

Oñembo'e porā i va'e ombojaity ka'avo yvategua, Jakaira kuéry mbojaity a gui.

Yvyra iñe'e katupyry e'y va'e oporoapi ramo, iñarandu porā i va'e oguerochyry, ombojaity. A'e javi kue vyvra iñe'e avae ve va'e, tajy. Tajy jajaga ramo jepe, iñe'e ndochyry'i; a'e rami ramo yvyra kóva'e ore yta rā ndoroiporú. Yvyra iñe'e katupyry va'e, ygary, yvyra ñamandu; amboaé, Aju'y chí.

Buenos. Palabras para acrecentar su fortaleza en plazo no lejano le hacen pronunciar.

Por consiguiente, los que pronuncian plegarias hermosas, por más que vean, por más que escuchen cosas que incitan a la cólera, no se encolerizan.

Quienes se inspiran en la buena ciencia, quienes fortaleza y valor reciben de los de arriba, son los lugartenientes de Jakaira. En virtud del poder de conjurar de los Jakaira, conjuran los maleficios. Las señoras, los señores que poseen la buena ciencia, extraen las larvas de las moscas.

En todos los asientos de fogones existe una persona de esta clase. Los guijarros con que nos hieren los habitantes ociosos de la tierra, y los dueños de los barrancos precipitosos de los arroyos, aún estas cosas las conjuran y extraen quienes ejecutan buenas obras.

Los que pronuncian buenas plegarias extraen las hierbas nocivas, en virtud de la facultad de conjurar de los de arriba, de los Jakaira.

Cuando un árbol de alma indócil hiere a alguien, los que poseen la buena ciencia conjuran el maleficio, extraen el mal. Entre todos los árboles, el que posee alma más ferroz es el Lapacho. Aún cortando en pedazos el lapacho, su alma no desaparece; por consiguiente este árbol no lo usamos nosotros para horcones de nuestras viviendas. El árbol de alma dócil es el Cedro, el árbol de ñamandu; otro es el Aju'y Elanco.

Ijarakuaá e'y va'e, iñarandu vaí va'e, omoakamby ño mborayú; ogueropochy va'erā rami gua e'y jepe ogueropochy pa katui: Mba'e Pochy ombojerovia a'e rami. A'e va'e ma katu, guapicháre oarandu vaí oiporu va'e, a'e nunga pe ma "poroavyky a" ro'e.

Poroavykyá oiko ramo, ñamondýi vaí pa va'erā; ipoapy rupi ñaikichimba i va'erā. Embiavykykue omano ramo katu, jajuka i avei va'erā, oporoayú e'y va'e opa águā.

Porayú e'y gui poroavyky ápe guapicha porā omoambague ma rami vy, jajuka ramo maé a'eve. A'e ramo aé omano va'ekue chy, tuú pe a'eve va'erā, ichy py'arachy okuera i va'erā.

Arandu porā ogueno'ā che va'e.
Oñembo'e porā va'e roka rupi aroguata tatachina.

A'e vy ty, ñe'ā che mby'aguachu reko rā aikuaá iño va'erā. A'e a rupi a'e ramo aiko, che che Ñe'eng Ru Ete kuéry oecha águā; kuri katué ramo jepe ñe'ā mba' e i e' iuka ño va'erā.

El que carece de entendimiento, el que posee la mala ciencia, permite que se bifurque sobremanera su amor; aún aquellas cosas que no debieran enfurecerle le enfurecen en extremo; procediendo así el Ser Furioso le inspira. A los de esta clase, que utilizan su mala ciencia en detrimento de sus semejantes, a los de esta laya les llamamos "los que hieren furtivamente al prójimo".

Cuando hay hechiceros, debemos escarmentarlos ejemplarmente; debemos inferirles numerosas heridas en las muñecas. Si muere aquel que ha sido herido furtivamente debemos matar también al hechicero, para acabar con los que dejaron de amar al prójimo.

A aquel que por desamor e hiriendo furtivamente a su semejante, haya desolado el hogar de un prójimo, debemos matarlo también para que haya justicia. Únicamente procediendo así estarán contentos la madre y el padre del muerto y sanará el dolor de corazón de la madre.

* *

Un aspirante a la buena ciencia.
Yo recorro los alrededores de las casas de quienes pronuncian buenas plegarias esparciendo la neblina (humo de tabaco). Perseverando así, aprenderé numerosas palabras para fortalecer mi espíritu. Por esto es que concurre a tales lugares, para que lo vean los verdaderos padres de mi alma; y para que en un futuro no lejano me hagan decir muchas palabras.

A'e vy ri ma, che rapicha i kuéry namotare'y chéi; amotare'y vy nda'u, che Ru tenonde kuéry pe a jeavy va'erā. A'e rami ramo che rapicha i kuéry ojeavy i ramo jepe, a endu veí pa i va'e. A'e rami ramo, mbaraete i reko rā mba'e i e'iuka ño eteve va'erā ñande Ru tenonde kuéry.

Jajeayú riú ete jepe, ñamoakamby ño ramo katu, ndajaupit'yí va'erā mby'aguachu reko rā, mbaraete reko rā.

"Tereó vvy py, che ra'y; opa marangua reecha va'erā vy jepe, re-ropy'aguachu va'erā", e'i ague ramo ñande Ru tenonde kuéry jaecha.

A'e va re, teko porā ijapy e'y vare ñañemomburu va'erā.

Néi, a'e ramo, ñane mbaraete, ñande py'aguachu kuaray rupa ñavō, jechaka rupa ñavō: a'e va'e jaro-ropy'aguachu pa vy aé je ñande Ru tenonde gua gua'y ruvicha vicha opy'a rechéi re meme ogeuno'ā va'e gui ojokuái ño va'erā jeayú porā pe; ogueroyv'yí uka ño va'erā, omoñe'y chyrō uka ño va'erā ñe'e porā.

El que habla se dirige a los presentes:

Néike, karai kuéry, kuña karai kuéry, peña'e'ā i ke peñandu i reí

Por consiguiente, no quiero ofender a mis semejantes, en caso de enemistarlos, pecaría contra mis Primeros Padres. Por consiguiente, aunque mis semejantes se equivoquen, les escucho sin prestarles importancia (les perdono). Procediendo así, nuestros primeros Padres sin duda alguna me harán pronunciar numerosas bellas palabras para el fortalecimiento de mi espíritu.

Aunque nos amemos sinceramente, si permitimos que nuestro amor se bifurque, no hemos de alcanzar valor, fortaleza.

"Ve a la tierra, mi hijo, y aunque todas clases de cosas nefandas deberás ver, has de afrontarlas con grandeza de corazón", el que nuestros primeros Padres pronunciaran estas palabras lo vemos (V. Cap. IV).

Por consiguiente, debemos dedicarnos con fervor a la obtención de la vida imperecedora.

Bien, siendo así, seamos fuertes, seamos valientes todas las noches, todos los días; pues solamente si afrontamos con valor la sucesión de las noches y los días enviará nuestro Primer Padre a los dirigentes de sus numerosos hijos que alberga frente a su propio corazón junto a los bien amados; hará, efectivamente, que desciendan; en verdad, hará que ellos pronuncien largas series de bellas palabras.

Pues bien, señores, señoras, esforzá-os (danzad) en virtud de la con-

vy ñane Ñe'eng Ru Ete kuéry pe, japytu'u i āguā.

Mba'ea'ā.

Aipo jevy ma, Ñe'eng Ru Ete i, roporandu i jevy ma mbaraete, py'aguachu reko rā i re.

A'e va re, tove ta ore mbopy'aguachu i jevy jevy.

Opa marangua mbytépy jepe, mby'aguachu reko rā i ereuka ño eteve va'erā nde py'aguachu reno'ā va'e rupi.

Nde vvy rupare opa mba'e te i ore mbopy'aguachu āguā rami raga e'y, opa marangua rami mbopy'aguachu rā rami e'y rojekua'ā va gui jepe, tove i ta ore mbopy'aguachu jevy jevy.

Aipo i jevy ma roñembo'e i ore py'aguachu reko rā re.

A'e va re, Karai Ru Ete, Karai Chy Ete tenonde, a'e rami ma nde ra'y py'aguachu o popygua tataendy tatchina pende yva rokare a'eve reí ma oñeangareko va'e; kuri katué ramo jepe mba'e oupity e'y va'e, ne remimbo-jeguakáva apyre pyre apyle jave eremoñeangareko a'e va'e; ne remimbojachukáva apyre pyre apyle jave re eremoñeangareko a'e va'e.

ciencia (conocimiento) que tenéis, de los verdaderos padres de nuestras almas, para luego descansar.

* *
*

Plegaria.

Henos de nuevo aquí, verdadero Padre de las almas, averiguando nuevamente acerca de la fortaleza del valor.

Por consiguiente, infúndenos tu valor repetidamente.

Aún en medio de todas las cosas malignas, harás pronunciar por intermedio de tus valerosos hijos que albergas abundantes palabras que nos infundirán valor.

Todos los seres habitantes de tu morada terrenal lastimosamente no merecemos que nos inspires valor; no obstante, a los que manifiestamente rechazamos las inspiraciones de lo malo, te suplicamos nos inspires repetidamente valor.

* *
*

Hé nos nuevamente aquí orando para obtener valor.

Por consiguiente, Karai Ru Ete, Karai Chy Ete, siendo efectivamente así, haced que los valientes hijos que con las llamas y la neblina de sus varas vigilan en forma insuperable los alrededores de vuestro Paraíso; aunque estas cosas para nadie serán jamásasequibles, haced que ellos cuiden de las coronillas de las últimas generaciones de aquellos a quienes persisteis la insignia de la masculinidad, de las coronillas de aquellas

A'e va re, pende popygua tataendy tatachina tove i taperomba'eapo porã i jevy jevy; a'e ãguã ma roñeendu jevy.

* *

Ro'e ñendu jevy ma, Jakaira Ru Ete, Jakaira Chy Ete tenonde gua.

A'e rami ete ma, pende ra'y Jakaira mba'e mbojaity a peno'ã va'e, a'e ramo ñanga! opa marangua mbytépy jepe, pe romba'eapo i jevy jevy pende popygua tataendy tatachina.

* *

Ro'e i jevy ma, Tupã Ru Ete, Tupã Chy Ete tenonde.

A rami ete ma, yvy rupa aku katui oupy ramo, peẽ i jevy ma pende ra'y ruvicha vicha pejokuái pende yvy rupare pemoma'e, pemboro'y pende yvy rupa.

Nde jeguakáva apyre i, nde jachukáva apyre i opa marangua rembi-jeecha vai ojekuaá i ma vy, jeepe a kuéry mbovy eỹ peñogueno'ã; a'e rami vy ma, peroaéi ñendu i, pende tarova i jevy, añetẽ guãra my eteve i ma ro jekuaá a gui ore moppu'ã i. A'e va re tove i ta ore mbopy'aguachu jevy jevy.

en quienes vosotros pusisteis el emblema de la feminidad, haced que ellos cuiden.

Por consiguiente, haced que obren benéficamente las llamas y la neblina de vuestras varas; para que así sea es que nuestras voces vuelven a escucharse.

Vuelven a escucharse nuestras voces, Jakaira Ru Ete, Jakaira Chy Ete, los primeros.

Siendo verdaderamente así, a vosotros que albergáis a vuestros hijos los Jakaira conjuradores de maleficios, os suplicamos que aún en medio de toda la malignidad de la tierra hagáis obrar benéficamente las llamas y la neblina de vuestras varas.

* *

Volvemos a decir (hablar), Tupã Ru Ete, Tupã Chy Ete, los primeros.

Por ser efectivamente así es que, cada vez que yace recalentada la morada terrenal en toda su extensión, sois vosotros quienes volvéis a enviar a los dirigentes de vuestros hijos y refrescáis vuestra morada terrenal.

Aunque las generaciones de los que llevan vuestra insignia de la masculinidad y las generaciones de las que llevan vuestro emblema de la feminidad están predestinadas a ser acosadas por todo lo maligno, no obstante ello, vosotros reunís innumerables retribuidores de la palabra, y así hacéis escuchar vuestras voces, hacéis escuchar vuestros gritos; y aún ha-

llándonos en los umbrales de la muerte, nos volvéis a levantar. Por ser así es que os suplicamos infundirnos repetidamente valor.

* *

*

Además de la serie de himnos trascriptos, tiene cada Mbyá su himno "particular". Los trascriptos se entonan, como se colige del contexto, en las reuniones para orar en común y las danzas rituales; los "particulares" se entonan en la intimidad del tapýi, aunque a menudo, también, en las reuniones. Como ejemplos, he recogido los de Inocencio Martínez, de Juagukua i, Yuty, y el de Laureano Escobar, de Tapytã, San Juan Nepomuceno.

Himno de Laureano Escobar

Aipóke, ore Ru Tenonde gua, ndeé rãgẽngatu ma ore reko kuaá a tenonde i.

Ndeé rãgẽ ma ayvu rapyta rã reikuaá nde jeupe yvy rupa rorojera eỹ re.

Karaí Ru Ete, Karaí Chy Ete nde yva mbyte rupi Karaí porã, Jakaira porã, Tupã pora reno'ã remimoñeỹchyrõ.

A'e va re, ore ma'endu'a porãngue i, nde yvy py ropyta mbovy i va'e pe, emoma'e ño ete ke nde ra'y py'aguachu, Karaí, Jakaira, Tupã py'aguachu.

Kova'e gui vy aé, ropyta mbovy i va'e peteĩ teĩ, ore ore py'aguachu ri ñe'ã.

Ndeé rãgẽ ngatu ma, Karaí Ru Ete rã i, re'ã ramo, a'e va'e re ima'endu'a porangue i ropyta i va'e roãme a'e va re ore, yvy py ropyta

Oh, nuestro Primer Padre! fuiste tu quien concibió antes del principio las normas para nuestra conducta.

Fuiste tu quien concibió el origen del futuro lenguaje humano antes de haber creado la morada terrenal.

A Karaí Ru Ete, a Karaí Chy Ete, en el centro de tu paraíso a los Karaí buenos, los Jakaira buenos, los Tupã buenos, puestos en hileras tu albergas.

Por consiguiente, hacia los que nos acordamos (de ti), hacia los pocos que permanecemos en la tierra, haz que dirijan sus miradas tus hijos de corazón grande, los Karaí, los Jakaira, los Tupã de corazón grande.

En pos de ella (la grandeza de corazón) es que algunos de nosotros, los pocos que quedamos, nos esforzamos.

Por haber sido tu el primero, excelso padre de los Karaí, en erguirte, a nosotros que nos acordamos de ti erguidos; por éso, a los que

va'e ta ore py'aguachu toroãme.

A'e rami vy ete ty ñe'ã, opa mba'e roecha roãmy vy ete, ore py'aguachu vy jepe, a'e rami vy ete aé ma va'erã ore py'aguachu.

permanecemos erguidos en la tierra, haz que nos irgamos (vivamos) con grandeza de corazón. Teniendo siempre este objeto nuestras plegarias, considerando en nuestro corazón todas las cosas con el solo objeto de obtener valor, obtendremos grandeza de corazón.

* *
*

Himno de Laureano Escobar

Aipóke, ore Ru Tenonde gua! ndeé rãgē ma, nde rupa rã reikuaá eỹ re, nde yvára py ñemongeta kurié ramo jepe mba'ëve ojoko eỹ ngatu va'e.

Va'ère ma ore, ne remi-mboguyrapa apyre pyre i ore ma'endu'a ne amba ipoata porãngatu vare'ỹ.

Va'e gui jepe, ndeé meme ne remi-mboguyrapape ñemongeta rembochryry i jevy va'erã.

Kova'e re ma, mba'ëve ne moan-geko katu i ramo eỹ jepe, ore ne remi-mboguyrapa apyre i vy aé romoangeko jevy jevy roãmy ramo ma.

Nde ra'y ete rã ndeé rãgē ngatu ma rorojera reãmy ramo ma; Ñamandu Py'aguachu reta o yvára jechaka reve voi; Karai Ru Ete rã, Jakaira Ru Ete rã, Tupã Ru Ete rã, rorojera reãmy ramo ma: kova'e roikotevẽ roãmy, Ñamandu Ru Ete tenonde gua.

¡Oh nuestro Primer Padre! antes de haber tu, excelso, concebido tu futura morada terrenal, existía dentro de tu divinidad tu palabra omnipotente (tu palabra a la que nada era capaz de parar o atajar). Por éso es que nosotros, a quienes tu proveíste de cuerpos que portarían arcos, nos acordamos de tu hermosa morada inasequible.

En virtud de ello, en verdad, tu eres el único que inspirarás palabras a quienes tu proveíste de arcos.

Es por eso que, aunque en verdad nada te puede molestar, nosotros las generaciones de quienes tu proveíste de arcos, te importunamos repetidamente, por habernos erguido (adquirido conciencia, etc). Haciendo tu, excelso, al erguirte el primero, creado a los verdaderos futuros padres de tus hijos, a los numerosos Ñamandu valientes con el reflejo de su sabiduría; a Karai Ru Ete, a Jakaira Ru Ete, a Tupã Ru Ete: es de ellos de quienes tenemos necesidad en nuestro corazón ¡oh verdadero Padre Ñamandu el Primero!

A'e ramo ma, nde ra'y py'aguachu reta yvy py ne remimboguyrapa mbyte py, orecha mboguejy porã jevy jevy va'erã, Ñamandu Ru Ete Tenonde gua. Kova'e re, roeroayvu vy aé ma yvy py jeguakáva reko rã i, roeroayvu tenonde reãmy; jachukáva reko rã i yvy py roeroayvu reãmy; a'e ramo ma, nde reé meme rojerovia roãmy, Ñamandu Ru Ete tenonde gua.

Nde ra'y ru ete rã mbovy katu eỹ ne rembi-roayvu meme: a'e rami ete reno'ã nde yva pyte jave jave rupi ima'endu'a porangue i pe.

A'e rami ma, nde reé rojae'o. Porangue i pe nde ra'y remboayvu ño ete ne; nde yvy py opa mba'e opu'ã va'e mbytépy, nde ra'y py'aguachu reta remboayvu ño ete ne.

Kova'ère ma romoangeko, Ñamandu Ru Ete tenonde gua.

* *
*

El noviciado del que aspira a que los dioses inspiren puede durar años; durante él, el neófito entona los himnos trascriptos, buscando diamante comunión con su dios tutelar o padre de su alma: Ñe'eng Ru. Debe frecuentar las reuniones para orar en común, asistir a las danzas, ajustarse al código moral, la que impone la hospitalidad, la caridad, el amor al prójimo. Cuando los dioses le consideran merecedores de recibir mensajes divinos, v.g., iniciarse en la práctica de la medicina mística, conjurar los maleficios, etc., cae el novicio en un estado comparable al de trance. Esto sucede a veces en una reunión para orar en común. El Mayor

Por consiguiente, tus numerosos hijos valientes dirigirán buenamente sus miradas hacia las coronillas de quienes tu proveíste de arcós ¡oh verdadero padre Ñamandu, el Primero! Por ésto, habiendo tu en verdad, establecido las leyes para los que llevan la insignia de la masculinidad, habiéndolas tu establecido al erguirte; habiendo tu establecido en la tierra las leyes para las que llevarían el emblema de la feminidad: es por ésto que confiamos en ti, ¡oh verdadero Padre Ñamandu, el Primero!

Fuiste tu quien inspiró la palabra a los futuros numerosos padres de tus hijos; asimismo los albergas en toda la extensión de tu Paraíso para los que se acuerdan buenamente (de ti).

Por ser así es que a ti clamamos. A los buenos tu harás que hablen extensamente tus hijos; harás que tus hijos de corazón grande hablen en medio de todo lo que se levanta en la tierra.

Para que ésto acontezca es que te molesto, Ñamandu Ru Ete el Primero.

Francisco, de Tava'i, recibió su mensaje hallándose convalesciente de una larga enfermedad. Durante este estado de excitación religiosa o fervor, recibe un mensaje de Ñamandu Ru Ete concebido en los siguientes términos, transmitido por intermedio de un intermediario (invisible). El que transcribo literalmente es el que recibió Francisco:

Néi, a'e ramo, rejeayú che ri tei ma iku.

A'e ramo ma, ñande Ru Tenonde "ñe'e porã earõ je" e'i ague ramo rejepoguyro uka i va'ekue ma ri tei.

A rire jepe, reñembo'e poriaú jey ty ra'e, kuaray rupa ñavõ re, jechaka rupa ñavõ re.

Va'e oecha ñande Ru tenonde gua, ñande Chy tenonde gua.

A'e vy ma, aipo e'i:

-Mba'ére voi ñande ra'y apyre oñembo'eche ri ño ty ra'e?

-A'e va'e ma jaecha rei eỹ aé, e'i ñande Chy tenonde.

A'e ramo, aipo e'i ñande Ru Tenonde:

-Néi, a'e ramo, yvy rupa avaete porangatu eỹ re jepe, che ñe'e ñeỹchyrõ gui araaka i águáe ma.

-Cheé voi ma, jeguakáva reko rá kuaá tenonde are vy ma; cheé vy aé jeguakáva moñeenói águá che popygua rapyta tataendy tatachina aroỹvỹi, iyyvára mbopy'aguachu rá i, iyyvára mbaraete rá i amoñeenói che jeupe.

Pues bien, con falta de entereza, efectivamente, te has dedicado a obtener que se te ame.

Por consiguiente, te has desviado de aquello que dijo nuestro primer Padre: "esperarás palabras hermosas".

No obstante, has vuelto a orar con perseverancia, humillándote grandemente todas las noches, todos los días.

Esto lo han visto nuestro primer Padre, nuestra Primera Madre.

Por consiguiente, dijeron:

-¿Porqué es que el descendiente de nuestros hijos persevera, pronunciando plegarias?

-De estas cosas en ninguna manera solemos hacer caso omiso, dijo nuestra primera Madre.

Por consiguiente, nuestro primer Padre ha hablado así:

-Bien, siendo así, mis series de palabras en manera alguna fueron destinadas para ser enviadas a la morada terrenal horrorosa, imperfecta.

-Sin embargo, fui yo el primero en conocer las costumbres de los que llevarían la insignia de la masculinidad; siendo yo el primero que hizo descender las llamas y la neblina de la extremidad de mi vara a fin de que los que llevarían la insignia de la masculinidad y el emblema de la feminidad pudieran ser llamados por sus nombres; y para inspirar valor en sus almas,

A'e va re, mba'e a'euka ño va'erã ipy'aguachu pe ma vy, imbaerete pe ma vy.

* *

*

Porãei porã yvategua gui oikuaa va'e oñembo'e porã i va'e.

-Néi, che ra'y kuéry, cheé che remti-mbojeguakáva ambojeguakavyapu va'ekue rami eỹ pa ma oiko; a'e vy ma, ñande Ru Tenonde gua.

-Che ra'y ima'endu'a porangue i ndaecha véi ma. Mba'e vare che ra'y apyre noñemo-mboriaú ete rei ri che reé?

A'e ramo, ñande Chy Tenonde:

-Cheé, aecha poteri ima'endu'a porangue i. Oime oime poteri oñemboriaú va'e chevy. A'e va re ma, kapi'i aviju ty re eichu marane'ỹ ano'ã, ima'endu'a porangue i che rupity vy ambojéjuruéi águá.

Kóma, che yva rokáre, ajaka i ju ano'ã, che memby apyre pyre i oñevanga águá.

y fortaleza pronuncié sus nombres en la soledad.

Siendo así, abundantes palabras le haré pronunciar para su valor, para su fortaleza.

Hermoso canto que supo de los de arriba uno que entona hermosas plegarias.

-Bien, mis hijos, aquellos a quienes puse la insignia de la masculinidad no proceden de acuerdo a los cantos que yo les inspiré, así (habló) nuestro Primer Padre.

-Buenos recuerdos en mis hijos ya no veo más. ¿Porqué será que los descendientes de las generaciones de mis hijos dejaron de humillarse ante mí?

En respuesta, nuestra Primera Madre:

-Yo veo aún buenos recuerdos. Hay todavía algunos pocos que se humillan ante mí. En vista de ello yo, en los pajonales eternos, abejitas "eichu" he reunido, para que aquellos que albergan buenos recuerdos pueden enjuagarse la boca (con miel).

-He aquí, en los alrededores de mi Paraíso, canastillas milagrosas he reunido, para que con ellas puedan jugar las descendientes de las generaciones de mis hijas.

Esta conversación entre el Padre y la Madre de los dioses, captada por el dirigente y transmitida a los de la tribu en forma de himno, constituye una advertencia a los hombres, cuya irreligiosidad comienza a irritar al Ñe'eng Ru Ete. Su ira ha sido desviada mediante la religiosidad de las mujeres y niñas, cuyas preces han sido escuchadas por la Madre de los Dioses, quien se prepara para recibirlas, cuando retornan a la morada de ella, con miel de *eichu* y canastillas indestructibles o eternas. Merece su-

brayarse el hecho de que el nombre de las Pléyades, tanto en mbyá-guarani como en guarani "clásico", es Eichu, nombre autóctono de estas abejas.

* *
*

Kuaray oñeama.

Iporangue py oñemboayvu eỹ eta ma vy, Kuaray oñeama.

Imarā va'erā eỹ vy jepe a'e rami, ojeechauka ñande Ru Kuaray.

-Kuaray oó rā che yvy re, no endúi je oñembo'e porā i va'e che ambáre; a'e va re che ra'y ajoko pota, pytú oiko āguā, e'e Nande Ru Tenonde.

A'e va re, ijayvu jevy Tupā Ru Ete:

-Néi, ambe rāgē; pytú jajapo va'erā ramo jepe, jajapychaka ñande ra'y mbovy katu eỹ re, ñane remi-ñeangareko ñamboapyka ague re.

-Ayvú kurié opa eỹ va'e amondouka yvy py; che ñe'e te che rovia rovia ramo, ochapukái porā jevy i va'erā che ambáre.

-A'e rami eỹ ramo, ndeé ma, ore Ru Tenonde, reikuaá nde yvy re rejapo va'erā.

Un eclipse del Sol es motivo para que toda la población se dedique a la danza con acompañamientos de himnos entonados en alta voz: chapukái. Estos cantos los escucha Tupā Ru Ete, y se lo comunica al padre de los dioses, evitando así que sobrevengan las tinieblas. Compárese con el episodio del mito de Pa'i Rete Kuaray referente al origen de los eclipses del sol.

* *
*

Se eclipsa el Sol.

Siendo numerosos los que no dirigen plegarias a los dioses, se eclipsa el Sol.

Aunque no será destruído él, en esta forma nos advierte (se nos muestra).

-En su viaje por mi tierra, dice el Sol que no escucha buenas plegarias dirigidas a mi morada; por tanto, yo detendré a mi hijo el Sol para que sobrevengan tinieblas, dice nuestro Primer Padre.

En cosecuencia, ha vuelto a hablar Tupā Ru Ete:

-Bien, esperemos; aunque debiéramos crear tinieblas, prestemos oídos a nuestros innumerables hijos, a aquellos a quienes damos asiento para tenerlos a nuestro cuidado.

-Palabras perdurables he enviado a la tierra; si algunos entre ellos (entre nuestro hijos) ponen fe en estas mis palabras, volverán a clamar buenamente en alta voz a mi morada.

-Si así no aconteciere eres tu, nuestro Primer Padre, quien sabes qué hacer de tu tierra.

Eepy a jajerure a.

Ne retará na echāi ramo ,poā reikuaá ve eỹ ma vy, ñe'eng mbyte ojeayupi katu ma vy, eepy a re rejerure va'erā. Kórami i ma reñemboayvu va'erā;

-Néi, ore Ru, ndeé Ñamandu Ru ete ma vy, ndeé araka'e reikuaá Karaí Ru Ete rā, Jakaira Ru Ete rā, Tupā Ru Ete rā.

-Aipóke, arojepychaka nde ra'y jeepy a mbovy katu eỹ reno'ā va'e.

-Arojepychaka, arojerovia nde ra'y jeepy a.

-Nde ra'y jeepy a ruvicha vicha mbovy katu eỹ reno'ā ramo, eroñemongeta yvy re, yvy rovakére.

-Nde ra'y Jakaira Rekoé reta, nde ra'y jeepy a meme, emboú yvy rovakére, embotarova-ñendu ke ore apytére; kova'e gui jeepy a tojekuaá.

-A'e va re, che mbopy'aguachu ke, kurieve ramo jepe mby'aguachu mba'eva omoakamby i eỹ va'e.

Si el enfermo objeto de esta plegaria va a "resucitar", escucha el médico agorero el siguiente mensaje:

-Tereó eovaichí ñe'eng, emboguapy jepy: che naikotevei poteri.

Cómo se pide la venida de quienes redimen la palabra (resucitan).

Hallándose enfermo tu compueblano e ignorando ya tu qué remedios administrarle, hallándose ya por ascender la médula de la palabra, debes pedir la venida de los que redimen el decir. En estas manera debes orar:

-Bien, nuestro Padre, fuiste tu quien por ser el verdadero padre Ñamandu conociste el futuro Karaí Ru Ete, al futuro Jakaira Ru Ete, al futuro Tupā Ru Ete.

-Héme pues aquí, invocando a tus innumerables hijos, rescatadores del decir, que tu albergas.

-Yo invoco a tus hijos que redimen el decir, y en ellos pongo mi confianza.

-En virtud de albergar tu a innumerables dirigentes de tus hijos que redimen el decir, haz que ellos envíen su palabra a la tierra, que la envíen allende la tierra.

-A tus hijos los innumerables Jakaira Rekoé, a todos tus hijos que redimen el decir, envíalos frente a la tierra, haz que se escuchen sus clamores en nuestras coronillas, que en virtud de ello se produzca la redención del decir.

-En esta manera, concédeme grandeza de corazón, grandeza de corazón que nunca jamás se bifurcará.

-Ve al encuentro de la palabra y dále nuevamente asiento: yo no necesito aún de ella.

-Kóva'e togueraá jeepy a; kóva'e guí yvára jeepy ojekuaá ma. Kóva'e guí ereñemombe'u are chi py'aguachu ke, opy'aguachu che vy ma gueterá yvára jeecha vaí ogue-ro-ñemombe'u ñe'eng Ruvete py.

-Que éste (a un enviado) lleve la redención del decir; que en esta forma se manifieste la divina redención del decir. Que en virtud de lo ocurrido, aquel que hizo que yo escuchara estas cosas, aquel que me las confió obtenga grandeza de corazón; porque buscando grandeza de corazón divulgó al verdadero padre de la palabra la angustia de alma de su compueblano.

* *
*

NOTAS

Tatachina reko achy: neblina imperfecta; humo de tabaco.

A'e vy ty: perseverando en ésto. Las traducciones que de esta particula da Montoya (N.º 17 de su "Tesoro") son: lugar de las cosas, costumbre, no perseverar. Pareciera que esta última definición se debe a un error, debiendo ser perseverar, como se colige de los ejemplos de su empleo que cita. Porque en estos ejemplos (como en mbyá-guaraní) también denota perseverancia; v.g.: che ty = estoy (contuando); ka'a ty = donde hay la yerba, etc.

Mbojaity: sacudir, conjurar. Uno de los procedimientos es como sigue: el enfermo de quien se sospecha haber sido herido furtivamente o embrujado es introducido en el *opy*; el médico, después de orar y cantar, recibe un mensaje de los dioses informándole de la naturaleza del mal que aqueja a su paciente; v.g., si es un caso de embrujamiento o de heridas inferidas por un espíritu o por algún árbol de alma indócil. A veces se le administra una infusión de *Pipi* — Fitoláceas — y se le empapa con una infusión de *Poã pochy* — el remedio bravo, yerba que según dicen, parece ejercer una acción estimulante sobre el sistema nervioso y los músculos voluntarios. Este mismo *Poã pochy* a veces se administra en pequeñas dosis al enfermo. Mediante la succión extrae el médico de las vísceras del enfermo gusanos, si se trata de embrujamiento; y de guijarros y hojas si se trata de heridas inferidas por "los seres invisibles", o un árbol. En los últimos casos, los dioses castigarán al culpable:

Tupã avaeete kuéry, Jakaira avaeete kuéry, jaecha eỹ va'e omotare'ỹ; poro-avykyá omotare'ỹ. Oñembochi Tupã kuéry: yvyra iñe'ẽ ikatupyry eỹ va'e ojaka.

Los Tupã avaeete, los Jakaira avaeete (furiosos) persiguen a los seres invisibles; persiguen a los que hieren furtivamente. Lanzan rayos los Tupã; reprenden violentamente a los árboles de alma indócil.

Tratándose de un caso de embrujamiento, los gusanos (u otros insectos) que extrae el médico son cargados en un cañuto de *takuapi* — *Me-rostachys clausenii*, en la que han sido cargadas previamente virutas de

yvyrapepẽ — *Holocalyx balansae*, y espinas de *ju mori* — *Pareschia aculeata*. Encima de los gusanos vuelve a cargarse espinas y virutas; se tapa herméticamente el cañuto con cera y se coloca en posición vertical, semienterrado, al lado del fuego. Al derretirse la cera, el mismo calor que mata los gusanos fulmina al hechicero autor del embrujamiento, penetrando en su cerebro a través de su coronilla. En caso de que así no ocurriera, los dioses se encargarán de castigarlo de otra manera. — También se ma ha informado de casos en que los gusanos extraídos de la víctima son introducidos en un cañuto de *takuapi* conteniendo, además de las virutas y espinas mencionadas, grasa de víbora cascabel y jaguar. — Ocorre sin embargo a veces que, debido a la presión producida por el calor dentro del cañuto herméticamente cerrado, revienta éste y vuela por los aires; en este caso la dirección que toma revela el lugar en que debe ser buscado el hechicero culpable quien, una vez individualizado, es ajusticiado si muere su víctima y, en caso de recobrar éste la salud, recibe numerosas heridas en ambos brazos. El único caso de juicio por hechicería del que he podido obtener datos fidedignos ocurrió en el Alto Monday en el año 1935, en consecuencia de cuyo juicio fué ultimada una mujer y castigadas con heridas en los brazos sus supuestas cómplices.

Mo-tare'g: enemistar, perseguir. Es la misma voz *ambotarei* que da Montoya, aunque discrepo con él acerca de su etimología. La palabra *mbyá* se descomponen en: *mbo* = hacer que; *a*, *ha*, *háva* = el lugar en que; *eỹ* = negativo; v.g.: quitarle todos los medios de estar tranquilo.

Oñembochi: los rayos con truenos con que los dioses exteriorizan su cólera. Parece conservarse en la vernácula en: cigarro chiri = cigarros fabricados de tabaco de inferior calidad; y *petỹ chiri* = tabaco id.; por el leve chisporroteo que producen durante la combustión. Dicen los *Mbyá* que un escopetazo podría calificarse de: *añembochi*; y en *guayaki chiria* significa feroz (Bertoni, G.T.: "Diccionario Guajaki"). ¿No habría que buscarse la etimología de Chiriguano en estas palabras?

Ojaka: reprende violentamente. Comp. con Montoya.

Yvy re itáva rei va'e: los habitantes ociosos de la tierra, nombre genérico de los duendes, entre los que pueden citarse:

Iñakanguaja: dueños de los barreros — lugares adonde acuden los animales en busca de la sal que aflora a la superficie. Se manifiestan a veces en forma de meteoros que estallan, en cuyos casos se dice que estos duendes están de visita: *jopou ñakanguaja*. Este duende fué originariamente un hombre virtuoso que había alcanzado el estado de *aguyje* y estaba próximo a iniciar la ascensión al paraíso. Pero dominado por la codicia, había acumulado tantos animales y tan grande era la casa que había construido para albergarlos, que no cabía en las puertas que dan acceso a *Yvy Marã Eỹ*; y tuvo que volver a la tierra, convertido en espíritu guardián de los barreros.

Guachu Ja Ete: el verdadero dueño de los venados, llamado también: *Omimby i va'e* = el que silba, duende que también corrompe a las doncellas: *iengue omboeko vai*. — Una mujer se introdujo en una chacra ajena y hurtó porotos; el niño de pecho que llevaba en brazos fué convertido en *Guachu Ja Ete*, y ella en venado. — No suele molestar a los que no dan motivo para ello:

Guachu Ja Ete mba'eve re eỹ
ñanemoangeko va eỹ.

El Guachu Ja Ete es de los que no nos molesta sin motivo.

En el Cap. XVIII hallará el lector un cuento, cuyo personaje principal es este duende.

Yākavy'āja: dueño de los barrancos precipitosos de los ríos, que habita los precipicios que bordean los cursos de agua.

Itaja, itäre itáva rei va'e: dueños de las rocas, habitantes ociosos de las rocas.

Mboga, takykuéry gua, (angué): nombres aplicados a fantasmas de origen humano, v.g., la segunda o "alma animal" que permanece en la tierra después de morir el ser humano. Es por temor a *Mboga* que los Mbyá abandonan sus poblaciones cuando en ellas ha fallecido una persona. Este mismo fantasma anuncia la proximidad de desgracias, la muerte, etc. con un grito agudo que escucha el que se halla amenazado. Montoya da la palabra *mbogavi* con el significado de Demonio.

Piragui: ser anfilio, comparable a nuestra sirena.

Tapy'yi: seres semejantes al hombre, pero carentes de orificio anal, por cuyo motivo se alimentan exclusivamente de líquidos.

Kurupi: seres inmortales, habitantes de grandes cavernas de las que, según dicen, existen varias en el departamento de San Juan Nepomuceno. El que se atreve a ello puede comunicarse con ellos y obtener el don de la inmortalidad. Al que desea iniciar contacto con ellos, sin embargo, le anuncian su aparición con truenos, temblor de tierra y vientos huracanados, por cuyo motivo se aconseja atar un pollo: uru en la boca de la caverna del Kurupi en calidad de primer emisario, colocándose el postulante a una distancia prudente, para después acercarse e iniciar conversación. El *Kurupi* de los Mbyá no guarda semejanza con el clásico kurupi guaraní de enorme miembro viril, duende del amor o la lascivia.

Karugua, yvyra'ija: nombres aplicados a un duende que algunos confunden con el Guachu Ja Ete, pero que creo debe ser distinto.

Aó-aó y Pyta jovái: monstruo lanudo el primero; provistos de dos talones, el segundo, y sin dedos en los pies; salvajes y antropófagos.

Ava poapy: otro monstruo maligno, antropófago, provisto de garras muy largas.

Mbai: duendecillo malévolo.

Eira-jagua: monstruo en forma humana, cubierto de una coraza de escamas que le hace invulnerable a las flechas y balas; tiene, sin embargo, un punto vulnerable, pero no en el talón, sino en la boca del estómago. V. en el Cap. XVIII un cuento que tiene por personaje un Eira Jagua. De todas las especies animales dicen que hay un ejemplar monstruoso, fantástico, la mayoría de los cuales viven solos, en lugares solitarios, y no se procrean. De éstos, he oído citar el *Mbi jagua*, oruga monstruosa que habita en el país de los Paí; la *Jeruchi jagua* (jeruti = paloma); *Tapi'i jagua*; *Ka'i Jagua* (mono) que vive asociado con el *Moñái* o *Ta'ytetu Jagua* (cerdo montés pequeño).

Ninguna de las figuras de la mitología iguala en poder a los dioses o sus emisarios:

Yvýre itáva rei va'e reta, yākā-yvy'āja, amboáe jaecha eý va'e reta, iporangue ombojoja ame ramí vy jepe, oekupity va'erā eý.

Los numerosos habitantes ociosos de la tierra, los dueños de los precipicios y demás numerosos seres invisibles, aunque aparentemente se asemejan a los Seres Buenos, no podrán igualar a ellos en poder.

Pyronga: aquel en que pone el pié, a quien inspira: lugarteniente. V. *mopyrō* = hacer que se encarne, Cap. IV.

Mba'e i: palabras, en este caso; seres, cosas. *Ñe'ã mba'e i*: palabras de una plegaria.

Mberu ra'y: hijos de las moscas, v.g., larvas, gusanos. Guaraní: yso. Ycho, en mbyá, es un gusano o larva comestible.

Tatapy rupa: asiento de fogones, población. Che ratypy gua aái: mi compueblano.

Guero-chyry: hacer correr, que desaparezca.

Ka'avo: amuleto, sortilegio; yerba nociva.

Yvyra Ñamandu: cedro. En el vocabulario común: ygary.

Aju'y: "Laurel" u Ocotea.

Omoakamby mboriaú: hace que se bifurque — se debilite — el amor. Dicese también: *omoakamby arandu*: deja que su ciencia sea atraída hacia las cosas vedadas.

Ogueropochy pa katui: se enfurece sobremanera contra muchas cosas. Montoya da la voz *katui*, pero no *katui* o *catui*.

Nunga: semejante a.

Ñaikychi mba i: le inferimos heridas superficiales. Guaraní: jahai pa, jahai pa rei.

Oyta: horcón. Montoya: oquyta.

Jaga, jayá: cortar, herir con arma cortante.

Moambague: asesinar. Lit.: hacer que (mo) un hogar (amba) se convierta en ruinas (kue).

Ñe'ã mba'e i: palabras de un himno, o mensaje divino. *Aendu vei pa*: oigo, sin darle importancia; perdono. Montoya, creo, no da esta palabra.

Je ayú porã pe; jajeayú riú etevy jepe: los bien amados; aunque seamos sinceramente amados. El empleo de la forma pasiva denota que los hombres son amados de los dioses, pero que sí nuestro amor si bifurca, no alcanzaremos la gracia. Nótese el empleo de la preposición *pe* en vez de la narigal *me* después de *porã*.

Opa marangua: todas las cosas nefastas.

Kuaray rupa ñavō, jechaka rupa ñavō: todas las noches, todos los días, en el vocabulario religioso.

Opa marangua mbojeecha vai: acosado por lo nefasto o maligno, en todas sus manifestaciones.

Pende tarova ñendu: hacéis escuchar vuestros clamores Tarova, nombre de los cantos en alta voz; también, con os de los mismos dioses.

Añetē guārāmy eteve i ma rojekuaá: nos hallamos en los umbrales de la muerte, condenados a morir.

Iku: en verdad, efectivamente. Comp. con *ico*, Montoya.

Tei: engañosamente, con falta de sinceridad. Según Montoya: con mentira. Consérvese en el Guaira en oraciones como: Péina ko oho tei = por fin se fué (después de mucha dificultad).

Oupy: "supino" de u = estar (Montoya). Empl. a menudo, pero no siempre, para indicar que el objeto está en posición horizontal. V. ayube, ayu, p. 66 del "Arte" de Montoya.

Jepoguyro: zafarse. Comp. guiro, poguiro (Montoya).

Águã: contracción de *águã* = adv. de futuridad; *aé* = efectivamente.

Ijvára mbaraete rá: para fortalecimiento de su alma.

Eepy: rescatar el decir; resucitar.

Kuaray oñeama: el Sol se eclipsa.

Ambe: espera. Verbo defectivo; empleado, pero poco, en el guaraní contemporáneo.

CAPITULO X

Poã Reko Achy.

Los Remedios Imperfectos.

En un estudio hecho a pedido del Instituto Indigenista Interamericano, al que ya he hecho alusión, dije:

-Según la filosofía mbyá-guaraní existe estrecha relación entre *Teko achy*, las imperfecciones humanas que, al morir el hombre se convierten en *angué* o *mbogua* — y numerosas enfermedades. A la influencia de *teko achy* — la vida imperfecta o las pasiones humanas, atribuyen los Mbyá gran número de enfermedades; en otras palabras, estas enfermedades son atribuibles a la influencia de nuestras propias pasiones sobre nuestros destinos, a la inobservancia de los preceptos divinos y las infracciones al código moral. La rama de la medicina que llamo racional cumple la misión de proveer al Indígena de armas con que defenderse de las enfermedades comunes, productos casi todas ellas de *teko achy*, las imperfecciones, las pasiones, los apetitos.

Esta afirmación la hice basándome en lo que dicen los mismos médicos indígenas:

Ñande reko achykuégui opu'ã ñande reé ñane mba'achy rá.

De nuestro imperfecto vivir se apoderan de nosotros nuestras enfermedades.

La relación existente en la filosofía mbyá entre *teko achy* — vida imperfecta, dolorosa, y enfermedad: *mba'achy* = enfermedad, queda demostrada también en los siguientes preceptos entresacados del código legado a los Mbyá por Pa'i Rete Kuaray:

lñypyrungue peroatachina va'erã; petý chimbo reve pe'u va'erã. A'e ramo eý ramo, pene rembi'ukuégui opu'ã va'erã pende reé pende *reko achy* rá.

La primera pieza de caza que cogiereis debéis fumigarla, con humo de tabaco debéis comerla. En caso de que así no hiciereis, de vuestro alimento adquiriréis malestares, enfermedades, imperfecciones.

Tembi'u aguyje peroayvu va'erã pende arygua kuéry pe; a'e rami eý ramo, mitãre guembikuégui gueko achy rá opu'a va'erã eche..

Los frutos maduros debéis dedicarlos a los de arriba; en caso contrario los niños de su propio alimento contraerán enfermedades.

Los elementos racionales de la terapéutica mbyá-guarani, es decir, los medicamentos utilizados en el tratamiento de enfermedades atribuibles a influencias telúricas, fueron divulgados a la humanidad por los dioses:

Ñande Ru tenonde kuéry, o yvy oejá ma inögý ma vy:

-Néi, che rajy apyre pyre i, che ra'y apyre pyre i, aáma.

Poã i aeja i imoiny, nda'evéi aé ramo petei va eý oiporara va'erãe ma moã oguereko eý vy. A'e va re ma, poã re pepoko i ma vy, che reé ma perojerovia va'erã: a'e vy aé ma pemboaje-uka porã i va'erã.

-Néi, che Ru Ete, che Chy Ete, poã teko achy peikuaá ma vy, teko achy poã rá i peeja rire ma vy, che Ru Ete, che Chy Ete, pende reé ajerovia vy ma poã aipo'o i.

A'e va re ma, pemboajeuka porã i va'erã, poã reko achy pytyvõ arã jepe mbovy katu eý peno'ã va re. Guírami ere va'erã, poã reipo'o i vy.

Agregan los médicos:

Jajerovia porã i va'erã; jarojerovia porã i va'erã Ñande Ru Tenonde gua re, Ñande Chy tenonde gua re. A'e ramo aé ijaje i va'erã poã. Jajerovia ete ý ri ramo, ndaijajéi va'erã poã a'e javi kue i.

C. H. de Goeje, en "Revista do Museu Paulista", Nova Serie, N.º 1, Vol. I, ha dicho: "Si l'Indien ou le Nègre veut avoir de la sagesse, ils se

Estando nuestros padres por abandonar la tierra (dijeron):

-Bien, generaciones de mis hijas, de mis hijos, ya me voy.

Remedios pongo para dejaros, por no ser lícito, en ninguna manera, que numerosos seres tengan que padecer por falta de remedios. Por consiguiente, cuando cojáis un remedio pondréis en él, en mi nombre, plena confianza; únicamente así obtendréis que sea eficaz.

-Bien, verdadero Padre mío, Madre mía, por haber vosotros conocido los remedios imperfectos; habiéndonos vosotros, mi verdadero Padre, verdadera Madre, dejado los remedios de las imperfecciones, porque deposito en vosotros mi confianza es que cojo este remedio.

Por ésto vosotros haréis que sea eficaz, por albergar vosotros numerosos seres que coadyuven a la eficacia de los remedios de las imperfecciones. Así hablarás al coger remedios.

Debemos tener fe, tener confianza en ellos por haber sido dejados por nuestro primer Padre, nuestra primera Madre. Únicamente así serán eficaces. No depositando plena confianza en ellos no será eficaz ninguna clase de remedio, sin excepción.

rendent dans des trances médiumnistiques; ils ont plus de confiance en leur subconscience qu'en leur intelligence". Y el Padre F. Müller, en una excelente reseña de la medicina guarani ("Anthropos", Band XXX, 1935) dice: "Wenn hier von Medikamenten und Zauber gehandelt wird, so tragen wir damit lediglich unserer Anshcuung Rechnung. In der Mentalität der Guarani gehören beide Dinge zusammen..." Todo investigador que haya estudiado la psicología del Indio estará de acuerdo con estas observaciones, y deben tenerse muy presente, aún considerando la rama de la medicina aborigen que designo con el nombre de Medicina Racional. Pues, aún en muchos casos de enfermedades atribuibles a influencias telúricas y susceptibles al tratamiento que prescribe la medicina racional, v.g., la administración de remedios de las imperfecciones: *poã reko achy*, recurre el médico indígena a la plegaria en busca de iluminación. Y más de uno me ha asegurado haberle los dioses divulgado los remedios a emplearse en tales casos, no solamente durante el sueño, sino durante el fervor religioso de la danza, etc.

La medicina guarani ha sido objeto de numerosísimos trabajos; trátase además de un aspecto de la cultura aborigen al que menos atención he prestado, por estar convencido de que un estudio científico requeriría la colaboración de médicos, psicólogos, botánicos y farmacólogos. Me limito, por consiguiente, a transcribir una lista de las enfermedades más comunes — anotada de paso — con algunas recetas empleadas en su tratamiento.

Aí vaí ija va'e: llagas feas que tienen dueño, v.g. que se deben a la presencia de parásitos (microbios?) 1) Hojas de *ñerumi*: *Baccharis dracunculifolia*, chamuscadas y espolvoreadas sobre la llaga. 2) Corteza y hojas de *Parapara'y*: *Jacaranda cuspidifolia*, aplicadas en la misma forma. 3) Aceite de *Ycho pytã*: larva de *Rhynchophorus palmarum* y de *teju*: iguana, aplicadas a la llaga.

Apycha rachy: dolor de oído. Zumo de flores de *andai*: calabaza dulce, calentada e introducida en el canal auditivo.

Karugua rachy, *ñande karugua pa vy*: *reumatismo*: 1) Internamente, infusión de huesos de tapir, chamuscados. 2) Inf. de karagua poã = el remedio de reumatismo: *Aristolochia triangularis*. 3) Aplicación de ychy, resina extraída de los panales de abejas silvestres mezcladas con cenizas de karugua poã.

Kyringue i acho vaí pa ramo: lombrices en las criaturas. Cocimiento de *yvyra kachi*: *Bergeronia cerisea*; *ndavy'ái* (?); raíces de *javyrandi*: *Piper*; endulzado con miel.

Mbói py gya poã: remedios contra mordeduras de víboras. 1) Cocimiento de plumas y molleja de *Inambu guasu*: guarani, *Ynambu kagua*. 2) Cocimiento de *Peguaó miri*: *Thalia geniculata*; *u'yvarã*: *Cordiline dracaenoides* y raíces de *Mbery*: *Canáceas*. También he oído mentar una yerba llamada *Poã pochy*, el remedio bravo.

Mba'acha tata: enfermedad del fuego (fiebres). 1) Infusión de Ka'a ete i: Solanáceas, y Jaicha ka'a = Begoniáceas. 2) Cocimiento de cedro en zumo de naranjas agrias. 3) Cocimiento de Javyrandi.

Nande rachy vai pa ramo: venéreas. Cocimiento de takuaryva, planta llamada "cola de caballo" en la vernácula. 2) Tajuja: Cayaponia ficifolia. 3) Parapara'y: Jacaranda cuspidifolia.

Nande ruguy oguata porã eỹ ramo: estancamiento de la sangre. Baño caliente con cocimiento de Taturuguái, hierba aromática algo parecida al toranjil.

Pi'a oñeunga rire aku vai pa ramo: fiebre en las criaturas despues de contusiones. Infusión de Ygaryrã: Cabralea cangerana.

Pengue: fracturas. Vendar con pasta de Pengue poã, orquidácea muy mucilaginoso. Internamente: infusión de nido de hormigas coloradas.

Ñañemboguái ramo: heridas cortantes y lacerantes. Cataplasmas frías con pulpa de Jakare ruguái rã: Cactáceas.

Pochy meguã: demencia. Ka'avo tory: Hypericum connatum. 2) Manji manji'o ?. 3) Fricciones en todo el cuerpo con sangre Akuti jagua; acuti grande. Si no responde al tratamiento, es porque se ha encarnado en la víctima el alma de un animal feroz, debiendo recurrirse a la medicina mística. V. Cap. XVI.

Poã piro'y: remedios refrescantes. Ypekũ ka'a guachu: Lorantháceas. 2) Jatevurã: Peperonia cyclophylla, etc.

Temo: sarna. Ka'a tái: Poligonun acre. 2) Cocimiento de Parapara'y en Jatayva kamby: látex de Chlorophora tinctoria.

Tete racho gui gua poã: remedios contra los gusanos del cuerpo que producen malestares como entumecimiento, calambres, etc. Cocimiento de Poã pochy, ya mencionada.

Te'õ'ã: epilepsia. Cocimiento de Aju'y vai: Cordia lillioi; Tembetary kachi: Rutáceas; Ju ovy?; poã ruvicha: Brunfelsia uniflora.

Tyé vai: dolores en el bajo vientre. Infusión de grillos internamente, y cataplasma de estos insectos a la parte afectada.

Taiñykã rachy: paperas. Fricciones con Jaicha pái gue: grasa de Pa-ca, y aplicar una pipa de fumar caliente.

Tãi rachy: dolor de muelas. Petýngua ychy: resina de una pipa. 2) Cocimiento de Mbaratavy: Cecrópeas.

Juku'a: tos. Cocimiento de Guemberã: Casearia sylvestris. 2) Fricciones en el pecho con grasa mezclada con Pipi: Petiveria aliácea. 3) Cocimiento de Amambái: culantrillo; jaguapinda: Pisonea aculeata, y Tanimbu rembojape: cenizas viejas del fogón.

Jyryvi remo: irritación de la garganta. Cocimiento de Guemberã.

Jyryvi aí: ulceración de la garganta. Infusión fuerte de corteza de Karaja'y: Pterogyne nitens. Administranse tambien febrífugos.

Juru aí: aftas. Yryvaja rembi'u: Schinus molle. 2) Miel de jate'i y mandori (Trigona).

Jakaráu ramo: luzaciones. Vendaje con Pengue poã, orquidácea mencionada.

Ju'ai: bocio. Aplicación de látex de Koachingy: hi guerra silvestre, colocándose alrededor del cuello del enfermo tiras de corteza del mismo árbol. A veces, el enfermo es llevado hasta el mismo árbol, apostrofándosele en la siguiente forma:

Aju nde yvypy py, Koachingy,
aipota erembokuera kuña (a:ava)
A'e va'e re aju rojavyky.
Rembokuera eỹ ramo chevy aju
va'erã roake'o.

Vengo junto a tu tronco, Higuera,
quiero que sanes a esta mujer
(homtre). Por éso es que vengo a
herirte. Si no me la sanas, vendré
a derribarte a hachazos.

Techa rachy: mal de ojos. Conocen cuatro clases: techa rachy rei: mal de ojos simple; taku gui gua: producido por el calor; yro'y gui gua: id. por el frío; techatũ: catarata. Entre los remedios empleados para curar el mal de ojos común, figuran la leche de mujer y aceite de Piraju: Dorado, Salmidus brevidens. 2) Cocimiento de Aguarapo: Solanum robustum, en leche de mujer. En el mal de ojos atribuido al frío, se lavan la cara y cabeza en infusión de poã raku: remedios calientes, v.g., yerbas aromáticas; y en los casos atribuidos al calor, en agua corriente fría e infusiones de poã yro'y chã: remedios fríos o febrífugos. En un caso de catarata, he visto recurrir al látex del Ficus.

Nande kutu ápy: dolores lancinantes en el vientre. Cocimiento de Takuaryva: "cola de caballo".

U'yvypy ra'ñi: hinchazón de la ingle. Aplicación de grasa animal y fricciones con pipa caliente.

Un árbol de que me habló el Cacique Che'iro del Alto Monday, es el *Yvyra moã guachu*, al que se atribuye propiedades catárticas; y sin duda, existen muchas plantas empleadas por los Mbyá cuyas propiedades merecerían ser estudiadas.

* *
*

Teko porã ja.

Imemby eta ete va'e nda'evéi aé;
ñañemoña eterei vy, ñande ra'y che
ve'ỹ vy, ñande ra'y chy jaiporiaú-
vereko vy, ñaipoañõ va'erãe ma:
memby ve'ỹ ja ja'uka va'erã.

Los dueños del buen vivir o normal funcionamiento (de los órganos de reproducción de la mujer). No es bueno que la mujer tenga demasiados hijos; si somos en exceso prolificos y, por compasión a la madre de nuestros hijos no queremos tener más prole, debemos tratarla, debemos adminis-

Kuñangue i jareko va'e imemby eta rire, imemby va'ekue rami eỹ iyvi rei ramo, ñaiponō va'erāe avei imemby ve'ỹ āguā, naimemby kakuāi ramo.

La técnica más empleada para evitar la concepción es como sigue: abstención de relaciones sexuales durante dos meses, fricciones en el bajo vientre de la mujer con grasa de Jaicha: Paca, administrándole una dosis diaria de *Polypodium polypodioides* y cola chamuscada de oso hormiguero grande. A esta infusión agregan algunos otra epífita de la familia de las Cactáceas, la *Rhipsalis spe.* Estos remedios se designan con el nombre de *Memby ve'ỹ ja* = los dueños o productores de la esterilidad.

Memby raku i ja:

Nda'evéi aé ramo kuñangue i imemby eỹ va'e jareko, ñaiponō va'erāe ma. Kuñangue i imemby va'erā ma: A'e ramo āguā aé oeja rire ñande áry gua kuéry, ja'uka va'erāe memby raku i ja imemby eỹ va'e py.

Ijvy rupa tenonde aé ma oikuaá uka rire nda'evéi ramo kuñangue i imemby eỹ vy, guembireko imemby eỹ va'e oĩ ramo poā jajapo i va'erā. Gueko oecha rire kuña, opytú'u aé ma vy, poā memby raku i ja o'u va'erā; pytú ypy peteingue i; Ñamandu kuéry ñanemopu'ā áre, ja'uka peteingue, mokoingue i.

Moā o'u jave ndoiko akúí va'erā. Gueko re oiko puku kue, cho'o omboaja; ei, juky ndo'iu va'erā.

trarle los dueños de la esterilidad (preventivos).

Si la mujer que tenemos, despues de haber concebido muchos hijos, se yergue solitaria (como árbol carente de hojas y ramas), tambien debemos tratarla, a fin de que deje de concebir, por no sobrevivir sus hijos.

Los dueños del calor de las criaturas (productores de fertilidad): Por no convenir en ninguna manera que tengamos mujeres estériles, debemos tratarlas. La verdadera misión de la mujer es tener hijos; por habérlas los situados encima de nosotros puesto, en verdad, para este objeto, debemos administrar a las que no conciben los dueños del calor que produce hijos.

Por haber divulgado los dueños de la Primera Tierra que en ninguna manera convenía la esterilidad en la mujer, habiendo alguien que tenga mujer estéril, debemos hacer los remedios. Despues del periodo, y hallándose la mujer ya bien sana, debe tomar el remedio dueño del calor de las criaturas: al caer la noche, una vez; y cuando los Ñamandu nos levantan, una vez o dos. Mientras toma el remedio, no necesita someterse a régimen. Durante todo el periodo debe abste-

Memby raku i ja mokōi jórami-gua eỹ oĩ: petei pytā, petei chi'i.

La muestra de una de las especies mencionadas de Memby raku i ja la clasificó el Prof. Teodoro Rojas, a pedido del farmacéutico don Silvio Cudas, siendo la *Usnea barbata*; no pude obtener una muestra de la otra especie mencionada. — Todos los medicamentos empleados en Ginecología se designan con el nombre de Teko Pora Ja: los dueños del buen vivir, es decir, medicamentos que producen el normal funcionamiento. Además de los citados, he anotado:

Mitā je ojaú, endague ndo'ái: nace una criatura sin caer el sobreparto. El tubo de cera, chamuscada, que da entrada a las colmenas de las abejas Jate'i (Trigona), en infusión.

Gueko ndoecha porāi: menstruación excesiva. 1) Takuarembo'a; hongos que se cría en la *Chusquea ramossissima*, en cocimiento. 2) Infusión de yerba mate y cenizas. Como estíptico empléase, tambien, raíces de la palmera pindo; y como emenagogo: Poā kachī yapo rupi gua, hierba aromática de los bañados, de las verbenáceas.

Practicar el aborto es raro; a las culpables se las designa con nombre infamante de "*omemby u'a*": las que decoran a su propia prole; y del contexto del himno transcrito en el Cap. V., colígese que la paternidad y maternidad eran originariamente consideradas como funciones sagradas.

* *

*

NOTAS

Iñypyrungue: primera pieza de caza que se coge.
Oeja ma inōgǵ vy: la traducción parece ser: lo abandonaron, poniéndolo; pero *inōgǵ*, en vez del "supino" de *no*, *ñono*, poner, puede tambien ser adverbio de tiempo, correspondiente al *no* que da Montoya.

Moiny: "supino" de moĩ, poner.

Porara: padecer, sufrir, Comp. con Montoya.

Petei va eỹ: no uno, muchos.

Mboajeuka, ijaje, mboaje: prestar eficacia, eficaz, hacer que sea eficaz.

Yvypy: tronco, pié; ingle.

Koachingy: Ficus. Guaraní: Guapo'y.

Ake'o: derribar con hacha.

Gueko oecha rire: despues de estar con la menstruación. Gueko = su costumbre; menstruación.

Ndoiko akúí va'erā: no necesita someterse a régimen (vivir o estar caliente). Oiko aku: se somete a régimen.

Mboaja: abstenerse de. Aja: prohibido, ilícito. Aja eỹ: licito, permitido.

CAPITULO XI

*Ñande reko rã oeja va'ekue Ñande
Ru porã kuéry.*

*Los preceptos que dejaron nues-
tros Buenos Padres para nuestro
gobierno.*

El código mbyá guarani, recopilado con la colaboración del Cacique Pablo Vera y el Mayor Francisco, de Tava'i. Los párrafos referentes al homicidio son síntesis de una arenga pronunciada por aquél con motivo del ajusticiamiento de un reo convicto de homicidio, en una toldería llamada Alambre Punta, Caaguazú.

* *

*

Iengue tape rupi oguero'a va'e oñe-
nupã iño va'erã. A'e rami eỹ ra-
mo, mba'e rei rei ome'ẽ va'erã.
Embirero'a kue omano ramo katu,
omano eteve va'erã.

Aquel que se haya apoderado vio-
lentemente de una niña al lado del
camino recibirá numerosos azotes.
En caso contrario, compensará a
la víctima. Si su víctima muriera,
es indispensable que su agresor
muera.

Guapicha oikutu va'e, omboguái
va'e, yvyra raimbépy oinupã va'e,
ome'ẽ va'erã mba'e rei rei. A'e ra-
mi eỹ vy, ojekutu va'erã, oñembo-
guái va'erã, yvyra raimbépy oñe-
nupã va'erã; oepy va'erã.

El que haya hincado a su próji-
mo, el que haya inferido herida
cortante, el que haya castigado con
espada de madera, dará compen-
sación.

Imonda va'e oñenupã va'erã. A'e
ramo eỹ vy, mba'e rei rei ikokue
va'épy ome'ẽ va'erã joguereko po-
rã i jevy águã.

Si así no aconteciere, debe ser hin-
cado, cortado, castigado con espa-
da de madera: purgará su delito.

Nde ra'ychy oiko ñemi ramo am-
boae reve, reeja rive yvi i va'erã
rejaéi jepe eỹ re.

El ladrón será azotado. En caso
contrario, compensará al dueño de
la chacra a fin de que vuelva a rei-
nar la armonía entre ellos.

Si la madre de tus hijos convive a
escondidas con otro, debes repu-
diarla (dejarla) prudentemente,
sin antes maltratarla.

A'e rami eỹ vy katu, nde repoi
reeguái vy peteingue a'e rami oiko

En caso contrario, si no tienes in-
tención de repudiarla por haber

ramo, reroayvu porā rāgē i va'erā. A'e rami ramo noendúi ramo katu, repoi ete i ma va'erā.

Guapicha rete porā i re ija'e eỹ ma vy oó oapy, a rire ma, a'e kue jevy va'erā. A'e ramo aé a'eve.

obrado así una sola vez, debes aconsejarla oportunamente en buena forma. Si a pesar de tus buenos consejos te hace caso omiso, debes repudiarla definitivamente. Aquel que por desamor al cuerpo hermoso de su semejante incendiara su vivienda sufrirá la misma pena; únicamente así hay justicia.

* *
*

Un caso de infidelidad conyugal, representado en forma de comedia por los chicos de una población.

Victima:

Che ra'ychy ojava ty ra'e ava reve. A'e va'e aipota reikuaá-pota i. A'e ramo va'erā chevy a'eve.

Hé aquí que mi esposa se ha fugado con un hombre. Esta cosa quiero que lo investigues. Si así se hace, será de mi agrado.

Dirigente:

A'eve iño katu; jaikuaá-pota iño va'erā. (A sus soldados): Néi, a'e ramo, tapeó peikuaá-pota i. Peupity águí perojevy mokōi ve i.

Está muy bien, hemos de investigar lo ocurrido. (A sus soldados): Bien, siendo así, ved a investigar. De donde los alcancéis traed de vuelta a ambos.

Se ausentan los soldados y vuelven con la pareja.

Dirigente:

Peupity ño pa?

¿Les dieron alcance, efectivamente?

Soldados:

Ta, roupity ño ko, añetē.

Si, les alcanzamos, efectivamente.

Dirigente:

Néi, a'e ramo, pejo i rāgē apy; pejo pa i rāgē, kunumi ngue i, kuñatai ngue i, yvyra'ija kuéry, tachayvu rāgē petēi i.

Pues bien, venid todos acá un momento; mozos, mozas, señores, permitid que os dirija la palabra durante un momento.

A los fugitivos:

Marā rami rupi nda'u pejava? Mova'ē rāgē nda'u omboypy i araka'e pejuguero-java āguā?

¿Por qué motivo fué que os fugásteis? ¿Quién concibió originalmente la idea de que os fugás-

A'e va'e aipota pemombe'u porā i chevy.

Los fugitivos:

Jováí ve i rojoayú aé ma vy a'e rami roiko.

Dirigente, al hombre:

Néi, ne mba'e reí rei remboacha ño va'erā, embireko reve reiko i ramo aé ma. Nde py'aguachu i vy aé ma a'e ramo reiko. A'e rami eỹ ramo, ere ñenupā ño va'erā.

Fugitivo (a la víctima):

A rire, ame'ē ramo nda'u, torypápy porā i jevy nda'u japyta ree-gua?

Victima:

Torypápy porā i japyta va'erā.

Dirigente:

A'eve i ma katu, a'e ramo.

Teko Avy.

Cheé, arandu porā ano'ā ñande arygua kuéry gui. A'e va re cheé, iporā árupi pogueroayvu va'erā. Ñande Ru porā kuéry ñande reko rā oeja va'ekue rupi vy aé ma jaiko porā i va'erā, ñande yvate i va'erā. A'e rami eỹ ramo katu, jajeeko-me'ē va'erā opamarangua pe. Né, a'e ramo, ko a'e va'e, che reindy i kuéry, che ryvy i kuéry, kurié jepe opa eỹ va'erā ko ch'ayvu amombe'u; a'e va re ke pejopyy porā i.

seis? Esto es lo que quiero que me expliquéis en buena forma.

Por habernos amado mutuamente en buena forma es que hemos procedido así.

Bien, darás en cantidad objetos de tu propiedad por haber convivido, efectivamente, con su mujer. Verdaderamente, tienes coraje para proceder en esta forma. En caso contrario, recibirá azotes en cantidad.

Y bien ¿si doy (mis objetos) volveremos a vivir en buena armonía?

En buena armonía hemos de vivir.

Siendo así, está arreglado el asunto.

* *
*

El Homicidio.

Yo me inspiro en la buena ciencia de los de arriba y, en virtud de ello, buenos consejos he de impartir. Solamente mediante los preceptos que nos dejaron nuestros buenos padres hemos de vivir en armonía, hemos de prosperar. En caso contrario, permitimos que se apodere de nosotros el hacedor de todo mal. Por consiguiente, ésto que digo, mis hermanitas, mis hermanitos, estas mis palabras no las digo para que tengan efecto efímero; escuchalas pues con atención.

Tay jepe, akate'y ramo ta'y reé, mba'eve ojapo e'y ramo jepe, ta'y ñamoangeko vy ipochy, ñande pi.

Guyra kyri i gua'y re akate'y avei: oecha ta'y jaru operere mba'eve ojapo va'erā e'y vy jepe.

A'e rami a ramive, ñande ñane rake'ty avei ñande ra'y kue i ry re, ñande rajy kue i ry re. A'e vy, mbyte gui jepe embiapo ño ri ty joé ramo, nda'evéi aé ma. A'e rami ramo, ndachepoakái ri vaé ma, nda ch'ayvu rapéi

Ñe'ē porā ete ano'ā ramo jepe, a'e va'e ijoko py e'y.

Cheé, iporā va'erā re aroayvu: a'e va'e mbytépy jepe Mba'e Pochy omoakañy ño ri ty. A'e va re aé ma nda che poaka véi āguā iny ra'e.

A'e gui katu, mba'e te'y te'y re ramo katu, che poaka meme iny teko a'e javi.

A'e va'e katu, teko avy katu, mba'eve py imoatyrōmby e'y: a'e va'e ñande reko ipo'yi ve va'e o'i. A'e ramo, ekovia eteve i ramo aé, opa rive yvi va'erā.

Mismo la hormiga, en defensa de sus hijos, cuando a ellos los molestamos se enfurece y nos pica, aunque con ellos nada consiga. También los pajaritos defienden a sus hijos y viendo que nos apoderamos de ellos baten las alas, aunque con ello nada puedan hacer.

Exactamente en la misma manera, nosotros defendemos a nuestros hijos, nuestras hijas. Por consiguiente, si entre ellos se infligen grandes males (se matan) el hecho es en extremo grave. Cuando tales cosas acontecen, me hallo impotente, faltan caminos para mis palabras (enmudezco, no pudiendo alegar nada en defensa del victimario).

A pesar de haberme inspirado en excelentes palabras, esta cosa es irremediable (no puede defenderse).

Yo imparto los buenos consejos en que me he inspirado (he recibido); aun en medio de ellos Mba'e Pochy ha prosperado, haciéndole perder la cabeza (al victimario). Estas cosas suceden para que sobre ellas carezca en absoluto de potestad.

Con excepción de ello (el homicidio) en todos los casos de delitos, sin excepción, estoy facultado para intervenir.

En cuanto a este caso, el homicidio, sin embargo, en ninguna manera admite componendas; se trata del crimen más grave que cometemos. Por consiguiente, el purgarlo (con la vida) es la única manera en que puede haber justicia.

Durante largo rato permanece inmóvil el Cacique, con la mirada fija en el cielo, sin pronunciar palabra; luego prosigue:

-Che remimondouka yvy py ma oikóvy, Mba'e Pochy rembiapo aé ma oiporu. A'ue ramo vy ma'e i Ñande Ru Tenonde — guapicha porangue i oayú āguā āguā rami ve'y eko.

-A'e va re ma, ñande ña'namboje-rovia véi ri ma va'erā, ñame'e ma va'erā eko-marā arā kuérype. A'e va re ma, cheé, ijapytépe ramo, narōñemongeta véi ma va'erā che ra'y py'aguachu kuéry.

-Néi, a'e ramo, ja-ekome'e Mba'e Pochy pe; embiapo va'i ma; guapicha rete porā i oguereko marā Mba'e Pochy ñe'e rupi. A'e va re, ndajaupity ukái ri ma va'erā ñane amba

-Portándose como si no hubiera sido enviado por mi a la tierra, ha obrado exclusivamente de acuerdo a los designios del Ser Furioso. A causa de esto — dice nuestro Primer Padre — no ha amado sinceramente en su corazón a sus buenos semejantes.

-Por consiguiente, nosotros dejaremos de estimarle; hemos de entregarlo a aquellos que han de destruir su ser. Por tanto, yo dejaré de inspirarle bellas palabras através de su coronilla por intermedio de mis hijos de corazón grande.

-Pues bien, siendo así, entreguemos su ser al Ser Furioso; ha delinquido; ha destruido, por inspiración del Ser Furioso, el hermoso cuerpo de su semejante. Por consiguiente, no debemos permitirle que alcance nuestra morada.

Acto continuo, se procede a ejecutar en el reo la pena de muerte, recayendo generalmente el papel de verdugos en muchachos pubescentes, quienes deben inferir al reo las mismas heridas recibidas por la víctima.

* *
*

NOTAS

Guero'a: apoderarse violentamente de una persona o animal, derribándolo; violar.

Mba'e rei rei: objetos de la propiedad de alguien; animales.

Mboquái: inferir heridas cortantes.

Oepy va'erā: debe purgar, indemnizar, rescatar.

Oiko ñemi: vivir a escondidas, cometer adulterio. Mitā ñemingue: niño adulterino o bastardo.

Reeja rive yvi i va'erā: debes dejarla, como si no hubiera ocurrido nada; discretamente. Oiko oiko rive i; vive como si no aconteciese nada, v.g., es una persona que nunca da ofensa a nadie; Guarani: ikarai guasu etereí. Con estos ejemplos del empleo de *rive*, mas los ejemplos en el Cap. VIII, puede el lector formarse juicio de su valor, porque no figura en el TESORO, y ha desaparecido de nuestro léxico.

Jaéi: maltratar. Guarani: jahéi.
Oó: su casa. Posesivo "reflejo": goó. Guarani: hóga.
A'e kue jevy va'erã: debe suceder la misma cosa; debe pagar la misma pena.

Java, guero-java: fugarse, fugarse en compañía de.
Kuad-pota: averiguar, investigar.
Ta, roupity ño ko, añetĩ: sí, les alcanzamos, efectivamente. Ta equivale a nuestro afirmativo *hẽ*. Nótese la última sílaba nasalizada de *añe-tẽ*.

Kunumi: muchacho, mozo.

Yvyra'ija: portador de la vara; hombre respetable.

Mboyppy: concebir, dar origen, comenzar.

Gueroayvu: conversar, discurrir, dar consejos.

Tay: hormiga. Guarani: tahýi.

Akate'ỹ: mezquinar, defender por amor a.

A'e a ramive: exactamente en la misma forma. Guarani: upéichaite avei.

Embiapo ño ri ty joé: grandes cosas hicieron los unos a los otros; locución empleada al referirse a las luchas en las que resultan muertos y heridos.

Eno'ãmy: supino, según la clasificación de Montoya, de no'ã, gueno'ã = adquirir, inspirarse en.

Mba'e Pochy omoakañy ño ity: el Ser Furioso le hizo perder, efectivamente, en verdad, la cabeza.

Nda chepoaka véi aguã iny va'e: estas cosas existen (son) únicamente, para que yo deje de tener facultad sobre ellas. El verbo *iny* indudablemente corresponde al *ni* de Montoya = estar en plural.

Mba'e te'ỹ te'ỹ: cosas carentes de genuinidad; crímenes, delitos.

Opa rive yvi i va'erã: terminará sencilla y rectamente, v.g., de acuerdo a justicia. Rive = sencillamente (v. arriba); *yvi* = derecho, recto. *Amboyvi* = enderezo, corrijo.

Jaeko-me'ẽ ma Mba'e Pochy pe: entregamos su ser al Ser Furioso. No solamente debe morir el culpable: su alma también es entregada al Demonio, quien la devora. El ajusticiamiento de un reo no es acompañado de llantos y endechas, sino celebrado con música y algazara. En caso de que el victimario ha cometido más de un homicidio, puede purgar su crimen juntamente con un hermano, etc., pues la ley exige vida por vida: *ekovia va'erã teko avy*. *Teko avy* = homicidio; *ekovia* = dar en trueque, sustituir. — Los castigos que inflige el código en casos de hechicería son descritos en el Cap. IX.

Por corresponder a lo que podría llamarse su "código civil", transcribo los siguientes párrafos relacionados con la propiedad de los difuntos, dictados por Tomás, de Yvytuko.

Omano va'e mba'ekue i.

Omano va'e mba'ekue i jajavyky va'erã eỹ Tupã kuéry oecha eỹ mboyve i. Tove Tupã kuéry toecha rañe i japoko aguã mba'ekue i re. Overa, oñembochi rire Tupã kuéry, oecha ma rire o yvy rupa, ikatupyry eỹ va'ekue ombokatupyry rire, mba'ekue i re japoko va'erã.

La propiedad de los muertos.

No es lícito tocar los objetos de los muertos antes de haberlos visto los Tupã. Que los vean primeramente los Tupã, luego toquemos los objetos de los muertos. Después de haber los Tupã enviado rayos y truenos, poniendo en orden lo desordenado, hemos de tocar las cosas de los muertos.

Los objetos pertenecientes a los muertos son colocados sobre la sepultura — hecha generalmente en la misma vivienda del muerto — y generalmente (por no decir siempre) abandonados. Lo transcrito se refiere a las sementeras que, como se colige, pueden ser aprovechados, pero en la mayoría de los casos son abandonados también.

CAPITULO XII

Karai ogueroayvu gua'y omenda che va'e.

Ndeé, che ra'y, remendache va'erā ichy va re, tuú va re.

I chy, tuú, iporiaú kue i ete va'e py nome'échéi va'erā guajy. A'e rami ramo, reñea'ā va'erā revy voi āguā, ne rembiapópy nde pojava āguā. A'e vy aé, remenda i ma vy nde ro rā, nde kokue rā rejapo pojava va'erā.

Nde kokue kyrī ete vy, ndogero-orýi va'erā nde ra'ychy, naiñem-lyayí chéi vy. A'égui katu, noi chéi va'erā tapýi vaí kue i guý py.

Ñande Ru tenonde gua re nema'endu'a va'erā: a'e ramo aé nde yvate i va'erā. Ne ma'endu'a porā i vy aé katu ñane renonde ijapy ri ma jepe, tenonde gua ma vy ñande reko mbojoapy jevy jevy i eno'āmy va'erā. Ñande Ru jechaka kuaray rupáre oó ramove, tatachina rerojere va'erā pytú rupáre, repytu'u porā i āguā Tatachina rerojere eý vy, ikuái reí va'e reta ñanemoan-geko .

A'e rami va'erā ramo tatachina jerojere va'erā ñande roka-ryapy rupi. A'e rami āguā Jakaira Ru Ete oguerojera petý, tatachinakāgā te-

Un señor da consejos a su hijo que quiere casarse.

Tu, mi hijo, querrás casarte con una que tiene madre, que tiene padre.

Su madre, su padre no querrán dar su hija a un sujeto excesivamente pobre. Por consiguiente, debes esforzarte por despertarte temprano, por ser activo en la ejecución de tu trabajo. Únicamente así, cuando te cases, construirás pronto una casa, harás pronto una plantación. Si tu plantación es demasiada reducida, no se regocijará, porque no querrá pasar hambre. Además, no querrá vivir bajo un rancho destartalado.

Debes acordarte de nuestros primeros padres; únicamente en esta manera prosperarás. Si te acuerdas de ellos como es debido, aunque nuestros días tienen fin (señalado) los Primeros añadirán repetidamente días a nuestra vida, alargándola. En cuanto el reflejo de nuestro Padre penetre en la morada de las tinieblas, debes recorrer los lugares oscuros esparciendo neblina, para que puedas descansar tranquilo. Si no recorres (la vivienda) esparciendo neblina los seres invisibles que pululan por ahí nos molestan.

Por haberse dispuesto que así fuera, debemos recorrer, esparciendo la neblina por los alrededores de

ko achy reko rā oikuaá ma vy; oipytyvõ-uka va'erã vy ma rire, jajerovia va'erã.

Apũre rei ke nde ra'ychy emotare'y eme. Nde rapicha kue i ry reve eiko-kuaá ña'ã reikovy. Nde rañe rei ke nde rapicha kuérype nde vai eme. Eporoa'ã eme ke: tove taivaí kue i nde rapicha kuéry, ojeupe aé ri ma ivaí kue okuapy. Ndeé, nde ra'y che va'erã: oporoa'ã che va'ekue ta'y vai kue va'e. Nama'e rive i va'erã ñande rapicha vai kue i re; a'e vy aé ñañoñoña porã i.

Nde ra'ychy kórami eroayvu i ipuru'a i ramove: -Eñemboory eme ke nde rapicha i re; ema'e rive i ke; eroory rive i ke, mitã porã i oiko águã.

Mitã ereko i ma vy, emoñembyáyi eme, nde reko mbovy'a arã i oú va'ekue ramo ma. Ne reinupã i va'erã: remombo'o porã i va'erã; ejaéi eme nde ra'y i re. A'e rami ramo aé, mitã reecha jevy jevy i va'erã, mitã ijyvate i va'erã.

Mitã ijaviru i vy, tanimbu akúpy jaipichy pa i va'erã; a'e va'e py okuera i va'e.

nuestra vivienda. Para que así procediésemos fué que Jakaira Ru Ete creó el tabaco y la pipa una vez que hubo conocido las futuras costumbres de los hombres; habiéndolos creado con la intención de prestarles eficacia, debemos darles fe.

No riñas a tu mujer por simples murmuraciones. Con tus semejantes trata de vivir en armonía. En ninguna manera seas tu el primer en enojarte. No remedies a tus semejantes; déjese en paz a los tullidos, que los defectos que les afligen no son de incumbencia de otros. Tu querrás tener hijos; aquel que se burló de sus semejantes remedándolos suele tener hijos tarados. Debemos mirar a nuestros semejantes haciendo caso omisso de sus defectos; únicamente así engendremos hijos sanos.

En esta forma aconseja a tu esposa en cuanto esté embarazada: -No te burles de tus semejantes; míralos con sencillez; recíbeles con hospitalidad, a fin de que nazca un hijo hermoso.

Cuando tengas un niño, no permitas que pase hambre, por tratarse de quien ha venido para alegrar tu existencia. No has de castigarle; has de apaciguarlo; no te enojas con tu hijo maltratándolo. Únicamente así volverás repetidamente a ver un niño, y los niños prosperarán.

Si la criatura padece de flatulencia, debemos friccionarla con cenizas calientes; con ésto suelen sanar.

Oñeanga pa i vyve nde ra'y, guachu retyma apytu'unguépy reipicha pa i va'erã oguata pojava águã.

Nde ra'y naechãí ramo, poã re'uka va'erã ndereikuaái ete i vy, imboú are kuéry rorochapukái va'erã. Rerochapukái ma vy, tatachina reiporu va'erã oecha águã rejerovia jekuaá reãmy a Ñande Ru tenonde. Guírami rorochapukái va'erã:

-Che ra'y i arojeecha vai, manga, ore Ru tenonde gua, ore Chy tenonde gua! A'e vy ma che ma'endu'a, Ñamandu Ru Ete, Ñamandu Chy Ete. Nde ra'y py'aguachu mbovy katu e'y reno'ã va'e gui rejokuái va'erã emoñeangareko jeyáyu porangue i re, a'evy mba'eve emingo eme. Ndeé, Jakaira Ru Ete, che roalachina porã i, che retará kue i ry a'e javi reve, mba'eve i oiko e'y águã.

Kuñangue i imemby ma vy, ombója va'erã cho'o, tembi'u ijoá va'e, eí, juky. Petei jachy peve ojeko-aku va'erã. Ñande ñamba'apo poy poýi e'y va'erã ñande ra'y ramo vy; a'e ramo e'y ramo, mitã aruá ete i va'erã: jaiko aku va'erã.

Aruá poã vvy re oiko; a'e va'e reru va'erã mitã ryé rupi remboja mboja. A rire, okupeguy gui reru va'erã vvy oky vy otyky ague i, a'e va'e i puru'aré remoi. A'e va'e ombokuera pojava.

Cuando intenta dar los primeros pasos, con tuétano de huesos de venado debes friccionarle bien para que camine pronto.

Hallándose enfermo tu hijo y si ignoras qué remedios darle, debes invocar, clamando, a los que le enviaron. Al invocarles, clamando, debes utilizar la neblina (humo) para prueba manifiesta de la fe y devoción que tienes para nuestros Primeros Padres. En esta forma les invocarás:

-Me aflige el mal estado de mi hijo ¡ay de mí! mi primer Padre, mi primera Madre. Por ésto es que te invoco, acordándome de ti, Ñamandu Ru Ete, Ñamandu Chy Ete. Haz que los numerosos hijos de corazón grande que tu albergas para ejecutar tus designios cuiden de nosotros los que nos amamos y evita, por intermedio de ellos, que nada ocurra. Tu, verdadero Padre Jakaira, esparce sobre mi y mis compueblanos sin excepción la neblina, para impedir que nada ocurra.

La mujer despues de tener un hijo debe abstenerse de carne, comidas irritantes, miel y sal. Durante una luna debe someterse a régimen. Nosotros no debemos hacer trabajos pesados cuando acaba de nacer un hijo; en caso contrario, el niño se perjudica: debemos vivir con cuidado.

El remedio del mal de las criaturas crece en el suelo. Esto lo debes traer y aplicarlos repetidas veces al vientre de la criatura.

Luego del alero de la casa traerás tierra lavada por la lluvia y vol-

Jaecha eỹ va'e kuéry gui ja roky-
yje vy mitã, ei rakuãĩnachi raity
gue reru va'erã rejapo tataendy, re-
moendy pyávy iñakãmy omoange-
ko eỹ águã.

Evo'i guachu mitã ra'ỹvõ vy ma
ñande ro py oẽ. A'e rami ramo
rejuka va'erã remombo Kuaray
reike áre, mba'eve i oiko eỹ águã.

Iengue ndopokói va'erã mba'e rei
rei ikói va'e re. Opoko rire, oa'ã
ri va'e a'e ramo Mba'e Pochy ñe'ẽ
porã ombokovia. A'e rami gua
ramo ma, kuñangue imemby va'erã
ojepoyú va'erã mitã ivaikue ndo-
guereko chéi vy. Mitã ikói va'e
oiko vy, i chy nomokambúi va'erã;
omombo pa i va'erã.

verás a aplicarselo al ombligo.
Esto lo sana rápidamente.

Por temor a que los seres invisibles perjudiquen a las criaturas, traerás cera de abejas "kuañeti" y harás velas que encenderás cerca de su cabeza de noche a fin de que no le molesten.

Si la anfisbena aparece en nuestra vivienda, es para anunciar desgracias para las criaturas. Cuando esto ocurre, debes matarla y arrojarla hacia el poniente para que nada pase.

Las niñas púberes no deben tocar cosas gemelas. Si llegaran a tocarlas, el Ser Furioso se esforzaría por trocar el alma buena. En tales casos, la mujeres en estado de concebir deben recelarse de ellos, por temor a tener hijos imperfectos. Cuando nacen mellizos, su madre no debe amamantarlos, sino arrojarlos lejos de sí.

* *
*

NOTAS

Nome'e chéi va'erã guajy: no querrán dar su hija.

El código mbyá exigía obediencia absoluta a su padre, pero de que esta ley no siempre se cumplía, ni en la antigüedad, constituye una prueba esta fábula: Las muchachas núbiles de una aldea habían sido asignadas en matrimonio; pero, en violación del código, alegando de común acuerdo que a ninguna de ellas le gustaba su pretendiente, se encerraron en el *opy* y se negaron a salir para ser entregadas a sus futuros esposos. Intervino enseguida Pa'i Rete Kuaray y, apostrofándolas con las palabras "Kuña gueropy ¡java mokera! = mujeres que os encerrásteis (en el *opy*), rápidamente dormid y despertad", las convirtió en abejas *Eirusu*, hasta ahora a veces designadas con el nombre de *kuña gueropy*.

Revy voi águã: para despertarte temprano. Montoya da la voz vy con el significado de levantarse.

Ojeupe aé ri ma ivaikue okuapy: existen para que ellos solamente se den cuenta de sus defectos (y no para que otros se burlen). Okua = hay; ndokuái = no hay. Montoya da este verbo *qua*, con el significado de estar en plural, supino quapa.

Ikuái rei va'e: los que están ociosos, los duendes. Ikuái, verbo activo defectivo, solamente se emplea en la vernácula como sufijo verbal, III persona plural.

Mombo'o: *apaciguar*. En guarani significa: destetar. Destetar un niño, en mbyá: mitã ñamboi.

Apytu'ngue: tuéтанos. Guarani: karaku.

Aipo che ma'endu'a: así expreso mis recuerdos.

Aruá: el mal de los niños. *Aruá poã*, un pequeño hongo empl. para espolvorear el ombligo del párvulo.

Eirakuái-ñachi: kuñeti, camoati. El nombre mbyá: pene incrustado de espinas, se debe al tubo cilíndrico cubierto de protuberancias que da entrada a la colmena.

CAPITULO XIII

Ma'etj reko rā i.

Normas para la agricultura.

Algunas prácticas y creencias relacionadas con la agricultura, recopiladas con la colaboración de Tomás, de Yvytuko y el Mayor Francisco, de Tava'i.

Amombe'u pota marā rami pa Ñande Ru tenonde oeja ñande ma'etj reko rā i. Amoñeŷchyrō pota ma'etj reko rā a'e javi.

A'e vy ma, ára pyaú oeja va'e kue ñama'etj águā.

Avachi jachy pyaúpy ñañotj va'ekue naiporā chéi; iypépy voi u'ā racho pa. A'e rami eŷ vy katu, aŷi porā ri vy jepe, ichiguā'ā voi. A'e nunga ramo ma, jachy pyaúpy ñañotj va'erā eŷ araka'e. A'e nunga ramo ma, jachy pyaúpy ñañotj va'erā eŷ araka'e. Jachy pa'üre ñañotj va'ekue aé oiko porā i va'erā. A'égui, manji'o a'e rami avei; jachy pyaúpy guare iarē rei rei. Jety katu jachy pyaúpy guare ogue voi ojavky ycho ngaruru. A'e rami eŷ ramo katu, i'a racho pa i avei.

Jachy ra'y ñañotj va'erā eŷ a'e javikue ra'ŷi.

Tajy ipoty ramove, ñañotj va'erā mba'e rei rei ra'ŷi a'e javikue i. Tajy poty re yro'y o'a jevy vy jepe, yvate rupi aé ma o'a; mba'e rei rei reñói ndojuka véi i ma.

Explicaré las normas que nuestro Primer Padre dejó para la agricultura. Enumeraré en su totalidad las reglas concernientes a la agricultura.

De acuerdo a ellas, dejó la Primavera para época de la siembra.

Maíz que se siembra en luna nueva no prospera. Al endurecerse el cogollo, se llena de gusanos. En caso contrario, aunque produzca buenos granos, éstos se llenan pronto de gorgojos. Debido a estos hechos es que se dispuso que no se sembrara maíz en luna nueva. Únicamente lo sembrado en menguante prosperará. Con la mandioca también pasa lo mismo: la que se planta en luna nueva da a menudo tubérculos podridos. En cuanto a la batata, las hojas de las plantadas en luna nueva son enseguida atacadas por el gusano "ngaruru" y si se libra de ellos, los frutos se llenan de gusanos.

Ninguna clase de semilla debe ser sembrada en luna nueva.

En cuanto florece el lapacho debemos sembrar toda clase de semillas, sin excepción. Aunque alguna helada volviera a caer sobre las flores del lapacho, ya solamen-

Oē peē mba ramo ne ma'etý i, ei-pa'undy-monde jevy voi, joavy eý águā, jojavi rai rai a'ýi mba águā.

Oký jaipota i vy, ñande popygua i jaraá i y py jaeja i. Jaipycho y py imo'ámy. A'e rami ramo, oký iño va'erā aé ma.

Avachi para i, kumanda ñuú, avachi yvýi i, manduvi ave i jevyke rā i ñañotý va'erā. A'e va'e i te ma ijevkyuerā i iñotýmby vy ma: guembe aju mbytépy ñañotý i.

Nde kokue ituí va'e rooayvu i va'erā, mba'e reí reí reipota eý ramo ojavky. Nde aé re'u eý vy, nde repoyúí va'erā rooayvu águā Ñande Ru tenondépy. Guírami rooayvu va'erā ne ma'etý ague i, oecha águā Ñande Ru tenonde:

-Evoko ituí che ma'etý a i. Emoñeangareko ke Jakaira kuéry oiko porā águā añotý va'ekue a'e javi. Mba'e reí reí ikuái va'e ne rembijera meme vy ma, ndevy arombo'e-ñendu. Ne amba ipoataá porangatu eý re vy jepe, aroma'endu'a che ma'etýá i oiko porā i águā, che retará kuéry reve ro'u i águā.

A'e ramo ma, Ñande Ru oguero-ñemongeta va'erā gua'y ruvicha vicha:

te alcanzará las alturas, ya no matará los brotos de las plantas.

Si germina en forma despereja lo que sembraste, debes replantar enseguida, para evitar que tu plantación sea despereja y fructifique en forma más o menos uniforme. Cuando queremos que llueva, llevamos nuestra vara al agua, dejándola allí. La clavamos en posición perpendicular, sumergida en el agua. Haciendo ésto, es seguro que llueva mucho.

Maíz moteado, porotos precoces, maíz enano y además, maní, sembrarás para la segunda cosecha. Estas son las únicas semillas para la segunda cosecha; se siembran a mediados (de la época) de la madurez del guembe.

Debes orar por tus sembrados (que se extienden), porque no querrás que los insectos los devoren. No tendrás recelo en hablar de ellos con nuestro Primer Padre, pues no están destinados a ser consumidos solamente por tí. En esta manera orarás por lo que sembraste, para que lo vea nuestro Primer Padre: -Hé aquí se extienden mis cultivos. Haz que los Jakaira los vigilen a fin de que todo lo que he sembrado prospere. Habiendo sido creadas por ti todas estas plantas que se ven, a ti dirijo esta plegaria referente a ellas. Y aunque no se hallen dentro de tu morada inasequible, tan hermosa, a ti te las consagro a fin de que prosperen, para que me sirvan a mí y a mis compueblanos de alimento.

En vista de ello, Nuestro Padre hablará a los numerosos dirigentes de sus hijos:

-Mba'ety mirí rupa rā ke che ra'y kuéry toguero-jekuaá, omopyrō águā kuña karai kuéry, oecha águā yvy potýra mirí, mitá i kuéry oupi águā. A'e va re Tupā kuéry a'ety cñeangareko va'erā pende yvára popyle ñemo-mba'eavyky re.

Ne rembi'u reegua ijaguyje ramo, re'uka i va'erā ne retará kuéry a'e javipe. A'e javi ja'u avóí ma tembi'u aguyje oiko; takate'ýmbyrā eý. Ja'uka ramo a'e javipe, a'e va re aé, Ñande Ru oecha vy aé ñande porayú, ñama'etý águā ombojoapy i jevy jevy va'erā.

-Hagan aparecer mis hijos un lugar en donde situar sus cultivos, para que lo pisen las señoras, y para que se engendren las pequeñas flores de la tierra (frutos) para consumir las criaturas. Que los Tupā vigilen permanentemente aquello que tocan las ramas floridas de las palmas de vuestras manos (cultivos).

Habiendo sazonado tus frutos, darás de comer de ellos a tus compueblanos sin excepción. Los frutos maduros se producen para que de ellos coman todos, y no para que sean objeto de avaricia. Dando de comer a todos, solo así, solo viendo nuestro Primer Padre nuestro amor al prójimo, alargará nuestros días para que podamos sembrar repetidas veces.

(V. en el Cap. X el precepto que obliga a dedicar a los dioses los frutos sazonados).

* *
*

NOTAS

Ma'etý: cultivos; agricultura, Guaraní: ñemity.

Iypépy voi: cuando se achata la planta. Cuando la parte superior pierde la forma cilíndrica, achatándose. Guaraní: hu'á ratá.

Chiguã: gorgojo, Guaraní: tiguã'ã.

Jachy pa'ú: menguante; intervalo entre lunas.

Ycho ngaruru: gusano que ataca los cultivos.

Oē peē: sale o germina en forma despereja.

Ijevkyue rā: la segunda cosecha, segunda siembra.

Pa'ú monde: vestir los espacios; replantar.

Jojavi rai: más o menos parejo o igual.

Guembe aju mbytépy: en medio de la época en que madura el Guembe = Phyllodendron. También se guían por el florecimiento del Yvyrapytá — Peptophorium dubium.

Jaipycho yguy-py imo'ámy: lo clavamos debajo del agua en posición perpendicular. Mo'ã = hacer que se yergue.

Evoko: hé aquí, equivale a nuestro: péina ápe.

Ndevy arombo'e ñendu: pronuncio plegarias — referentes a — para que las escuches.

Mba'e ty miri rupa: nombre religioso de la chacra.

Yvypotyra miri: id. de los frutos.

Pende yvára popyte rakã poty ñemo-mba'evyky: aquello que tocan (ligeramente) vuestros dedos. Sentencia empl. por los dioses para designar el trabajo de desbrozar la selva.

Mitã i kuéry oupi va'erã: lo que alzarán (comerán) las criaturas. Los dioses no dicen *ja'u* — comemos, sino: *jaupi* — alzamos.

Omopyrô âguã kuña karai kuéry: para que lo pisen las señoras. Las mujeres trasportan los frutos de las chacras, etc.

Tupã kuéry a'ety oñeangareko: los Tupã vigilan permanentemente. V. A'e vy ty, Cap. IX, Notas.

Temb'u aguyje: la madurez de los frutos. Es todavía motivo de ceremonias, similares a las descriptas por Nimuendajú.

CAPITULO XIV

Guyra Marangatu. Guyra kiri i amboaé reegua ayvu.

Chyvĩ tapẽ, apykachu, amboaé guyra kyrĩ ave, guyra mymba porã ve vy, ára yma ñavõ guú ete ambápy oó. Yro'y pa rire ára pyaú ramove oú jevy, ta'y âguã yvy py.

Kova'e yvy kupépy Guyra Ru Ete amba oĩ; Ñande Ru tenonde amba ndoup itýi; i amba apy'ive oĩ.

Araku vai oñe'ẽ ramo pyávy, ñana'yvõ. -Tereó e'a tay retãmy, tande'upa tay, ja'e chupe, oiko e'y âguã mba'e vai.

Piakái mba'achy reve guápy a'e rami avei ja'e, oñe'ẽ ramo pyávy, jajora âguã.

Oporoa'yvõ vy ma avei ojae'õ ano pyávy; ojae'õ va'e oĩ jevy pota. A'e va'e jajora âguã jipói.

Kochi guyra oñe'ẽ vy: "Oh, kochi guyra!" e'i ñande jarýi, "ja'úta randa'u kochi".

Chingachu oñe'ẽ ramo, oú pota mombyrygua, e'i.

Las Aves Migratorias. Palabras referentes a otros pajaritos.

El halcón grande, la paloma torcaza, y otros pajaritos, siendo seres alados (domésticos) superiores, y en virtud de ser aves bienaventuradas, todos los inviernos van a la morada de su verdadero padre. Cuando terminan las heladas y vuelve la Primavera, regresan a la tierra para criar.

Detrás de este nuestro cielo está situada la morada del verdadero Padre de los pájaros. No alcanza el paraíso de nuestro Primer Padre; más cerca de nosotros está situada su morada.

Cuando el Araku malo canta de noche, es para anunciar infortunios. -Véte a caer en un nido de hormigas, que te devoren las hormigas, debemos decirle para evitar que ocurra nada malo.

Al Piakái de las enfermedades así también le hablamos cuando canta de noche, para conjurarlo. Anunciando desgracias, también, llora el Año de noche; habrá nuevamente quien lllore. No hay nada para conjurar ésto.

Gritando el tajasu-guyra: "Oh, tajasu-guyra!" dice nuestra abuela, "es que comeremos jabali?"

Cuando canta el tingasu, es porque vendrá alguien de lejanas tierras, dicen.

-A'y, pene mombe'u pa, e'i ñande jarýi kuña kuérype, ñai-ñai oñe'ë ramo. -Pende puru'a ramo, a'e ri katu omombe'u; ijapu e'y va'e, ñai-ñai.

Urutaú, yro'y oime ramo poteri, noñe'ëi.

Avia chu'ã oñaro rá, oiko eteve ra nda'u aguara. Ñai cha'ã eteve aguara oiko águã a'e va'e oñe'ë rá.

Churuva guecha racho oecha me rami, okyyje vy oñarõ.

Ñande Ru tenonde kuéry ome'ë uruvuchi me arandu: mba'e rei rei omano ramo, nokañyi va'erã chugui. A'e o arandu vy ma, oecha tatchi mba'e rei rei omano ápy. A'e, o arandu ri vy ma, vykuápy omano i va'e jepe, oikuaá katuí va'erã.

Guyra kyrí i mbyte py jajuka e'y va'erã tumbykyragua i; vyvitu gua-chi o'a va'erã a'e va'e jajuka ramo.

Guyra kuchiu, guyra marangatu. Ara ryapu oendúvy, ojae'o. Oikuaá ramo ma vyv okañy pota ma a, oguerojae'o araka'e; a'e va re ma omboveve i Ñande Ru, omondouka araka'e yva ko jaecha va re. Ágy reve i, oendu ramo yapu, ojae'o yma guarére ima'endu'a i vy. Guyra kuchiu ñande vyv re oiko i va'e, guyra marangatu ra'anga te ma.

-¡Ha! éste os delata, dice nuestra abuela a las mujeres, por haber oído cantar al pitogue. -Porque estáis embarazadas es que os delata. El pitogue es de los que no mienten. El Urutaú no llora si hay todavía heladas por caer.

Cuando grita el había chu'ã es porque hay, efectivamente, jaguares. Cuando él grita esperamos (nos imaginamos), efectivamente, que hay jaguares.

El Suruva, antojándosele ver un gusano en su ojo, se asusta y grita.

Nuestros primeros padres dieron entendimiento al buitre blanco; no le habría de pasar desapercibido la muerte de ningún animal. El, en virtud de su entendimiento, ve humo en el lugar donde ha muerto un animal. En virtud de su entendimiento, aún sabe de todos aquellos animales que muerieron en pozos.

Entre las avecillas la que nunca debe matarse es el "masakargua i"; fuertes vientos han de soplar si se le mata.

El "guyra kuchiu" es pájaro bienaventurado. Se lamenta cuando oye tronar. Sabiendo que la tierra iba a ser destruída se lamentó; y por este motivo, dicen, lo hizo volar nuestro Padre, enviándolo a este cielo que tenemos a la vista. Hasta el presente se lamenta cuando oye tronar, acordándose de lo ocurrido antiguamente. El guyra kuchiu que está en nuestra tierra no es más que la imagen del ave bienaventurada.

Piritáu oñe'ë vy, ichy oikove va'e, tuú oikove va'e, noa'ái va'erã; oa'ã ramo, oa'yvõ o chy, guú.

Oí Piritau-ju rá oñemomburu i oiny. Oikuaá ma vy ombaraete rá, omondouka ri kokuépy Piritau-ju rá i, guaicho, guajy i amboaé reve.

-Néi, tapéo pemono'o pojava kumanda, e'i; yvapyte oupity e'y mboyye Kuaray peju.

Guaicho, amboaé kokuépy ri oó rive, omonda kumanda; a'e va re, omondoka guachu ramo.

Piritau-ju nomono'o pojavái ramo kumanda, ndojapói rembipotái guú ayvu, guyra ramo oó. "Te'õ aí, te'õ aí", e'i. A'e rami ramo, oó ramo jepe Piri-tau-ju ramo, oupity ño guú amba.

I kypy'y oupity ño guú roapy yva pyte oguerovy e'y mboyve i Kuaray. Oecha ma vy guyke guyra ramo oó: "Piritau-ju ramo oó che ryke", e'i. Piri-tau ágy reve oiko va'e vyv re, Piri-tau-ju ra'anga rei te ma; a'ete va'e oime guú ambápy. Tuú, o aguyje vy ma, oaja tembiecha rá Piritau reko achy.

Ka'aguy ojaopapa ma vy ñande Ru, ombojera araka'e Guyra Ne'engatu, guyra rembykyra'a e'y. Opoi ka'

Cuando canta el Piritáu, aquel cuya madre y padre aún viven, no deben imitarlo; imitándolo, atraen infortunios sobre su madre, su padre. El padre de la futura Piri trágicamente inmortal se hallaba inspirado (de fervor). Conociendo ya la fortaleza, envió a la chacra a la futura Piri trágicamente inmortal, a su suegra y a su otra hija.

-Bien, id a recoger rápidamente porotos, dijo; antes de llegar el Sol al cénit, volved.

Su suegra entró furtivamente en una chacra ajena y hurló porotos; por ello la convirtió en venado.

La futura Piri trágicamente inmortal, no habiendo recogido rápidamente porotos, empecinándose en desobedecer a su padre, fue convertida en ave. "Muerte triste, muerte triste", dijo. Por ésto, aunque convertida en Piri trágicamente inmortal, alcanzó la morada de su padre.

Su hermana menor alcanzó holgadamente las afueras de la casa de su padre antes de acercarse el Sol al cénit. Viendo a su hermana mayor convertida en ave: "En Piri trágicamente inmortal se ha convertido mi hermana mayor!" dijo. El Piritau que hasta ahora está en la tierra no es más que la imagen de la Piri trágicamente inmortal; el Piritau genuino está en la morada de su padre. Su padre, en virtud de su perfección al Piritau imperfecto lo dejó para ejemplo en la tierra.

Habiendo terminado de crear las selvas creó nuestro Padre, dicen, un ave de maravilloso cantar, el

aguy re, oñe'ẽ guyra vai pa aé ramí.

Guyra rembykyra'a eỹ, guyra ñe'-engatu, yryvaja oa'ã, arapachái oa'ã, aka'ẽ ñe'ẽ ave, mbatovi; guyra a'e javi kue i oa'ã. A'égui katu:

-Nda'éveí aé guyra peteí i oiko águã, e'í Ñande Ru.

A'e va re ma katu, o marã eỹ gui Ñande Ru ombojera guyra kÿri eta, ka'aguy javere ma oñeendu.

guyra rembykyra'a eỹ. Soltándolo en los bosques, cantó simulando una multitud de pájaros.

El guyra rembykyra'a eỹ, el ave del maravilloso cantar, imitó el ruido de las cotorras y el de los papagayos; el reclamo de las urracas y también el mbatovi; imitó a los pájaros en su totalidad. Después de ésto:

-No es nada bueno que haya una sola clase de pájaros, dijo nuestro Padre.

Por dicho motivo, Nuestro Padre de su divinidad creó una multitud de pájaros, cuyos cantos se escucharon en toda la extensión de la selva.

* *
*

NOTAS

Chyvi tapẽ: especie de halcón migratorio.

Guyra mymba porãvëvy: por ser aves domésticas (de los dioses) preferidas.

Apyí ve: más cerca (del que habla). Guaraní: apeove.

Araku vai, piakái vai: el Syryko (Rallidae) malo; el ñahana, de la misma familia, malo: espíritus en forma de aves que anuncian desgracias. Cuando gritan de noche, generalmente es abandonada inmediatamente la población o vivienda; aunque a veces, puede conjurarse el peligro en la manera indicada en el texto. Estos espíritus, aunque tienen la forma de aves, no vuelan, sino se trasladan por los aires en APYKA, semejante al que tiene Ñande Ru y los demás dioses. Existe también el Karãu vai, el que, también provisto de *apyka* se traslada de un lado para otro pronosticando, con sus gritos, infortunios.

Jajora: desatamos, conjuramos.

Ano: Crotophaga ani.

Kochi guyra: el ave de los cerdos: Nycticorax hoactlii, llamado Tajasu guyra en guaraní. Kochi es el nombre genérico en mbyá, del cerdo montes grande; tajachu, nombre de la hembra. Según las creencias de nuestros criollos, el Tajasu guyra anuncia desgracias; para los Mbyá, un festín de carne de cerdo.

Tingachu: Piaya cayana macroura.

Ñai-ñai: pájaro muy parecido al Pitogue o Bienteveo que, en el folklore de nuestros campesinos, también posee la facultad de descubrir la preñez de la mujer.

Ururu chi: Sarchorampus papa, el cuervo blanco.

Urutaú: v. Piritauju, en estas Notas.

Tumbykyragua: Troglodytes musculus guarixa.

Guyra kuchiu: el único nombre que le oído aplicar entre los obreros es: Guyra sunu ha — pájaro de los truenos, por su costumbre de cantar cuando amenaza llover. Otra leyenda en que aparece esta ave es la titulada "El que se prendió de una marrana", Cap. XVIII.

Oendu ramo yapu: cuando oye tronar; guaraní: ohendu ramo osunu. Sunu solamente la he oído emplear en mbyá, en el nombre sagrado Tupã Chunuá.

Piri-tau-ju; *piri-tau*: las traducciones de estos nombres son, más o menos: Piri trágicamente inmortal; Piri trágica o desgraciada (V. la voz *hau* en el TESORO). Como el nombre no es onomatopéyico, siendo su reclamo, como lo dice el relato: te'õ ai, te'õ ai = muerte desgraciada, deduzco que Piri debe ser nombre propio de mujer, empleada en la anti-güedad, caído en desuso. Según una versión más extensa de esta leyenda, que publiqué en la revista "Cultura", IX-1946, fueron cinco las personas enviadas a la chacra: la abuela, una hija del dueño de casa con criatura de pecho en brazos, y dos sobrinas. La abuela, por dormilona, fué convertida en Urutaú; su hija en venado, y la criatura que llevaba entre brazos en Guachu Ja Ete, dueño de los venados (Cap. IX, Notas); la sobrina mayor en Piri-tau-ju; siendo salvada la menor. Siempre subrayan los que narran la leyenda que Piri-tau-ju acompañó a su padre al Paraíso (pero en forma de ave) porque, al sufrir la metamorfosis, exclamó compungida: Te'õ ai, te'õ ai: muerte desgraciada. Com dice el relato, el Piritau que permanece en la tierra es imagen de la doncella "trágicamente inmortal", quien llora su desobediencia con el triste canto de "muerte desgraciada". Según la leyenda citada — mucho más extensa — el espíritu de la criatura, como ya se dijo, asumió la forma de Guachu Ja Ete; su *teko achy kue* = mortalidad, imperfección, fué convertida también en pájaro: el Andyra, de la familia de las Cuculidae. La leyenda o mito la considero de interés, al compararlo con el trabajo de F.G.S. Schaden "Páginas de Etnografía e Folclore", São Paulo, 1949; y la tesis defendida por Carlos Abregú Virreira en "Tres Mitos Indígenas", B.A., 1950.

Guaicho: su propia suegra.

Avia chuã o chuã: especie de havia que anuncia la proximidad del jaguar.

Oiko eteve ra nda'u: parece que en verdad hubiera.

Chãã: tener la impresión de; imaginarse. Guaraní: aimo'ã.

Suruva: ave que figura también en el Mito del Diluvio de los Apapoküva (Nimueñdajú). Anuncia también la proximidad del jaguar.

Guecha racho: el gusano de sus ojos, mote o puntita que aparece ante la vista y a veces se alarga, llamándose por consiguiente "el gusano de la vista".

Guerovy: acercarse, aproximarse.

Guyra rembykyra'a eỹ: ave muy hábil en imitar el canto de otras, parecida a la calandria.

Yryvaja, arapachái: cotorra, loro.

Mbatovi: pertenece, creo, a la fam. de las Charadriidae.

CAPITULO XV

Irū porā — Ka'avo.

Tupā Ru Ete ra'y oguerojaú araka'e ka'avo tory. A'e va re jareko i va'erā, Tupā ñande reko ayú uka āguā a'e javipe, ñane retarā-vy'a āguā. Ka'avo tory, marangatu ja ma katu: a'e va'e ipochy mēguā i va'e ñaipoano āguā i ma oguero-jaú araka'é Tupā ra'y.

Mangaychy re ñañemoirū va'erā ñaē porā i āguā u'y guí, kycche guí, vyvra raimbe guí.

Kyre'yimba, irū porā; vokópy jareko i va'erā ñane mboetia'e i āguā opa mba'e i re. Kuarachy'a reve jareko va'erā; a'e va'e irū, guembe paje. Kyre'Yimba, Kuaray oē i vyve oú va'e ñande ro rupi, máganga. Guembe paje katu, ñakyrā k'yri i guembe rembóre oiko i va'e, "guapo'y" jaeá.

Kuña ñande rayú āguā, mba'e rei ka'a jareko i va'erā. Mandori ka'a, churuku'a ka'a, ju'i ka'a, karāu ka'a, a'e va'e irundy ñaimorū joé jareko vokópy, kuñangue i ñande rayú āguā.

Amuletos — Filtros.

Dicen que un hijo de Tupā Ru Ete hizo nacer simultáneamente con él la "ka'avo tory". Por ésto debemos llevarla a fin de que Tupā haga que a todos agrade nuestra conducta; para que nuestros semejantes sean felices en nuestra compañía. La Ka'avo tory es dueña de la bienaventuranza; el hijo de Tupā hizo que naciera simultáneamente con él para sanar a los peligrosamente furiosos (dementes). Debemos llevar un amuleto de goma de mangaysy para poder esquivar flechas, cuchillos, espadas de madera.

La "kyre'yimba" es buen compañero; debemos llevarla en la petaca a fin de tener bríos para todo. Hay que llevarla junto con un kuarachy'a (colibrí); el compañero de éste es el guembe paje. La kyre'yimba es una especie de abejorro que viene llegando a nuestra vivienda en cuanto sale el Sol. En cuanto al Guembe paje, es la pequeña cigarra que vive dentro de las raíces del guembe, y que llamamos "guapo'y".

Para que nos amen las mujeres, debemos llevar hierbas de los animales. Hierba del mandori, del Suruku'a, yerba de la rana, del Karāu; estas cuatro debemos juntarlas y llevarlas en la petaca para que las mujeres nos amen.

Karāu gui katu remoī va'erā ñuā; remono'o va'erā echay mbayrúpy; a'e va'e remona rive te i. -A'e va va'e, ka'avo che moākā vai ra nda'u; a'e vy ma nda vy'ái vai pa, e'i kuña kova'e jajapo ramo.

Jate'i ru jarýi remombúvy, remona mona i nde recháre, nde ei-recha águā.

Guachu i recha'ýi rembo'a ypy i va'ekue, reipe'a va'erā rembo'a katu águā. A'e vy ma, echa'yingue tatapýi my remoū, gupia occha eý águā. A'e vy aé rembo'a katu va'erā.

Kochi recha kue ñamboi va eý; kochi mba'e rei rei rive eý: Karai Ru Ete rymba ri avoi ma, a'e va'e. Kochy mymba porā; a'e vy ma ñane ma'endu'a porā i va'e aé ñambo'a va'erā; jaiko rive rive i va'épy opyia va'erā eý.

Pira recha'yingue tatapýi my ñamoū vy, nda echapycho véi ma a'e va re echa'yingue ñamoū va'erā ñañyvō katu águā.

Guyraū kyrakue mbói poā ñande chu'u eý águā. Guyraū pepoykangué gui jajapo mimby i, a'e va'e ñambopu mbói ññarō eý águā.

Armarás una trampa para cazar Karāu; recogerás en un recipiente sus lágrimas, y ésto lo aplicarás sencillamente. -Sin duda alguna, esto es un hechizo que me hace perder la cabeza; por éso es que me hallo tan triste, dice la mujer cuando ésto hacemos.

Aplastando la reina de las abejas Jate'i, te untarás con ello los ojos, para tener suerte en la búsqueda de miel.

Para tener suerte en la caza (de venados) extraerás los ojos del primer venado que cazares. Hecho ésto, teñirás los globos de los ojos con carbón para que ellos no puedan ver aquello que lo ha de matar. Así tendrás fortuna en la caza (de venados).

Los ojos del cerdo montés grande no deben extraerse, pues el cerdo no es un animal cualquiera, siendo el animal doméstico de Karai Ru Ete Miri. El cerdo es animal preferido; por consiguiente, únicamente los que nos acordamos en buena forma (de los dioses) lo hemos de cazar; si vivimos descuidadamente, no se queda (para que lo cacemos).

Enegreciendo los globos de los ojos de los pescados, ellos pierden la vista; por consiguiente, debemos ennegrecer con carbón los ojos para poder flechar muchos.

La grasa del Taguatohū (Falconidae) es remedio que nos protege contra las mordeduras de víboras. Del hueso principal del ala del Taguatohū se hace una flauta; ésta se toca para que las víboras no se enogen.

Maino pepokue remboi va'erā re-reko, nde reé yvyra oity va'e oī ramo rejogua águā.

Debes arrancar plumas del ala del colibrí y tenerlas, a fin de atajar los golpes de garrote que te dirigen.

Referente a paje = hechizos ilícitos, es difícil obtener datos fidedignos, porque nadie quiere ser considerado como conocedor de tales cosas. Entre otras cosas, he oído que utilizan huesos del dedo de un muerto; huesos y ponzoña de víboras; varias hierbas venenosas. De los que utilizan estas cosas, dicen que cuando enferman están irremisiblemente condenados a morir, na habiendo medicamentos ni oraciones que los puedan salvar. La sangre de jaguar, sin coagular, infunde coraje, pero es vedado beberla:

Aguara ro'o ivaikue ramo, i'upy eý. Aguara ruguy oke eý va'e omokō va'e ipy'aguachu vai, ojaéi apichá-re.

La carne de jaguar es vedado comerla por haber sido un ser maligno (V. Cap. VIII). El que traga sangre de jaguar sin coagular adquiere coraje, fiereza; se ensaña en sus semejantes.

* *

*

NOTAS

Oguerojaú: hizo que naciese simultáneamente con él. Jaú = bañarse, nacer.

Pochy mēguā: demencia furiosa, v. Cap. XVI.

Mangaychy: goma del Mangay, árbol que, según dicen los Mbyá, crece en el Norte, fuera de la zona que ellos habitan. El nombre Mangaychy (mangaysy) no es, creo, de origen Mbyá; significa: resina para el juego. (ñe vanga = jugar; nimanga en apapokúva).

Ka'avo tory: hierba de la alegría. *Hypericum cormatum*, planta sagrada de los Mbyá. Hay otra planta conocida en el Guairá con el mismo nombre. Ka'avo, en la vernácula, ha llegado a ser sinónimo de cordial, popular, querido.

Kuarachya: especie de colibrí; lit.: fruto del Sol. Kuarachy (kuarasy) nombre de Sol en algunas ramas del Guaraní, y nombre de algunos héroes divinizados en mbyá (Cap. XVI).

Guapo'y: pequeña cigarra que vive dentro de las raíces secas del Guembe — *Phylodendron*, llamada también *guembe paje*. Guaraní: *guapo'y* = higuera silvestre, *kuachingy* en mbyá.

Mba'e rei rei ka'a: hierbas de los animales. Todo animal, ave, y la mayoría de los insectos, tiene una planta que le "pertenece".

Mbo'a: coger, cazar.

Gupia: aquello que lo ha de matar. Forma sencilla: upia, rupia.

Kochi: cerdo: cerdo montés grande. Caps. XIV, XVIII.

Aguara ruguy oke eý va'e: sangre de tigre sin coagular. La palabra *hypy'a*, coagular en guaraní, no se emplea.

Jogua: parar, atajar.

CAPITULO XVI

Kapitã Chiku.

Capitán Chiku.

(Los héroes divinizados de la mitología mbyá-guaraní)

En el Cap. VI hice referencia a la creencia según la cual el hombre virtuoso, que ajusta su conducta estrictamente a los preceptos contenidos en el código moral de la raza, se dedica con perseverancia a los ejercicios espirituales, se limita a un régimen estrictamente vegetariano, puede hacerse merecedor a la gracia e ingresar al Paraíso sin sufrir la prueba de la muerte. Mediante los ejercicios señalados, libra paulatinamente el cuerpo del lastre que representa *Teko achy*, las imperfecciones humanas, el cuerpo va perdiendo paulatinamente su peso hasta volverse imponderable y el postulante, sin sufrir la prueba de la muerte, ingresa en el Yva o Yvy Marã Eỹ, para cuyo objeto cruza el mar que separa la tierra del paraíso. Esto lo hace en la maroma a cargo de Parakáo Ñe'engatú (Cap. VIII, Notas), debiendo previamente hacer una larguísima peregrinación através del mundo, la que termina en Para Guachu Raputa — el origen del mar grande, última etapa terrestre del viaje.

Contienen los anales de los Mbyá casos de varios seres privilegiados que obtuvieron la perfección; *aguyje* en la tierra, despues de haberse dedicado a su misión de médicos agoreros de los grupos a su cargo. Se les venera como Tupã Miri, ocupando una posición comparable a los santos de la hagiografía católica. Recuerdo Kuarachy Ju, Kuarachy Ete, Takua Vera Chy Ete, Karai Katu, Karai Chapa y Karai Ru Ete Miri.

De Takua Vera Chy Ete, quien tiene su morada en el cielo en dirección sur-este de Caaguazú, se dice que obtuvo la perfección o *aguyje* danzando y entonando himnos en honor de los huesos: *yvyra'ikãgã* (Cap. V) de un hijo que se la había muerto:

Takuapemby py omboupa Takua Vera Chy Ete *yvyra'ikãgã*. Ogueroporaéi; ogueroñembo'e; oguerojeroky; ogueroaguyje; oguero kandire; kanguekue omboetery. Mba'e Porã kuéry omoataendy mba'eguchu rupa, o enói Takua Vera.

Depositó Takua Vera Chy Ete los huesos del que portara la vara en un recipiente de cañas trenzadas. Cantó, oro, danzó en honor de ellos. Obtuvo con ellos la gracia divina; con ellos se hizo acreedor a la resurrección; hizo que circulara por los huesos el decir (Ver-

bo). Los Seres buenos iluminaron el cadáver; llamaron a Takua Vera.

Vera es patronímico correspondiente a las almas enviadas por Tupã (Cap. IV); Takua Vera, el nombre sagrado del hijo que volvió a encarnarse y ascendió al Paraíso acompañado de su madre, significa: Bambú iluminado, pues el recipiente de bambú, *takuapemby*, en el que habían sido depositados sus huesos, también ascendió al cielo. El nombre de la madre del niño, bajo el que se le rinde culto, es Takua Vera Chy Ete, la verdadera madre de Takua Vera; y según una versión de este mito que escuché de boca de Tomás, de Yvytuko, lleva en cada hombre una plantita de bambú, que le brotaron en el momento de adquirir la gracia.

De Karai Chapa cuentan que, terminada su peregrinación, cruzó solo el mar que separa la tierra del Paraíso, dejando a su esposa en la tierra por sospechar de ella que le era infiel, y diciéndole que volvería para llevarla consigo después de haberse establecido en su *amba*, morada. Cuando en cumplimiento de su promesa volvió, halló a su mujer con una criatura de pecho en brazos, hijo de él, según la mujer. Al alcanzar la maroma que da acceso al Paraíso, tomó Chapa la criatura de brazos de su madre; se disolvió: *ykupa*, el niño, prueba de que era adulterino, por cuyo motivo Chapa abandonó definitivamente a su mujer y ascendió solo al Paraíso.

Karai Katau, en su peregrinación, fundó el pueblo de Tava'i con la intención de permanecer en él algún tiempo y fortalecer su espíritu y los de sus discípulos y, a la vez, sembrar y recoger provisiones para el largo viaje hacia el mar. La llegada de los Españoles — *yvyo amboaé i* — sin embargo, le obligó a abandonar la población que acababa de fundar y seguir su camino. En el cerro de Mbatovi situado en el departamento de Tava'i existen aún plantas milagrosas de tabaco: *petỹ ju*, sembradas por Karai Katu, las que podrán ser halladas y utilizadas por quienes se dedican con fervor a los ejercicios espirituales y adquieren la buena ciencia, es decir, los médicos agoreros.

De Kuarachy Ju, Kuarachy Ete, Takua Vera Chy Ete, Karai Katu y Kapitã Chiku, los héroes divinizados de la mitología jeguagákava puede afirmarse, basándose en detalles contenidos en sus respectivos mitos, que obtuvieron *aguyje* y ascendieron al Paraíso después de la Conquista. Este hecho lo confirma la aseveración de los dirigentes de que el origen del Mar Grande: Para Guachu Rapyta, está situada allende Kurutué Retã, el país de los Portugueses (Cap. VIII, Notas). Siendo notoria la tenacidad con que los Jeguakáva se aferraban a su religión, lengua y tradiciones, y los desesperados esfuerzos que realizaron por sustraerse a la dominación española y la asimilación (Bertoni: "La Civilización Guaraní", 1922), es casi seguro que Chiku, Chapa y demás héroes eran médicos agoreros que conducían a sus respectivas tribus en un éxodo hacia el mar a fin de

salvarlas de dicha dominación. Y una investigación prolija de las tradiciones referentes a estos caudillos religiosos indudablemente arrojaría luz sobre las grandes migraciones guaraníes en busca de la tierra sin males: Yvy Marã Eỹ de tan funestas consecuencias sobre el cuerpo político social de la raza y cuyas causas, a estar a lo que dice Nimuendajú (1.c. Cap. VII) aún no han sido explicadas satisfactoriamente por los hombres de ciencia.

Las causas de estas migraciones, sin embargo, existían ya antes de la Conquista, según lo comprueba el mito de Karai Ru Ete Miri, y los datos que da Montoya en la "Conquista Espiritual" sobre la veneración de los esqueletos y la reencarnación del espíritu en los mismos. Esto confirma las deducciones de Schaden ("Mitología Heróica", São Paulo, 1946), aunque él aún ignoraba las tradiciones religiosas de los Mbyá cuando escribió su tesis. Los datos contenidos en el mito de Karai Ru Ete Miri que he escuchado inducen a creer que su divinización antecede en mucho al de los demás héroes divinizados. El es el creador del *kochi*, cerdo montés grande; envía espíritus a la tierra para encarnarse, y tiene su morada en una isla situada en medio del mar, según se colige de la leyenda transcrita en el Cap. XVIII, titulada "El que se prendió de una marrana". Fué en Yvy Mbyte, el centro de la tierra, que se dedicó a los ejercicios espirituales:

Karai Ru Ete Miri, kochi ja, Yvy Mbytépy rãgẽ oñemomburu i. A rire ma, Yvy Katũre oó. Parana rakãre ijaguyje, oó ma Para Guachu kupépy, ogueno'ã yvy ju miri.

Omboporaéi jevy va'erã gvyvy kuéry Yvy Mbytépy, omombe'u jevy va'erã guekokue Yvy Mbytépy opyta va'ekuépy. Ndoopái etarã kuéry; to'o noñemoatĩrõ mbái.

El caso de *aguyje* que transcribo es el de Kapitã Chiku, oriundo, según datos que considero fidedignos suministrados por el Cacique Pablo Vera y otros, del arroyo Kurukuchi'y o Urukuchi'y, actual departamento de San Joaquín.

Kuarachy Ete omboguapy Chiku opy. Chiku oñemomburu. Oporaéi,

Karai Ru Ete Miri, el dueño de los cerdos, comenzó primeramente a dedicarse a la obtención de fervor en el centro de la Tierra. Luego fué a Yvy Katu. Entre los afluentes del Paraná obtuvo *aguyje* y se trasladó allende el Mar Grande, donde juntó tierra milagrosa, indestructible.

El volverá a hacer cantar a sus hermanos menores en Yvy Mbyte, contará sus aventuras a los que permanecieron en Yvy Mbyte. No fueron todos sus compueblanos; no toda la carne se regeneró.

Kuarachy Ete dió asiento a Chiku en la casa de las plegarias. Chiku

ojeroky, oñembo'avyu, ojerure o marā e'y rā re.

U'ichire oiko. Mboapy jachy aguépy, e'i Kuarachy Ju:

-Emoë Chiku nde po, taecha.

Omoë Chiku o po; a'e rami ramo, i po ychapy ty ra'e.

A'e ramo, Kuarachy Ete e'i:

-Ne mbaraete pota ma; ereikuaá pota ma mbaraete rā erejavu e'i rā, e'i.

Oguapy jevy Chiku opy gua'ychy reve, Kuarachy Ete rajy reve. A'égui ma:

-Emoë nde po taecha, e'i jevy Kuarachy Ete.

Omoë ramo jevy o po, ipíru, ychapy ma va'ekue e'y ri. A'e ramo ma, omoë opy gui omondouka oó águā my.

A'égui, Kuarachy Ete oipy'ara'ā Chikúpe, omondouka tajy rovapy re, omoakā-pa'ā.

A'e ramo, Kuarachy Ete rajy:

-Eñemondýi eme ke; che ru guírami ñande rereko, e'i.

-Che py'avera, mba'ekuaá, che reru taru'ā ¡manga! Kuarachy Ete.

A'e rami guero-ñembo'épy omopyrō jevy Chiku yvy py.

A'égui, guajy jevy omombo tajy rovapy re, omoakā-pa'ā. Ogueroñem-

se dedicó a la obtención de la gracia. Cantó, danzó, oró; pidió inmortalidad (el estado en que no puede sufrir daño).

Se alimentó de harina de maiz. Al cabo de tres meses dijo Kuarachy Ete:

-Saca, Chiku, tu mano, para verla yo.

Sacó Chiku su mano y hé aquí que, al hacerlo, se hallaba cubierta de rocío.

Por consiguiente, dijo Kuarachy Ete:

-Estás por adquirir fortaleza; conocerás la fortaleza si es que no te desvías.

Volvió a sentarse Chiku en la casa de las oraciones, juntamente con su esposa, la hija de Kuarachy Ete. Despues:

-Saca tu mano para verla yo, volvió a decir Kuarachy Ete.

Sacándola fuera nuevamente, estaba seca, como si no hubiera estado antes cubierta de rocío. En vista de ello, lo sacó fuera de la casa e hizo que tomara su camino.

Luego Kuarachy Ete tentó a Chiku, arrojándolo a la cima de un lapacho, entre cuyas ramas hizo que quedara prendido de la cabeza.

En consecuencia, la hija de Kuarachy Ete:

-No te asustes; es mi padre que así nos tiene, dijo.

-Luminoso mi pecho de sabiduría, me ha arrojado Kuarachy Ete a la cima del lapacho ¡ay de mí!

Entonando esta plegaria (por él) hizo que nuevamente pisase Chiku la tierra.

Entonces, a su propia hija arrojó a la cima del lapacho, haciendo

bo'e Chiku jevy; a'e vy, omopyrō jevy yvy re gua'ychy.

Jogueraá jevy; ojapo goó rā; oñemomburu jevy.

Ojau rire Chiku ra'y, ijarakuaá i ma vy, omopyrō Kuarachy Ete aguara ñe'ë guaminóre. Aguara ñe'ë omopyrō ma vy, oó Chiku ra'y ka'aguy re. A'e ramo, i chy omoña jevy, ojopyy jevy o memby, ogueroñemomburu, oguero-poraéi Tupā pe.

-Eñemondýi eme ke, che me; ejuka eme ke mitā; che ru guírami ñande rereko, e'i.

Tupā oú, aguyje reve oú; a'e vy, ome'ë i chy pe amandáu.

-Ejapi ne memby rovápy, e'i Tupā kuéry.

Ojapívy amandáupy, ojuka o memby, aguara ñe'ë ojeekýi jevy. A'évy ma, Tupā kuéry oeepy, omopyrō jevy ñe'ë porā.

Paraguay rupi oó Chiku, ñane retarā amboae i mbyte rupi oiko. A'e ramo oikóvy jepe, oporaéi ñande kue i amboae mbyte rupi. A'e ramo, aipo e'i juruá kuéry:

-Mba'ére katu a'e ramo oiko? Jajuka kova'e. Ojapyy, ojuka pota; koty yvatépy ipokua ápy oiko.

A'égui maë ogueroñevaë Tupā kuéry ka'aguy re, ogueroike jevy; a'

que quedase prendida de la cabeza. Chiku, a su vez, oró por ella e hizo que su esposa volviese a pisar tierra.

Se fueron juntos de aquel lugar; construyeron una vivienda; volvieron a dedicarse a la obtención de fervor.

Despues de haber nacido el hijo de Chiku y haber adquirido entendimiento, Kuarachy Ete hizo que se encarnase en el cuerpo de su nieto el alma de un jaguar. Debido a ésto el hijo de Chiku se fugó a la selva. Su madre corrió detrás de él; se inspiró (invocando a su hijo), entonando himnos referentes a él a Tupā.

-No te asustes, mi esposo, dijo; no mates al niño; es mi padre quien así nos tiene, dijo.

Vino Tupā, con gracia vino; y por ella dió a la madre un granizo.

-Arrójaló contra la frente de tu hijo, dijeron los Tupā.

Tirándolo con el granizo, mató a su hijo: se escurrió el alma del jaguar. Hecho ésto, los Tupā redimieron se decir, hicieron que nuevamente se encarnara el alma buena.

Pasó Chiku por Asunción, mezclándose con los que no son nuestros paisanos. Aunque anduvo entre ellos, él seguía cantando entre los extranjeros. Viéndole, así hablaron los extranjeros: -¿Porqué será que se comporta así? Matémosle a éste. Lo prendieron, con intención de matarlo; engrillado anduvo en una casa de altos.

Solo despues de estas cosas lo llevaron los Tupā a la selva en la

égui maē ijaguyje ñande Ru Kapitā Chiku.

Ijaguyje Chiku; ipopyte tataendy; ipypyte tataendy; i py'a jechaka mba'ekuaá; i jyvára rete, ychapy marane'y; i jeguaka ychapy pa; ijapyte poty, tataendy, ychapy.

que lo introdujeron nuevamente. Despues de lo acontecido, solamente, obtuvo *aguyje*, Capitán Chiku. Obtuvo Chiku la perfección; de las palmas de sus manos y las plantas de sus pies brotaron llamas; su corazón se iluminó con el reflejo de la sabiduría; su cuerpo divino se convirtió en rocío incorruptible, su adorno de plumas se cubrió de rocío; las flores de su coronilla eran llamas y rocío.

* *
*

NOTAS

Kanguē kue omboetery: hizo que fluyese por los huesos el verdadero decir. Mbo = hacer que; 'e = decir; ete = verdadero; ry = fluir. En el Cap. V tenemos la oración: Amoñe'ery jevy va'erā yvyra'ikāgā = haré que por los huesos del que portara la vara vuelva a fluir la palabra. Y en el Cap. IX, refiriéndose a la resurrección del que acaba de morir: eepy = rescatar el decir. La sinonimia existente entre estas tres palabras, pareciera indicar también que la palabra ete, tete; cuerpo, tiene su origen en la radical 'e = decir.

Ipiru, ychapy va'ekue eñ ri: estaba seca, como si antes no hubiera estado cubierta de rocío (rocío que manaba de las manos, anunciando la proximidad del *aguyje*). La palabra *kā* nunca se emplea en mbyá con el significado de: seco.

Omondouka tajy rovapy re: lo arrojó dentro del espacio formado por las ramas del tajy = lapacho.

Che reru taru'ā jmanga!: me arrojó a la cima del lapacho ¡ay de mí! Aunque el relato no lo dice textualmente, los castigos de Chiku se deben a que éste, al volvérselo a dar asiento en el *opy*, cedió a sus deseos y satisfizo su apetito carnal. Kuarachy Ete, como puede colegirse del contexto, había obtenido ya *aguyje*, y volvía de Yvy Marā Eñ para vigilar los ejercicios de su yerno. Según una versión, ordenó a su hija que le llevase mate a la pieza en donde se hallaba encerrado, para refrescarle, ocasión que aprovechó para poseerla.

CAPITULO XVII

Ñande Ru Ayvu.

La lengua de nuestros padres — y otros datos lingüísticos.

Tanto Schmidt como Belaieff se refieren a un "idioma secreto" hablado por tribus guaraniparlantes del Chaco ("Revista de la Sociedad Científica del Paraguay", Tomo IV, N.º 3; Tomo V, N.º 3); citando aquél seis palabras de este idioma recogidas por Nordenskjöld como prueba de que los Chane pertenecen al grupo lingüístico de los Arwak. También Métraux se refiere a versiones según las cuales los Tapiete, a pesar de haber adoptado el dialecto chiriguano-guarani, hasta hoy emplearían una lengua primitiva no guarani para hablar entre ellos (Handbook of S.A. Indians, de la Smithsonian, Vol. I, 1946, p. 238). Lastimosamente, Métraux no cita ninguna palabra de este idioma; y Belaieff solo menciona su existencia como "sagrada reliquia".

Además del vocabulario sagrado, *ayvu porā* o *ñe'ē porā* utilizado en la transmisión de las tradiciones religiosas, cantos y oraciones, vocabulario que, aunque no empleado en la conversación cotidiana, es de origen indiscutiblemente guarani, conservan también los Jeguakáva un número relativamente grande de voces cuyas raíces son de origen no-guarani. Estas palabras se designan con el nombre de *Ñande Ru Ñe'ē* = palabras de nuestros Padres; o *Ñande Ru ayvu*: idioma de nuestros Padres. Algunas palabras y oraciones de esta "lengua secreta" fueron publicadas en la "Rev. de la Soc. Científica del Paraguay", Vol. VII, N.º 1; vuelvo a transcribirlas, juntamente con otras que he logrado recopilar posteriormente, subrayando en las oraciones las palabras que considero de origen guarani:

No ñonte kárai *tataendy* ría, chang
ka *katu rapyta*.
Pende ára pararíra, ung ké ry pa
eng ka chāi no.
Paraóma.
Kóryma.
Apáito, apáita.
Apáita *yvára* pychuka .
Chichésa (nótese la "s").

No están cerradas las puertas, podéis entrar libremente.
Si armáis muchas trampas, habéis de coger muchos animales.
Hoko: garza.
esp. de buitres: uruvu piē.
gallo, gallina.
Huevo de gallina.
Polenta de harina de maíz; mbai-py.

Piko vevéto.
 Yvy rénka.
 Guyra kéno.
 Guyra kávuimi múchiki.
 Cháia.
 Guyra pávo.
 Poturipí.
 Atekē.
 Pirí'y riki.
 Nóryka; nórka.
 Guyra para rýa.
 Chúki.
 Guyra ókyo.

Torta de harina de maíz: kavure.
 Armadillo colorado: tatu aí.
 Tucán: tukā.
 Calandria.
 Loro: arapachái.
 Ara chloroptera, Gray.
 Pato.
 Tamizar, cerner.
 Avecilla legendaria (Cap. VIII).
 Especie de buitre.
 Avecilla: kuchúu.
 " : "Benditosea".

Utilizan también los Mbyá nombres "secretos" al referirse a ciertos animales cuando suponen que éstos se hallan en las cercanías, y no quieren que se asusten y se alejen. Doy a continuación los que he logrado recopilar:

Korochā	tatu	armadillo
Pachā	guasu	venado
Yaky	kaguare kuña	oso hormiguero hembra
Ipe	" ray	" " jovem
Tamói	" ava	" " macho
Pa'i	jakare	caimán
Javera	jaku	faisán
Koto	ygáu	musgo p/ recoger miel
Picho	jaicha, mbyku	paca

Otros nombres de animales, aves e insectos, desconocidos en el guaraní contemporáneo, y que tampoco figuran en el "Tesoro" de Montoya, los hallará el lector en el Vocabulario al final de la obra.

En tres canciones infantiles que he recogido, transcritos en el capítulo siguiente, aparecen palabras no guaraníes cuyo significado no pude explicar. En otros versos, hállese mezcladas palabras guaraníes, y otras aparentemente de origen exótico.

Con referencia al vocabulario religioso, las palabras y frases más empleadas las hallará en los mitos y leyendas transcritos, mereciendo agregárseles los siguientes:

Vocabulário común.

Opy: casa de las plegarias
 tapýi: choza
 tembi'u: alimento

Vocabulário religioso.

achojáva
 " miri
 tembiupi (sin hiato).

poraéi: canto

u'y: flecha
 mbaraka: instrumento musical
 akāoja yvoty: cofia adornada
 iengue: muchacha núbil
 iñakā chimba i va'e: anciano canoso
 py'a: pecho, corazón
 tenapy'á: rodilla
 Oē Kuaray: sale el sol

Oike Kuaray: entra el Sol

Kochi: cerdo montés grande

Ñuā: trampa

Mimby i: flauta de mujer

Mimby guachu: flauta de hombre

Angu'a: tambor

tarova; ñemoñe'e; mba'e'a'ā Kuaray.

guyra miri potýra
 mba'e pu miri
 jachuka
 akāju, akanju
 yvára apyte rakā ju

yvára jerojy rupa
 yvára jerojy rupa
 Ñande Ru jechaka ogueropu'ā = nuestro Padre se levanta simultáneamente con su reflejo.

Ñande Ru Jechaka Kurary rupa re oó: el reflejo de nuestro Padre va hacia el lecho de las tinieblas. tataendy ryapu a: aquel alrededor de quien producen ruido las llamas.

Tukombo miri: la maroma pequeña.

Mimby Kuaray reko rovái yvy py che remi-mbojachukáva rete kue-rype aeja va'ekue ovy'a águā: la flauta, imitación de la del Sol, que dejé en la tierra para que se diviertan aquellas que adorné con el "jachuka".

Mimby Kuaray reko rovái yvy py che remi-mbojeguakáva rete i kué-rype aeja va'ekue ovy'a águā yvy rupa reko achy porangatu eý re: la flauta, imitación de la del Sol, que dejé en la tierra para que los cuerpos de quienes adorné con el "jeguaka" se diviertan en la morada terrenal de las imperfecciones. Mba'e pu miri jeguakáva mbovy i mbovy'a arā achojáva rokáre: el pequeño instrumento musical, destinado a alegrar a los pocos seres que llevan la insignia de la masculinidad, en las afueras de la casa de las plegarias.

Numerosas palabras empleadas en el guarani contemporáneo y que también da Montoya en su "Tesoro" no son empleadas por los Mbyá cuando hablan entre ellos, siendo utilizados únicamente por los más sofisticados en su trato con paraguayos. Prueba de que no pertenecen al vocabulario mbyá lo constituye el hecho de no aparecer en las tradiciones, cantos y plegarias. Doy una lista de algunas de estas palabras, con sus equivalentes en mbyá-guarani:

angaipa	pecado	ojeavy
apekā	casi seco	ipiru raí i
akatúa	mano derecha	achu eỹ
ama	lluvia	oky. Ama = eclipsarse.
atōi	tocar levemente	momýi, avyky
āguī	cerca	yvýri, apy ete i
akanundu	fielre	mba'achy tata; taku vaí
hi'ā	deseable	aipota, etc.
hypy'a	coagularse	oke
haí	herir superficialmente	kychī kychī
haimete	casi	raí i
hu'u	tos	juku'a
hovi	amontonarse	ijaty jacá oupy
guapo'y	higuera	koachingy. Guapo'y = cigarra.
icha	parecido	rami
aimo'ā	imagino	aicha'ā
kā	seco	ipiru
kiveve	polenta de zapallo dulce	andai mbaipy
karugua	tembladeral	yapo churu. Karugua: mántidos; karugua rachy: reumatismo.
korire	después de esto.	a'égui
mbyky	corto	apu'a i
mi, michi	chico	kyri i; miri
kupa'y	Cupaifera	jukypytangy
mo'ā	tener intención de	ra'u; pota
mboypýri	allende	ovái, tovake
panambi	mariposa	popo. Tanambi = mariposa nocturna.
pay	Paca	jaicha; mbyku para
pya'e	pronto	pojava
pyri (che)	cerca de mi	yvýry, joupy ve'i
saingo	colgarse, colgar	vava, mbovava imo'ny
sunu	tronar	yapu

sapy'a	raramente	amongue
tyvyro	sacudir	mbojaity
tarova	demente	pochy mēguā. Tarova = himno
tuju	barro	yapo
tujuju	cigüeña	ajaja, guyra ajaja
tie'ỹ	descarado	ji jarakuaái
tembe'y	orilla	yvy ry

En las tradiciones transcritas en estas páginas, figura un número relativamente grande de partículas y palabras mbyá-guaraníes desconocidas en el guarani contemporáneo, tampoco incluidas por Montoya en su "Tesoro". Otras, las hallará el lector en el Vocabulario al fin de la obra.

CAPITULO XVIII

Cuentos, Leyendas, Cantos Infantiles, Saludos.

*Kachire ojepota va'ekue, guú oñe'-
čapo eñ vy.*

Karai oñemomburu va'e oĩ opy.
Oporači, oñemboayvu, o marā eñ
rā re oñea'a.

A'égui ma, gua'y ñuā recha ombo-
guata, kochi rupia recha.

-Kochi ndo'ái ramo jepe, eju me-
me; kochu akykue ramo jepe, te-
reó eme, e'i.

Kochi akykue; oó ñande i va'e ko-
chi rakykue. Kochi oó a rupi oó
oiny: ka'aguy gui oacha ma ápy
pindoty re okaru okuapy, oecha
raí raí eraávy; a'e rami oó, oó Ko-
chi rakykue, yvypépy oupity. A'é-
py, Kochi rereko a oecha ñande i
va'e.

-Mba'e rekávy pa reju, ra'e? e'i.

-Taja...ka'i rekávy aju, e'i.

A rire, "tajachu" e'i raí ri.

*El que se prendó de una marrana,
por haber desobedecido a su pa-
dre.*

Un señor que buscaba fervor reli-
gioso estaba en la casa de las ple-
garias. Cantaba, oraba, se esfor-
zaba en pos de la inmortalidad.

Luego, envió a su hijo para que
viera sus trampas, trampas para
cerdos.

-Aunque no hayan caído cerdos,
ven enseguida; aunque haya ras-
tros de cerdos, no los sigas, dijo.
Había rastros de cerdos; nuestro
paisano siguió los rastros. Por
donde habían ido los cerdos se iba;
al atravesar la selva y en un pal-
mar en donde se dedicaban a co-
mer logró, siguiéndolos, entrever-
los; por consiguiente se iba, se iba
sobre las huellas de los cerdos, y
en un lugar bajo les alcanzó. En
dicho lugar, el guardián de los ce-
dos vió a nuestro paisano.

-¿En busca de qué viniste? dijo.

-En busca de taja... Ka'i vine, dijo.

Pues, casi dijo "tajasu" (Al pro-
nunciar el cazador las primeras sí-
labas de taja...su = marrana, se
da cuenta de su imprudencia y, en
un esfuerzo por despistar al cerdo,
agrega: ka'i = mono).

-Tajachu i rekávy aju, ere, e'i kochi. Ombotavy eý ma rá:

-Eiporavo che rajy reipotave va'e, emenda, e'i. A'égui, jaáta ore rupive; a'e ramo eý, remano va'erā. Omenda ñande i va'e kochire. Oó ma vy aju'y guy rupi, ombojupi, ombovava, aju'y a omondo embirekópy. A'e va'e a'e ndo'úi. -Yvate ma voí a'u cheé kuri, e'i.

Omongúí yvyrapepē a guembirekópy; a'e va'e ndo'úi ñande i va'e; guapytā o'u; a rire ovaē guavirápy: a'e va'e o'u aveí.

A rire, ovaē yý tuvicha iperí va'épy, oacha rañē ñande i va'e. A'égui maē ovaē Para Guachúpy a'e va'épy oguejy āguā okyyje. -Eguejy ch'atuaráre e'jopyy, toroguerocha, e'i embireko. A'évy ma, oguerovaē, o ja rópy oguerovaē, Karáí Ru Ete Mirí ambápy.

A'épy ogueroke irundy pytū. Kochi ja ojopói ñande i va'e manduvi ku'i ju; a'e ramo jepe, irundy py-túáre ñande i va'e ndovy'avéi; a'égui ma oú goópy.

A rire, embireko e'i:

-Ah, yapu! Manduvi ku'i ju a'u aguere che mo ma'endu'a! ereméke, yapu reendu rá.

Ojev y ma ouv y, ovaē yý guachu py, para guachu rembépy. Oma'e: ndo-

-En lusca de tajasu vine, di, dijo el cerdo; y, no habiéndole engañado:

-Elige aquella de mis hijas que más te plazca y cástate; luego nos acompañarás. Caso contrario, morirás. Se casó nuestro paisano con la marrana. Yendo por debajo de los Aju'y, le hicieron subir; sacudía las ramas de los Aju'y, echando la fruta a su esposa. De ésta fruta él no comía. -Entre las ramas ya he comido yo, decía.

Echaba frutas de yvyrapepē a su esposa, de ésta fruta él no comía; frutos de pindo comía; luego llegaron junto a un Guavira: de esta fruta comió también.

Luego llegaron a un agua extensa pero poco profunda, cruzándola primero nuestro paisano. Pero más tarde llegaron al Mar Grande, y tuvo miedo de bajar al agua. -Desciende y agárrate a mis crines, y yo te haré cruzar, dijo su esposa. Dicho ésto, cruzó con él, llegando con él a la casa de su dueño, a la morada de Karáí Ru Ete Mirí.

En dicho lugar durmió cuatro noches con él. El dueño de los cerdos convidó a nuestro paisano con harina de mani milagrosa; pero a pesar de ello al cabo de cuatro noches nuestro paisano no se sentía feliz; por consiguiente, se dirigió hacia su casa.

Entonces, su esposa dijo:

¡Oh, truenos, me recordáis el tiempo en que comía harina de mani milagrosa! no digas ésto cuando oyeres tronar.

Ya volvía, llegó al agua grande, a la orilla del mar grande. Miró: no

acha reeguái. A rire oú ype, yga reve oú.

-Che mboacha yý, e'i mbyá i.

-Tove, kyrí i ete che yga, e'i.

A rire, oú mbigua. -Che mboacha yý, e'i.

-Tove, kyrí i ete che yga, e'i jyy mbigua. A'égui maē oú jakare, gua'y reta i reve.

-Karáí pa'i apechýi, recha jaja mbarakuja poty, che mboacha yý, e'i mbya i.

-Toromboacha yý, e'i. A'e va'e yga, tuvicha i. Oguejy oó. A rire jakare ra'y kue i ry:

-Che ku'irā i, che ku'irā i, e'i oere pa jakare ra'y.

A rire oje'ói.

-Jakare rechapyka tapy tapyi, ere, e'i ñande i va'épy.

-Tove, ima'endu'a porā ete ri ave nde reé kuñatai ngue, e'i mbyá i.

-Mba'e e'i avy ima'endu'avý? e'i Jakare.

-Karáí Pa'i apechýi, recha jaja mbarakuja poty, e'i, e'i Mbyá i.

Opuka Jakare: Haá, haá, haá! e'i. A rire, oó puku i ma vy: -Jakare tuja ape koro korói, ere, e'i jyy Jakare.

le sería posible cruzar. Entonces vino un pato, un pato con una canoa.

-Llévame através del agua, dijo el indiecito.

-No, es demasiado pequeña mi canoa, dijo.

Luego vino un mbigua (ave somor-gujadora). -Llévame através del agua, dijo.

-No, es demasiado pequeña mi canoa, dijo nuevamente el mbigua. Despues de estas cosas, vino un jakaré, con sus numerosos hijos vino.

-Señor hechicero de tersa espalda y ojos refulgentes como flores de mburukuja, llévame através del agua, dijo el indio.

-Te llevaré a través del agua, dijo. La canoa de él era grande. Descendió (al agua) y partieron. Entonces los hijos del Jakaré dijeron: -Sabroso bocadito, sabroso bocadito, dijeron; lo lamieron los hijos del Jakaré.

Luego partieron (nuevamente).

-Jakaré con párpados semejantes a ranchos destartalados di, dijeron a nuestro paisano.

-No, se acuerdan demasiado bien de ti las doncellas (te tienen en gran estima), dijo el Mbyá.

-¿Y qué es lo que dicen cuando se acuerdan de mí? dijo el Jakaré.

-El Señor Hechicero de tersa espalda y ojos relucientes como flores de mburukuja, dicen, dijo el Mbyá.

Se rió Jakaré: ¡Haá, haá, haá! Y despues de haber andado un largo trecho: -Viejo Jakaré con la espalda cubierta de pústulas, dijo el Jakaré.

-Tove, ima'endu'a porā ete ri ave nde reé kuñatai ngue, e'i Mbyá i. -Mba'e e'i avy ima'endu'ávy? e'i.

-Karai pa'i apechyi, recha jaja mbarakuja poty, e'i.

Opuka Jakare: Haá, haá, haá! e'i.

A rire, oó puku i ma vy, oupity vyvra jeroá guy.

-Jakare tuja ape korói, rechapyka tapy tapýi, e'i Mbyá i ovávy; oña a'égui.

A rire, Jakare omoña. Ovaé ñande i va'e pira ojopói ápy javachi guachu.

-Che moña ko jakare, e'i. -Eike a'e ramo che piky guy py, e'i javachi. Oike piky guy py, ajakápy.

Ovaé jakare. -Ndoúipa Mbyá i? e'i. Ndoúi, e'i javachi. -Nde apu, e'i jakare; korópi oú ra'e; ipypo oje-kuaá; nde remokañy. -Che e'y, e'i javachi. A rire, piky ogueroveve ta ma vy, omoí o akā re ajaka, ogueraá ñuú mbytépy omboguejy.

A'égui ñande i va'e oó oiny ovaé guachu puku rópy, ka'aru i ma ovaé. Guachu puku oke pota ma; ñande i va'e ndaupanguái.

-Korópi ake pota, e'i. -Tove, che py rupará, e'i guachu puku.

-No, dijo el Mbyá, en demasiada estima te tienen las doncellas.

-Y qué es lo que dicen cuando se acuerdan (de mi) dijo.

-El Señor Hechicero de tersa espalda y ojos relucientes como flores de mburukuja, dicen.

Se rió Jakaré: ¡Haá, haá, haá! dijo.

Luego, habiendo andado un largo trecho, alcanzaron un árbol inclinado (sobre el agua).

-Jakaré viejo con la espalda cubierta de pústulas y párpados como ranchos destartalados, dijo el Mbyá al saltar (mudarse); y echó a correr de aquel lugar.

Entonces el jakaré le siguió corriendo. Nuestro paisano llegó a donde un Martín pescador grande pescaba.

-Me persigue un jakare, dijo. -Entra debajo de mis pececitos, entonces, dijo el Martín pescador. Entró debajo de los pescaditos, en el canasto.

Llegó el jakaré. ¿No vino un Mbyá? dijo. -No vino, dijo el Martín pescador. -Mientes, dijo el jakaré; por aquí vino; se ven sus pisadas; tu lo has escondido. -No fui yo, dijo el Martín pescador. Luego, estando ya por emprender vuelo, alzó el canasto sobre la cabeza, llevándolo a bajar en medio de una pradera.

De aquel paraje se alejó nuestro paisano y llegó a la casa del ciervo, tarde llegó. El ciervo se preparaba para dormir; nuestro paisano no tenía cama.

-Dormiré aquí, dijo. -No, allí voy a poner los pies, dijo el ciervo.

-Korópi take, e'i jevy Mbyá i.

-Tove, ch'akā rupará, e'i. A rire, upará jipói ramo, oacha oovy, ovaé inambu rópy maé.

A'épy oke pota ñande i va'e. Oí kururu ave, oke inambu rópy. Inambu e'i;

-Tata ke petapýijo rive i, peipeju eme, e'i.

Yro'y je. Ñande i va'e ndoguero-ochā véi ma yro'y; tata otapýijóvy, oipeju.

Inambu je oke ma ra'e. Tata oipeju ramo ñande i va'e, oñemondyi ame rami, oveve; tata ogueroveve pa; opyta ñande i va'e kururu reve.

Kururu e'i: -Ndeé pa tata neremokoi ra'e? -Namokoi, e'i. A'évy, ndeé ne remokoi ri ave? -Amokó ri ame rami, e'i. Kururu ombojevvy; ojatapy; oke.

Ko'erā oacha ñande i va'e, ovaé Urukure'a i rópy. Kyringue i aé ikuái; i chy jipói; oporandu i chy re.

-Piky jopói rako oó kuri, e'i.

Ko'c rai i ma oú i chy kuéry, eta ogueru piky ame rami; pyku ramo ogueru kyju, ajaka para rupi ogueru.

Arire je: -Mla'ére voi pepy piky re oñemom-biara ramo ¡Hā, Urukure'a i! pi'a oendu ramo ri ame rami? e'i ri ko.

-En este lugar dormiré, volvió a decir el Mbyá.

-No, allí recostaré mi cabeza, dijo. Entonces, en vista de que no había en donde dormir, siguió viaje, llegando a la casa de la perdiz.

Allí dormiría nuestro paisano. Estaba, a demás, el sapo; dormía en casa de la perdiz. La perdiz dijo: -Atizad sencillamente el fuego, pero no lo sopléis, dijo.

Dicen que hacía frío; nuestro paisano no aguantaba el frío: al atizar el fuego, lo sopló.

Dicen que la perdiz ya dormía; al soplar nuestro paisano el fuego, parece que se asustó y debido, aparentemente, al susto, levantó vuelo, llevando consigo todo el fuego; nuestro paisano se quedó con el sapo.

Dijo el sapo: -¿Tu no has tragado fuego? -No he tragado, dijo. Y tu ¿acaso has tragado? -Parece que he tragado, dijo. -El sapo lanzó; prendieron lumbre; durmieron.

Al amanecer siguió viaje nuestro paisano, llegando a la casa de la Lechuza. Solamente estaban los chicos; su madre no estaba; preguntó por su madre.

-Pues, hace rato que fué a pescar, dijeron.

Apenas amanecía, vino llegando la madre; parecía traer pescados, pero en vez de pescados traía grillos, un canasto adornado lleno traía. Entonces dicen que (dijo):

-¿Porqué será que, habiendo alguien tratando de atrapar pececillos, se me antoja oír al chico de-

A'e ramo: -Jaá jevy, e'i Mbyá i; jaá ñama'e.

Oóma Urukure'a i reve.

-Apy, rako, e'i.

-Eñemombiara ave, a'e ramo, e'i Mbyá i.

Oñemombiara Urukure'a i.

-Hã, Urukure'a i! pi'a oendu ramo ri ame rami, e'i opy oĩ va'e: a'épy ri ty iny Mbyá i chy.

-A'ety rami, e'i Mbyá i.

-A'ety rami, e'i i chy.

-Hỹ'y, py'a i! e'i, o'a omano.

Mbyá i oñotỹ o chy. Ko'erã oó ojaú; yguápy oĩ jave yapu. A'e ramo, ñande i va'e:

-Hã, yapu; manduvi ku'i ju a'u ramo ri ame rami Kochi Ja Ete am-lápy maẽ!

Aipo e'i vyve, oveve oó Kuchiu ramo.

cir: ¡Oh, Urukure'a! Pues así, en verdad, ha dicho. (El chico está ausente; su madre, oyendo a la Lechuza buscar su presa entre el estaqueo del rancho, parece escuchar al hijo ausente dirigirle un saludo).

En vista de ello: -Volvamos, dijo el Mbyá; vamos a escudriñar.

Se fué con la Lechuza.

-Pues, este es el lugar, dijo.

-Dedícate, entonces, a buscar tu presa, dijo el Mbyá i.

La Lechuza se dedicó a cazar.

-¡Oh, Lechuza! pareciera decir el hijito, escuchándole, dijo la que se hallaba dentro de la casa: allí, efectivamente, se hallaba la madre del Mbyá.

-Salud, dijo el Mbyá.

-Salud, dijo su madre.

-¡Ay, hijito! dijo, y cayó muerta al suelo.

El Mbyá enterró a su madre. Al día siguiente fué a bañarse; estando en la fuente tronó. Al acontecer ésto, dijo nuestro paisano:

-¡Ay, está tronando, como si estuviera yo comiendo harina de mañi milagrosa en la morada del verdadero dueño de los cerdos!

Al decir ésto, emprendió vuelo convertido en Kuchiu.

* *

*

NOTAS

La versión transcrita fué narrada por un hijo de Carmelo Silva, de Cerro Punta (Colonia Mauricio José Troche) a un grupo de Indios sentados alrededor del fogón en el rancho de su padre; Carmelo me ayudó a consignarlo al papel. Aunque tiene, sobre todo en lo que se refiere a la unión del Mbyá con la marrana, las características de un mito, pertenece a lo que calificaría de leyenda, primero porque nunca lo he escuchado de boca de dirigente avezado; y segundo, porque los detalles que lo adornan a veces varían, de acuerdo a la fantasía de quien lo narra. La unión del

Indio con la marrana, sin embargo, su peregrinación hasta la morada de Karai Ru Ete Miri, situada en medio del mar, su regreso, el hallazgo de su madre mediante la Lechuza, y su muerte, constituyen características invariables de todas las versiones que he escuchado. Lo considero un documento importante por hallarse en él fusionados un número de elementos extraídos de distintos mitos americanos.

Ojepota: prendarse.

Kochi rupia: aquello que ha de matar o coger al cerdo.

Oecha rai rai i: vió confusamente. Guaraní: vai vai.

Ore rupive: junto con nosotros.

Guapylá; guapytangy: fruto de palmera, palmera pindo.

Atuara: cines. Atúa = nuca; ra: pelos, cabellos.

Ah, yapu!: Oh, truenos! Según otra versión, fueron acordes de mimby que escuchó en lontananza; la versión transcrita me parece más "genuina", por ser el trueno en oriente la manifestación de Karai Ru Ete.

Jyy: otra vez, nuevamente. En casi todas las leyendas comunes se emplea la forma *jyy*, utilizándose *jevvy* con su acepción de volver.

Karai Pa'i: tanto *karai* como *pa'i* se usaban, según Montoya, para designar a los dirigentes espirituales o hechiceros.

Che ku'irã: solamente en esta leyenda he oído la palabra *ku'irã*, traduciéndola por "sabroso Locadito" por indicación de quienes me la explicaron.

Mbarakuja: Pasionaria; guaraní: mburukuja.

Javachi: martin pescador (Montoya).

Guachu puku: ciervo.

Inambu: perdiz. Es interesante comparar este episodio con el pasaje del mito de Pa'i Rete Kuaray describiendo la creación de la perdiz portadora de lumbre, Cap. VIII.

Kururu: sapo. V. el mito del robo del fuego, Cap. VII.

Urukure'a: la Lechuza. V. Caps. I y VIII. En una parábola, que posiblemente sea otra versión de este mismo mito, que publiqué en la revista "Cultura" hace años, la Lechuza aparece tres noches consecutivas en la choza de la mujer cuyo hijo se ha marchado a lejanas tierras.

Nemombiara: buscar la presa, cazar.

A'ety rami: saludo. V. "Saludos" al final de este capítulo.

Kuchiu: v. los datos referentes a esta ave en el Cap. XIV. Otras versiones del mito omiten mención de la metamorfosis del protagonista.

* *

*

Eira Jagua Paĩ reve opu'a joe.

El Eira Jagua y el Paĩ se atacan.

Ñande i va'e rajy re Paĩ omenda.

Un Paĩ se casó con la hija de un paisano nuestro.

A rire je Paĩ, guatyú na echãi ramo, oó ka'aguy re embi'u rá i re.

Después, dicen, hallándose enfermo su suegro, fué el Paĩ a la selva a buscarle algo que comer.

A'évy, oó tapi'i aguara ojuka ápy ovaẽ. Ovaévy, aguara embia áry ituí; arire, Paĩ u'y py oñyvõ aguara'ápy, ojuka. Oje'ói ogueraá pa guatyú rópy aguara ro'ó; tapi'i ro'ó ogueraá pa avei.

Caminando, llegó adonde un jaguar había derribado a un tapir. Al llevar (el Paĩ) el jaguar se hallaba tendido sobre su presa; el Paĩ, entonces, hirió con flechas al jaguar, y lo mató. Se alejó del lugar; tras-

A rire, ko'ë rã, oó iyy ka'aguy re; a'évy, oendu ka'aguy re pindo ru'amy itã omoparã oiny va'e. Oma'ë vy, Paï oecha Eira Jagua kuña. Guyrapa pindo vyppy re ombojeko va'ekue Eira Jagua kuña ojaga pa Paï. A'évy. Eira Jagua oecha Paï pe. -U, ava! e'i.

Ogeuky Eeira jagua kuña; pindo ku'are itury jave, kuarepochi py oñyvõ ta ramo Paï, ypekũ ramo ojere pindo ku'are, ojavy.

A'égui ogeuy yvypy Eira Jagua kuña; a'e rami, oikutu i py'ajurupy, ojuka.

Okévy, oecha ra'u. Ko'ë rã, guatyúpy omombe'u. -Ange pyávy a jeecha vai kuéri, e'i.

-Aipo rã, tereó eme ka'aguy re, e'i guatyú.

A'évy jepe, oó jyy ka'aguy re. Eira Jagua kuña ojuka aguépy ovaé rai i ma vy, oendu ijayvu va'e. Ijayvu va'e e'i.

-Ava a'eveve ramo, che jukáne; che che ra'eveve ramo, ajukáne cheé.

Oó ve i vy, oovaichí ma Eira Jagua. Oovaichí vy Paï pe, oa'ã u'y py; u'ymã oikuávã eruvy o jyva guy py Eira Jagua. U'y ojaga pa ojokóvy Paï. A rire, Eira Jagua u'y opa ma ramo, guyrápápy oña-pýrupã pota.

A'e ramo, kyse pukúpy ojaga Paï guyrapa. Paï ikane'õ ma, o'ã; ovayvávvy o'a. O'a ramo, Paï rague mbytépy guare ojopy. Eira Jagua. A'évy, iju'ái py oichu'u. Iju'áipy oichu'u ramo, oku'águi kyche i oe-

portó toda la carne del jaguar a la casa de su suegro; la carne del tapir tambien la llevó.

Pues bien, al día siguiente volvió a la selva; escuchó en la selva el ruido de alguien producido en la cima de un pindo con una calabaza. Mirando, el Paï vió una Eira Jagua hembra. El arco que la Eira Jagua hembra había dejado recostado contra el tronco del pindo lo cortó en pedazos el Paï. Al hacer ésto, la Eira Jagua vió al Paï. ¡U, hombre! dijo.

Descendió la Eira Jagua y, hallándose a mitad de camino entre la cima del pindo y el suelo, y queriéndola herir el Paï con flechas, dió ella la vuelta al tronco del pindo como si fuera pájaro carpintero, y la erró.

Entonces la Eira Jagua bajó al suelo; al hacer ésto, el Paï la hincó en la boca del estómago con cuchillo, matándola.

Al dormir, soñó con ella. Al amanecer, contó a su suegro. -Anoche tuve una pesadilla, dijo.

-En tal caso, no vayas a la selva, dijo su suegro.

A pesar de ello, fué a la selva. Al aproximarse al lugar en donde había dado muerte a la Eira Jagua hembra, escuchó quien hablaba. El que hablaba decía:

-Si el hombre es más hábil que yo, me matará; si yo soy más hábil, le mataré yo.

Prosiguiendo su camino, se encontró con el Eira Jagua. Al encontrarse con el Paï, el Eira Jagua disparó flechas; un carcaj de flechas traía debajo de su brazo. Al atajar el Paï las flechas, las cortaba en pedazos. Luego, habiéndosele terminado las flechas, el Eira Jagua intentó hundirle el cráneo con el arco.

En vista de ello, el Paï volvió a cortar en dos el arco con su cuchillo largo. El Paï ya estaba cansado, se cayó; cayó de espaldas. Al caer, el Eira Jagua lo asió de los cabellos de la coronilla, mor-

kýi Paï; a'évy, Eira Jagua oikutu i pyúa jurúpy; a'évy, mokõive i omano jo'ary.

A rire, atyú, guajy-me ndouvéi rã, oó akykue. Ojóú guajyme omano Eira Jagua reve jo'ary.

-A'y, che rajyme! Guírami guápy ri ty'y oiko vai va'erã, e'i. A'évy, atyú oó etarã kuérye omombe'u. A'e ramo, etarã ou oecha. A'évy maé oipe'a jo'ary gui, oñotý ma a'épy.

* *

*

Eira Jagua: monstruo en forma humana, cubierto de una coraza de escamas impenetrable que le permite desafiar flechas, cuchillos y balas. Tiene un punto vulnerable, no como el héroe griego en el talón, sino en la boca del estómago, como se colige del contexto.

Paï: raza guaraní, muy guerrera según los Mbyá, que tienen su habitat muy al Norte, semejante a ellos salvo en ser más marciales y de consumir de todo, inclusive carne de jaguar y una oruga monstruosa: Mbií Jagua, del tamaño de un tapir.

Guatyú, atyú: su suegro.

Itã: calabaza grande dividida en dos. Se llama así por su semejanza a la concha de un bivalvo: itã; sirve como recipiente de miel y frutas.

Itury: forma "supina" de u = venir.

U'y mã: manojo o carcaj de flechas.

Kuávaã: llevar apretando o abrazando con el brazo.

Napýrupã: matar a golpes en la cabeza.

Guajyme, tajyme: su yerno; esposo de su hija.

A'y: interjección que expresa pesar, enojo.

Ty'y: fonema advertial correspondiente, mas o menos al *nipo ra'e*, de la vernácula: así era.

* *

Omimby i va re ojepota iengue

Da doncella que se prendó del duende que silba.

Mbyá i reindy iengue ramo va'e ojepota omimby i va re.

Mbyá okopi takuaty oikovy; kuaray mbyte jave oó goópy.

Goópy oó omimby i va'e oé takua omondoro jaeá oikovy. Oúvy Mbyá i oecha takua omondoro pa ague, oó jyy goópy. A'évy je, irú kuérye omombe'u:

La hermana núbil de un Mbyá se prendó de un duende que silba. El Mbyá desbrozaba una parcela de takuapi (cañas); al llegar el sol al cénit volvió a su casa.

Mientras él se iba a su casa, salió el duende y arrancó grandes cantidades de cañas. Al volver el Mbyá vió todas las cañas que había arrancado, y volvió a su casa.

-Mba'e voi a kopi ápy takua omondoro pa va'e? e'i.

-Jaá avy, jaecha, e'i irú kuéry.

Ovaë vy, oma'ë mbegue okuapy, takuaty okopi ague re ojere okuapy.

Omimby i va'e oë.
Ta'ychy okopi ague yvýry gui oma'ë mbegue avei oiny. Omimby i va'e oë jave, Mbyá kuéry ovaë avei, ojopyy che vy.
A'e rá, ipochy omimby i va'e, ojuka pa ta Mbyá i pe. Ta'ychy e'i:
-Ejejopyy-uka nde rovaja kuéry retápe.

Ojejopyy-uka; ta'ychy oë ma avei o kyvy kuéry ápy. Ogueraá goópy i kyvy kuéry.

Omimby i va'e oó ka'aguy re ova-ja kuéry reve mba'e rei rei oekávy. O mimby i va'e ojoú guachu ojuka. Oove jyy; ovaja kuéry oendu kochi mombyry okuapy. A'évy je onombe'u o mimby i va'épy; o mimby i va'e oó kochi ápy. Ovaja kuéry e'i:

-Kochi aé tamo ndojuka retái raga, e'i.

Kochi ápy ovaëvy omimby i va'e va'e oñemondýi vy aché vaí pa ete. A'e rá ovaja kuéry:

-Aipo oichu'u. E'ívy oó.

Govaja ápy ovaë vy:
-Mamópa nde chu'u? e'i.
A'évy je, omimby'iva'e ojevyvy, guevikua oechaka govaja kuéry pe:

-Apy rive che chu'u, e'i.

Al llegar, dijo a sus compañeros:
-¿Quién será el que arrancó cañas en el lugar que yo desbrozaba? dijo.

-Vamos, pues, a ver, dijeron sus compañeros.

Al llegar, se pusieron a escudriñar, rodeando el lugar desbrozado.

Salió el duende. Su esposa también escudriñaba desde un lugar cercano a la parcela desbrozada. Al salir el duende que silba salieron también los Mbyá, con intención de cogerlo. Por ello, se enfureció el duende e iba a matar a todos los Mbyá. Su esposa dijo:
-Deja que te cojan tus numerosos cuñados.

Se dejó prender; su esposa salió también adonde estaban sus hermanos. Lo llevaron sus hermanos a su casa.

El duende que silba fué a la selva con sus cuñados en busca de animales. El duende encontró un venado y lo mató. Siguieron caminando y sus cuñados escucharon ruido de cerdos en la lejanía. Al escucharlo, lo contaron al duende que silba, y él se dirigió al lugar en donde había cerdos. Dijeron sus cuñados:

-Cerdos, sí, que no ha de matar muchos, dijeron.

Al llegar en donde había cerdos, se asustó y gritó lastimeramente. Al escucharle (dijeron) sus cuñados:

-Aí lo muerden. Diciéndolo, se fueron.

Al llegar adonde estaba su cuñado:
-¿Dónde te murdieron? dijeron.
Al decir ésto, él se agachó, mostrándoles su culo:

-Pues, es aquí que me han mordido, dijo.

* *
*

NOTAS

Omimby'iva'e: el duende que silba, llamado Guachu Ja Ete = el verdadero dueño de los venados (V. Cap. IX). Como solamente le pertenecen los venados, cuando se encontró entre los cerdos (que tienen otro dueño) se asustó grandemente y, para justificarse ante sus cuñados, fingió haber sido mordido por ellos en el ano.

Kochi aé tamo ndojuka retái raga: matar él muchos cerdos ¡qué esperanza! Tamo raga: locución que expresa burlonamente, duda, incredulidad. Aunque el duende ha ido adonde están los cerdos, sus cuñados saben que no cazarán ninguno, porque él es dueño de los venados exclusivamente.

Ojevyvy: se agachó. Guarani: ojavyvy.

Chivi aguara i reve.

Chivi je jojó aguara i reve.
O'uche aguara i pe; a'e ramo aipo e'i: -Na neryvatái va'erá, che'u ramo jepe; taá taeka tapi'i eta a, che jarýi, e'i.

-Néi, e'i chivi.

Oó ma aguara i oekávy, ojoú ma tapi'i ikuái a; oú jyy omombe'u chvipe. Oó ma chivi oguero'a petei ikyrave va'e. Chivi rembi'u reegua o'uche aguara i; ndóuka chéi ma ramo:

-Ityruru kue i emombo i emboúvy, e'i.

A'e va'e ombopatu'a aguara i, omombiru kuaray py; ipiru vyve, mberu ojopyy omboyru, mbovy e'y omboyru. A'e rami vy, jagua jo javi javi oñe'e va rami oñendu, i tyryru kuépy mberu oivy. A'e va'e-kue ojukua chivi ruguáiri; a'e rami ma vy, aipo e'i:

-Ejapychaka pova'ere, e'i; jagua eteve ri ame rami oú ñandevy.

A'e ma rami, ojapychaka ;oendu vy jepe, o'u jevy rágë.

A'égui, aguara aipo e'i:

-Ejapychaka ke, aipo oú eteve ma.

A'e ma rami ramo, oña chivi. Oó mombyry i ma vy, opyta ojapychaka: oú ri aé ñendu jagua. A'e ramo

El jagua y el zorro.

Dicen que el jaguar se encontró con el zorro. Quiso comerse al zorro; por consiguiente, habló así:
-Aunque me comieras, no te hartarías; déjame ir a buscar donde abundan los tapires, mi abuela, dijo.

-Bien, digo el tigre.

Se fué el zorro a buscar; encontró un lugar en donde abundaban los tapires; volvió a contárselo al jaguar. Se fué el jaguar y derribó uno de los más gordos. El zorro quería comer de lo que comía el jaguar; no queriéndole dar:

-Tírame aunque no sea más que la vejiga, dijo.

Esta la infló el zorro y la secó al sol; hallándose seca, cazó moscas y las cargó en ella, innumerables moscas cargó. Presas las moscas en la vejiga, producían un ruido semejante al de numerosos perros ladrando al unísono. La vejiga con las moscas dentro la ató a la cola del jaguar y hecho ésto, habló así:
-Presta atención a aquel ruido; se trata, sin duda, de perros que se nos vienen encima.

A raíz de ésto, el jaguar prestó atención pero, no obstante haber oído, siguió comiendo.

Entonces, el zorro habló así:
-Presta atención, pues ahí vienen, sin lugar a dudas.

A raíz de ésto, echó a correr el tigre. Habiendo corrido lejos, hizo alto para escuchar: oíase aún, in-

katu, oñave jyy; mombyryve i ma oó ojapychaka: ou ri aé ñendu jagua.

A'e ramo katu oña jyy, oó mombyry ve i ma, opyta jyy; ikane'õ ma ramo opyta ñorairõ águã: ivai ma.

Opytávy, ojere guakykue katy; a'e rami, guakykue katy jyy jagua ñe'ẽ oendu. A'e rami, ova jyy guakykue katy: guakykue katy jyy jagua ñe'ẽ oendu. A'e rami ramo maẽ, ova vy ve'ỹ, guakykue katy rive te oma'ẽvy, oecha ityryrukue py mberu imoi rive ty ra'e, jagua rami oñendu va'e. Guembi'ukuégui mombyry i jepe ma oóvy, oó rive te ma a'égui.

Yma rire ma, joecha jyy aguara i reve. A'évy ma, aipo e'i:

-Ágỹ ri ma, ro'u pota, e'i.
-Che 'u vy jepe, naneryvatái va'erã, che jarýi, e'i aguara i; taá ri aé taeka ndevy tape reñoarõ águã, e'i; kuimba'e rape, e'i.

-Néi, e'i chivi.
Oó ma aguara i tape reka; ojoú ma teko avia; a'e vy ma ou jyy omombe'u ojarýi pe. A'égui, oó tape rarõ vy; aguara i katu ijyvy'iry avei oi. Aje'i ma rire:

-Oú ma ra nda'u, e'i chivi.

-Tama'ẽ cheé, e'i aguara i.
A'évy ma, oecha imbouvvy kunumingue, mboapy ou.
-Oú ma, e'i.
-Aarõ porã pa? e'i chivi.

-Ambe rãgẽ, e'i aguara i; kuimba'e'ỹ ri ou; kuimba'erã rei poterí, e'i.

discutiblemente, el ruido de perros que venían. Por consiguiente, volvió a correr nuevamente; se fué mas lejos y, volviendo a escuchar, oyó el ruido indiscutible de perros que venían.

Por consiguiente, volvió a correr; se fué lejos, de nuevo paró; hallándose cansado, se dispuso a luchar; se presentaban mal las cosas.

Haciendo alto, se volvió hacia atrás, escuchando de nuevo detrás suyo el ladrido de los perros. Por consiguiente, de nuevo se dió vuelta; nuevamente detrás suyo se escuchaba el ladrido de los perros. Fué entonces que, sin mudar de lugar y mirando disimuladamente hacia atrás, descubrió que el ruido que semejaba ruido de perros era producido por las moscas encerradas dentro de la vejiga. Habiéndose ya alejado mucho de su presa, se retiró del lugar sin rumbo fijo.

Despues de mucho tiempo, volviéronse a ver con el zorro. En dicha ocasión, le dijo:

-Ahora, sí, que te comeré, dijo.
-Aunque me comieras, no te haritarias, abuela, dijo el zorro; déjame más bien ir a buscarte un camino donde puedas acechar (la presa); un camino de hombres, dijo.

-Bien, dijo el tigre.
Se fué el zorro en busca de un camino; encontró un lugar muy transitado y, en consecuencia, volvió a contárselo a su abuela. Luego fueron a acechar; en canto al zorro, se apostó cerca de su abuela. Despues de una larga espera:

-Parece que ya vienen, dijo el tigre.

-Déjame mirar a mi, dijo el zorro. Mirando, vió a tres muchacos que venían: tres venían.

-Ya vienen, dijo.
-¿Estoy esperando en posición ventajosa? preguntó el jaguar.

-Espera aún, dijo el zorro; los que vienen todavía no son hombres; son solamente futuros hombres, dijo.

A'e rami ramo, ndojokói; oacha oó, oje'õi meme kunumingue.

Aje'i ma rire jyy:

-Oú ma ra nda'u, e'i chivi.

Tama'ẽ cheé, e'i aguara i.

-Oú ma, e'i.

-Aarõ porã pa? e'i.

-Tove ragẽ, e'i jyy; kuimba'e kue ma ri ou; tuja i ou ramo jyy, aipo e'i.

Ndojokói jyy imondovy.

Aje'i ma rire maẽ:

-Oú ma ra nda'u, e'i chivi.

-Tama'ẽ cheé, e'i aguara i.

A'évy ma, apáva ma oecha imbouvvy; jagua katu, mboapy ou:

-Ágỹ ri ma katu, kuimba'e itury, e'i. Ijuka-arã aé ou ramo aé voi:
-Earõ ke, e'i.

Jagua kuéry ovaẽ ouvy chivi oi ápy; oñe'ẽ pavẽ ma voi; chivi okorõrõ nda'evéi ete ma voi; a'e rami, i ja oña ouvy.

Ovaẽ vyve, ojeé opu'ã ta ramo chivi, oñyvõ kuarepochi py; a'égui oñyvõ jyy voi; a'égui oñyvõ jyy voi ojuka eteve i inõgỹ. A'e rami chévy, aguara, apáva'e ou ma ramo maẽ:

-Earõ porã ke, e'i.

* *
*

NOTAS

Chivi: jaguar. Llamanle tambien *aguara*, *ijavaete va'e* = el ser horroroso; *ka'aguy po* = habitante de la selva. La palabra *chivi* utilizase en el Guairá para llamar a los gatos domésticos.

Mbo-patua: inflar; hacer burbujas. Guarani: mokamambu.

Yma rire ma: despues de largo rato.

Ágỹ ri ma: ahora sí. Guarani: ko'ágã katu.

Teko avia: camino transitado.

Ijyvy'iry: cerca de él. Guarani: ijypýpe.

Aje'i ma rire: despues de un largo rato.

Oú a ma ra nda'u: no será que viene ya? Guarani: noiméi pipo oú uba'e?

Oecha imbouvy kunumi: vió la venida de los muchachos. Esta forma verbal ha decaído totalmente en desuso en el guarani contemporáneo. Otro ejemplo es:

Kuimba'e itury: viene un hombre.

Ojeé opu'a ta ramo chivi: cuando se irguió contra él el jaguar. El jaguar generalmente se levanta sobre las patas traseras para atacar al hombre

A'e rami chévy: por haber querido que así fuera.

Javuku pytā aguara i reve.

Javuku pytā aguara i reve ñoa'ã ijaky voí ve va'e. A'e va re, mboapy ára mba'eve omokō eý re ikuái. Mboapy árapy maē, nomoporāi ete i mba'eve omokō eý re mokōive va'e, a'égui ndojoachái mokōive va'e.

-Néi, jaá, e'i joupe. Joakaty eý oó.

A'égui aguara i oó; ijaky vai pa oó. Guapytā oeka; pindo guy py ovaē oeka oikovy, ojoú guapytā petei kúi gue i; a'e va'e omokō. A'e ocha pojavy: ijaky vai pa ma, nda epochi véi ma, jipo véi ma ojoko va'erā. A'e ramo, guapytā apí jepe oacha, a'e noendu ragái.

A'égui oekave oikovy; ojoú jyy omokō va'ekue, omokō jyy: a'e katu ndoikuaá ragái. A'e va'e katu oacha jyy. Oeka, oeka, oeka, ovaē jyy guapytā omokō va'ekue o'a aguépy: a'e va'e omokō jyy, a'e va'e o'a jyy.

A'égui maē katu: -Eta ma me rami a'u; a'e va'e ri aē, na che ryvatāi. A'évy, petei omokō vy, ojapychaka: a'évy maē oikuaá ndopytái a.

A'égui oacha oó. Oó oenói mandori ru. -Emboby i che revikua, e'i; ndopyta véi che rembi'u, e'i.

La Puma colorada y el zorro.

La puma colorada y el zorro se desafiaron para ver quién resistía más al hambre. Por ésto se estuvieron tres días sin probar bocado. Al cabo de tres días estaban ambos rendidos por el ayuno; ninguno de los dos, por consiguiente, venció al otro.

-Bien, vámonos, se dijeron el uno al otro; se fueron en direcciones opuestas.

El zorro se fué de aquel lugar; rendido de hambre se iba. Buscó frutas de pindo; buscando al pié de un pindo, halló una fruta caída; ésta la tragó. La fruta pasó rápidamente: estando sumamente hambriento, no había materia fecal en sus intestinos que lo atajara, por cuyo motivo aún la fruta seca de pindo los atravesó sin que él se diese cuenta.

Luego, siguió buscando; halló aquella que había tragado, la volvió a tragar porque no la reconocía. Y esta, naturalmente, volvió a pasar. Buscó, buscó, buscó; volvió a llegar al lugar en donde la fruta que había tragado había caldo; volvió a tragarla, volvió a caer. Solamente entonces dijo: -Mucho, aparentemente, he comido; y a pesar de lo mucho que realmente he comido, no me hartó. Solo entonces, al tragar, prestó atención; solo entonces se percató de que no le quedaban (en el estómago).

Despues de ésto siguió caminando. Fué y llamó a la abeja mandori. -Tápame el culo, dijo; lo que como no queda en mi estómago, dijo.

A'e rami ramo, mandori ru oú. -Amboty ne, e'i. Oó ogueru ñae'ũ, omboty aguara revikua; nomboty pái ete i jepe, ombokua kÿri ete i te.

A'égui ma katu, oó pukuve i ma aguara, ovaē guapytā oñeē rei ápy. A'e va'e o'upa ete i; yvatā jaeá ma vi, oacha oó. A'égui maē katu, oka'ache ma; ndoka'a āguái ma vy maē, omano raí i.

A'évy ma, ojapychaka áre rei, oendu ypekū ipopu ñendu. Oó ovaē Ypekū ápy.

-Aju nde ápy, Ypekū, ndaka'a porā véi vy ri; aipota rembokua che revikua, e'i.

-Ambokuáne, e'i. Oguejy Ypekū. -Eñemoi porā, e'i. A'évy ma, aguara oñemoi porā, guguái oupi. A'évy ma, Ypekū omboguái, omboguái. Ombokuávy maē aguara revikua, oñeē ouvy guapytā.

* *
*

NOTAS

Javuku: puma, el "león" de nuestras selvas.

Aky, ijaky: hambre, tiene hambre.

Joá katy eý: in diferentes direcciones.

Mandori: esp. de abeja silvestre. Guarani: mondori.

Oñeē rei ápy: en donde se derramaron; en donde había gran abundancia de. Oñeē = se derrama; guarani: oñehē.

Guguái; uguái, ruguái: cola.

Nde ápy; ypekū ápy: en donde tu estás; en donde está el Ypekū. Guarani: ne rendápe.

Kaguare guachu chivi reve ñoa'ã.

Chivi kaguare guachu reve ñoa'ã. Chivi aipo e'i: -Jaá epochi mba'e rei rei kangue ve va'e, e'i kaguarepy.

El oso hormiguero grande y el tigre se desafían (se prueban).

El jaguar y el oso hormiguero grande se desafiaron. El tigre habló así: -Veámos en el excremento de cual de nosotros hay más huesos de animales, dijo al oso.

Oguapy joyvy i oka'a āguā. Kaguaré aipo e'i: -Nachapymi jaka'avy; a rire, oka'a mokōive i.

Oma'ē ñemi kaguare, oguerova epochi chivi reví gry py. Oguerova ma vy, aipo e'i: -Āgỹ katu, ñama'ē voi.

Oma'ē ma; ojoú chivi guepochi tay meme; kaguare katu, epochi mba'e rei rei rague rei va'e.

A'ē ramo, chivi aipo e'i: -Cheé ko, chepochy vy, che avae'te va'e, e'i. Opu'ā yvyráre, yvatégui oikarái oipiro yvyra.

A'ē ramo, aipo e'i kaguare: -Cheé che pochy vy, che vaikue va'e avei, e'i. Yvyra rakamby oipichā vy, oipee'ā mbyte rupi yvyra, oachave jyy chivi. A'ē rami ramo, okyyje chivi kaguare gui; a'ē va re ndo'úi chivi kaguarépe āgỹ reve.

Los dos cuentos que siguen son muy populares entre los Mbyá de la joven generación; los incluyo en esta colección por contener, entremezclados, elementos extraídos de mitos autóctonos y cuentos paraguayos escuchados por los Indios en obras y verbales.

* *
*

Kuñá ipuru'a i va'e ijuéi piky re. A'ē ramo, i mē oó piky jopói. A rire, piragui e'i ma i mē pe:

-Āgỹ nde ra'y yru va'e reme'ē reegua ramo, ame'ēta piky. Nde ra'y ojaúta va'e reme'ē ramo aé ame'ēta piky. A rire ome'ē ave rei, ogueraá mbyá i piky ajaka para renyé nyé.

Ojaú ma mitā; ijayvu ava i; oikuaá ma guú ome'ē ague piraguípe. Oó, oé tape pypuku yapo rupi oó va'e, a'épy opyró mbói guachúre.

Se sentaron uno al lado del otro para cagar. El oso hormiguero dijo. -Cerremos los ojos mientras caguemos. Luego, cagaron los dos. El oso abrió disimuladamente los ojos; mudó su propio excremento debajo del culo del jaguar. Habéndolo mudado, dijo: -Pues bien, ahora miremos.

Miraron, y el tigre encontró que su excremento se componía íntegramente de hormigas; en cuanto al oso hormiguero, su excremento se componía exclusivamente de pelos de animales.

Por consiguiente, así dijo el tigre: -Yo, cuando me enojo, soy terrible, dijo. Se irguió contra un árbol y desde gran altura rasgó la corteza.

En vista de esto, así dijo el oso: -Yo también, cuando me enojo, soy feroz, dijo. Al asir una rama en su bifurcación, partió el árbol, y sobrepasó al tigre. Debido a esto es que el tigre teme al oso hormiguero; por este motivo es que el tigre no come al oso hasta el presente.

Una mujer embarazada tenía deseos vehementes de comer pescado. Por consiguiente, su esposo fué a pescar. Entonces, una sirena le dijo:

-Si me das tu hijo que ahora está en el vientre, te daré pescado; solamente si me das tu hijo que está por nacer te daré pescado. Entonces, en el acto se lo dió; llevó el mbyá canastos adornados llenos de pescado.

Nació la criatura; ya hablaba el niño; supo que su padre le había dado a la sirena. Se fué, llegando a una huella profunda que pasaba

-Che renoé ri aé apy gui, e'i mbói. A rire, oguenoé tape yvy'iry iñogỹ. A rire, oichu'uche. -Epo'ē che jurúpy, e'i mbyá i py. "Tove", e'i jave, oñe'ē guyraú; a rire: -Aipo oú che ru, e'i.

A'ē ramo: -Ñei, tereó katu; che mombe'u eme rañe ke, e'i. A'égui oó i vyve, oovaichí guyraú pe. -Pepy rako mbói ituí, e'i; che mondýi vaí, e'i.

-Jaá ñama'ē, e'i guyraú. -Apy rako, e'i ñande i va'e. Oeka, ndojoú i a'épy; a'évy ri ma, oeka okuapy jaí ku'i rupi: oñemi oupy mbói. A'évy ma ojuka guyraú mbóipe.

-Ñei, āgỹ tereó, che ryvy, e'i guyraú. Oó ovaē ñuúmy; ñuú mbytere oecha ijaty rei va'e okuapy: guéi omano ra'e. A'épy peteí kamba e'i: -Ejo apy; ojepoyru. Oó ijaty va'e ápy.

-Embo'i cho'o orevy, e'i. Ombo'i. Oí javuku, jagua, uruvu, tay, taguato i; a'ē javi kuépy cho'o ome'ē mba.

-Ñei, āgỹ gui ramo rejeecha vaí jagua, ch'irú ápy: -Ñeike, ch'irú javuku, ch'irú tay, ch'irú tay, ch'irú taguato, ere. A rire, oacha a'égui; oma'ē akykue katy, oecha yý overa; oma'ē enonderá katy, oecha jyy yý overa; oma'y ijyke rovái; oecha jyy yý overa. Ndoikuaá mará katy oóta: Piragui ma oó akykue, oikuaá ma okañy ague.

A'épy ma e'i: -Ñeike, ch'irú taguato i, e'i. Oú taguato i ojopyy iñaká raguégui oupi tajy raká ijy-vateve va'e ru'amy. Yý opa ramo, ndoikuaá véi ma mamará rami pa ogejy āguā. A'ē ramo: -Ñeike, ch'irú tay, e'i. Oú tay reta ajaka para reve meme,

por un estero; allí pisó una vibora grande.

-Sácame, pues de aquí, dijo la vibora. La sacó, poniéndola al lado del camino. Entonces le quiso morder. -Mete tu mano en mi boca, dijo al mbyá. Al decir "no", silbó el halcón negro. Entonces: -¿Escuchas? viene mi padre, dijo.

En vista de esto: -Bien, véte no más; no me dilates, dijo. Al alejarse un poco del lugar, se encontró con el halcón negro. -Allí hay una vibora, dijo; me ha asustado grandemente, dijo.

-Vamos a ver, dijo el guyraú. -Fué aquí, dijo nuestro paisano. Buscaron, pero no la hallaron en aquel lugar; entonces, la buscaron en la maleza; la vibora se ocultaba allí. Entonces el guyraú mató a la vibora.

-Bien, véte ahora, hermanito, dijo el guyraú.

Se fué y llegó a una pradera; en medio de la pradera vió que se hallaban reunidos muchos (animales). Allí dijo un negro: -Ven acá; le hizo señas con la mano. Se acercó a los reunidos allí.

-Corta la carne en pedazos para nosotros, dijeron. La despedazó. Había una puma, un cuervo, un perro, hormigas y un halcón; a todos ellos dió carne.

-Bien, cuando te encuentres mal: -Ven, compañero puma, compañero perro, compañera hormiga, compañero halcón, dí. Se alejó de aquel lugar; miró hacia atrás, y vió brillar el agua; miró hacia adelante, y vió brillar el agua; miró hacia el costado, y vió brillar el agua; miró hacia el otro costado, y vió brillar otra vez el agua. No sabía hacia donde dirigirse; la sirena le seguía, sabiendo que él se fugaba.

Entonces dijo: -Vien, compañero halcón. Vino el halcón, lo asió de los cabellos y lo alzó a la cima de un lapacho, a la cima más alta.

Cuando descendieron las aguas, no sabía en qué forma bajar. Por consiguiente: -Ven, compañera hor-

oꝓcupi tajy rakāmy; a rire, mbyá i omboguejy ajaka parápy.

Oó ovaē yvypépy, ojoú kochi ra'y ichā va'e guembepi jepoka pyrépy. Ogueraá a'e va'e; oikuaavā cravy. Ovaē oópy, ojoú kuña a'e ac i va'e.

-Mamóguí reju, che kyvy? e'i.
-Mombry gui ri ko aju, e'i mbyá i.
-Eiev yjy ri ac, e'i kuña; che mē ipochy va'e; tay jepe novaēi apy.

-Tove, e'i.
-Eike, ave, a'e ramo, che rópy, e'i kuña. Oike, okē ombotpa.

-Marā rami ne me oú rā oñendu va'erā? e'i.
-Che me oú rā, oñendu va'erā vyty guachu, e'i. Oñendu ma vyty guachu.
-Aipo ma, che me itury, e'i.

Ovaē vy, okēre apyvoí. -Marā rami gua pa rei apy? e'i. Che mbojoja a pa; che mbojoja a e'y rā, che racha a pa? Che racha a ramo, eity nde rague petei.

A'e ramo, oity mbyá i okē rupi guembepi jepoka pyre.
-Néi, ágý, eity nde ky petei, e'i.

Oity kochi ra'y o ky ramo; achē achē oikovy. Oñemondýi aña, oña jyy guakykue katy.

Oú jyy aña gua'ychy ápy, a'e rami mbyá i oñemi, tay i ramo oí i typyja ruguáire. Ñorarō ague rupi oú aña, iñakā rupi oñem. boguái pa. Y'y pupu oí tata py mbayrúpy; a'e va'e oñoe o mē akāre kuña; okuera i mē.

Ko'e rā oó jyy ñorarō āguā katy. A rire e'i mbyá i:
-Ágý oú jyy rā, eporandu ne mē pe; Mba'ére pa nde ra'eva te?
Oú jyy i mē; a'e kue rami jyy iña-

miga, dijo; vinieron numerosas hormigas, todas con un canasto adornado, y subieron a las ramas del lapacho. Luego bajaron al Mbyá en un canasto adornado.

Fué y llegó a un lugar bajo, y encontró un lechón atado con lazo de guembepi trezado. Lo llevó consigo, debajo del brazo. Llegó a una casa y encontró a una mujer que estaba sola.

-¿De dónde vienes, hermano? dijo.
-Pues, vengo de lejos, dijo el Mbyá.
-Pues, vuelve enseguida, dijo la mujer; mi esposo es malo; ni hormigas suelen llegar acá.

-No, dijo.
-Entra, pues, en mi casa, dijo la mujer. Entró; cerró todas las puertas.

¿Cómo se sabrá cuando está por llegar tu esposo? dijo.

-Cuando viene mi esposo, se escuchan fuertes vientos, dijo. Ya se escuchaban fuertes vientos.

-¿Ecuchas? Ya viene mi esposo, dijo.

Al llegar, dió puntapiés contra la puerta. -¿Qué clase eres que estás aquí? dijo. -¿Me igualas? Si no me igualas ¿me sobrepasas? Si me sobrepasas, echa (fuera) un pelo de tu cabeza.

Por ésto, el Mbyá tiró por la puerta la cuerda de guembepi trezado. -Bien, ahora tira uno de tus piojos, dijo.

Como piojo suyo, arrojó el lechón; gruñía continuamente. Se asustó el demonio, y volvió corriendo al lugar de donde había venido.

Volvió el demonio junto a su mujer; el Mbyá se escondió, como hormiga se prendió a las faldas de la mujer. Había estado peleando el demonio, tenía heridas en la cabeza. Había un recipiente con agua caliente en el fuego; la mujer se la derramó por la cabeza a su esposo, y con ello sanó.

Al siguiente día volvió para pelear. Entonces el Mbyá dijo:

-Cuando vuelve tu esposo, preguntale -¿Cómo es que eres tan valiente (hábil)? Volvió su esposo; como

kā oñemboai pa; oñoe y'y 'pupu iñakāre. Oporandu a'épy i mē pe, mba'ére pa a'eva te.

-Mba'ére voi reikuaache? e'i.
-Aikuaache rive ri, e'i; jipói ñane rendu va'erā; ñande ac i ñai.

A'e ma ramo, omombe'u gua'ychy pe; -Ku iai va'e tajy yvypy guachúpy, toro-jagua ichā oamý va'e; a'e va'e che paje; toro-jagua ai tata va'e. A'e va'e ryepy py oí tapi'i ai tata va'e, iñakuā va'e; tapi'i ryepy py oí guachu puku, ai tata va'e iñakuā va'e; guachu puku ryepy oí ta'ytetu ai tata va'e, iñakuā va'e; ta'ytetu ryepy oí jaicha ai tata va'e, iñakuā va'e; jaicha ryepy oí apychaku oveve va'e; iñakuā va'e; apychaku oveve va'e; iñakuā va'e; apyachu ryepy oí upi'a; upi'a oje-ka ramo, amano va'erā.

A rire, oó mbyá i oma'e tajy yvypy py, ojoú toro-jagua ichā va'e oamy. A'épy: -Néi, pejo ch'irungue i, e'i.

Ojuka toro-jagua. A'évy maē toro ryepy py oí tapi'i. Oyembovo toro, a'e ramo tapi'i oē; oña, oó oja ro katy; jagua javuku reve oupity oguero'a ojuka, Guachu puku, omano ramo tapi'i, oē, ojuka jyy. Ta'ytetu ojoú, ojuka jyy. Ta'ytetu ryepy jaicha oí, a'e va'e ojuka. Apykachu oē vyve oveve. A'e va'e, jagua ipogua ramo, ndojo-pyí. Taguato i py e'i: -Ndeé ac rejopyy va'erā. Apykachu oja rópy oíke raí i jave taguato i ojopy ojopyy. Oecha ma ija oupy, ikan-gy.

-Guírami rejapo āguā reikuaache, che ra'ychy, e'i aña.
Apykachu ryepy ojoú upi'a mbyá i.

de costumbre, tenía la cabeza llena de heridas; volvió a derramar agua caliente sobre su cabeza; haciendo ésto, le preguntó cómo era que era él tan valiente.

-¿Para qué quieres saberlo? dijo.
-Por curiosidad, no más, dijo; no hay quien nos escuche; estamos solos.

Entonces se lo contó a su esposa: -En el tronco de aquel lapacho que se yergue, está un toro monstruoso; el es mi paje; un toro monstruoso con dientes de fuego y veloz; en su vientre hay un tapir con dientes de fuego y veloz; en el vientre del tapir hay un ciervo con dientes de fuego y veloz; en el vientre del ciervo hay un cerdo montés chico con dientes de fuego y veloz; en el vientre del cerdo hay una paca con dientes de fuego y veloz; en el vientre de la paca una paloma que vuela; en el vientre de la paloma está su huevo: cuando se rompa su huevo, yo moriré.

Entonces fué el Mbyá a mirar el tronco del lapacho y encontró que en él vivía el toro monstruoso, encadenado. Entonces: -Bien, venid compañeros míos, dijo.

Mató al toro monstruoso. Hecho ésto, había en el vientre del toro un tapir. Destripó al toro y salió el tapir; corrió, dirigiéndose hacia la casa de su amo; el perro y la puma lo alcanzaron y lo mataron. El ciervo, al morir el tapir, salió; lo mataron también. Encontraron el cerdo; en el vientre del cerdo había una paca, la mataron. Al salir la paloma, voló.

A ella, por tener él las manos redondas, no la atajó el perro; y dijo al halcón: -Tu solamente la cográs. Estando por penetrar la paloma en la casa de su dueño, el halcón la apretó y la cogió. Viéndola venir su dueño, desfalleció.

-Para hacer ésto es que querías saber, mi esposa, dijo el demonio. En el vientre de la paloma encontró el Mbyá el huevo.

-Kova'e emombo ne mē rovare, e'i.

Omombo, omano ete i ma añā.
Omenda, opyta mbyá i.
Iky'a je mbyá i. A rire: -Jaá jaú,
e'i kuña omēpe. Oó yetépy ojaú.
Ojaú jave, piragui oñemombiara
ogueráá ño.

Ta'ychy ogueru mbaraka, ombopu
oíny, ombopu rive. A'e rami, Pira-
gui ou ojeroky mbyá i reve. -Néi,
ch'irú i, taguato, e'i, ejo apy. Oú
taguato ojopyy iñakā raguégui
oguenoé y' gui. A'épy oje'oi go-
ópy. A'épy maē opa.

-Arroja ésto contra la frente de tu
esposo, dijo.

Lo arrojó, murió el demonio.
Se casaron, se quedó el Mbyá.
Estaba sucio el Mbyá. Luego: -Va-
mos a bañarnos, dijo la mujer a
su esposo. Fueron al río a bañar-
se. Mientras se bañaban, la sirena
lo cogió y se lo llevó.

Su esposa trajo su mbaraka y lo to-
caba, lo tocaba sencillamente (sin
cantar ni bailar). Entonces la si-
rena vino a bailar con el Mbyá.
-Bien, mi compañero halcón, ven
acá, dijo. Vino el halcón, lo asió
del cabello y lo extrajo del agua.
Entonces fueron a su casa. Y aquí
termina (la historia).

* *

*

NOTAS

Ijuéi: tiene deseos de comer (o beber).

Piragui: monstruo acuático. V. Cap. IX.

Nde ra'y gru va'e: tu hijo que está en la matriz.

Ome'ā ave rei: se lo dió sin más trámite.

Guyraū: halcón negro grande que come víboras. Este episodio apare-
ce en muchos cuentos.

Pepy rako, apy rako: allá hay, verdad; aquí id.

Aña: la traducción que doy es: el Demonio, pero no tiene nada que
ver con nuestro Demonio bíblico.

A'ekue rami jyy: en la misma forma que anteriormente.

Poagua: la mano redonda. Mbagua: chato, redondo.

Ombopu rive: tocaba ociosamente, v. g., sin danzar ,etc.

Mbyá i gua'y omokañy va'ekue.

Mbyá i gua'y etávy, ndokaru porā
véi vy, oguero-kuerái. A'évy, e'i
gua'ychy py:

-Ñamokañy ñande ra'y mokōi.

Néi, e'i ta'ychy.

Ko'ē rā, guajy py e'i: -Eaimbe ava-
chi; jaáta ka'aguy re e'i ja'úvy; itā
mokōi peraá.

Tape rupi, avachi oity oóvy guajy;
i kyvy avachi oupi o'u pa oóvy.
Oo puku ma vy, eindy oecha o kyvy
avachi o'upa ma a oóvy. -Mba'ére
voí avachi re'upa? e'i. Ñande ru
ñane mokañy vy ñande reru.

*El Mbyá que se deshizo de sus hi-
jos.*

Un Mbyá que, por tener muchos
hijos ya no comía bien, se cansó
de ellos.

Por consiguiente, dijo a su esposa:
-Deshagámonos de dos de nuestros
hijos.

-Bien, dijo la esposa.

Al día siguiente, dijo a su hija:

-Tuesta maíz; vamos a la selva a
comer miel; dos calabazas parti-
das llevad.

Por el camino iba echando maíz
tostado su hija; su hermano reco-
gía el maíz y lo comía. Habiendo
ido lejos, su hermana vió que su
hermano comía todo el maíz.
-¿Porque comes todo el maíz? dijo.

Ka'aguy re oó puku ma vy, ojoú eí,
ojo'o gua'y kuérype.

-Apy pe'u, e'i; taá taeka amboaé;
amboaé a juúvy, achapukáita peó
águā.

Oó ka'aguyre, itā oupi yvate yvy-
rarakā re oeja; a rire oo meme goó
katy; itā oupi va'ekue yvytu ramo
yapu. Yapu oendu ramo: -Po! che
ru ochapukái, e'i; oó ta'y kuéry,
ojoú itā yvate, a'épy okañy.

A rire oó rive ka'aguy re. Oó puku
i ma vy, ojeupi yvateve va'ére, u'ā
i my, oecha ñuúmy guéi. Oó ovaé
guéi iāi ápy, oñapyrupā, ojuka.
Ndai kychéi vy yé áry ojatapy;
ojoy águi o'u okuapy, a'e rami vy,
yé ombu, mokōi kychéi ojoú
yépy.

Oje'oi ovaé guaimi rópy, guaimi
oma'ē yva'e. Omoingue opy: mba'e
pochy rópy ri ovaé ra'e.

Ko'ē rā e'i guaimi:

-Ñaendu pene kuā.

Anguja ruguái kue i ome'ē.

-Pende piru teri, e'i.

Pyávy omokañy anguja ruguái kue
i. Ko'ē rā: -Japoko pene kuā re,
e'ivy guaimi, o kuā ete ma oendu-
ka. A'épy e'i guaimi: -Pende kyra
ma ra'e, e'i. -Ágỹ katu tapeó peru
jape'a. Ku ka'aguy ovy re tapeó
eme.

Oje'oi vy, eindy ojoú parakáo ob-
moaku va'e; yvyra ygue i py ojapi;
parakáo ijayvu.

-Apy parakáo mboaku va'e ajapi
rā, ijayvu, e'i kyvy pe.

A'e ramo i kyvy oó. -Ejapi jyy,
ave, e'i. Ojapi jey rā, ijayvu jyy
parakáo. -Pende rata rā jape'a pe-
raá, e'i. -Tata peipeju, e'i ramo

Nuestro padre nos trae para desha-
cers de nosotros.

Habiendo penetrado lejos en la sel-
va encontró miel; la extrajo para
sus hijos.

-Comed ésto aquí, dijo; yo voy a
buscar otro (panal); cuando en-
cuentre otro, gritaré para que va-
yáis.

Se fué por la selva; la calabaza
partida la alzó a una rama alta,
luego se fué hacia su casa; la ca-
labaza que había alzado producía
ruido cuando soplabo viento. Oy-
endo el ruido: ¿Oyes? Grita mi
padre, dijeron. Se fueron los hi-
jos; encontraron la calabaza entre
las ramas; estaban perdidos.

Entonces fueron sin rumbo por la
selva. Habiendo ido lejos, subie-
ron a un árbol de los más altos,
a la cima; vieron en un campo un
buey. Fueron y llegaron adonde el
buey estaba parado; le golpearon
por la cabeza, lo mataron. No te-
niendo cuchillo, hicieron fuego
sobre su vientre, comieron de la
parte asada; a raíz de ésto, reventó
la barriga y encontraron en sus
intestinos dos cuchillos.

Partieron y llegaron a la casa de
una anciana, una anciana ciega.
Los hizo entrar: habían llegado a
la casa del ser maligno.

Al día siguiente dijo la anciana:

-Dejadme tocar vuestros dedos.

Le dieron una cola de ratón.

-Estáis flacos todavía, dijo.

Aquella noche se les perdió la co-
la de ratón. Cuando al día sigui-
ente: -dejadme tocar vuestros de-
dos, dijo la anciana, le dejaron to-
car sus propios dedos. Al hacer-
lo, dijo la anciana: -Pues ya es-
táis gordos; ved a buscar leña. A
aquel monte azul no debéis ir.

Mientras iba, la hermana encontró
un loro que encobaba; le tiró un
palito; el loro habló.

-Cuando tiré a este loro que enco-
ba, habló, dijo a su hermano.

Por consiguiente, vino su herma-
no. -Vuelve a tirarlo, dijo. Al vol-
ver a tirarlo, el loro habló nueva-
mente. -La leña que lleváis es pa-

guaimi, peipeju eme. Ore ru na orembo'ei roipeju águá, peje, e'i.

Oó ma, jape'a ogueraá. Tatakua tuvicha va'épy ojatapy. Tatakua pytã vy oiny, távyra ogueru tatakua rokē ramo oñono; a'évy: -Ágý katu tata peipeju, e'i.

-Ore ru na orembo'ei tata roipeju águá, e'i.
A rire, guaimi ombo'évy, tatakua rokē rupi távyra ituí va'e áry ojeroky oikovy. A'e rami ma, mbyá i guaimi pe omoaña tatápy oity. Ikã opororo raí i ramo, kychépy oikychi, jagua opo oúvy ikã gui, ñarõ.

-Neñarõ eme, turi, turi, e'i mbyá i. Ni ñarõ véi ma, ory ma.
A rire, ovái i oikychi; opo jyy jagua oúvy; a'épy e'i jyy: -Ne ñarõ eme ke, turi, turi.

A rire, mba'e pochy menguere eindy omdachévy, o kyvy pe ojukache. Oó rive tape rupi eindy, oó mbyá i akykue. Oó puku ma vy, yakã my ovaévy: -Che kyvy, ayuche, e'i. Yý ojaráta jave y'ápy, eindy i'áry oity ita. A'épy e'i mbyá i:

-Néike, turi, turi, e'i, eipe'a che áry gui ita, e'i.
Ymba oipe'a oja áry gui ita; oévy oó jyy. Oó puku mavy, ovaé jyy yákãmy. -Che reindy, ayuche, e'i. A'e ramo, yý ojaráta jave eindy, ita oity i'áry.

-Néike, turi, turi, eipe'a che áry gui ita, e'i eindy.
Ndoipe'ái, omano. I kyvy oó me-me, ovaé kuñatai rópy. Kuñatai ojae'o oiny.

-Mba'ere voi, che reindy, re jae'óri? e'i.

ra hacer fuego en que asaros, dijo. -Si la anciana os dice: -Soplad el fuego, no sopléis. Nuestro padre no nos enseñó a soplar el fuego, decidle, dijo.

Se fueron, llevaron leña. En un horno grande hicieron fuego. Estando rojo el horno, trajo (la anciana) una tabla y la colocó como puerta al horno; al hacer esto: -Ahora, sí, soplad el fuego, dijo.

-Nuestro padre no nos enseñó a soplar el fuego, dijeron.

Luego, a fin de enseñarles, la anciana danzó sobre la tabla que servía de puerta al horno. Al hacer ella esto, el Mbyá empujó a la anciana echándola al fuego. Cuando cruñeron sus huesos, los cortó y salió saltando un perro; era bravo.

-No seas feroz, turi, turi, dijo el Mbyá. Dejó de ser feroz, se amansó.

Después cortó otro lado (hueso); salió saltando otro perro; entonces volvió a decir: -No seas feroz, turi, turi.

Después, queriendo su hermana casarse con el viudo del ser maligno, quiso matar a su hermano. Se iba sin rumbo su hermana, el Mbyá la seguía. Habiendo ido lejos, al llegar a un arroyo: -Mi hermano, tengo sed, dijo. Al sacar agua con una calabaza, su hermana echó sobre él una piedra.

Entonces dijo el Mbyá:

-Ven, turi, turi, dijo, quita esta piedra de encima de mí, dijo.

Su perro quitó la piedra de encima de él; al salir, siguieron caminando. Habiendo ido lejos, llegaron a un arroyo nuevamente. -Mi hermana, tengo sed, dijo. Allí, mientras su hermana sacaba agua, echó sobre ella una piedra.

-Ven, turi, turi, quita esta piedra de encima de mí, dijo su hermana. No la quitó, murió. Su hermano siguió caminando, llegó a la casa de una doncella. La doncella lloraba.

-¿Por qué motivo, mi hermana, estás llorando? dijo.

-Che ru che me'e tejujagua che'u águá, e'i.

-Emboachy eme, che reindy, e'i. Ou rã ajukáne. Marã rami pa tejujagua ou va'erã?

-Yvytu va'erã.

Kurive i rã, vytytu ma; ovaé tejujagua.

-Néike, turi, turi, e'i Mbyá i. A'e ramo, tejujagua reve oiko vai. Jagua ikane'o ma.

-Néike, turi, turi, e'i jyy.

Oiko vai jyy amboae reve; a'e ramo, tejujagua ikane'o; i ja ou oikutu tejujaguápy, ojuka.

A'épy, kuñatai re omenda i. Ta'y ma je oikovy. A'e rami ramo, jagua kue i ry e'i;

-Ndeé revy'a ma va'erã; nde ra'y ma; ore roó reegua ma.

Yvyku'i rupi ñombojaru jagua; a'e rami ramo, ñombojaru ague oveve: oveve oóvy ramo, oja oma'e. Guymba oveve rã ndoecha véi ma vy, omano rive mbyá i.

* *

*

NOTAS

Oguero-kueraí: se aburrió, se cansó de ellos.

Teri: apócope de *poteri*, todavía.

Mboaku: encobar, emollar.

Pende rata rã: para vuestro propio fuego, para fuego en qué asaros. Locución muy empleada en el Guairá (entre la población campesina, no indígena) al referirse a acciones que redundarán en detrimento propio.

Teju-jagua: monstruo comparable al dragón.

Guymba oveve rã: cuando volaron sus animales, v.g., sus perros. Comentando este pasaje, me informó el hijo de Carmelo que narró el cuento, que "jagua para Tupã jekupe kuéry voi: los perros moteados, overos (jaguas?) son, efectivamente, los defensores de los Tupã. En estas palabras he creído hallar reminiscencias del Jagua Ovy o Perro Azul del Paraíso de los Apapokúva, aunque en ningún mito o leyenda que he escuchado aparece el jaguar mítico que aparece en la mitología de otras parcialidades guaraníes.

Távyra: versión mbyá de "tabla".

Iengue omenda va'e karãu re.

Iengue oendu "karãu, karãu" e'i va'e mombyry. A rire, mombyry

La doncella que se casó con el Karãu.

Una niña oyó que decían "karãu, karãu" en la lejanía. Habiendo es-

oporaéi va'e oendu rā, oó oekávy;
ovaē tarave rópy.

-Ndeé nda'u ereporaéi porā ete
va'é? e'i.
-Aporaái ko, avei, e'i tarave.

-Eporaéi avy, a'e ramo, ñaendu,
e'i iengue.
-Aporaéi ko, avei, e'i tarave.

A'e ŷ ri, e'i iengue; oacha ve jyy,
ovaē kyju rópy.
-Ndeé pa reporaéi va'e? e'i kyjúpe.
-Aporaéi ko, avei, e'i kyju.

-Eporaéi avy, a'e ramo, ñaendu, e'i
iengue.
-Chiri, chiri; tchýky, tchýky, tchý-
ky, e'i kyju.
-A'e ŷ ri, e'i iengue; oacha oó,
ovaē tatu rópy.

-Ndeé pa reporaéi va'e, e'i tatúpy.

-Aporaéi ko, avei, e'i tatu.

-Eporaéi avy, a'e ramo, ñaendu, e'i
iengue.
-Kúmbe kumberéi; kúmbe, kumbe-
réi, e'i tatu.
-A'e ŷ ri, e'i iengue; oacha ve oó,
ovaē ka'i rópy.
-Ndeé pa reporaéi va'e, e'i ka'ipy.
-Aporaéi ko, avei, e'i ka'i.

-Eporaéi avy, a'e ramo, ñaendu, e'i
iengue.
-Uoi, uio, uio, e'i ka'i.
-A'e ŷ ri, e'i iengue; oacha ve oó,
ovaē karaja rópy.
-Ndeé pa reporaéi va'e? e'i kara-
jápy.
-Aporaéi ko, avei, e'i karaja.

-Ñúngue, ñúngue, ráo, ráo, ráo, e'i
karaja.
-A'e ŷ ri, e'i iengue; oacha ve oó,
ovaē karāu rópy.
-Ndeé pa reporaéi va'e? e'i karāu
pe.
-Aporaéi ko, avei, e'i karāu.

-Eporaéi avy, a'e ramo ñaendu, e'i
iengue.

cuchado a quien en lontananza
cantaba, fué en su busca. Llegó a
la casa de la cucaracha.

-¿Eres tu, acaso, quien tan bien
canta? dijo.
-Suelo cantar, tambien, dijo la cu-
caracha.

-Canta, pues, si es así, para que
pueda escucharte, dijo la niña.
-Tarave i, tarave i, dijo la cucara-
cha.

-No fuiste tu, dijo la niña; siguió
caminando; llegó a casa del grillo.
-¿Sueles tu cantar? dijo al grillo.
-Suelo cantar, tambien, dijo el gri-
llo.

-Canta pues, si es así, para que yo
te pueda escuchar, dijo la niña.
-Chiri, chiri; tchýky, tchýky, tchý-
ky, dijo el grillo.

-No fuiste tu, dijo la niña; siguió
caminando, llegó a la casa del ar-
madillo.

-¿Sueles tu cantar? dijo al arma-
dillo.
-Suelo cantar, tambien, dijo el ar-
madillo.

-Canta, pues, si es así, y escuche-
mos, dijo la niña.
-Kúmbe, kumberéi; kúmbe, kumbe-
réi, dijo el armadillo.

-No fuiste tu, dijo la niña; fué pa-
sando, llegó a la casa del mono.
-Sueles tu cantar? dijo al mono.
-Suelo cantar, tambien, dijo el mo-
no.

-Canta pues, si es así, para que te
pueda escuchar, dijo la niña.
-Uio, uio, uio, dijo el mono.

-No fuiste tu, dijo la doncella; fué
pasando, llegó a casa del macaco.
-¿Sueles tu cantar? dijo al karaja.

-Suelo cantar, tambien, dijo el ka-
raja.
-Ñúngue, ñúngue, ráo, ráo, ráo, di-
jo el karaja.

-No fuiste tu, dijo la niña; siguió
caminando; llegó a casa del karāu.
-¿Sueles tu cantar? dijo al karāu.

-Suelo cantar, tambien, dijo el ka-
rāu.
-Canta pues, si es así, y escuche-
mos, dijo la niña.

-Karāu, karāāu, karāāāu, e'i ka-
rāu.
-Apy ri ty iny oporaéi porā ete i
va'e, e'i iengue; opyta omenda ka-
rāu re.

Poraéi kunumingue oñevanga a.

Parakáo ndaje omano.
Mba'ére nda omano?
Endy rei omano.
Kururu che guero.

Cantan las niñas:

Che kyvy porā,
Parana rovái ereó rire,
ejere voi.
Mamópa repyláne?
Apytáne ppychi rakāre.
Ijeije!

Chijovy miri,
nde reka rire
javy jay áre
guyra tukā ju,
ogueroguaú.

Ero tori,
ero tori, tori;
eroije,
eroije, ije,
eroije.

Apykachu ¡miña!
oirū juka rire,
tape puku rupi
U!U!U!U!, e'i.

-Karrāu, karāāu, karāāāu, dijo
el karāu.
-Pues, en verdad, es aquí que está
el que tan bien canta, dijo la niña;
se quedó y se casó con el karāu.

*Cantos con que los niños acompa-
ñan sus juegos.*

Dicen que el loro ha muerto.
¿Porqué será que murió?
Estalló en llamas y murió.
El sapo me ha?

* * *

Mi lindo hermanito,
despues de irte allende el Parana
vuelve pronto.
¿En dónde te quedarás?
Me quedaré en el afluyente del agua
angosta.
Ijeije!

* * *

Pequeño sayjoyvy (ave),
despues de andarte buscando
y errándote repetidas veces
el pájaro tucán amarillo,
se lamenta por ello.

* * *

??

* * *

La torcaza ¡pobrecita!
muerta su compañera,
a lo largo de los caminos
U!U!U!U!, dice.

* * *

Canciones de cuna:

Aipo jagua ñe'ẽ ma,
che memby, eke katu, eju.

Escucha el ladrar de los perros,
mi hijo; duerme, pues, ven.

* * *

Ekẽke, mitã, aipõma nde ru
ogueru potã guachu para i
ne rymba rã i;
tapichi nambikue i, nde ropai rã i;
ju'a para i nde mba'evyky rã i.

Duerme, pues, niño, que tu padre
va a traer un venado moteado para
tu animalito;
y una oreja de liebre para tu col-
lar;
y frutas moteadas de la espina pa-
ra tus juguetes.

* * *

La siguiente canción fue entonada por un grupo de niños y niñas que danzaban alrededor del OPY de Tomás Benitez, Yvytuko, durante el festival anual celebrado por motivo de la madurez de los frutos: *tembi'u aguyje*. Aunque me informó Tomás que era simplemente una canción infantil: *pi'a kuéry oñevanga a poraéi* = canción de los niños que juegan, tiene todas las características de un canto mítico. Tiene por tema una danza de Tupã Chy Ete, y la escena que evoca es extraterrenal: el *karanda* tiene hojas relucientes, como todo lo eterno en la mitología mbyá; el *Suruku'a* — Trogonorus surucura Vieill., es también indestructible: *ju*; el cuerpo de la diosa que danza fulgura: *ojepovera*. Merece subrayarse el hecho que numerosas palabras que en el lenguaje cotidiano son agudas, es decir, llevan el acento sobre la última sílaba, se convierten en llanas en estos versos.

Chapĩre, eju, miña!
karãnda rovéra rovái.

Chapĩre, ven, pues,
frente al Karanda de hojas relu-
cientes.

Oñéchu, oñéchu ramo katu
Tupã Chy Ete,
ojepovéra, ojepovéra.

Cuando se arrodilla, se arrodilla la
verdadera madre de los Tupã, le
resplandece el cuerpo (O; emite
resplandores), le resplandece el
cuerpo.

Ojepovéra ramo katu
Tupã ra'y kuéry oñemoichĩ,
oñemoichĩ.

Y cuando le resplandece el cuerpo
los hijos de Tupã se balancean
acompañadamente, se balancean
acompañadamente.

Oñemoichĩ ramo katu,

Y cuando se balancean acompasa-
damente

Churuku'a ju oguáu rachy,
oguaú rachy.
Oguáu rachy ramo katu,
tape tape i rupi jaávy, jaávy

El Suruku'a eterno se lamenta tris-
tamente, se lamenta tristemente.
Y cuando se lamenta tristemente,
y por los caminos, los caminos va-
mos caminando,
y "me duele la cabeza" decimos,
el alma del árbol nos hiere, nos
hiere.

"chakã rachy" ja'e ramo,
yvyra ñe'ẽ ñand'api,
ñand'api.

* *
*

NOTAS

Opái, rapái: collar.

Yvira ñe'ẽ ñand'api: nos hiere el alma del árbol. Hay árboles de alma indócil (Cap. IX). Cuando amenaza llover, brillan los relámpagos y trueno, v.g., cuando los dioses manifiestan su presencia, no conviene "transitar por los caminos", ni decir "me duele la cabeza", porque en tales momentos las almas de los árboles indóciles: *iñe'ẽ avaeete va'e* se vuelven más peligrosas.

SALUDOS

El que llega:

A'ety rami.

Todo está normal, como de cos-
tumbre.

El dueño de casa:

A'ety rami.

id. id.

El que llega:

Ndeé jepe pa, a'ety rami?
A'ety rami pa repu'ã?

En cuanto a ti ¿todo está normal?
¿Te levantaste normalmente?

El dueño de casa:

Che jepe ko, a'ety rami,
añetẽ. A'ety rami ko apu'ã,
añetẽ.

En lo que mi respecta, efectiva-
mente, todo está normal; me le-
vanté, efectivamente, como de cos-
tumbre.

El que llega:

Kuaray re ma nd'ayvu; reãmy
porã i pa?

Hablas invocando; te yergues en
buena forma?

El dueño de casa:

Kuaray re ma ch'ayvu; aamy porā i ko. Nande Ru Namandu nanemopu'ā are ma vy ch'ayvu porā i aikovy.

Al despedirse, generalmente se limitan a decir: -Néi, aáma; o: -Néi, aguata i pota = Bien, ya me voy; bien, ya me dispongo a caminar. A menudo agrega el que se queda: — Ema'e ma'e ke vy re ereóvy = mira repelidas veces el suelo mientras vayas.

Saludo ritual cambiado al llegar un dirigente a una población que no es la suya, en tiempo lluvioso. Despues del saludo trascripto:

Dueño de casa:

Che ruvicha i, reguata i ndaje ra'e; reñea'ā ete i ereikóvy ra'e.

El dirigente:

Ta, aguata i aikóvy añetē; añea'ā eteve ko, añetē.

El dueño de casa:

Opa mba'ete a'eva ramo eý jepe, tape rupa a'eva va katuí ramo eý jepe, reñea'ā eteve i ereikóvy.

Dirigente:

Opa mba'ete a'eva ramo eý jepe, tape rupa a'eva va katuí ramo eý, añea'ā eteve i aikóvy, añetē.

Dueño de casa:

Āgỹ āgỹ katué tape rupa namomýi āguā rami eý; a'e rami ete, ndaijavaete porangatui myrō tei ague va gui jepe reñea'ā i; rejoyeria poranguépy remopa'ūka iño, Karai, Jakaira kuéry pe.

A'éva ri ma vy, reguata rive i raga ri? Remombe'u va'erā eteve reikuaávy eý pa reguata?

Hablo invocando al Sol; me levante normalmente. En virtud de habernos hecho levantar nuestro Padre Namandu es que hablo en buena forma.

Mi superior, efectivamente estás caminando; es cierto, efectivamente, que realizas grandes esfuerzos.

Si, verdaderamente camino; efectivamente estoy realizando grandes esfuerzos.

Aún todos los hombres no se hallan bien dispuestos, y los caminos están en mal estado, sin embargo tu te esfuerzas.

Aunque todos los hombres no están bien dispuestos, y los caminos no están en buen estado, me esfuerzo, efectivamente.

Aunque estos momentos no son propicios para transitar por los caminos, tú, aún siendo así, no adquieres fortaleza de los seres nefastos carentes de belleza; haces que se intercalen aquellos en que depositas confianza, los Karai y los Jakaira.

Y Siendo así ¿caminas sin objetivo? El hecho de que estés caminando ¿no tiene por objeto participar (nos) algo?

Dirigente:

Ta, a'e rami ño ko, añetē; amombe'u va'erā i aikuaá vy eý aguata i.

A'e ramo ma, peē i jepe, opa mba'ete peteí va eý oata ramo eý jepe, peñogueno'ā porā i; ko vy rupa nanemboayvu che vai i āguā rami ve'y va gui jepe, pend'ayvu porā raga ri, pende rory reko rā i pe-ropu'ā.

Namandu jechaka Kuaray omboupa javére, karai, kuñakarai kuéry jogueroory oñendu porā i.

Si, efectivamente es así. El hecho de estar caminando se debe a que no tenga nade que participar.

Y así también vosotros, no faltando nada (entre vosotros), os inspiráis en buena forma; y aunque esta tierra intenta haceros pronunciar malas palabras, vosotros habláis en buena forma, y os levantáis con motivos suficientes para ser felices (amables, hospitalarios).

Donde quiera que Namandu hace que se asiente su reflejo el Sol, se oyen las voces de señores y señoras que dirigen amablemente la palabra.

* *
*

NOTAS

A'e ty rami: como de costumbre, perseverando en ello.
Ndai javaete porangatui myrō: myrō es la radical de *ñemyrō* = enojarse, enemistarse.
Peñogueno'ā: una mejor traducción posiblemente sería: os reunís.

CAPITULO XIX

“La elegancia de la lengua guarani robustece la opinión de aquellos (entre los que se cuenta a Platón en su ‘Cratilo’) para quienes las lenguas no son invenciones humanas, sino don singular otorgado por Dios a los hombres. Domingo Bandiera, misionero entre los indios Chiquitos cuya lengua es toda arteficio y, en cierta manera, más rica y completa que la griega y la latina, asombrado ante esta comprobación, escribió que ésto sería imposible si no tuviese su origen en el mismo Dios... Lo mismo opina de las demás lenguas de los Indios...” (en “Le República de Platón y los Guaraníes”, por José Manuel Peramás).

Quien haya leído el Capítulo II de esta recopilación, titulado “Ayyu Rapyta”, el capítulo más sagrado, y piedra angular de la religión de los Mbyá guarani, habrá comprobado que nuestros Jeguakáva Tenonde van más lejos que Platón, el docto jesuita Peramás y su colega Bandiera; afirman, no solo que el lenguaje humano es de origen divino, sino que fué la primera obra del Absoluto en cuanto hubo tomado asiento o asumido la forma humana en medio del Caos primigenio. Y agregan el que lenguaje humano “creado por Nande Ru en medio de las tinieblas originarias, antes de conocerse las cosas” constituye el germen, la médula de la palabra-alma que, una vez creada la tierra enviaría por intermedio de sus Padres de la Palabra-alma para que se encarnara (Caps. II, IV).

Pero, Ayyu Rapyta ¿es de origen autóctono, genuinamente guarani? Constituye un argumento en favor de la tesis desarrollada por Bertoni en su “Civilización Guarani”? ¿Será prueba de alguna civilización pretérita proveniente de Yvy Tenonde, la Atlántida de nuestra prehistoria; civilización comparable quizás a la esbozada por los hermanos Wagner en sus trabajos sobre la civilización santiagueña?

Aunque personalmente considero de origen genuinamente autóctono los consejos dirigidos por los dioses a la palabra-alma al enviarla a la tierra, y los himnos sagrados referentes a la concepción y la muerte (Caps. IV y V), corolarios inseparables de Ayyu Rapyta, mis conocimientos no me autorizan a aventurar hipótesis alguna sobre el origen de los versos que describen la creación del Lenguagem Humano. Desde luego, el objeto de la presente recopilación no es el de aportar argumentos probatorios de tal o cual sobre los orígenes ni de la raza ni de las tradiciones recopiladas sino, como he dicho ya, el de reunir algunos elementos de juicio que faciliten la tarea del investigador que quiera ahondar en el alma del Indígena y penetrar hasta el fondo de sus concepciones religiosas. Pero, como el

material reunido en estas páginas brinda datos lingüísticos suficientes para explicar claramente lo que para el Mbyá representa el concepto de *alma* y demuestran que, para él *expresar ideas y porción divina del alma* son sinónimos — sinonimia que probablemente constituya característica de la lengua, como veremos — me he permitido extractar algunos datos relacionados con este tema, los que cito a continuación.

Ayvu significa en mbyá-guarani: hablar, lenguaje humano; y Ayvu Rapyta, literalmente: origen del lenguaje humano, significa según los dirigentes mbyá, lo que llamaríamos origen o germen de la porción divina del alma (Cap. II).

Ñe'eng, ñe'ẽ, es la palabra-alma, la porción divina del alma que se encarna en el ser humano una vez engendrado (Caps. II, IV, V, IX). Significa también palabra en: *Che ñe'ẽ ñe'ỹchyrõ* = mis series de palabras (Cap. IX).

'E significa decir, tanto en nuestro guarani clásico como en mbyá-guarani; y para expresar el concepto que encierra nuestra palabra resucitar, v. g., el de devolver el alma al que ha muerto, emplean los Mbyá la palabra *eepy*, cuya traducción literal es: rescatar o redimir el decir. El nombre con que designan el patronímico sagrado otorgado por los dioses al hombre y que lo acompañará a través de la vida y que, según las creencias mbyá-guaraníes constituye parte integrante de la naturaleza del hombre, es: *e ry mo'ã a* = aquello que mantiene erguido el fluir de su decir (Cap. IV).

Resumiendo, las voces *ayvu, ñe'eng* y *'e* traducen los dobles conceptos de:

- 1) Lenguaje humano-origen de la porción divina del alma humana.
- 2) Palabra-porción divina del alma.
- 3) Decir-el principio vital; el alma, el decir (Verbo).

Falta un eslabón que confirme la definición de los mburuvicha mbyá-guaraníes, según la cual *Ayvu Rapyta*, el origen del lenguaje humano, es *Ñe'eng Ypy* = la palabra-alma originaria. Este eslabón nos lo proporciona Nimuendajú, etnólogo de fama mundial. En el Cap. II de su clásica obra ya citada dice:

“Las voces *ñe'ẽ* y *ayvu* tienen valores diferentes entre los paraguayos y los guarani de que venimos tratando. *Ñe'ẽ* entre los paraguayos, es el lenguaje de los hombres, y *ayvu* es el ruido de los animales. En el grupo guarani que venimos estudiando, *ayvu* significa lenguaje humano, y *ñe'ẽ* es el ruido de animales, justamente lo contrario”.

Y en el Capítulo III, titulado “Alma y Nombre”, agrega:

“Los Apapokúva no designan el alma como los otros de Lingua Geral: *ang*, sino *ayvukue*. En esta palabra, la sílaba inicial, poco clara en su

significado, posiblemente pueda corresponder a *ang*; la segunda *vu* quiere decir: subir a la superficie, surgir; *kue* es el pretérito; *ayvu* significa, como he dicho, el habla, el lenguaje del hombre, y en clásico guarani significa ruido. *Ayvu-kue* significa “el aliento que brota de la boca” (sic).

Luego agrega en una nota aclaratoria:

“Se podría también explicar en la siguiente manera: *ang*, alma (guarani clásico) que en *apapokúva* se transforma por eufonía en *ay*; *vu* = brotar; *kue* = pretérito. Entonces: el alma que ha salido del cuerpo”.

Otro investigador, el mayor Marcial Samaniego, quien en “Revista de Turismo”, Asunción, Feb. 1944 dedica un artículo a la mitología de los que él llama los Avá Guarani del Yvy Pytë o Ipir, dice:

“...nuestra palabra es la manifestación de nuestra alma que no muere; ...*ang* es la sombra, el rastro, el eco”.

Tenemos, pues, tres naciones guaraniparlantes, hablando tres dialectos distintos del guarani y poblando tres regiones muy separadas entre sí quienes, para designar la parte divina, imperecedora del alma humana, emplean voces que traducen el concepto de palabra, lenguaje humano; es decir, para quienes los conceptos de: *porción divina del alma y lenguaje humano* constituyen una sola idea, un concepto indivisible (1).

Se ha visto que los Jeguakáva creen en la dualidad del alma, dogma que el lector hallará esbozado en las Notas que siguen al Cap. VI y en el mito de Kapitã Chiku (Cap. XVI) y, para designar la porción imperfecta, telúrica del alma, emplean la voz *angue*. *Angue* es el producto de nuestras propias pasiones y apetitos; como dicen los mburuvicha: *ñande reko achy kue* = el producto de nuestro imperfecto modo de vivir. Cuando muere el hombre *ñe'eng*, enviada por los dioses, vuelve a la morada de su Padre; *angue* permanece en la tierra convertida en *Mbogua*, palabra empleada por los Guarani antiguos y recogida también por Montoya.

Los Ava Guarani mencionados por Samaniego utilizan la voz *ang* para designar “la sombra, el rastro, el eco” del hombre.

En cuanto a los Apapokúva, vuelvo a citar a Nimuendajú:

“Luego del nacimiento (del ser humano) entra a acompañar al *ayvu-kue* (la porción divina del alma) el *Asyguá*. El *Asyguá* es alma de animal. Después de la muerte, *Asyguá* se transforma en *anguery*. La voz está compuesta de *ang*; alma en guarani clásico, y el pretérito *kuéra*, transformada de acuerdo a las leyes de la fonética *apapokúva* en *kuery*, *guery*. Los Apapokúva no usan fuera de este caso la voz *ang* para designar alma, ni la voz *guery*”. (1. c. p. 18, traducción de Recalde).

Salta a la vista que este *asyguá*, alma de animal según Nimuendajú, es el mismo *teko achy kue* (*teko asy kue*) el producto de las imperfecciones humanas de los Jeguakáva. Al morir el Apapokúva su *Asyguá* — alma animal — se convierte en *Anguery*, espíritu peligroso; al morir el Mbyá, su *teko achy kue* — producto de sus pasiones — se convierte en *angue o*

mboqua, espíritu igualmente peligroso que hay que alejar con plegarias y humo de tabaco, especialmente creado por Jakaira, Dios de la Primavera, para el efecto.

Prescindiendo de las deducciones de Nimuendajú acerca de las posibles etimologías de *ayvukue*, tenemos tres naciones guaraniparlantes: los Jeguakáva o Mbyá Guaraní del Guairá; los Ava Guaraní de la frontera; y los Apapokúva Guaraní del Brasil, que creen en la dualidad del alma. Para las tres naciones citadas, habla, lenguaje humano y porción divina del alma son sinónimos; y las tres utilizan la voz *ang*, *angue*, que en nuestro guaraní clásico significa alma humana, para designar la porción animal, telúrica del alma.

¿Qué es *angue*?

Los datos lingüísticos que nos brindan estos anales de los Jeguakáva o Mbyá nos permiten descifrar su significado.

Ã significa en mbyá-guaraní: estar en pie, estar en posición vertical, acepciones que le da también Montoya en su "Tesoro". Los siguientes ejemplos de su empleo, entresacados de estas mismas páginas, servirán para demostrar sintéticamente su verdadero significado:

Jaipycho yguy py imo'ãmy
(Cap. XIII).
... oãmy vy ma Cap. II).

Lo clavamos debajo del agua, en posición vertical.
... en virtud de haberse erguido, de haber asumido la forma humana.

Che yvy o'ã'yvõ ñande ra'y apyre
pyre (Cap. VII).

Mi tierra herirá la verticalidad de mis hijos (contiene presagios de infortunios para mis hijos) hasta las postrer generación, etc.

Estos pocos ejemplos de *ã* y sus derivados bastan para demostrar que el verdadero concepto que encierra la sílaba *ã*, raíz de la voz *angue* es: verticalidad, conciencia o cualidad de ser erguido. En cuanto al sufijo *kue*, que, *ngue*, sabido es que, además de expresarse con él el pretérito, expresa las cualidades abstractas de seres y cosas, v.g.: *yvate* = alto; *yvatekue* = altura; *pytã* = rojo, *pytangue* = rojez, bermejura, etc. etc. *Angue*, por consiguiente, encierra el concepto de: las cualidades de un ser vertical, erguido, que fué; en otras palabras: la mortalidad de un ser humano desaparecido, pues no existe otro ser viviente cuya posición normal es la vertical. Y esta definición concuerda exactamente con la que de *angue* nos dan los dirigentes mbyá-guaraníes: el producto de nuestras pasiones, de nuestras imperfecciones: *ñande reko achy kue*.

Aunque la voz *ã* y algunos de sus derivados se emplean con referencia a animales y seres inanimados, *angue* — alma telúrica o impura, es algo exclusivo del hombre. El árbol, aunque se yergue, inmóvil: *pindovy*

aipópy iã = una palmera milagrosa se yergue en dicho lugar (Cap. VIII), no tiene *angue* — alma telúrica — pero sí tiene alma: *ñe'eng* (Cap. IX); el tigre, todos los seres vivientes, tienen alma: *ñe'eng*: *omopyrõ* Kuarachy Ete aguara *ñe'ẽ* guaminóre = Kuarachy Ete hizo que el alma de un tigre se encarnase en su propio nieto (Cap. XVI). Pero, fuera del hombre, del ser viviente vertical, ningún otro ser viviente posee *angue*. Porque esta porción del alma es producto de la mortalidad, debiendo su génesis exclusivamente a las pasiones e imperfecciones inherentes al ser qui vivió erguido: *o'ã va'e reko achy kue*.

Un somero análisis de los mitos y leyendas recogidos por diferentes investigadores entre distintas parcialidades guaraniparlantes no deja lugar a dudas respecto al común origen de la religión de los diferentes grupos de esta raza cuyos restos viven aún, diseminados através del continente. Y permite deducir que los versos sagrados de *Ayvu Rapyta* y los demás capítulos "esotéricos" de los textos míticos de los Jeguakáva — pletóricos de poesía y de filosofía — no sean de propiedad exclusiva de esta parcialidad; siendo de presumir que otras naciones guaraníes que hayan podido, como los Mbyá del Guaira, mantener sus tradiciones y lengua libres de influencias exóticas, conserven tradiciones similares.

En vista del enorme número de trabajos a que ha dado origen la cultura guaraní, es lógico que se dude poder hallar aún, entre los restos dispersos, degenerados y sofisticados de las distintas parcialidades guaraniparlantes, datos de valor para el hombre de ciencia. Espero que esta recopilación demuestre que esta opinión es infundada. Y basta creo, para invalidarla, el solo hecho de conservar los Mbyá, a pesar de su largo contacto con nuestra cultura, el complicado ritual relacionado con el culto de los muertos — culto característico de la religión guaraní, a estar a lo que dicen los mismos cronistas jesuitas de la Conquista — como también los himnos sagrados, esotéricos de indiscutible origen autóctono, que explican el porqué de este culto.

(1). — Hace poco, mediante datos suministrados por dos Ava Guaraní o Ava Chiripa, comprobé que *ayvu* significa también para ellos: alma divina y lenguaje humano. Averiguaciones practicadas conjuntamente con el Profesor Dr. Egon Schaden, de la Universidad de São Paulo, nos demostraron que los Ava Guaraní de que habla Samaniego (1. c.) son los Pãi o Cayova. — El que los Pãi o Cayova, los Apapokúva y los Chiripa o Ava Guaraní, hablando tres dialectos distintos (sin mencionar a los Mbyá) se hayan resistido a adoptar el nombre "clásico" o cristiano-guaraní de *alma* constituye un hecho de valor para el lingüista. Porque la religión de los tres grupos ha sido modificada grandemente por sus contactos con el Cristianismo, como puede comprobarse fácilmente.

(2). — El guaraní de los Apapokúva con el que estaba familiarizado Nimuendajú es una rama empobrecida, degenerada de la lengua. Basándose el lingüista en el dialecto hablado por ellos, puede incurrir en deducciones totalmente erróneas. Basta para demostrar esta pobreza el "problema lingüístico indescifrable" que representa para Nimuendajú la palabra *yymomo* = puente, tanto en el "Tesoro" de Montoya, en mbyá, y en cayova. También la voz *ju*, de empleo corriente entre los Mbyá con el significado de eterno (Cap. III).

VOCABULARIO MBYA-GUARANI

Los números corresponden a los capítulos en que aparecen las palabras, frases y oraciones. Las no empleadas en los textos, carecen de número.

- Ā: estar erguido, 4, 5, 19. Che ra'y o'ã eỹ i va'ekue: mi hijo que murió. Che ra'y o'ã eỹ i va'erã: mi hijo, predestinado a morir prematuramente.
- Āva'e: éstos.
- A: fonema adverbial empl. en combinación con ma: ya, en oraciones interrogativas. Oúri ma'a: ya ha venido? Reóta ri ma'a: ya estás por irte?
- A: sobre, en la superficie. Y a i ry: sobre el agua. Yvy áry: sobre la tierra.
- A'anga: imagen 3; imitar 8.
- Achã: estornudo.
- Achivã, moachivã, ñemoachivã: hamacarse.
- Achi'ija: ave, llamada también: kúikúí rovaja.
- Achojáva: paraíso 3; achojáva miri: vivienda, 17.
- Achu eỹ: mano derecha.
- Aé: solo, 2.
- A'égui: del lugar de referencia, despues.
- A'e javi, a'e javikue i: en su totalidad, 3.
- A'e kue: los citados o enumerados, 2.
- A'ekue i jevy va'erã: sufrirá la misma pena, 11.
- A'épy, a'épy ri: en dicho lugar.
- A'ety: como de costumbre, 7.
- A'ety rami: saludo, 18.
- A'e va'e: estos, este.
- A'eve i: basta, bueno, 4. A'eve i eỹ: ilícito, malo.
- A'évy: en virtud de ésto.
- A'évy ty: perseverando en ésto, 9.
- Agua: romo, chato, 18.
- Āguãe: adv. de futuridad, 9.
- Aguyje: perfección, madurez; aguyje amboáe: metempsicosis, 5.
- Āgỹ: ahora. Āgỹ reve: hasta ahora. Āgỹ āgỹ katué: en estos momentos, 5, 18.
- Ai ijava'e: llaga debido a parásitos, 10.

A'i, ha'i: madrecita, mama, 8.
 Airanke mburu: nombre de una canción infantil.
 Aja: ilícito, vedado. Aja ey: lícito, permitido, 10.
 Ajaja: cigüeña.
 Aje, ijaje: eficacia, es eficaz, 10.
 Aju'y chī: árboles de la familia de las Lauráceas, 7. Aju'y^ojoá, A. guaika,
 A. miri, A. vatā: otras especies.
 Aka'ē kora: nombre de una constelación.
 Ako'engua, ako'engua kangue: tórax, hueso del tórax.
 Akanju: doncella, 17.
 Akañy: perder la cabeza, 11.
 Akāpytu'ū: sesos.
 Āi: erguirse, 8.
 Akara: esp. de pez.
 Ake'o: cortar con hacha, 10.
 Akua'ū: v. Guachu akua'ū.
 Akykyi: hormiga negra grande.
 Amba: morada, 3.
 Ambe: espera, 9.
 Ame: vivir. Reame porā i pa: estás bien?
 Ame rami: aparentemente, 5.
 Amo amo i my ete: muy raras veces.
 Amongue: de vez en cuando.
 Amy: estar en posición levantada; conciencia, 2, 4, 12.
 Andyra: ave de la fam. Cuculidae.
 Ange'y rei: al rato, al poco tiempo. Ange i vai pa: hace un momento.
 Angue: alma de origen telúrico, 8, 19. V. Mbogua.
 Anguja chī, a. chyrakua, a. ete i, a. guachu, a. guaki, a. pe kuachī, a.
 pichō: esp. de ratas y lauchas.
 Añái: muesca, punta bifurcada de la flecha, 9.
 Añakygua: árbol llamado Ka'ikygua en guaraní.
 Añangapiry: árbol frutal, 8.
 Añetē guārāmy eteve: en los umbrales de la muerte, 9.
 Apirachī: v. Ene.
 Apekū: lengua.
 Apepu: fofo, flojo. Yvy ijapepu rako: la tierra es fofa.
 Apipē: penca.
 Apu: mentira, 12. Apukuére rei: por una calumnía o mentira.
 Apu'a i: corto.
 Apy: aquí. Apy ete i: en las cercanías. Apy'ive: más cerca. Apygui:
 de este lugar. Apy rako: pues es aquí. Apy ri: es aquí que.
 Apyka: asiento, 1.
 Apyña: atizar el fuego.

Apyta: origen, cimienta, base, 2.
 Apytā: racimo, cacho. Iñapytā rei eche: lo atacaron entre todos.
 Arachái: guayaba.
 Arachiku: chirimoya.
 Araguyje: Primavera, A. ñemokandire; id. 1.
 Ara i, A. poty, A. Miri: patronímicos sagrados, 4.
 Arakaja: nombre propio.
 Araku: ave de la fam. Rallidae. A. vai: fantasma o ave agorera, 9.
 Aramandái: coleóptero.
 Arapo: esp. de pez.
 Arapoty Ju: nombre propio.
 Are: caído. Yvyra are: árbol caído.
 Arē: podredumbre de los tubérculos, 13.
 Arō: esperar, espiar, 9, 18.
 Aruá: mal de las criaturas, 10. Aruá poā: hongo utilizado como polvo
 secante, 10.
 Ary: espiga, fruto. Ary guembe, ary avachi: el guembe tiene fruta, el
 maíz tiene espigas.
 Aryvape: corteza o cápsula de la flor de pindo.
 ata: faltar.
 Atachī: patronímico, 4.
 Atuara: crin, 18.
 Avachi kure: afrecho de maíz.
 Avaete: horrible, nefasto, 4, 6.
 Ave rei: sin dificultad, sin más trámites, 18.
 Avía chuā: ave, Turdidae.
 Avói: fonema adverbial; efectivamente, indiscutiblemente.
 Avy: pues. Jaá avy: vámonos, pues.
 Avyky: v. poro-avyky a, 9; mba'evyky rā, 8.
 A'y: interjección que traduce sorpresa y desagrado.
 Ayña:empujar, 3.
 Ā'yvō: pronosticar desgracias, 7.
 Ayvu: lenguaje humano, 2. Ayvu apo: obedecer.
 Cha'ā: imaginar, pensar, 14.
 Chango: esp. de pez.
 Chapa: héroe divinizado, 16.
 Chapukái: entonar himnos en voz alta, 5. Gritar.
 Chareko: observar, escrudiñar, 2.
 Charía: enemigo del padre de la raza, 8.
 Cheé: yo.
 Che'iro: nombre propio.
 Cheivy: ave de la fam. Pipridae.
 Cheritu: nombre propio.
 Chī aviju: coleóptero de larvas comestibles.

Chigua: dejar rastros el peludo o armadillo.
 Chiguã'ã: gorgojo.
 Chiku: héroe divinizado, 16.
 Chimbo: bejuco ictiotóxico. Chimbo'y: árbol: *Enterolobium contorsilignum*. Jagua chimbo: planta ictiotóxica.
 Chingachu: tingasu, ave de la fam. Cuculidae.
 Chivere i: esp. de pájaro carpintero.
 Chivi: gato montés, jaguar, 18.
 Chi'y: coati domesticado.
 Chori: crespo. Pa chori: tiene el cabello crespo.
 Chure i: ave.
 Churuva: ave.
 Chychyi: espasmo involuntario de los músculos.
 Chyvi: esp. de halcón.
 Chy'yi: tia materna.
 'E: verbo decir, 2.
 'Ē, ĕh: llanto de párvulo, 8.
 Ē: salir, 8.
 E: fonema adverbial que sigue a ra'e. Reóma ra'e e: Ya te vas? Oúri ty ra'e e: lo cierto es que ya se ha marchado.
 Eá: tener fama de. Ch'arakuá eá voi: tengo fama de entendido.
 Eakuã: huele, tiene olor de.
 Echaka: herir o golpear el ojo.
 Echaete: arisco, huidizo.
 Echanga: llorón.
 Echa ra'u: soñar, 4.
 Epy: resucitar, 5, 7, 9. Eepy a: enviados divinos que resucitan.
 Eguí: ahí mismo. Eguí rako iny: pues allí mismo está.
 Ei: miel de abejas; abejas. Eichu: *Nectaris mellifica*. Ei kavy: *Apis mellifica*. Ei raviju: ?. Eirapu'a: *Trigona ruficus*. Ei rembykyra-cha: *Melipona-fasciata*. Ei rakuã ñachi: *Camoati, kuañeti* (Guarani). Mandori ?. P'yingua ei: Guarani: *Apynguaréi*. Tapechu'a ?. Tata ei ?. Ipuru'a va'e okengua: abejas subterráneas.
 Eiá: interjección de burla.
 Eichu: Las Pléyades. Evichu reviraó kue o'a: cae el polen de las Eichu (Pléyades), v. g., caen heladas.
 Eira Jagua: monstruo mitológico, 9, 18.
 Embo: serpiente grande, 8.
 Embokua: Caverna de la serpiente, nombre de una constelación.
 Eme: adverbio de negación.
 Endyju: patronímico, 4.
 Endu: sentir, oír. Achy va'e noenduchéi ame rami poã: el enfermo no responde al tratamiento.

Ene: escarabajo. Ene apirachi: escarabajo de larvas comestibles.
 E'onde: quiere morir, se deja cazar fácilmente. E'onde rity aé tapi'i: en verdad ha sido fácil la caza de este tapir.
 Epy: rescatar, redimir, 11.
 'Epy: supino de 'e, decir.
 Ere: lamer.
 Eteaé: vivo, despierto.
 Evo'i guachu: Anfisbena.
 Evoko: aquí presente, a la vista, 13.
 Guaá: sufijo correspondiente a nuestro *hara*. Ambopochy guaá: le apacigué, hice desaparecer su cólera.
 Guã'ã: luciérnaga.
 Guachu: venado, nombre de una constelación.
 Guachu akua'ũ: mariposa nocturna grande que deposita sus huevos entre las tacuaras y otras esp. de bambú, de larvas comestibles.
 Guachu Ja Ete: 9, 18.
 Gũai: ladrar el pero mientras persigue a la presa.
 Guaira: nombre propio, 4.
 Guairaka: esp. de mamífero acuático grande.
 Guakara: esp. de pato.
 Guapo'y: esp. de cigarra diminuta; amuleto 15.
 Guapytã: frutas de la palmera pindo, 18.
 Guapytangy: palmera pindo.
 Guembe paje: v. Guapo'y.
 Guemberã: *Caseria sylvestris*, 10.
 Gueno'ã: inspirarse en, juntar, 2, 4.
 Guero'a: apoderarse violentamente de; violar, 11.
 Guero-chiriri: celebrar (los insectos) con el chirrido, 3.
 " -chyry: hacer que desaparezca, 9.
 " -kandire: trasladarse al Paraíso, 16.
 " -japo: hacer que obre, 7.
 " -jaú: nacer simultáneamente con, 15.
 " -java: fugarse con, 15.
 " -jepovera: iluminar con la luz de los relámpagos, 5.
 " -mbaraete: afrontar o considerar con fortaleza, 4.
 " -mbo'e ñendu: dedicar mediante la plegaria, 13.
 " -moñemoña: hacer que se engendre, 2.
 " -ñemboarái: hacer que se divierta, persiguiendo, 4.
 " -ñemongeta: inspirar palabras divinas, 4.
 " -ñevaé: rescatar, llevando a un lugar determinado, 16.
 " -pochy: enfurecerse con, 4.

Guero-py'aguachu: afrontar con valor, 4.
 " -vy: acercarse a, 14.
 Guírami: en esta manera. Guírami gua: de esta clase.
 Guíy-guíy: avecilla.
 Guú: su padre.
 Guyra kéno: V. Cap. 17, Idioma Secreto.
 " marangatu: ave migratoria, 14.
 " Nandu: nombre de una constelación.
 Guyrapaju: árbol de la fam. Apocináceas .V. Jachyrapa.
 Guyra Piri'y riki: ave legendaria, 8, 17.
 Guyrañ-ji: tordo.
 Guyra Yma: pájaro primigenio, 1.
 Guyrÿi: marearse.

I: salir. Ndoiri: no sale, 8
 Iengue: doncella, 8.
 Ikatúpy: entre la gente, 4, 8.
 Iku: efectivamente, en verdad, 9.
 Ikuái: están, 18
 Inambu: perdiz. Guarani: ynambu. Inambu chichí: p. pequeña de los campos: I. chōrōrō i: id. de las capueras. I. ete i: p. grande de los bosques, Guarani: Kagua. I. guachu: Tinamus solitarius. I. karape i: Crypturellus parvirostris. I. pytā: p. grande de las praderas. I. yma: nombre religioso de la Inamby Pytā.
 Inōgÿ: forma verbal empl. como adverbio, 7.
 Inākāguaja: duende, dueño de los barreros, 9.
 Inÿpyrungue: primer pieza de caza, 10.
 Ipē: v. Cap. 17, Idioma Secreto.
 Ipiáu: esp. de pez.
 Ipoty apomo i va'e: planta de la fam. de las Gramíneas.
 Irundykue: cuatro veces.
 I'yretaryva: miriápodo.

Ja: dueño, 3.
 Jachipe: sobrina.
 Jachuka: emblema de la feminidad, 2, 3.
 " -va: mujeres, la feminidad, 2, 3.
 " -Chy Ete: consorte del dios del sol, 2.
 " -Rataá: patronímico, 4.
 " -vyapu: canto sagrado de la mujer, 2.

Jachyendy: luz de la luna.
 Jachy pa'ū: luna menguante, 13.
 " rapa: Kirandy, árbol de la fam. de las Apocináceas, 8.
 " tata: estrella.

Jachyta: caracol
 Jaeá: mucho, 18.
 Jaga: cortar, 9.
 Jaguachí: mamífero grande de la fam. de los Mustelidae.
 Jagua poā: insecto moteado de rojo y negro.
 Jai: maleza.
 Jaicha: Paca, 9.
 Jaka: reprender con violencia, 9.
 Jakaira Ru Ete: dios de la primavera, 2.
 " pyronga: médico hechicero, 9.
 Jakare ruguái rā: esp. de Cactus.
 Jaku changue: nombre religioso del Jayru, 8.
 Ja'o: apartarse uno de otro.
 Japyraá: saltar por encima de.
 Jape'a: leña, 7. Jape'e: calentarse; jape'ava: acarrear leña.
 Jarakachi'a: fruto del Jacaratia dodecaphylla. Jarakachi'y: el árbol
 Jarachyta: artrópodo de la clase de los miriápodos.
 Jate'i ru jarÿi: reina de las abejas Jate'i.
 Jaú: nacer; bañarse.
 Java: fugarse, 11.
 Javachi: martín pescador, 18.
 Java mokera: sentencia empl. para producir la metamorfosis, 8.
 Javera: V. Idioma secreto, Cap. 18.
 Javoá: fajar.
 Jayru: esp. de ave; v. Jaku changue.
 Javuku: puma, 18.
 Javyrandí: árbol de la fam. de las Piperáceas, 10.
 Jeayukue: despreciado, 5.
 Jechaka: reflejo, fuente de luz, 1.
 " rupa: noche, 9.
 Jeguaka: adorno de plumas para la cabeza, 2.
 " -va: humanidad masculina, 2.
 " -vyapu: canto sagrado del hombre, 2, 3.
 Jeguaru: dolor producido por el hambre.
 Jēju: patronímico, 4.
 Jekupe, jekupe rā: defensa, protección, 7.
 Jepota: prendarse, 18.
 Jepotaá: nudo o articulación.
 Jera: surgir, ser creado, 1.
 Jerojy: doblar las rodillas en la danza.
 Jerovia mēguā: ser soberbio, engerido.
 Jeupi: fornicar, 7.
 Jeupié: incesto, 7.

Ji: partícula verbal de negación. Jipói: no hay. Jijarakuaái: carece de entendimiento. Jipoái voi ko: no está, no hay nadie.
 Joákaty: en la misma dirección. Joákaty eý: en distintas direcciones, 18.
 Joechéi: uno frente a otro.
 Jogua: atajar, parar, comprar, 15.
 Jojavi: parejo, simultáneo, 15.
 Jopia: apartarse del camino.
 Jopyy: asir.
 Joramigua: cosas parecidas, similar. Joramigua eý: cosas disimiles, 4.
 Joykecho: nombre de una constelación.
 Jo yvy i ry: juntos, undidos.
 Joy: fregar, limpiar.
 Ju: eterno, 2.
 Ju'i: rana. Especies: J. akuã i; J. chy; J. chiri'ýi; J. pyata karai; J. typori.
 Juku'a: tos, 10.
 Juruá: extranjero, 16.
 Jukypytangy: Cupaifera. Guarani: Kupa'y.
 Ju'yro: Strychnos brasiliensis.
 Jyvapeká: paleta.
 Jy'y: hacha. V. Karugua jy'y.
 Kã: hueso, mama, teta. Kã ruru: mamitis. Kãí: ulceración de la...
 Ka'arupã: desbrozar maleza para la siembra.
 Ka'avo tory: hierba de la amistad, 15.
 Kachirito: nombre propio.
 Kaguare guachu: oso hormiguero grande, 8, 18.
 Ka'i repochi: tortas de maíz asadas en cañas.
 Kãju: v. Idioma Secreto.
 Kandire: resurrección, 6, 16.
 Kango: quitar los huesos (del pescado, etc).
 Kangoro: llamado también vyvra-rapoju, arbusto empl. en medicina como purgante.
 Kaovechingy: Solanum verbascifolium.
 Karai amba: oriente, 2.
 " Atachi, K. Ñe'engija, K. Ñe'ery, K. Rataá, K. Tataendy: patronímicos sagrados, 4.
 " Jeupí: héroe del Mito del Diluvio.
 " Katu: héroe divinizado, 16.
 " Py'aguachu: hijos del Dios del Fuego, 3.
 " Rekoé: agentes de destrucción, 3.
 " Ru Ete: Dios del Fuego, 2.

Karaja ei: esp. de trigona melífera. Karaja'y: Pterogyne nitens.
 Karamboé: adv. de tiempo.
 Karapero: mariposa amarilla grande.
 Karãu vai: fantasma, ave agorera, 14.
 Karavere: cerdo montés, 14.
 Karu ai: carencia, escasez de alimentos.
 Karugua: mántidos; nombre de una figura de la mitología, 9, 10
 " jy'y: Arco Iris.
 " rachy: reumatismo.
 " poã: Aristolochia triangularis, 10.
 Katu: sobremanera, en cantidad.
 Katy: hacia. Pékaty: hacia allá. Kúkaty: hacia allá. Kíkaty: hacia acá.
 Kave'ë: esp. de avispa.
 Kavyrupë: avispa grande cuyo nido se asemeja a un cedazo: yrupë.
 Ke'i: cuñada de la mujer casada.
 Kerechu Chy Ete: consorte de Karai Ru Ete, 2.
 " Poty, K. Rataá, K. Yva: patronímicos, 4.
 Ki: aquí.
 Kirami i: un poquito, 7.
 Ko: aquí; toma.
 Koaku, je: someterse a régimen, 10.
 Kochi: cerdo montés grande, 15.
 " guyra: ave nocturna, 14.
 Korochã: v. Idioma Secreto, Cap. 17.
 Ku: allá lejos, 18.
 Kua: haber, estar, v. okuapy.
 Kuaá-ña'ã: averiguar.
 Kuaapota: averiguar, investigar, 18.
 Kuaa-ra-ra: sabiduría creadora, 2.
 Kuarachy'a: esp. de colibrí, 15.
 Kuarachy Ete, K. Ju: héroes divinizados, 16.
 Kuaray apu'a i ete: días muy cortos, invierno.
 " ã rupa: noche, 9.
 " Endyju, K. Jeju, K. Mimbi, K. Miri, Rataá: patronímicos, 4.
 Kua rero'a: locución que traduce disgusto y incredulidad.
 Kuave'ë: apuntar con arco o fusil; ofrecer.
 Kuavã: llevar debajo del brazo, 18.
 Kuchaiguyguy: ave de la fam. Caprimulgidae.
 Kuchiu: ave, 15, 18.
 Kumbijãre: murmullo de los instrumentos musicales utilizados en las ceremonias religiosas. Kumbijãre pygua mba'e-a'ã: oración en común acompañado de música.

24904
FACILIDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS-USP

Kunumi: mozo, joven.
Kure: afrecho, residuo.
Kurié: en un futuro próximo.
Kurime: en breve.
Kurunji'y: árbol de madera muy fofa.
Kurupi: figura de la mitología, 9. Kurupi kua: caverna grande.
Kurutué Retã: Brasil, 8.
Kychi kychi mba; kychi ra'y pa: inferir numerosas heridas superficiales.
Kyguakã: hueso de la nuca.
Kykýi: esp. de ave.
Kykyruchu: id.
Kyre'ymba: abejorro veloz usado como amuleto, 15.
Kyri i: pequeño.
Kyringue: niño.

Mache: nombre propio.
Ma'ë mbegue: espiar, acechar, 18.
Ma'etý: sembrar, agricultura; año. Petei ñiruĩ ma'etý a peve oiko águã ojaú araka'e: nació predestinado a vivir solamente cinco años.
Maino i: colibri, 1.
Mama: envolver. Aimama che poapy: envuelvo mi muñeca. Oñemama che reé: se prendió de mí.
Manji: lagarto diminuto.
" manji'o: Euforbiácea empl. en medicina.
" rembojape: gusano de luz.
Mañeã: v. ñeã.
Mañimbe i: ave de la fam. Fringillidae.
Marã eý: divinidad, indestructibilidad, 6.
Marangatu: bienaventurado, migratorio, 14.
Marã katy: hacia dónde.
Marã rami: en qué forma. Marã ramigua: de qué clase.
Marangua, opa: lo maligno, 9.
Mavaë: cual, quién.
Mba'achy tata: fiebre, 10.
Mba'e a'ã: plegaria.
Mba'echo: pisar en le mortero. Mba'echoá: mano de mortero.
Mba'eguachu: cadáver. — rupa: lecho en que yace el —, 9.
Mba'e Pochy: Demonio, 11.
" rei eý: divino, divinidad, 5.
" rei rei: seres, objetos, animales, 11.
" " ka'a: hierbas de los animales e insectos, 15.
" ty miri: chacra, capuera, 13.

Mba'e vyky rã: juguete, 8.
" Ypy: seres originarios, 8.
Mbaguari: esp. de garza.
Mbai: duende, 9.
Mbaraka: instrumento musical usado para acompañar la danza. Mbaraka pytã: guitarra.
Mbegue: lento. En comp.: achy mbegue: está indispuerto; oma'ë mbegue: está acechando, espiando.
Mbei, en achë mbei: está lloriqueando.
Mbe'i: nombre propio.
Mberu agua: mosca de cabeza chata grande, 8.
" ra'y: larvas de las moscas, 9.
Mbi: oruga.
" jagua: oruga monstruosa, 18. Mbi taturã: larva de la Megalphyga lanata, cubierta de lana urticante.
Mbiru: seco.
Mbo'a: coger, cazar, 8.
Mboaku: encobar, 18.
Mboaku aéi: excitar excesivamente, 3.
Mboapy kue: tres veces.
" meme rire: 7.
Mboata: hacer que falte, que se carezca de.
Mboavai: respetar, venerar.
" eý a: profanador, 7.
Mboaja: abstenerse de, 10.
Mboaje, -uka: hacer que sea eficaz, 10.
Mboay: despedazar.
Mboevovo: hacer o producir ruido.
Mbo-etry: hacer que vuelva a encarnarse el espíritu, 16
Mbogua: fantasma, 8.
Mboguái: herir golpeando, 11.
Mboguapy: hacer que se encarne, 9.
Mboguyrapa: proveer de arcos, crear hombres, 2.
Mboi: destetar.
Mbói mbaraka kue: cascabel de víbora.
" tái kue: veneno de víbora.
" Yma: víbora originaria, 3.
Mbojaity: sacudir, conjurar, 4, 9.
Mboja'o: partir, apoderarse de parte de.
Mbojoechéi: emparejar, colocar en la misma dirección.
Mbojoyvy: acompañar en otra escala musical, 7.
Mbopochy-gua: hacer dicipar el enojo de otro.
Mborocha: esp. de pájaro carpintero.

Mbouvuy, i: supino de u, venir, 18.
 Mbouvuy, i: "supino de u, venir, 18.
 Mbovy: embadurnar, ensuciar con.
 Mbovy eỹ: numerosos, 4.
 Mboypy: comenzar; concebir, 18, 11.
 Mboyta: colocar cimientos, 3.
 Mboyvára jekuaá: hacer consciente de la divinidad, 2.
 Mburu: fervor religioso, 1, 6.
 Mburu: fonema adverbial, equivalente a "nipo", "kena".
 Mbutu chí, m. rendyva, m. vevúi: esp. de moscas.
 Mbyku: comadreja; mbyku para: Paca, 8.
 Mbyta: torta de maíz fresco.
 Memby raku i ja: medicamentos para producir la fertilidad, 10.
 " ve'ỹ ja: id. para impedir que la mujer conciba, 10.
 Miña: ay de mí!, 5.
 Mire'ỹ re'ỹ: innumerables, 8.
 Mitá imbojo'akue: hijo adulterino, 4.
 Moã: remedio.
 Mo'ã: colocar en posición vertical, 13.
 Moãi: esparcir.
 Moakãny: hacer perder la cabeza o el alma, 11.
 Moakamby: dejar que se bifurque o debilite, 9.
 Moambague: desolar un hogar, asesinar, 3, 9.
 Mo'ãmy: v. mo'ã, 13.
 Moê: sacar, 16.
 Moiný: supino de moĩ, 10.
 Mombo'o: apaciguar, 12.
 Monde: trampa, 8.
 Moñendu: hacer que se perciba, se tenga presciencia de, 1.
 Moñe'erý: hacer que vuelva el alma, 16.
 Moñemoyrô: ser causa de que alguien se enoje.
 Mopyrô: hacer que encarne, 2, 4.
 Movaê: hacer que llegue, permitir que llegue.
 Mychorê: especie de golondrina.
 Myro'ô: ave de la misma familia.

 Nda'evéi: no es bueno o lícito, 11.
 Ndaje: así es; efectivamente, 5.
 Nda'u: fonema equivalente a nuestro piko, nipo.
 Ndouvái: no hay nadie.
 Ne, en composición: excesivamente. Ipochy rei ne ri: es excesivamente enojadizo, quisquilloso.
 Ni'ã: ciertamente. Eguĩ ni'ã: pues aquí está (el objeto que se busca).

Nôgỹ: v. inôgy.
 Ny: estar, 8.
 Ña: correr, 18.
 Ña'ã, en comp.: tratar de. Mbopochy-ña'ã: tratar de enojar. Kuaaña'ã: tratar de llegar a saber.
 Ñaana vai: fantasma, ave agorera, 14.
 Ñai-ñai: ave de la fam. Tyrannidae.
 Ñakarâchichâ: nombre de Pa'i Rete Kuaray, 8.
 Ñamanduĩ: el Creador.
 Ñamandu Ru Ete: id.
 Ñamandu Ñe'engija, Ñ. Py'aguachu, Ñ. Rekoé: hijos de Ñamandu, 1, 2.
 Ñami: esforzarse por evacuar el vientre.
 Ñande Ru Pa-pa tenonde: el Creador.
 Ñana: grueso, basto. Ajukue iñana i va'e: paño grueso, fuerte.
 Ñandu poá. ñ. i, ñ. pe, ñ. ikyá ju va'e: especies de arañas.
 Ñapindavo'o: rumiar, mascar.
 Ñapykani: aguilas.
 Ñarapu'ã ju, ñarapu'ã ka'aguy: especies de pájaros carpinteros.
 Ñaruã: esbelto, vistoso.
 Ñavô: cada, 9.
 Ñeã: fonema que corresponde a nuestro nune, nipo. Oú añeã ra'e: seguramente habrá venido. Ndoú ragái ñeã (øñeã) ra'e: seguramente no vino.
 Ñe'ã: plegaria, 9.
 " mba'e i: palabras de una plegaria, 9.
 Ñeama: eclipsarse, 8, 9.
 Ñe'eng: alma de origen divino, 2.
 " mbyte: médula o germen del alma, 5.
 Ñe'engai: alma enviada por el Demonio, 8.
 Ñe'engatu: discreto en el hablar, 2, 8.
 Ñe'engija: título de los enviados divinos, 4.
 Ñe'enguchu: cambio de voz que se produce en la pubertad.
 Ñemboapyka: ser engendrado, 5.
 Ñemboarái: reñir con violencia; burlarse de, 4.
 Ñemboayvu: rezar.
 Ñembochi: lanzar rayos, 9.
 Ñembopyta rei: abandonar, 5.
 Ñemboyvaropy: penetrar en las profundidades del paraíso, 3.
 Ñemoatã: endurecerse. Fig.: extenderse. Oñemoatã oñeno oupy: se acuesta, extendiéndose.
 Ñemoichĩ: mover acompasadamente el cuerpo, 18.
 Ñemombiara: buscar la presa, 18.
 Ñemomburu: inspirarse de fervor religioso, 1, 6.

Ñemonduyva: bañarse las aves en arena, tierra seca o cenizas.
 Ñeovā: abrigarse.
 Ñerumi: *Bracharis dracunculifolia*, "chirca", 10.
 Ñevanga: jugar, 8.
 Ñeŷchyrō: serie, hilera, repetición, 2.
 Ñiimbe: cama, lecho.
 Ñiimbo: hilo.
 Ño, iño: muy, mucho.
 Ñono: colocar, poner, 7.
 Ñuú: campo, pradera, 3. Ñure: orilla de monte;; ñure yvŷry: a orillas del monte.
 Ñyvō: herir con arma punzante, 8.

 O, oó: casa. Oó, goó: su casa, su propia casa, 8, 11. Orakamby etc: horcón principal. Orakamby miri: id. corto. Orakamby ete rupigua: viga principal. Orakamby miri rupigua: viga "solero". Oarukā: tijeras para techo. Oarukangua: enlates para techo. Oó mboty a: estaqueo de la pared. Yvyó: pared. Okaryapy: alrededores de la vivienda. Okypy, okypyngua: interior, esquina.
 Oá: grito de la boa constrictora.
 Oē: sale, 8, 13.
 Oiny: estar, 1, 7.
 Oje: de o por él mismo. Oje imonda ague omboja che reé: me atribuye a mi lo que él mismo ha robado.
 Oke eŷ va'e, tuguy: sangre sin coagular, 15.
 Okuapy: fonema equivalente a hikuái.
 Omimby'iva'e: duende, 9, 18.
 óny, i: supino de o, ir.
 Opa: perder el camino. Che ropa: perdí el camino.
 Opa marangua: todo lo maligno, 9.
 Opa rive yvi i: solucionarse satisfactoriamente, 11.
 Opy: interior de la casa (de las plegarias), 11.
 Oupy: siendo o estando, 7.
 Ovā: abrigo, manta.
 Ovaichí: encontrarse con.
 Ovy: azul, eterno, 2.
 Oyretaryva: v. i'yretaryva.
 Oykéra (Unkéra): nombre propio masc.

 Pa'ā: fornicar.
 Pachā: v. Cap. 17.
 Pa'i mi: nombre propio.
 Pa'i Rete Kuaray: padre de la raza, 8.

Pāi: tribu guaranítica, 18.
 Paiva: carpincho.
 Pa-pa: sobrenombre del Creador.
 Pa-pa Miri, Pa-pa Ychapy: creador de esta tierra, 7.
 Para, para guachu: mar, 3.
 Para guachu rapyta: origen del mar, 8.
 " rakā: las aguas, 3.
 " Miri, P. Jachuka, P. Poty, P. Rete: patronimicos, 4.
 Parakáo Ñe'engatu: el loro sabio, 8.
 Patu'a: burbuja, ampolla.
 Pa'ūmonde: replantar, 13.
 Pavē: cada uno (de muchos).
 Pe'ā: sacar un pedazo.
 Pēi i: esp. de cotorra.
 Péi: barrer.
 Pekuru: ave, *Crotophaga*. Bambu.
 Perei'o: levantar la costra. Guarani: pey'o.
 Petei eŷ, petei va'eŷ: muchos, 3.
 Pi'a: muchaco, 8.
 Piakái: ave de la fam. *Rallidae*.
 " vai: fantasma, 14.
 Pichā: pellizcar, 18.
 Pichō: esp. de roedor.
 Pindovy: palmera eterna, 3.
 Pindy: limpiar el culo.
 Pira: levantar el borde. Guarani: peka.
 Piragui: sirena, 9, 18.
 Piraó: delgado. Ajukue ipiraó va'e: tejido delgado, fino.
 Piri: nombre de mujer, 14.
 " -tau, Piritauju: ave, ave legendaria, 14.
 Pita i: salpullido.
 Po: habitante. Ka'aguypo: habitante de la selva. Ypo: — del agua.
 Yvypo amboaé i: extrangeros.
 Poā: remedio.
 " reko achy: medicina racional.
 Poachy: perjudicial. Yro'y ipoachy: las heladas perjudican.
 Poacē: gemir. Guarani: pyahē.
 Poata: inaccesible, 9.
 Pochy: colera, malignidad, 9.
 " mēguā: demencia, 10.
 Pochi'a: pecho.
 Poguyro, je: zafarse, escabullirse, 9.

Pojava: rápido.
 Po'ói, je: desprenderse y caer.
 Popē: torcer, tejer. Aipopē ajaka chāguā ainy: estoy torciendo una cuerda para canastro.
 Popo: mariposa. — guachu: — azul. Y'apero: amarilla grande. Inambu: roja. Tumby avoá, popo jaí rogue: parda. Karapero: amarilla. Che ramói: azul. Tapereka: cenicienta, que emite un ruido al volar. La mayoría llevan nombres de pájaros, por la semejanza de su colorido. V. Tanambi, guachuakua'ũ.
 Popygua: vara, 3.
 Poraí ñendu: entonar los himnos sagrados, 9.
 Poraka: sustentar, 8.
 Porara: padecer, 10.
 Poroavykyá: hechicero maligno, 9.
 Poteri: aún, 3.
 Pova'e: aquello que se oye pero no se ve.
 Pou: visitar. Iñakangua jopou: los duendes de los barreros se visitan, v.g., cae un meteoro.
 Poyú: recelarse, 12.
 Pyapyá: tramar, tejer.
 Pyávy: de noche, 8.
 Py'a ve'y kue: con falta de voluntad.
 Pycho'o kangue: espinazo.
 Pyeja: escarbar, dejando rastros el jaguar, etc.
 Pyere: quitar los restos de miel, comida, de un recipiente.
 Pýi, en comp.: deseo. Che kuarupýi: tengo deseos de orinar.
 Pykychingue: riñón.
 Pynuá: tobillo.
 Pyó: extender.
 Pyová: forrar.
 Pyry, pyrygua: crudo.
 Pytá: rojo. Mitá pytá, ava pytá, kuña pytá: criatura recién nacida.
 Pytá jovái: figura mitológica, 9.
 Pytũ rupa: noche, 1.
 " Yma: Cáos, 1.
 Raga: fonema adverbial, 5, 9.
 Raí: casi.
 Rako: fonema correspondiente a nuestro ko, niko.
 Rami: como. Ramive: así como, 3.
 Ra'u: intención frustrada; ensueño, 4.
 Ra'y, en comp.: che kychi ra'ypa ete; me infirió numerosos tajos superficiales. Opu ra'y pa che takugua: pierde agua mi caldera.

Rechéi: frente a, 2.
 Reegua: adv. de futuridad, 6.
 Ri: fonema muy empleado como sufijo. Ri ko, ri ma, ri aé, etc.
 Riú ete: sinceramente; a pesar de los obstáculos, 8.
 Rive: fonema adverbial, 8, 11.
 Ro: v. "guero" para todos los verbos "reflejos".
 Ropái, opái: collar.
 Rupive, upive: en compañía de, 18.
 Ta: si, 11.
 Tacho: lombriz, vermes, 10.
 Tajachu: marrana, 14.
 Takuái: pene. Takuái ñarō: erección del miembro.
 Takuaryva'ikágā: huesos, esqueleto, cuerpo de mujer, 5.
 Takua Vera Chy Ete: heroína divinizada, 16.
 Takuapemby: recipiente de cañas trenzadas, 16.
 Takuru i: ave.
 Takykue rygua: fantasma, 9.
 Tamo raga ri: locución que traduce disgusto, desdén.
 Tamymino: nieto.
 Tangoro: v. Kangoro.
 Tapē: halcón, 14.
 Tape rupa reko achy: senda de la peregrinación terrena, 7.
 Tapi'i: tapir.
 " Rape: la Vía Láctea.
 " Raiñykā: nombre de una constelación.
 Tapýijo: atizar el fuego, 18.
 Tapy'ji: monstruo mitológico, 9.
 Tarave jarýi: esp. de cucaracha muy grande.
 Tarova: himno entonado en voz alta, 9.
 Tatachi: patronímico, 4.
 Tatachina: neblina, 2, 3.
 " -kágā: pipa de fumar, 7.
 " -reko achy: humo de tabaco.
 Tataendy: llamas, manifestación de la Divinidad, 2.
 " ryapu: trueno en Oriente, 3.
 " " Ja: Dios del Fuego, 3.
 Tataypy rupa: asiento de fogones, población, 9.
 " " gua: compueblano.
 Tay: hormiga. Tay poropi; tu'i ary: esp. que pica. Akykyi: negra grande. Arara'á otra esp. grande que pica. Tarakuchi: esp. que según los Mbyá siembra semillas de Phylodendron comestible. Tarakuchi mbara, mbara; tay vachy: otras especies.
 Ta'y: mecha. Mbotay: poner mecha a.

Ta'y kyrī: sobrino.
 " chy: su esposa.
 " " jevy: su concubina.
 Teī: con falta de sinceridad, 9.
 Teko: vida, costumbre, 1. Menstruación, 10.
 " avy: homicidio, 11.
 " avia: camino o lugar transitado, 18.
 " porā jā: remedios empl. en ginecología, 10.
 Tembiapo ño, joé: graves ofensas, 11.
 Tembikuaá: magia, 7.
 Temo: sarna, 10.
 Tenapy'ā: rodilla.
 Te'ō: muerte.
 Te'ō'ā: epilepsia, 10.
 Terepoi: esp. de ave.
 Ti'y: sobrino, hijo de la hermana. Che ri'y: mi — .
 Tokoiro: cigarra grande.
 Tui, i: extenderse en abundancia; hallarse, 3.
 Tukā, Tukā chī ovy, tukā ju, tukā mirī: esp. de tucanes.
 Tuku pārārā i: saltamontes originario, 3.
 Tumby avoá: ave de la fam. Caprimulgidae.
 Tumbykyragua: ave, 14.
 Tupā Aguyjei, — Ñe'engija, — Kuchuvi, — Rekoé: hijos de Tupā Ru Ete, 2, 4.
 Tupā Chunuá, — Kuchuvi veve: patronímicos sagrados, 4.
 " Chy Ete: diosa de las aguas, 2.
 " Mirī: dioses menores, 6.
 " Ru Ete: Dios del Mar y de todas las aguas, 2.
 Tury, i: forma verbal, 18.
 Tuty: tío materno.
 Tuvy: " paterno.
 Ty: perseverancia, 7.
 Typyjaá: prenda de vestir de la mujer.
 Ty'y: forma adverbial, 18.
 U: muslo.
 U'yvypy: ingle, 10.
 U: larva que ataca a animales y seres humanos. Guarani: 'úra.
 Ugue: cenizas, escombros, 8.
 Ukangue: hueso de la cadera.
 Uvandaguy: muslo.
 U'y: flecha con punta aguda. Guyrapia: id. para cazar pájaros.
 Kuarepochi: — con punta de hierro. U'y achi: — con punta denta-

da. U'y pepo: plumas de la flecha. U'ycha: caña en que se introduce la punta. U'yma: manojos o carcaj de flechas.
 Va'e: ésto, lo ya citado; que, quien.
 Va'e ty: tener la costumbre de. Reju va'ety ri: tienes la costumbre de venir.
 Vai i a: novia, la mujer de la que se está enamorado.
 Vaipa, vairei: en grado sumo, 7.
 Veí: hacer caso omiso, 9.
 Vera Chunuá, Vera Mirī: patronímicos, 4.
 Vi: fonema empl. en oraciones, como: Reóma ra'e e: Ya has ido.
 Ndaá ragái vi ri: Aún no he oído. Se dice también: vi ji.
 Vy: despertarse. Arrimarse, acercarse. Embadurnarse con. En virtud de.
 Y: vy ty'y.
 Yacho: insecto acuático cuya concha se usa en la fabricación de collares.
 Yakā yvy'ā: precipicio, 8.
 " " Ja: duende, 9.
 Yamaí: coleóptero girinido, 3.
 Yapu: tronar.
 Ychakā: arbustos secos. Ychakā rakangue: ramas de.
 Ycho ngaruru: gusano que ataca las sementeras, 13.
 Ychýi: asador, 8.
 Yete: río, 8.
 " yvy: costas de los ríos, 8.
 " " mboavete a: jaguar, 8.
 Ygua Yvu: fuente de aguas surgentes, 8.
 Yma: primigenio, 1.
 Ype, i: estado de desarrollo del maíz, 13.
 Ypychi: arroyo, 18.
 Ypo: habitantes de las aguas, 8.
 Ypyi rive, o: tiene diarrea.
 Yro'y: frío, helada, 13.
 Yrypa: cigarra diminuta.
 Yryvaja: cotorra, 14.
 Yryvovō: puente, 8.
 Yva: paraíso, 1, 3. Patronímico, 4.
 Yvára: divinidad, 1. Yvára ñemboro'y: moderación, 3. — popyte: palmas de las manos, 1. — rakā poty: dedos. — tyre'y: humanidad, 2.
 Yvaraka: sustentar con productos del paraíso, 1.
 Yvi:derecho. Yvire: Dios mío!
 Yvy'ā: precipicio.
 Yvyaty: loma.
 Yvypo: habitante de la tierra. Yvypo amboá i: extranjeros.

Yvypy: tronco, raíz.

Yvyra'i: vara, 1. Yvyra'ikágá: cuerpo de hombre, 5. Yvyra'ija: hombre respetable.

Yvy: tierra. Yvy Pyaú: la tierra en que vivimos, 7. Yvy rupa: la morada terrenal, 1. Yvy rupa reko achy, id. imperfecta, 4. Yvy Ru'ú: el Diluvio, 6. Yvy Tenonde: la primera tierra, 1, 3.

Yvy i ry: junto a, cerca de, 8.

Yvytu porá: los vientos buenos, 1. — rapyta: origen de id., 3.

" pyaú: viento nuevo, del Norte y N.E., 2. Yvytu yma: viento sur, 1.

Yvy potýra miri: v. Cap. 17.

BIBLIOGRAFIA DEL AUTOR

Trabajos publicados en la revista CULTURA, Asunción, que podrían calificarse de "literatura folklórica o etnográfica", escritos para llamar la atención a las tradiciones indígenas. Todos los datos consignados son exactos, sin embargo.

Korochiré — mito del zorzal, I/1944.

Urutaú — ensayo literario sobre el valor histórico de este mito II/1944.

Tradición e historia — leyenda del asta de bandera de Villarrica, XII/1944.

Yasy Ra'y... mito de las manchas de la luna, X/1945.

Parakáu Ñe'engatú — mito del loro parlero, XI/1945.

Ynambú Tataupá — la perdiz portadora de fuego, XII/1945.

Yu'í Pyatá Karáí — mito del diluvio, I/1946.

Ohóta Mbopí Guasú ramo — creencia en la metempsychosis, II/1946.

Yvyrá Yu'y — mito de la creación, III/1946.

Guyrapayú — el arco de la Luna (Mito de los Gemelos), VI/1946.

Piri-tau-yú — mito de la doncella desobediente, IX/1946.

Guasú Ya Eté — mito del origen del Yasy-yateré, X/1946.

Jy Perú! Ygá Perú!!! fábulas guaraníes, IX/1946.

Kapitá Chikú — los héroes divinizados, II/1947.

Araguyjé ñemokandiré — el calendario guaraní, III/1947.

Tekó Avy — el homicidio en el código guaraní, VI/1947.

Ñandytá — mito de la Genipa americana, VI/1947.

Publicados en el diario EL PUEBLO, Villarrica, durante 1940:

El Yaguareté burlado — fábula.

Yvytyrusú — leyenda de antropófago de la cordillera de Yvytyrusú.

Güembé — leyenda de esta planta.

Ka'imi Rekovekué — aventuras del mono.

Plata Yvyguy — tesoros escondidos (incluido posteriormente en la ANTOLOGÍA DEL FOLKLORE IBEROAMERICANO, de Félix Coluccio).

Publicados en LA UNIÓN, Asunción, en 1950-1951:

El hal concito — fábula del folklore guaireño.

El Bendito-sea-Dios — fábula.

El Pitogué.

Perú Rimá Caso — aventuras de Pedro Urdemales.

Los Mitos autóctonos.

Publicados en LA TRIBUNA, Asunción, entre otros:

Buscando eslabones perdidos en la poesía guaraní, Oct. 1945.

Hurgando en la prehistoria guaraní, 16/IV/1952.

Contribución al estudio del negro en el Paraguay, 2/II/1958.

Publicados en *EL PAIS* (entre otros muchos):

Mitología clásica y Mitología guaraní, 2/VII/1950.

Publicados en la revista *GUAIRA*, Villarrica:

Ñe'engá — proverbios y refranes guaraníes, I/1946.
Guyrá campana — mito de este pájaro, II/1946.

Publicados en *EL SURCO*, Villarrica:

Doce trabajos cortos sobre la toponimia paraguaya, publicados durante el año 1957.

* * *

Numerosos trabajos sobre el problema indigenista, aparecidos en *EL SURCO* de Villarrica y la prensa de Asunción.

* * *

Las tradiciones religiosas de los indios Jeguaká Tenondé Porá gue'í, comunmente llamados Mbyá, Mbyá-apyteré o Ka'ygua. Publicado simultáneamente en la *REVISTA DE LA SOCIEDAD CIENTÍFICA DEL PARAGUAY* y *ANALES DE LA ASOCIACIÓN INDIGENISTA DEL PARAGUAY* para el año 1947.

Las leyendas guaraníes, *BOLETÍN INDIGENISTA*, VII/4/1947.

Los indios Jeguaká Tenondé (Mbyá) del Guairá, *AMÉRICA INDÍGENA*, VIII/2/1948.

Síntesis de la medicina racional y mística mbyá-guaraní, *AMÉRICA INDÍGENA*, IX/1/1949.

Las creencias religiosas de los mbyá-guaraní, *BOLETÍN DE FILOLOGÍA*, Montevideo, 1949. Publicado en *AMÉRICA INDÍGENA*, 3/XI/1949, con el título de "Mitología en la zona guaraní".

La lengua mbyá-guaraní, *BOLETÍN DE FILOLOGÍA*, 1949.

El culto al árbol y los animales sagrados en el folklore guaireño y las tradiciones guaraníes, *AMÉRICA INDÍGENA*, X/4/1950.

El urutaú en la prehistoria guaraní, suplemento especial de *EL SURCO*, Villarrica, dedicado al Centro de Estudios Antropológicos del Paraguay, Diciembre 1950.

La encarnación y la concepción, la muerte y la resurrección en la poesía sagrada "esotérica" de los Jeguaká Tenondé Porá Gue i (Mbyá-guaraní) del Guairá, Paraguay, *REVISTA DO MUSEU PAULISTA*, N. Série, Vol. IV, 1950.

El problema de la población mbyá-guaraní del Guairá, *BOLETÍN INDIGENISTA*, 1/XI/1951.

El concepto guaraní de alma, su interpretación semántica, *FOLIA LINGUISTICA AMERICANA*, Buenos Aires, I/1/1952.

El valor científico de nuestros mitos autóctonos.

Hurgando en la prehistoria guaraní, *BOLETÍN DE FILOLOGÍA*, 49, 50, 51 VII/1952.

Aves y almas de difuntos en la mitología guaraní y guajakí, *ANTHROPOS*, Band 50, Posieux, 1955.

Breve contribución al estudio de la nomenclatura guaraní en botánica. Publicación del Servicio Interamericano de Cooperación Agrícola, Asunción, 1955.

Las reducciones del Taruná y la destrucción de la organización social de los Mbyá-guaraní del Guairá (Ka'ygua o Montes). *ESTUDIOS ANTROPOLÓGICOS*, publicados en homenaje del Dr. Manuel Gamio, México, 1956.

Breves consideraciones sobre algunos aspectos del folklore paraguayo, *REVISTA DE ANTROPOLOGIA*, IV, São Paulo, 1956.

Aporte para la interpretación de un apellido guaraní, *REVISTA DE ANTROPOLOGIA*, V, São Paulo, 1957.

Apuntes de Medicina Popular Guaireña. Centro de Estudios Antropológicos del Paraguay, Asunción, 1957.

Notas acerca de los Guayakí, *BOLETÍN INDIGENISTA*, 3/XVII/1957.

Arandú porá ogueno'ã va'e Yakairá gui (medicina mística mbyá), *BOLETÍN DE LA SOCIEDAD CIENTÍFICA DEL PARAGUAY*, vol. 1, 1957.

En torno al bilingüismo en el Paraguay, *REVISTA DE ANTROPOLOGIA*, VI, São Paulo, 1958.

CONTENIDO

Advertencia: la ortografía empleada es la propiciada por el P. Antonio Guasch en el Congreso de la Lengua Guarani-tupi de Montevideo (1950), a excepción de la *x = ch*; y utilizada por él en su "Catecismo". La *s* puede decirse que no se conoce en mbyá-guarani; la *ch* tiene casi el mismo valor que en español; la *j*, el de la *j* inglesa. Se usa — o abusa — mucho de la *i*; v.g.: Aá *i = voy*; guarani: aha. La *h* aspirada, salvo con contadísimas excepciones, no se emplea. Para mayor claridad, he separado las radicales componentes de las palabras, sobre todo en los primeros capítulos.

Capítulo I — pág. 13

La Aparición del Ser Supremo.

Capítulo II — pág. 19

Creación de las llamas y la neblina; del fundamento del lenguaje humano; del amor al prójimo; de un himno sagrado. Creación de los cuatro padres de la palabra y sus consortes. Kuaá-rara, palabra sagrada.

Capítulo III — pág. 28

Creación de la Primera Tierra y los siete Paraísos. Nande Ru entrega la Primera Tierra a sus lugartenientes y se retira a las profundidades del Paraíso. Instrucciones de Nande Ru a sus lugartenientes referentes al gobierno del mundo.

Capítulo IV — pág. 39

Himno de la Encarnación. Los Patronímicos Sagrados. Mensaje divino recibido por el dirigente que bautiza a las criaturas. La Reencarnación. La radical *ã* y sus derivados, valor filológico.

Capítulo V — pág. 49

Himno de la paternidad y endecha de la muerte. Endechas fúnebres. El Culto de los Muertos.

Capítulo VI — pág. 57

Destrucción de Yvy Tenonde. Tránsito de los virtuosos y metempsicosis de los pecadores.

Capítulo VII — pág. 61

Creación de la nueva tierra que habitamos. Creación de la humanidad. Mito del robo del fuego.

Capítulo VIII — pág. 69

El llamado "Mito de los Gemelos". Génesis del Sol y de la Luna. Sus hazañas.

Capítulo IX — pág. 89

Medicina Mística. Maleficios y embrujamiento. Juicio por hechicería. Duendes y figuras de la mitología. Plegarias e himnos para la obtención de la buena ciencia. Mensajes de los dioses inspirando a los médicos agoreros. Himno de un dirigente. Algunos mensajes recibidos.

Capítulo X — pág. 107

La Medicina Racional. Origen de las dolencias que cura la Medicina Racional. Recetas. Ginecología.

Capítulo XI — pág. 115

El Código Penal. Comedia que tiene por tema un caso de infidelidad conyugal. El Homicidio.

Capítulo XII — pág. 123

Preceptos del padre a su hijo. Puericultura.

Capítulo XIII — pág. 129

Agricultura. Siembra. Obtención de lluvias. Plegaria. Tembi'u aguyje; madurez de los frutos.

Capítulo XIV — pág. 133

Leyendas y supersticiones relacionadas con las aves.

Capítulo XV — pág. 139

Amuletos, Filtros.

Capítulo XVI — pág. 143

Mesianismo o culto de los héroes divinizados. Obtención de *aguyje* de Kapitã Chiku.

Capítulo XVII — pág. 149

El idioma *secreto* de origen no-guarani y otros datos lingüísticos.

Capítulo XVIII — pág. 155

Cuentos. Cantos infantiles. Saludos.

Capítulo XIX — pág. 187

El concepto guarani de "alma".

Vocabulario mbyá-guarani.

Bibliografía del autor — pág. 211

